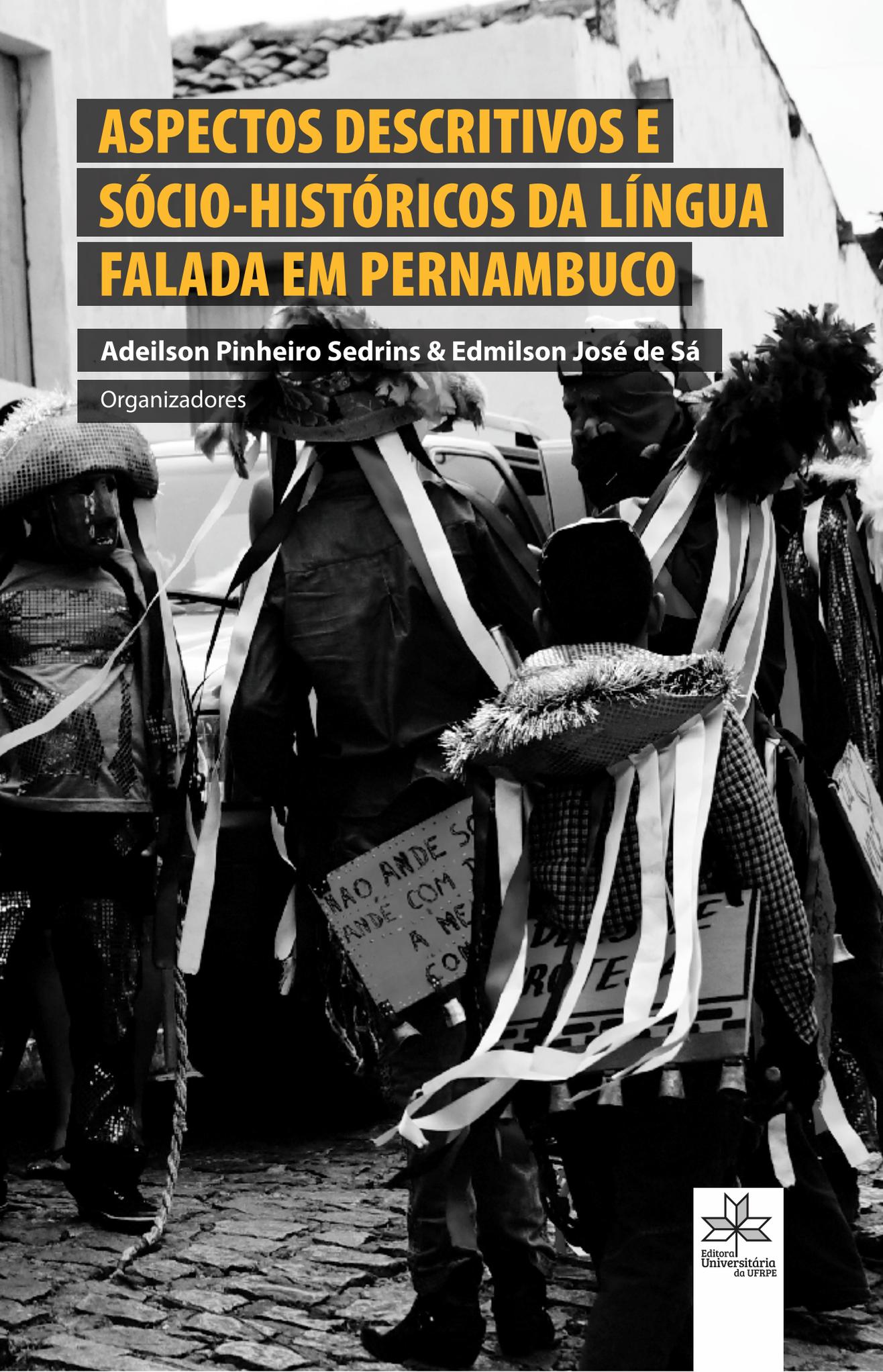


ASPECTOS DESCRITIVOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA LÍNGUA FALADA EM PERNAMBUCO

Adeilson Pinheiro Sedrins & Edmilson José de Sá

Organizadores



ASPECTOS DESCRITIVOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA LÍNGUA FALADA EM PERNAMBUCO

Adeilson Pinheiro Sedrins & Edmilson José de Sá
Organizadores

Adeilson Pinheiro Sedrins & Edmilson José de Sá

Organizadores

**ASPECTOS DESCRITIVOS E
SÓCIO-HISTÓRICOS DA LÍNGUA
FALADA EM PERNAMBUCO**

Recife, 2015

EDUFRPE/FACEPE

COPYRIGHT © 2015 BY ADEILSON PINHEIRO SEDRINS & EDMILSON JOSÉ DE SÁ (ORGS.)
Reservados todos os direitos desta edição. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

EDIÇÃO

Editora Universitária da UFRPE

Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos - CEP: 52171-900 - Recife/PE

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Karla Vidal e Augusto Noronha (Pipa Comunicação - pipacomunica.com.br)

IMAGEM DA CAPA

Caretas na cidade de Triunfo por Daniel Figueiredo de Oliveira

REVISÃO

Os organizadores

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Se29

SEDRINS, A. P.; SÁ E. J.

Aspectos descritivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco / Adelson Pinheiro Sedrins, Edmilson José de Sá (Orgs.) - Recife: Editora da UFRPE, 2015.
318p. : Il., Fig., Quadros.

Inclui bibliografia. 1ª ed.
ISBN 978-85-7946-205-4

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Linguagem. 4. Fonética.
5. Fonologia. 6. Lexicologia. 7. Morfossintaxe. 8. Sócio-História.
9. Português. I. Título.

410 CDD
81 CDU

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Reitora: Professora Maria José de Sena; **Vice-Reitor:** Professor Marcelo Brito Carneiro Leão; **Diretor da Editora:** Bruno de Souza Leão

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: Marcelo Brito Carneiro Leão

Renata Pimentel Teixeira: Linguística, Letras e Artes

Maria do Rosário de Fátima Andrade: Multidisciplinar

Rafael Miranda Tassitano: Ciências da Saúde

Fernando Joaquim Ferreira Maia: Ciências Sociais Aplicadas

Álvaro José de Almeida Bicudo: Ciências Agrárias

Monica Lopes Folena Araújo: Ciências Biológicas

Editora associada à





FOTO: DANIEL FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

Prefácio

Desde que se tem registro, a linguagem humana é motivo de um olhar atento por parte dos povos e pessoas. Este olhar poderia ser guiado por questões religiosas, como entre os hindus do século IV a.C., para que os textos sagrados reunidos no Veda não sofressem modificações ao serem recitados, ou por um olhar científico com a delimitação da Linguística como ciência, no início do século XX, por Ferdinand de Saussure, que, centrado na observação dos fatos de linguagem, procurou observar e descrever os fatos a partir de determinados pressupostos teóricos formulados e orientados por um quadro teórico específico. Todos estes olhares investigam, questionam e buscam razões para que, mesmo de forma parcial, o homem consiga aproximar-se deste objeto tão presente e ‘natural’ em seu cotidiano e tão fascinante, que não o deixa de inquietar continuamente.

Se por um lado, a linguagem, presente em todas as sociedades e atividades humanas, serve como instrumento para que o homem transmita a outras gerações o que aprendeu, conheceu ou experimentou; por outro, sistematiza as experiências humanas, sendo responsável pela transmissão do acervo cultural acumulado pela humanidade. Se a linguagem é uma capacidade que está em nossa mente e é inata, pois já nascemos com ela ou se ela é um comportamento aprendido com nossa família e nossa comunidade, este é um debate que lastreia vários estudos linguísticos no Brasil e no mundo.

Um fato sem debates é que a diversidade e a extensão territorial brasileira possibilitaram o desenvolvimento de sociedades com diferentes tradições e manifestações culturais, além de um quadro multilinguístico verificado pela presença de muitas línguas indígenas, cerca de cento e oitenta, e de

outras tantas línguas de origem europeia, asiática e africana. Dentre as línguas de origem europeia, encontra-se o Português, atualmente extremamente majoritária frente às demais línguas amplamente minoritárias. Apesar das dimensões continentais do Brasil e da grande variação verificada no Português, o falante compreende um interlocutor de uma região diferente da sua e estabelece comunicação sem problemas incontornáveis.

Esta grande diversidade linguística do português falado no Brasil é motivadora e corpora de inúmeros trabalhos de diferentes abordagens teórico-metodológicas. Apesar disso, muito ainda precisa ser feito na tentativa de mapear os fenômenos presentes nesta língua com o objetivo de ampliar a sua compreensão, bem como sobre as línguas indígenas faladas no território brasileiro. Este livro 'Aspectos descritivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco', organizado por Adeilson Pinheiro Sedrins e Edmilson José de Sá é uma salutar iniciativa, pois apresenta ao público interessado, especializado ou não, nos fenômenos linguísticos, uma ampla variedade de estudos sobre as línguas faladas em território pernambucano: o português e uma língua indígena o Yaathê.

O livro está dividido em quatro partes: Fonética e fonologia do português pernambucano; o léxico pernambucano; aspectos morfosintáticos do português pernambucano e por último a sócio-história do português pernambucano. Como pode ser visto, uma ampla gama de assuntos baseados em abordagens teóricas que vão da sociolinguística variacionista ao gerativismo e com artigos assinados por pesquisadores de diversas universidades e faculdades, todas nordestinas, entre as quais a UFRPE, UFPE, UPE, AESA, UFAL, o que demonstra que a produção científica está em ritmo acelerado. Em outras palavras, lembrando aquela antiga frase é Pernambuco falando para o mundo, com seus autores apresentando sua produção científica. Esta será certamente uma excelente leitura, pródiga de descobertas.

Vamos a elas? Este é o meu convite.

Aldir Santos de Paula

Apresentação

ASPECTOS DESCRITIVOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA LÍNGUA FALADA EM PERNAMBUCO

Os organizadores

Uma realidade sociolinguística é a de que a língua está em constante mudança, é inerentemente heterogênea e reflete a identidade de uma comunidade de fala. Isso implica dizer que um estudo sobre o uso linguístico de uma comunidade de fala será sempre um estudo pontual que não refletirá o uso da língua em momentos distintos daquele em que a pesquisa foi realizada. Dessa forma, a necessidade de se voltar para uma comunidade linguística, a fim de verificar como esta faz uso da língua em seus variados contextos sociocomunicativos, é uma constante.

Por mais que hoje possamos compreender melhor a realidade linguística do português brasileiro, resultado de um extensivo número de estudos realizados sobre essa língua, em seus diferentes níveis de análise e sob diferentes perspectivas teóricas, sempre haverá a necessidade de estudarmos universos particulares em que o português é utilizado, bem como outras línguas faladas no Brasil, dado que o uso está diretamente relacionado à realidade sócio-geográfica, histórica e cultural em que a língua é utilizada.

Partindo dessas assunções, buscamos reunir neste livro estudos que se aproximam por tratar de um mesmo objeto:

a(s) língua(s) usada(s) em Pernambuco, seja na modalidade falada, seja na modalidade escrita. Buscamos reunir o resultado de pesquisas de professores e pesquisadores que olharam para a língua usada em Pernambuco, explorando diferentes níveis de análise, sob diferentes perspectivas teóricas. Assim, o livro apresenta estudos sobre o léxico, fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos, bem como textos que se debruçaram sobre o caráter histórico-social da língua falada em território pernambucano.

Não só procuramos explorar as línguas usadas em Pernambuco em diferentes níveis de análise, mas também explorar comunidades linguísticas localizadas em diferentes regiões pernambucanas, cobrindo tanto regiões metropolitanas, como Recife, a capital do estado, como também regiões do sertão pernambucano, tanto áreas urbanas como rurais, a fim de apresentar um obra que, por um lado, destacasse as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em diferentes regiões do estado, como também, principalmente, trazer ao público realidades sociolinguísticas ainda muito pouco e até nunca antes exploradas.

A obra está dividida em quatro partes. As três primeiras partes são delimitadas por níveis de análise linguística e a última parte reúne textos que se debruçam sobre documentos pernambucanos de séculos passados. Na primeira parte, intitulada *Fonética e Fonologia do português pernambucano* são apresentados quatro textos que analisam aspectos fonético-fonológicos de línguas faladas em território pernambucano. O primeiro texto que abre o livro, intitulado *As proparoxítonas na fala não-padrão de Jaboatão*, de autoria de Eraldo Batista da Silva Filho, explora, dentro do modelo da Sociolinguística variaçãoista, a redução na realização de proparoxítonas na fala de indivíduos da cidade Jaboatão de Guararapes, cidade que compõe a região metropolitana de Recife, capital do estado, conjugando em sua análise tanto fatores de ordem linguística, como sociais. O segundo texto, intitulado *A sílaba em Yaathe (Fulni-ô), última língua nativa no nordeste do Brasil*, de Fábila Pereira da Silva e Januacele Francisca da Costa, explora o pa-

drão silábico da língua falada pelos índios Fulni-ô, que vivem no município de Águas Belas, sertão de Pernambuco, e mantêm sua língua nativa viva e funcional. As autoras apresentam diferentes tipos silábicos apresentados nessa língua, propondo um molde para a estrutura silábica em Yaathe.

O terceiro capítulo da primeira parte do livro é de autoria de Amanda Oliveira Nunes e explora traços de influência africana na pronúncia do português falado no município de Arcoverde, localizado a 252 km da capital pernambucana, considerado o portal do sertão do estado. Seu estudo, intitulado *A presença africana no falar de Arcoverde (PE): aspectos fonéticos-fonológicos* e baseado na análise de entrevistas realizadas com questionários do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), identifica realizações fonéticas semelhantes a realizações africanas atestadas na literatura.

Por fim, o texto *Pernambucano está falando igual ao paraibano?: uma análise do gerúndio nos dois estados*, de Edmilson José de Sá e Fernando José do Amaral, encerra a primeira seção do livro investigando o apagamento da consoante oclusiva que aparece no morfema de gerúndio no português, comparando dados de fala provenientes do município pernambucano de Custódia aos dados de fala provenientes da capital paraibana João Pessoa. Os autores encontram percentuais parecidos entre as duas comunidades analisadas, em relação ao apagamento da oclusiva.

A segunda parte do livro explora questões relacionadas ao estudo do léxico pernambucano. O texto de Edmilson José de Sá, intitulado *Ocorrências para 'cambalhota' em Pernambuco: estudo geolinguístico*, apresenta uma análise resultante de uma coleta de dados realizada em 20 municípios pernambucanos, a fim de verificar diferentes lexias atribuídas ao item *cambalhota*, tomando como orientação teórico-metodológica os pressupostos utilizados para a composição do ALiB. O segundo texto da seção, intitulado *Neologismos populares no vocabulário do nordeste*, de autoria de Nely Carvalho, discute a relação indissociável entre uso linguístico e cultura a partir de uma análise de neologismos encontrados no *Dicionário do Nordeste*, de Fred Navarro.

Em seguida, Helder Oliveira Cavalcanti, em seu texto intitulado *O léxico de Dormentes – Pernambuco*, desbrava a língua utilizada em um município limítrofe entre Pernambuco e Piauí, Dormentes, localizado a uma distância de 649 km da capital pernambucana. O autor apresenta uma análise de itens lexicais pertencentes ao campo semântico *atividades agro-pastoris*, adotando também, para isso, orientações teórico-metodológicas utilizadas pelo ALIB. Sua pesquisa, além de comparar o léxico utilizado na zona rural e na zona urbana do município, busca em dicionários de grande circulação o registro das formas encontradas, a fim de verificar quais são aquelas já dicionarizadas e as que ainda carecem de registro.

O capítulo seguinte, de autoria de Rebeca Lins Simões de Oliveira, intitulado *As riquezas do vale: estudando os aspectos sócio-dialetais da região do sertão do São Francisco*, explora o léxico de três municípios localizados no sertão pernambucano e banhados pelo rio São Francisco: Belém de São Francisco, Cabrobó e Itacuruba. Em seguida, no capítulo *O léxico em Buíque: o que mostram os dados do primeiro atlas municipal de Pernambuco?*, Joseane Cavalcanti Ferreira apresenta um recorte dos resultados alcançados com o Atlas Linguístico de Buíque, focalizando lexias relacionadas ao Parque Nacional do Catimbau, um parque arqueológico situado nas proximidades do município de Buíque, localizado a uma distância de 285 km da capital do estado.

Voltando-se para a língua usada na capital pernambucana, Daniele dos Santos Lima, também baseada nos pressupostos teórico-metodológicos utilizados na composição do ALIB, estuda o léxico referente a astros e tempo, conforme já anuncia o capítulo de sua autoria intitulado *A variação linguística referente aos astros e tempo em Recife e região metropolitana*. Em seguida, Isabel Cristina Rabelo de Vasconcelos Gomes e Maria Elenice Marques dos Santos elencam diferenças lexicais encontradas nas regiões *do agreste* e *do sertão* pernambucano, relacionadas a variáveis extralinguísticas como *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*, no texto intitulado *Aspectos sociolinguísticos em estudos lexicais no agreste e sertão de Pernambuco*.

Helenita Bezerra de Carvalho Tavares, por sua vez, no capítulo *Léxico do ciclo do gado de Garanhuns-PE*, apresenta um estudo do léxico referente aos campos relacionados às atividades de vaqueiro, gado e cavalo, utilizados por vaqueiros provenientes da cidade de Garanhuns, localizada no agreste pernambucano. Finalizando a seção dedicada aos estudos do léxico, o texto *Aspectos léxicos do falar pernambucano à luz da obra de Raimundo Carrero*, de Leandro Rafael Braz Alves, busca identificar marcas do léxico utilizado em obras do autor pernambucano, que justificam sua denominação como autor regionalista.

A seção dedicada a estudos morfosintáticos da língua usada em Pernambuco é iniciada com um estudo de autoria de Adeilson Pinheiro Sedrins, Alane Luma Santana Siqueira e Déreck Kássio Ferreira Pereira sobre o uso do artigo definido diante de nomes próprios de pessoas (antropônimos) em dados de língua falada e língua escrita provenientes do município de Serra Talhada, sertão pernambucano. A baixa frequência no uso de artigo definido diante desse contexto tem sido uma característica peculiar da língua usada em Pernambuco, já apontada em Marroquim (1945).

No capítulo seguinte, intitulado *A variação na concordância nominal de número na língua falada no sertão pernambucano*, Adeilson Pinheiro Sedrins, Alane Luma Santana Siqueira e Renata Lívia de Araújo Santos exploram o fenômeno da concordância nominal em dados de fala provenientes de três municípios do sertão pernambucano: Afogados da Ingazeira, Triunfo e Serra Talhada, sob o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística laboviana, a fim de verificar como se dá a marcação de número na língua utilizada pelas comunidades analisadas, buscando descrever como a variação atestada está sistematizada de acordo com variáveis linguísticas e sociais.

O capítulo de autoria de Cláudia Roberta Tavares Silva, intitulado *Aspectos sintáticos do português falado em Pernambuco: traçando o perfil linguístico de comunidades do alto sertão do Pajeú*, explora dados de fala provenientes dos municípios de Serra Talhada e Bernardo Vieira, investigando

dois fenômenos morfossintáticos nessas comunidades: a concordância verbal e o preenchimento da posição de objeto de 3ª pessoa, verificando como fatores linguísticos e sociais interagem no uso da língua utilizada na região. O estudo apresenta resultados de pesquisas pioneiras desenvolvidas na recente Unidade Acadêmica de Serra Talhada, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, realizadas no período de 2007 a 2009.

Denise Verônica Cordeiro da Silva e Dorothy Bezerra Silva de Brito realizam um estudo sobre a realização de objeto em dados de escrita, no capítulo intitulado *Estratégias de realização do objeto na escrita de alunos do ensino fundamental II de três escolas no município de Serra Talhada-PE*, verificando a atuação de fatores semânticos no condicionamento de uso de objetos nulos.

Finalizando a seção, Lucineudo Machado Irineu e Wailson Paulino de Araújo Costa realizam um estudo de natureza descritivo-funcional, voltado para questões pragmáticas. Embasados na Sociolinguística interacionista, os autores exploram marcadores discursivos presentes em comentários de blog futebolístico. Entre os marcadores analisados, especial atenção é dada ao marcador *visse*, enquanto item representativo de variedade pernambucana.

A última seção do livro reúne textos não pelo fato de explorarem um mesmo nível de análise linguística, como o leitor irá perceber, mas por olharem para a história da língua pernambucana, ao se debruçarem sobre a análise de textos de séculos passados. O texto de Marlos de Barros Pessoa apresenta um estudo sobre o trabalho de dois gramáticos pernambucanos, Frei Caneca e Júlio Pires Ferreira, explorando, entre outros, a organização da gramática desses autores e, a partir da análise de conteúdo dessas gramáticas, evidencia as fontes de gramática tradicional a que eles se filiam.

Por sua vez, Valéria Severina Gomes, em seu texto intitulado *Marcas de proximidades comunicativas e de tradições discursivas em cartas de leitor e cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX*, toma como *corpus* de análise cartas pessoais e de leitor que compõem o banco de dados do Projeto *Para a História do Português Brasileiro*, evidenciando nesses

textos, nas palavras da autora, “marcas linguístico-discursivas que revelam uma produção escrita mergulhada em uma cultura predominantemente oral, especialmente no contexto do século XIX”.

Por fim, no capítulo *Verbos existenciais através do tempo: o caso do português de Pernambuco*, Marcelo Amorim Sibaldo e Iane Siqueira Correia realizam um estudo de caráter diacrônico, tomando como corpus de análise manuscritos pessoais e oficiais dos séculos XVIII, XIX e XX escritos por pernambucanos, e investigam o uso peculiar do verbo ser enquanto um verbo existencial, comparando as ocorrências com os verbos ter e haver.

Ao todo são 21 capítulos reunidos com o objetivo de ampliar a divulgação da pesquisa em linguística realizada no estado de Pernambuco, sobre as línguas que são faladas nesse estado. Agradecemos imensamente aos colaboradores que aceitaram prontamente contribuir com a elaboração deste livro, permitindo apresentar aqui uma amostra da riqueza da língua usada em Pernambuco.

Sumário



PARTE 1

FONÉTICA E FONOLOGIA DO PORTUGUÊS PERNAMBUCANO

- 23 **Uma descrição das proparoxítonas na variedade não-padrão de Jaboatão/PE**
ERALDO BATISTA DA SILVA FILHO
- 33 **A sílaba em Yaathe (Fulni-ô), última língua nativa no nordeste do Brasil**
FÁBIA PEREIRA DA SILVA
JANUACELE FRANCISCA DA COSTA
- 47 **A presença africana no falar de Arcoverde (PE): aspectos fonéticos-fonológicos**
AMANDA DE OLIVEIRA NUNES SILVA
- 59 **Pernambucano está falando igual a paraibano? Uma análise do gerúndio nos dois estados**
EDMILSON JOSÉ DE SÁ
FERNANDO JOSÉ DO AMARAL

PARTE 2

O LÉXICO PERNAMBUCANO

- 73 **Ocorrências para ‘cambalhota’ em Pernambuco: estudo geolinguístico**
EDMILSON JOSÉ DE SÁ
- 87 **Neologismos populares no vocabulário do Nordeste**
NELLY MEDEIROS DE CARVALHO
- 105 **O léxico em Dormentes-PE**
HELDER OLIVEIRA CAVALCANTI
- 123 **As riquezas do Vale: estudando os aspectos sócio-dialetais da região do Sertão do São Francisco**
REBECA LINS SIMÕES DE OLIVEIRA

- 135 **O léxico em Buíque: o que mostram os dados do primeiro atlas municipal de Pernambuco?**
JOSEANE CAVALCANTI FERREIRA
- 149 **A variação linguística referente aos astros e tempo em Recife e Região Metropolitana**
DANIELE DOS SANTOS LIMA
- 163 **Aspectos sociolinguísticos em estudos lexicais no Agreste e Sertão de Pernambuco**
ISABEL CRISTINA RABELO DE VASCONCELOS GOMES
MARIA ELENICE MARQUES DOS SANTOS
- 175 **Léxico do ciclo do gado de Garanhuns-PE**
HELENITA BEZERRA DE CARVALHO TAVARES
- 185 **Aspectos léxicos do falar pernambucano à luz da obra de Raimundo Carrero**
LEANDRO RAFAEL BRAZ ALVES

PARTE 3

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DO PORTUGUÊS PERNAMBUCANO

- 205 **Variação na realização do artigo definido diante de antropônimos em dados de fala e escrita no sertão de Pernambuco**
ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
DÉRECK KÁSSIO FERREIRA PEREIRA
ALANE LUMA SANTANA SIQUEIRA
- 217 **A variação na concordância nominal de número na língua falada no Sertão pernambucano**
ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
ALANE LUMA SANTANA SIQUEIRA
RENATA LÍVIA DE ARAÚJO

229 **Aspectos sintáticos do português falado em Pernambuco: traçando o perfil linguístico de comunidades do Alto Sertão do Pajeú**

CLÁUDIA ROBERTA TAVARES SILVA

243 **Estratégias de realização do objeto na escrita de alunos do Ensino Fundamental II de três escolas no município de Serra Talhada-PE**

DENISE VERÔNICA CORDEIRO DA SILVA

DOROTHY BEZERRA SILVA DE BRITO

263 **Marcadores discursivos no gênero comentário de blog futebolístico: constatações sobre o falar pernambucano**

LUCINEUDO MACHADO IRINEU

WALISON PAULINO DE ARAÚJO COSTA

PARTE 4

SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS PERNAMBUCANO

277 **Frei Caneca e Julio Pires Ferreira: dois gramáticos pernambucanos**
MARLOS DE BARROS PESSOA

289 **Marcas de proximidades comunicativas e de tradições discursivas em cartas de leitor e cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX**

VALÉRIA SEVERINA GOMES

305 **Verbos existenciais através do tempo: o caso do português de Pernambuco**

MARCELO AMORIM SIBALDO

IANE SIQUEIRA CORREIA



FOTO: KARLA VIDAL

Parte1

**FONÉTICA E FONOLOGIA DO
PORTUGUÊS PERNAMBUCANO**

UMA DESCRIÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS NA VARIEDADE NÃO-PADRÃO DE JABOATÃO/PE

Eraldo Batista da Silva Filho

Introdução

No século XX, entre as descobertas linguísticas, ganha impulso a Fonologia, cujas pesquisas enriqueceram as teorias relacionadas à fala, aumentando-se a compreensão acerca da língua. Surge, então, a Sociolinguística, opondo-se à ausência do componente social nos estudos sobre a fala e à concepção de língua trazida por suas correntes antecessoras, pois acredita que a língua é vista como instrumento de comunicação usado por falantes de comunidades. Confirmando essa teoria, Labov (2008) afirma que as variáveis sociais atuam de maneira probabilística na variação da língua, e é possível revelar quais ambientes linguísticos influenciam regularmente a frequência de uma variante ou outra, e quais contextos linguísticos e/ou sociais são mais relevantes no fenômeno observado.

A pesquisa aqui apresentada será sobre a frequente redução que há na pronúncia de proparoxítonas. Com origem na língua latina, os fenômenos de redução em vocábulos esdrúxulos, que permaneceram no léxico do Português, continuam a ocorrer, sobretudo em variedades populares da língua, o que não implica dizer que eles não ocorram na produção de fala do Português padrão. O presente estudo não utilizará programas de análise quantitativa, embora parta dos fundamentos da teoria da variação linguística. O método de análise será qualitativo, a fim de se verificar a ocorrência da síncope em palavras proparoxítonas.

1. Objeto de estudo

Este trabalho visa à análise da ocorrência da redução na sílaba postônica não-final, seja a síncope da consoante ou da vogal desta sílaba, fenômeno de redução mais comum, seja a redução da sílaba inteira. Nessa análise, serão levados em consideração tanto fatores linguísticos, que favorecem a síncope,

como o contexto fonológico, o traço de articulação das vogais, o peso da sílaba etc., como os fatores sociais anteriormente citados.

2. Metodologia

Foram escolhidas, para este trabalho, 12 pessoas, divididas da seguinte maneira: 03 homens e 03 mulheres, de 20 vinte a 50 anos de idade, e 03 homens e 03 mulheres, acima de 50 anos de idade. Todas elas são naturais do município de Jaboatão dos Guararapes, e nele residem desde o seu nascimento, com escolaridade de até a 4ª série (5º ano) do Ensino Fundamental e exercendo funções que variam de pedreiro, costureira, babá, pintor, a desempregados. Por não se dispor, em Pernambuco, de um corpus recente, constituído a partir do modelo variacionista e que permitisse o estudo das proparoxítonas, não se pôde utilizar o método VARBRUL nesta pesquisa.

Inicialmente, foram selecionadas 400 palavras proparoxítonas, retiradas de dicionários da Língua Portuguesa e da internet. Desse número, iniciou-se uma triagem, que consistiu na escolha de palavras que fossem comuns na fala de pessoas que apresentassem baixo nível de escolaridade. Assim, foram elaborados os métodos de coleta de dados, baseados em 60 vocábulos proparoxítonos: O primeiro deles consistiu em amostragem de figuras; o segundo, em um questionário oral; o terceiro, em leitura de palavras; o quarto, em um texto verbal.

3. Apresentação das variáveis

A síncope ocorrida na sílaba ou na vogal postônica das palavras em estudo, resultando em paroxítonas, será a variável dependente em nossa análise. Foram selecionadas oito variáveis independentes: três extralinguísticas (sexo, faixa etária e anos de escolarização) e quatro linguísticas (contexto fonológico antecedente, contexto fonológico seguinte, traço de articulação da vogal da sílaba postônica e estrutura da sílaba anterior).

3.1 Variáveis linguísticas e extralinguísticas

Em relação ao ponto de articulação, foram observadas as consoantes precedentes à sílaba tônica, listadas na tabela abaixo, que favoreceram a

ocorrência da síncope em vogal e/ou consoante na postônica não-final, como nos mostra a tabela 1.

3.1.1. Contexto fonológico antecedente

Tabela 1: Ocorrências de vocábulos com oclusivas

Vocábulos (oclusivas /k,g/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Triângulo	[tri. 'ã.glu]; [tri. 'ã.gu]	10	66
Xícara	['ʃi. kra], ['ʃi. ka]	19	
Músculo	['mus.klu], ['muʃ.klu], ['mur.klu]	08	
Óculos	['ɔ.krus], ['ɔ.kru], ['ɔ.kluʃ], ['ɔ.kuʃ], ['ɔ.klu], ['ɔ.kruʃ]	21	
Círculo	['sir.klu], ['sir.ku]	07	
Tentáculo	[tẽ. 'ta.klu]	01	
Âncora	-----	00	

Tabela 2: Ocorrências de vocábulos com fricativas

Vocábulos (fricativas /ʒ, ʃ/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Mágico	['maʒ.ku], ['maʃ.ku]	03	08
Tóxico	['tɔ.kɔ], ['tɔ.ʃi]	02	
Página	['paʒ.na] ['paʃ.na]	03	

Tabela 3: Ocorrências de vocábulos com labiodentais

Vocábulos (labiodentais /f,v/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Fósforo	['fɔs.fru], ['fɔʃ.ku]	08	12
Árvore	[' a.vri]	04	

a) Nas variantes ['sir.ku] e ['ʃi.ka], não se pôde precisar como se deu o processo de redução. Em círculo e em xícara, as sílabas que resultaram após a tônica foram /ku/ e /ka/. Se após a tônica de círculo há duas sílabas, /ku/ e /lu/, duas possibilidades podem acontecer: na primeira, houve síncope dos elementos /u,l/, presentes em sílabas diferentes, restando o elemento final /u/ e formando-se a palavra ['sir.ku]; na segunda, foi sincopada toda a sílaba final, /lu/, formando-se, também, o vocábulo ['sir.ku]. Por serem foneticamente idênticas as vogais postônicas, em ambas as palavras analisadas, torna-se bem difícil definir com exatidão qual delas cai. Porém, como em outras palavras da língua a queda é da postônica medial, é provável que isso também tenha ocorrido com essas variantes e, ao cair a vogal, a consoante que a segue a acompanha.

b) Com as palatais, um elemento foi ressilabificado para a coda da sílaba tônica, resultando nas variantes ['muz.ka], ['muʃ.ka], ['maʒ.ku] e ['maf.ku], efeito inverso ao que aconteceu com as oclusivas. Havendo a síncope da vogal /i/, as consoantes resultantes [s] e [g], ficaram flutuantes, necessitando-se que houvesse uma ressilabificação. Não permitindo os padrões silábicos da variável estudada um onset formado pela sequência [ska] ou [ʒka], o que resultaria nas palavras ['mu.ska] e ['ma.ʒku], a consoante flutuante foi agrupada, através da ressilabação, à coda da sílaba tônica, resultando em uma sílaba bem formada: [muz] e [maʒ]. Tanto ['muz.ka] quanto ['muʃ.ka] foram faladas por apenas um informante, de sexo diferente, mas na mesma faixa etária, abaixo dos 50 anos, ambos com leitura precária. ['maʒ.ku] e ['maf.ku] foram utilizadas apenas por mulheres: a primeira variante, por uma não-escolarizada, acima de 50 anos; a segunda, por duas falantes abaixo de 50 anos. Uma delas, apesar de ter frequentado a escola até a 3ª série, não sabe ler.

No tocante às líquidas (lateral e vibrante):

Tabela 4: Ocorrências de vocábulos com laterais

Vocábulos (líquida lateral /l/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Hélice	-----	00	03
Libélula	['li.be.la]	01	
Pílula	['piw.la]	01	
	['pi.lua]	01	

Vocábulo(líquida vibrante /r/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Cérebro	['sɛ.bru];	02	02

Na palavra libélula, houve a síncope da sílaba postônica não-final; porém, inesperadamente, não houve paroxitonização. Houve mudança da sílaba tônica, resultando no vocábulo ['li.bɛ.la], incomumente encontrado na fala, mesmo que esta seja de elocução livre, e o vocábulo resultante permanece proparoxítono, como a palavra de que ele resultou. Como foi utilizada apenas por uma informante, que possui mais de 50 anos, ode se inferir que essa seja uma produção localizada, possivelmente não representando uma forma variável da língua.

Em relação à variante ['pi.lua], ocorreu um fenômeno não esperado, a síncope na consoante da sílaba final, /l/, levando a vogal a se dirigir à sílaba que a antecede, passando a ser glide da postônica. Enquanto ['piw.la] foi utilizada por duas mulheres, de faixa etária diferenciada, possuindo a falante mais velha a 4ª série completa, e a outra 3ª incompleta, com dificuldades nas leituras, ['pi.lua] foi utilizada por uma só falante, que não frequentou a escola e está bem acima dos 50 anos.

Tabela 5: Ocorrências de vocábulos com bilabiais

Vocábulos (bilabial /p/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Lâmpada	-----	00	02
Relâmpago	[rɛ. 'lã.pi]	02	

Durante os processos fonológicos que a palavra relâmpago sofreu, houve o apagamento da sílaba final, o apagamento da vogal da postônica, e o surgimento de uma nova vogal na postônica. O fato de ser uma palavra polissílaba é o mais provável causador da redução da sílaba final, o que vai ser mostrado mais adiante. Então, esta análise restringir-se-á às demais sílabas. Havendo a síncope da vogal da postônica, a variante será [rɛ. 'lã.p]. Ora, não se permite uma consoante isolada na formação de uma sílaba; logo, ela deve procurar a sílaba adjacente para dela fazer parte, formando a sua coda: [rɛ. 'lãp]. Porém, não é comum uma coda, na Língua Portuguesa, terminada por uma oclusiva, e isso leva o falante a acrescentar uma vogal a ela, formando, assim, uma nova

sílaba: [rɛ. 'lã.pi]. Essa variante foi utilizada por apenas um homem, que tem mais de 50 anos e cuja escolaridade é a 3ª série, com grandes dificuldades em leitura de palavras as mais simples.

Tabela 6: Ocorrências de vocábulos com líquidas vibrantes

Vocábulos (líquida vibrante /r/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Árvore	['a.vri]	04	45
Xícara	['ʃi. kra]; ['ʃi. ka]	19	
Câmara	-----	-----	
Helicóptero	[ɛ.li. 'kɔ.pɛ.tu]; [ɛ.li. 'kɔ.pɛ.du]; [ɛ.li. 'kɔ.pi.di]; [ɛ.li. 'kɔ.pɛ.ru]; [ɛ.li. 'kɔ.pi.tu]; [ɛ.li. 'kɔ.pɛ.tru]; [ɛ.li. 'kɔ.pi]; [ɛ.li. 'kɔ.pɔ.ru]; [ɛ.li. 'kɔ.priw]; [ɛ.li. 'kɔ.pi.tru]; [ɛ.rɔ. 'kɔ.pi]; [a.lɛ. 'kɔ.piw]; [ɛ.li. 'kɔ.pɛ.tɛ.ru]	22	

Com o vocábulo helicóptero, houve dezessete ocorrências de síncope, resultando em doze variantes. A sílaba tônica desse vocábulo, /kɔp/, é uma sílaba CVC, com uma consoante oclusiva velar em coda. Essa consoante, em posição silábica, é periférica no léxico da língua. Por essa razão, ocorre o processo de epêntese, que consiste na inserção de segmento no interior da palavra. A epêntese da vogal permite a ressilabificação da oclusiva velar em coda, que passa a ser onset de uma nova sílaba. A vogal epentética do português brasileiro é a anterior alta [i], que ocorre nas palavras que apresentam coda formada por oclusiva. Na variedade estudada, além da epêntese dessa vogal, pode ocorrer a harmonização vocálica, com o abaixamento e/ou posteriorização da vogal anterior, como se vê nos dados acima. Outro fenômeno observado durante a análise desse vocábulo é a redução de sílabas postônicas, envolvendo em alguns casos a formação do ataque complexo decorrente do rotacismo da oclusiva alveolar surda /t/. Alternativamente, o ataque complexo pode ser interpretado como resultante da metátese da vogal postônica medial, [ɛ].

Tabela 7: Ocorrências de vocábulos com não-líquidas

Vocábulos (não- líquidas)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Plástico	['praʃ.ku]	04	14
	['plaʃ.ku]	02	
Ginástica	[ʒi. 'naʃ.ka]	03	
Exército	[ɛ. 'ʒɛʃ.tu]	02	
	[ɛ. 'ʒɛs.tu]	01	
Ônibus	['õy.bus]	02	

Tabela 8: Ocorrências de vocábulos com líquidas laterais

Vocábulos (líquida lateral /l/)	Variantes	Número de Ocorrências	Total
Círculo	['sir.ku]; ['sir.klu];	07	45
Bússola	['buʃ]	01	
Libélula	['li.be.la]	02	
Óculos	['ɔ.krus], ['ɔ.kru], ['ɔ.kluʃ], ['ɔ.kuʃ], ['ɔ.klu]	21	
Pétala	['pe.r.la]; ['pe.tla]	02	
Pílula	['pi.lua]; ['piw.la]	02	
Tentáculo	[tẽ. 'ta.klu]	01	
Triângulo	[tri. 'ã.gu]; [tri. 'ã.glu]	08	
Túmulo	['tu.mu]	01	

3.1.2. Estrutura da sílaba anterior

Os resultados encontrados neste aspecto revelaram-se idênticos em relação ao peso silábico. Verificaram-se 138 ocorrências de síncope na postônica não-final, havendo ocorrências iguais, aparentemente: 69 em vocábulos cuja tônica é leve e 69 em vocábulos cuja tônica é pesada, como se vê nas tabelas abaixo. Deste modo, parece que a quantidade de material fonético, defendida pelo Princípio da Saliência Fônica, não se mostrou decisiva para a ocorrência da síncope, não se podendo precisar se a estrutura da sílaba tônica exerceu influência para a redução na postônica não-final.

3.1.3. Traço de articulação da vogal da sílaba postônica

Com as velares, houve 36 ocorrências da síncope da vogal /u/, como em [tri. 'ã.glu] e ['ɔ.kluʃ], e nenhuma ocorrência de síncope da vogal /o/ precedida por uma velar (para a palavra âncora, não houve variante). A queda da vogal favoreceu a formação de ataques complexos bem formados, como /gl/, /kl/ e /cr/.

Com as labiodentais, não houve ocorrência de síncope da labial /u/, mas houve 12 reduções da labial /o/, formando-se ataques complexos comuns: ['fɔs.fru], ['a.vri]. Com a líquida lateral /l/, houve 02 reduções, com a labial /u/: ['piw.la]. Com as palatais, houve 10 ocorrências de síncope, todas com a coronal /i/: ['maʒ.ku], ['muʃ.ka]. A dorsal /a/ sofreu 11 apagamentos, dez deles quando precedida por uma velar, ['ʃi. kra], havendo o outro apagamento quando a dorsal estava precedida por uma bilabial, [rɛ. 'lã.pi].

Considerações finais

1. As reduções que ocorrem em proparoxítonas não surgem de um modo aleatório, e sim sistemático, e não somente em vogais das postônicas, mas muitas vezes em suas consoantes. Com a síncope, os elementos resultantes se juntam, formando novas sílabas, de acordo com os padrões fonotáticos da língua.

2. A sequência de sonoridade é um fator determinante na formação de novas sílabas, resultantes da síncope, devido à relação que há entre a sonoridade de um segmento com sua posição dentro da sílaba.

3. Faixa etária - Os informantes com idade entre 20 e 50 anos se mostraram mais propensos a sincopar as proparoxítonas. Porém, os demais informantes, com idade acima dos 50 anos, apresentaram resultados bem próximos aos dos mais jovens, podendo-se concluir que o esse fator não é, ou não tem sido, indispensável para que ocorra a redução.

4. Escolaridade - O maior índice de ocorrência da síncope na postônica não-final de proparoxítonas ocorreu entre aqueles que possuíam um nível maior de escolaridade, hipótese defendida pelas literaturas que abordam esse fenômeno. Porém, como 05 dos 12 informantes estudaram até a 4ª série (5º ano do Ensino Fundamental), não se pôde comprovar que um nível maior de escolarização foi fator predominante para que houvesse a ocorrência da síncope.

5. Foi entre os homens que houve a maior ocorrência da síncope. Nos 04 tipos de coleta realizados, o “questionário oral” foi o mais relevante para esta variável - decerto porque os entrevistados se sentiam mais à vontade, já que essa coleta se assemelha a uma conversa espontânea -, seguido pelos demais tipos, amostragem de figuras, leitura de texto verbal e leitura de palavras.

6. Foi o contexto fonológico antecedente o que mais se destacou, quanto à ocorrência da síncope. Nele, as oclusivas são as mais favorecedoras para a formação de uma nova sílaba, desde que formem ataques complexos com as líquidas lateral e vibrante. Diferentemente delas, as fricativas, presentes no contexto fonológico antecedente, se mostraram propensas a formar a coda da sílaba tônica. As labiodentais dessa variável ora formaram ataques complexos da sílaba final, ora formaram a coda da sílaba tônica. Com as líquidas e as bilabiais formando o contexto fonológico antecedente não houve fenômenos significativos para esta pesquisa.

7. Na variável contexto fonológico seguinte, em que se analisaram as líquidas e não-líquidas, o número de ocorrência da redução foi destaque entre as líquidas, resultando, após esse fenômeno, tanto em palavras que mantiveram seu padrão acentual proparoxítono como em palavras que passaram a apresentar padrão acentual paroxítono. Com as não-líquidas, observou-se que, após a redução na postônica, o elemento resultante em todas as variantes passou a formar a coda da tônica, já que se encontrava impedido, pelas regras de boa formação silábica, de formar o ataque da sílaba final.

8. Em relação à estrutura da sílaba anterior, em que se analisou a influência do peso silábico na ocorrência da síncope, houve um igual número de ocorrências da síncope, tanto em sílabas leves como em sílabas pesadas. Esse resultado não forneceu dados suficientes para que se afirmasse que a quantidade de material fonético encontrado na sílaba tônica é decisiva para que haja síncope.

9. Quanto ao traço de articulação da vogal da sílaba postônica, constatou-se que as vogais labiais são as mais propensas à ocorrência da síncope, com as vogais dorsais e as vogais coronais apresentando uma quantidade de ocorrência da síncope bem próxima entre si.

Referências

- AMARAL, M. P. do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes de. (Org.). *O acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ATHAYDE, Márcia de Lima, at ali. *O papel das variáveis extralinguísticas idade e sexo no desenvolvimento da coda silábica*. Revista Scielo, vol.14, n. 3: São Paulo, 2009. ISSN 1516-8034.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3º ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CÂMARA JR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound of Pattern in English*. New York: Harper e Row, 1968.
- HAYES, B. *Metrical phonology*. Oxford: Blackwell, 1995.
- HORA, Dermeval. *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.
- LABOV, William.. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LASS, R. *Phonology*. Cambridge University Press. 1976.
- MATEUS, M. Helena M. *Aspectos da Fonologia do Português*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

Sobre o autor

Eraldo Batista da Silva Filho é mestre em Linguística (2010) e doutorando em Linguística, pela UFPE, com seus estudos voltados à Fonologia da Língua Portuguesa.

A SÍLABA EM YAATHE (FULNI-Ô), ÚLTIMA LÍNGUA NATIVA NO NORDESTE DO BRASIL

Fábia Pereira da Silva
Januacele Francisca da Costa

Introdução

A língua Yaathe é falada pelos índios Fulni-ô, que vivem no município de Águas Belas, sertão de Pernambuco. Os Fulni-ô são os únicos índios do Nordeste¹ que mantêm sua língua nativa viva e funcional. Classificada como sendo filiada ao tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1986), é uma língua isolada, falada pela maioria da população indígena Fulni-ô. Segundo Costa (1993), 91,5% dos índios são falantes ativos (a maior parte) ou passivos (um pequeno número) dessa língua. Existem vários trabalhos de descrição da língua Yaathe, tais como Meland e Meland (1967), Meland e Meland (1968), Lapenda (1968), Barbosa (1991), Costa (1999) e Cabral (2009). Entretanto, a questão da estrutura da sílaba é um aspecto que necessitava ser melhor esclarecido, visto que explicação e compreensão da organização interna dessa estrutura são necessárias, tanto para usos práticos, no ensino da escrita, por exemplo, quanto para contribuir para a descrição e compreensão de outros aspectos da língua, como, por exemplo, o acento e o ritmo.

A definição de sílaba que adotamos para este estudo está de acordo com os pressupostos teóricos da Fonologia não-linear, mais especificamente a teoria autossegmental e seus aportes. Os argumentos gerais e motivadores dessa teoria, bem como seus aportes teóricos e metodológicos, são os de Goldsmith (1976, 1990 e 1995), explicitados também em Katamba (1989), Clements e Hume (1995), Gussenhoven e Jacobs (1998) e Spencer (2005).

De acordo com a linha teórica adotada, a sílaba é uma estrutura ramificada e constituída hierarquicamente por um elemento opcional, denominado *Onset*, e por outro obrigatório, denominado Rima. Este último se subdivide em *Núcleo*, componente obrigatório e *Coda*, que, como o *Onset*, é opcional. A fonologia não-linear estabelece ainda que os constituintes da sílaba não estão

1. Estamos nos referindo ao Nordeste sem incluir o Maranhão.

diretamente ligados à melodia segmental, ou seja, há entre eles uma camada denominada *esqueleto*, constituída por unidades de tempo – camada X – e que os segmentos ligados às posições X's são estruturados, em termos de traços, de acordo com o postulado por Clements e Hume (1995). O modelo de traços que utilizamos é, então, o proposto por esses autores.

Uma proposta, baseada em parâmetros perceptuais e muito aceita acerca do conceito de sílaba, é a que procura determinar os elementos que a constituem em termos de uma escala hierárquica de sonoridade. Esse princípio é fundamentado na noção fonética de sonoridade, na qual diferentes sons possuem diferentes graus de sonoridade numa escala relativa. De acordo com essa proposta, a sílaba seria constituída obrigatoriamente por um único elemento de maior intensidade, que seria o núcleo, e por constituintes opcionais, o *onset* e a *coda*, que se formariam com valores crescente e decrescente, respectivamente, em relação ao núcleo.

Ressaltamos a importância de se considerar o conhecimento que os falantes de uma língua têm a cerca do sistema fonológico, conhecimento que consiste não somente no reconhecimento (para o uso) dos fonemas e de seus alofones, mas também das combinações e sequências possíveis ou não na língua. Katamba (1989) e Blevins (1995) afirmam que os falantes nativos têm, claramente, intuição a respeito do número de sílabas em uma palavra. Desse modo, para a silabação, consideramos, também, a intuição do falante, mesmo quando ocorrem sílabas que violam os princípios que dizem respeito a como se divide uma sequência de segmentos. A violação desses princípios, de acordo com a literatura, não é muito comum entre as línguas, mas pode ocorrer.

1. Metodologia

A metodologia que utilizamos foi a comumente usada na pesquisa da linguística descritivista, com coleta, transcrição, tratamento e eliciação dos dados, que foram submetidos à análise tendo como base um dado modelo teórico. Fizemos uma pré-análise a partir da revisão de dados disponíveis em dois trabalhos de descrição da língua Yaathe (COSTA, 1999; CABRAL, 2009), fazendo um levantamento dos tipos de sílabas considerados nesses trabalhos. Foram coletados novos dados, que testamos com os informantes, lançando mão, assim, da chamada intuição do falante. Realizamos a coleta dos dados através de listas de palavras pré-selecionadas. No decorrer do trabalho de campo, gravamos e anotamos dados de conversas espontâneas com os informantes. Os dados foram gravados no computador com a ajuda de um programa de

gravação, o Audacity, ou gravados diretamente no Programa Praat. O Praat foi utilizado, também, para analisarmos acusticamente os dados. A transcrição do *corpus* foi feita de forma alinhada, com base nos símbolos fonéticos do IPA, utilizando o Praat. Trabalhamos com dois informantes. Nossos informantes são professores de Yaathe, com idade entre 30 e 40 anos, falantes nativos que sempre viveram na comunidade. As sessões de elicitación e testagem foram empreendidas considerando-se o conhecimento abstrato que os falantes têm a respeito de sua língua, conforme proposto em Katamba (1989) e Blevins (1995). Essas sessões também foram gravadas ou anotadas em caderno de campo, o que nos permitiu descobrir combinações de sons que, até então, não haviam sido descritas.

2. Inventário de fonemas

Para uma visão geral, que servirá para uma melhor compreensão da discussão sobre a estrutura da sílaba, apresentamos a seguir o inventário de fonemas da língua.

Consoantes

	Lab	Alv	Pal	Dors	Glott
Oclus	p	t d		k	
Oclus labzd		t ^w d ^w		k ^w	
Oclus palzd		t ^j d ^j		k ^j	
Ocl asp	p ^h	t ^h		k ^h	
Fric	f	s z	ʃ		h
Fric labzd	f ^w				
Afric		ts	tʃ dʒ		
Afric labzd			tʃ ^w dʒ ^w		
Afr asp		ts ^h	tʃ ^h		
Nas	m	n			
Lat		l	ʎ		
Lat labzd		l ^w			
Aprox	w			j	

Vogais

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i i: ĩ ĩ:		u u: ũ ũ:
Médias altas	e e: ê ê:		o o: õ õ:
Médias baixas	ɛ ɛ:		ɔ ɔ:
Baixas		a a: ã ã:	

3. A sílaba

O algoritmo de silabificação diz respeito ao modo como os segmentos que formam uma palavra – ou mesmo uma unidade maior do que a palavra morfológica, mas aqui estamos nos limitando a essa noção de palavra até onde o conhecimento explícito da morfologia da língua, encontrado em trabalhos de descrição, nos permite – são agrupados em uma unidade que pode, então, ser reconhecida como uma sílaba pelos falantes da língua.

Considerando as regras de silabificação, de acordo com a teoria que embasa este trabalho e também com o que pudemos observar nessa língua, ocorre, em primeiro lugar, o preenchimento do núcleo com o segmento de maior sonoridade e depois o preenchimento das partes periféricas, que são o *onset* e a *coda*.

Em Yaathe, temos tanto *onsets* simples quanto *onsets* complexos. Em *onset* simples, todos os segmentos consonantais do inventário fonológico da língua podem ocupar a posição C, conforme exemplos em (1a-u).

(1)

a.	p	[pu .li]	'pobre'
b.	pⁿ	[pⁿu.pⁿu :.ne.'ka]	'bater'
c.	t	[tu l.'k'a]	'cortar'
d.	d	[da t.'ka]	'chefe'
e.	tⁿ	[se. tⁿa .'d ^w a]	'galinha'
f.	k	[ka .'ka]	'bom'
g.	kⁿ	[e. kⁿa .'t ⁿ o]	'joelho'
h.	f	[fe .'tʃa]	'sol'
i.	s	[se]	'mato'
j.	f	[fo .'a]	'teiu'
k.	h	[he .sa]	'grande'
l.	ts	[tsaj .'k'a]	'aroeira'
m.	tʃ	[ka .tʃa]	'espírito'
n.	dʒ	[k^{wi} .dʒo]	'leite'
o.	tʃⁿ	[tʃⁿa .le]	'mar'
p.	m	[mal .tʃi]	'milho'
q.	n	[na .to]	'mel'
r.	l	[la .f ^v a]	'murcho'
s.	ʌ	[ʌ a]	'partícula de respeito'
t.	w	[wa .'le]	'porco'
u.	j	[ja .'sa]	'pessoa'

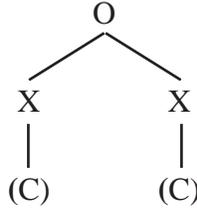
Em *onset* complexo, os seguintes *clusters* foram encontrados.

(2)

a.	tl	[tli. 'tlĩ:k ^l a]	'tinir'
b.	tf	['tfe]	'pai'
c.	tk	['tkā.no]	'dois'
d.	tⁿd	[t ⁿ di.ne. 'fĩ]	'pare'
e.	dm	[dmã. 'ne.ho]	'lindo'
f.	tⁿl	[t ⁿ lo. 'wa]	'faca'
g.	tⁿn	[t ⁿ ni. 'a]	'estrela'
h.	kl	[klaj. 'fĩ.wa]	'padre'
i.	kⁿn	[e. 'k ⁿ nĩ: .ho]	'o entregador'
j.	kⁿl	[k ⁿ le. 't ⁿ a]	'nariz'
k.	kts	[ktsa. 'lɛ]	'língua'
l.	kf	['kfê:.ho]	'o que crer'
m.	ks	[kso. 'a]	'nambu'
n.	ftⁿ	[ft ⁿ ɛ. 'a]	'noite'
o.	fd	[fde.se. 'a]	'sapo'
p.	fl	[fla. 'ja]	'bacurau'
q.	fn	[e. 'fni.ho]	'o que olha'
r.	sd	[sdej. 'ka]	'ter preguiça'
s.	sn	[ej. 'sni.ho]	'o que puxa'
t.	fm	[fma. 'jã]	'vento'
u.	tsl	[se. 'tslaj.ho]	'anu' (pássaro)
v.	tsn	[se. 'tsne.he]	'cidade'
w.	tff	[tffo. 'wa]	'piolho'
x.	tjⁿl	[tj ⁿ le. 'ka]	'árvore'
y.	mt	['mtĩ.ne]	'amiga'
z.	ml	['mla.ti]	'não índio'

Sumarizando, a estrutura do *onset* em Yaathe é a seguinte:

(3)



A rima em Yaathe possui duas posições: uma que é obrigatória, o núcleo; e uma opcional, a *coda*.

O núcleo em Yaathe pode ser ocupado por qualquer vogal. Um fato interessante na formação do núcleo é que as vogais longas não permitem a realização de *coda*, o que nos diz que a rima tem apenas duas posições a ser preenchidas. Os exemplos (4a-m), ilustram o preenchimento do núcleo por todas as vogais.

(4)

A *coda* apresenta apenas uma posição a ser preenchida e pode ser ocu-

a.	i	[u.'fi]	'último'
b.	i:	[i:.sa.ka.'lu]	'rato'
c.	e	[e.'li.d ^w a]	'farto, saciado'
d.	e:	[e:.dʒa.'d ^w a]	'Deus'
e.	ɔ	['ɛl.ka]	'ruim'
f.	a	[a.'sa]	'você' (feminino)
g.	a:	[ta:.'t ^h o]	'inimigo'
h.	ɔ	[ɔts.'ka]	'homem'
i.	o	[fo.'a]	'pedra'
j.	o:	[o:.'ja]	'água'
k.	ɔ:	[khɔ:.'ka]	'pescoço'
l.	u	[ut.'fi]	'carne'
m.	u:	[phu:.'ne.d ^w a]	'partido'

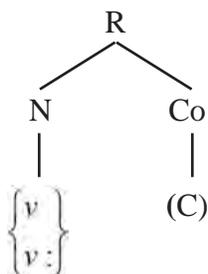
pada pelos segmentos /t, k, k^h, f, s, ʃ, h, ts, m, l, w, j/, conforme os exemplos em (5a-l).

(5)

a.	t	[ut.ʃi]	‘carne’
b.	k	[ek.ka]	‘pequeno’
c.	k^h	[ek ^h .de.ʰo]	‘o que sabe’
d.	f	[t ^h af.keʃ.k ^h a]	‘gato’
e.	s	[fa.ʰsis.ka]	‘borboleta’
f.	ʃ	[ɔ.ʰtʃaf.k ^h a]	‘dinheiro’
g.	h	[eh.dã.ʰho]	‘espancador’
h.	ts	[ɔts.ka]	‘homem’
i.	m	[mum.ni.ka]	‘esfregar’
j.	l	[ʰtil.ʃi]	‘bonito’
k.	w	[ʰnew.de]	‘todos’
l.	j	[ʰtʃaj]	‘mulher’

Representamos abaixo a estrutura da rima em Yaathe:

(6)

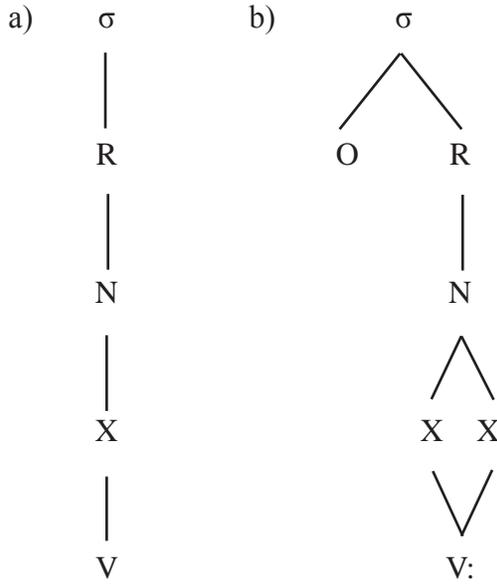


Os tipos silábicos ou padrões silábicos apresentam as manifestações possíveis de sílabas em uma dada língua. A língua Yaathe apresenta os seguintes tipos silábicos: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC.

Apresentamos, a seguir, em diagramas arbóreos, cada um dos padrões silábicos, seguidos de exemplos.

A sílaba V, representada no diagrama em (7), ocorre no início e no final de palavras, conforme exemplos em (8a-c).

(7)

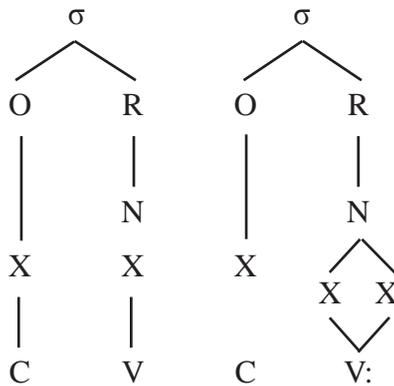


(8)

- | | |
|-------------------|-----------|
| a. /'a.tʃa/ | 'palavra' |
| b. /'i:.sa.ka.lu/ | 'rato' |
| c. /fdo.'a/ | 'barro' |

A sílaba CV, conforme em (9), é a estrutura padrão, pois é a mais comum e é irrestrita no que diz respeito à posição na palavra, como podemos ver nos exemplos em (10a-e).

(9)

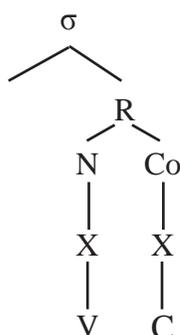


(10)

a. /'na.to/	'mel'
b. /ne.se.'sde/	'depois de'
c. /'til.fĩ/	'bonito'
d. /p ^h o:ne.'ka/	'levantar'
e. [u.si:'a]	'rolinha'

A sílaba VC, representada em (11), ocorre apenas no início da palavra. Não encontramos nenhum exemplo em outra posição, conforme exemplos em (12a-c). Isso talvez tenha a ver com o fato de, apenas nessa posição, ocorrer um prefixo que se junta com a raiz iniciada por duas consoantes. Nesse caso, a primeira dessas consoantes, como mostramos, passa a ocupar a posição de *coda*.

(11)

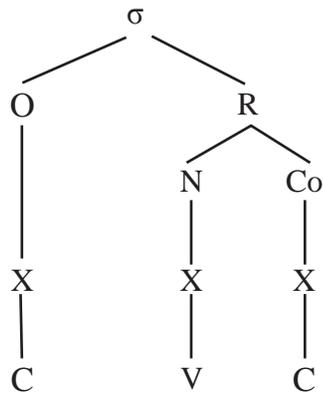


(12)

a. /ek.'ka/	'pequeno'
b. /ek ^h .de.'ka/	'saber'
c. /im.tĩ'.ne/	'minha amiga'

A sílaba CVC, representada em (13), ocorre no início, no meio e no final de palavras, conforme exemplos em (14a-c).

(13)

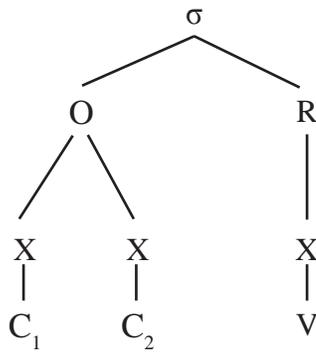


(14)

a. /'naw.de/	'todos'
b. /fa.'sis.ka/	'borboleta'
c. /ko.ne.'faw/	'porém'

A sílaba CCV, representada em (15), ocorre no início, no meio e no final de palavras, conforme exemplos em (16a-c).

(15)

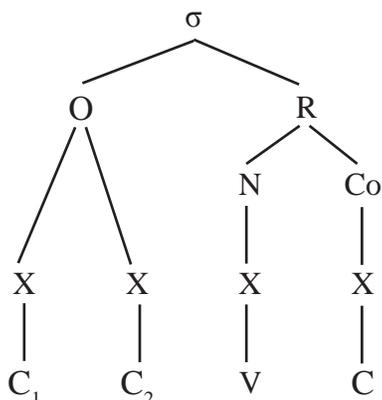


(16)

a. /jma.'ja/	'vento'
b. /e.'fni.ho/	'o que olha'
c. /e.'fi/	'pouco'

A sílaba CCVC, representada em (17), ocorre no início e no meio de palavras, conforme exemplos em (18a-b)

(17)



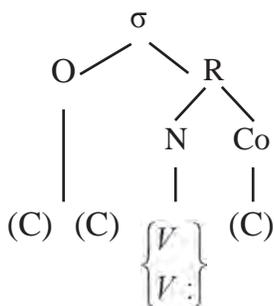
(18)

- | | |
|-------------------|-----------------|
| a. /kfel.ne.'ka/ | 'brincar' |
| b. /se.'tslaj.ho/ | 'anu' (pássaro) |

A partir dos tipos silábicos, determinamos o molde silábico da língua. O molde silábico diz respeito a um padrão fonológico definido na gramática da língua, que determina o número máximo e mínimo de elementos permitidos em uma sílaba, ou seja, define qual é a estrutura silábica da língua, e também as combinações permitidas nas diferentes posições.

O molde silábico do Yaathe, então, pode ser formalizado, conforme diagrama em (19).

(19)



Considerações finais

Na análise fonológica, encontramos os tipos de sílabas existentes na língua Yaathe.

Os tipos silábicos são os seguintes: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC. No que se refere à estrutura silábica, podemos afirmar que: i) a sílaba mínima é V; ii) todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de *onset* simples; e iii) os *onsets* complexos apresentam algumas restrições: a) a posição C₁ pode ser ocupada pelos segmentos /t, d, t^h, k, f, s, ts, m, n, l/; b) a posição C₂ pode ser ocupada por /t, d, t^h, k, f, s, ts, m, n, l/; c) o núcleo pode ser ocupado por qualquer um dos fonemas vocálicos; e d) a posição C₃, posição de *coda*, pode ser ocupada pelos fonemas /k, s, ʃ, h, ts, m, l, w, j/. Entretanto, se o núcleo for uma vogal longa, não pode haver mais uma consoante na *coda*.

Propomos, então, para a língua Yaathe, o seguinte molde silábico:

$$(C) (C) \left\{ \begin{array}{c} V \\ V: \end{array} \right\} (C)$$

Referências

- BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5ª Ed. Porto Alegre: EDIPURS, 2005.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The handbook of phonological Theory*. London: Blackwell, 1995, p. 207-243.
- CABRAL, D. F. *O acento lexical em Yaathe*. 2009. 110 f. (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- CLEMENTS, G. N. ; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The handbook of phonological Theory*. London: Blackwell, 1995, p. 245-306.
- COLLISCHONN, G. A. A sílaba em Português. (2005) In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPURS, 2005, p. 101-134.
- COSTA, J. F. *Ya:the, a última língua nativa no Nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos*. 1999. 353f. (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- GOLDSMITH, J. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental phonology*. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, 1976.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Basil & Blackwell. Oxford, 1990.

GUSSENHOVER, C.; JAKOBS, H. *Understanding phonology*. Londres: Arnold, 1998.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SILVA, F. P. *A sílaba em Yaathe*. 2011. 133 f. Mestrado em Linguística. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2011.

SPENCER, A. *Phonology: theory and description*. Oxford: Blackwell, 2005.

Sobre as autoras

Fábia Pereira da Silva é Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (bolsista CNPq), Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (bolsa da FAPEAL).

Januacele Francisca da Costa é Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e professora da Universidade Federal de Alagoas.

A PRESENÇA AFRICANA NO FALAR DE ARCOVERDE (PE): ASPECTOS FONÉTICOS-FONOLÓGICOS

Amanda Oliveira Nunes Silva

Introdução

O processo de formação e a origem da língua falada e escrita sempre despertaram o interesse de estudiosos e pesquisadores. Com a Língua Portuguesa não poderia ser diferente, levando em consideração sua evolução através de aspectos léxicos, fonéticos e morfossintáticos.

A expansão da língua portuguesa por diversos territórios, ultrapassando até mesmo fronteiras ultramarinas, ocasionou ao Português uma série de variações, entre elas o Português Brasileiro.

O presente trabalho procura fazer uma análise na perspectiva fonética do Português Brasileiro, ressaltando a contribuição africana no processo que permitiu o surgimento dessa variedade, tomando com principal exemplo a identificação de termos africanos presentes na fala dos moradores da cidade de Arcoverde (PE), um município do Nordeste do país.

Com isso, busca-se apresentar a contribuição africana na formação do português brasileiro, não apenas como uma pequena “influência”, termo esse que, para alguns autores, parece inadequado, mas como referência na sua formação, possibilitando o surgimento de um dialeto com características autênticas.

1. O português falado no Brasil: reminiscências africanas

Nessa seção, far-se-á uma breve análise dos principais grupos linguísticos de origem africana encontrados no Brasil.

Segundo Castro (2001), a região *banto* compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes faladas em 21 países: Camarões, Chade, República Centro - Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República

popular do Congo (Congo Brazzaville), República Democrática do Congo, Burundi, Ruanda, Tanzânia, Quênia, Malavi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique e África do Sul.

Da região Banto, as principais línguas faladas no Brasil foram o *quicongo*, *quimbundo*, e *umbundo*, já da região sudanesa foram os *iorubás*.

Castro (2001) ainda afirma que apesar dessa notável diversidade das línguas, todas elas têm origem comum que é a grande família linguística *Niger-Congo*, são todas línguas aparentadas.

Mesmo estando no Brasil e tendo contato com outra língua, era comum encontrar africanos que conversavam utilizando sua língua materna. Em meados do século XIX, muitos africanos não tinham domínio do português, prova disso se dá pelo intenso número de anúncios publicados na época de escravos fugidos. Porém, alguns escravos que vinham da região centro ocidental da África já apresentavam entendimento da língua usada por seus senhores, devido aquela região ter sido alvo de intenso comércio e ações missionárias.

No período em que a mineração esteve no seu mais alto nível, o número de escravo no Brasil cresceu, especialmente os do grupo linguístico *ewe-fon*. Nessa época, *A obra nova da língua geral de mina*, foi escrita por Antônio Costa Peixoto para orientar os senhores a dominar os escravos pertencentes a esse grupo através do conhecimento referente à sua língua.

Por diversas partes do Brasil, as línguas africanas exerceram forte influência, estando presente em vários estados. Conforme Mattos (2007) cita, por exemplo, na Bahia, a influência do grupo linguístico Ioruba é até hoje identificada em vários termos nos cultos aos Orixás (Xangô, Iemanjá, Oxossi, Oxum, etc.), embora existam palavras do grupo *ewe-fon*, sobretudo nos rituais religiosos do candomblé, como *rum*, *rumpi*, *lê*, *peji*, *runcó*, *panã*, *ajuntó*, entre outras.

O intenso tráfico de escravos situado ao norte de Equador não foi interrompido mesmo com a proibição do tráfico negreiro durante o século XIX, continuando suas atividades em nova rota, desta vez voltada para o sul do equador.

No início desse século houve um surpreendente crescimento do tráfico. Essa prática só veio a ser controlada quando em 1840 a vigilância preventiva das Águas do Atlântico e a Campanha Nacional contra escravidão a neutralizaram gradativamente pondo um fim nessa atividade que perdurou por mais de três séculos.

Em 1836, Portugal proibira o transporte de escravos por mar, em 1854, vedara a entrada na colônia (Angola) por via terrestre, isto é, dos escravos

provindos do Império Luanda; é somente em 1878 que a escravidão será oficialmente abolida (RANGLES, 1968, p. 223 – 224 *apud* BONVINI).

Tal acontecimento colaborou para que no Brasil um plurilinguismo africano fosse ressaltado. Os primeiros indícios de plurilinguismo no Brasil só vieram a ser confirmados em virtude do testemunho de Nina Rodrigues, seu estudo foi realizado em meio aos africanos que habitavam a cidade de Salvador. Sua pesquisa se tornará ainda mais importante, quando em meados do XIX o sustentáculo da economia nacional se transferiu para a região Sul do país, levando junto os africanos como peça fundamental para geração de riquezas. Diante desses dois aspectos, deslocação do eixo econômico e extinção do tráfico, as informações geolinguísticas apuradas por Nina Rodrigues são tomadas como referência. Os dados recolhidos por Nina tanto sob forma oral ou escrita se referem a seis línguas: *iorubá*, *jeje*, *ewe*, *haussá*, *kanúri*, *nupê*, *g'runcis*. Ela ainda destaca que, as línguas africanas no Brasil obtiveram algumas rupturas devido ao contato com o português brasileiro.

Assim que chegava ao Brasil o escravo “novo” era forçado a aprender o novo idioma (português) a fim de que pudesse se comunicar com os proprietários, mestiços, negros crioulos.

De acordo com Bonvini (2009), seu levantamento limitar-se-á a coletar dados lexicais suscetíveis de ser explorados por especialistas e chegará a uma lista de 122 palavras, apresentadas sob forma de quadro sinótico, pertencentes a cinco línguas africanas faladas ainda corrente na Bahia na sua época: “grunce” (gurúnsi), “jeje (maí?)”, (eve-fon), “hauçá”, canúri” e “tapa” (nupe).

Em seus estudos, Rodrigues (1932) abre um espaço para a língua *Iorubá*, já que essa foi uma das primeiras línguas a ser registrada sob a forma escrita. Dado a importância do registro escrito dessa língua são introduzidos nela novos conhecimentos tanto lexicais, como morfossintáticos e morfossemânticos. Tais constatações visam contribuir para aprendizagem da especificidade do *Iorubá* encontrado no Brasil comparado com o *Iorubá* da Nigéria. Convém destacar, também, que o africano, além de sua língua, se comunicava através do português falado no Brasil. Anotações feitas no século XIX, embora que de forma precária, possibilita esclarecimentos relacionados a esse aspecto.

Segundo Bonvini (2009), essas anotações são particularmente lamentáveis, impressionistas e superficiais, quando notam que os escravos “conservam alguma coisa de infantil, eles chegam a fazer-se entender em três meses, mas, como crianças têm dificuldade de pronunciar o *r* e a sequência *sr*”.

O final do século XIX foi marcado por dois momentos, a abolição da escravidão que teve como consequência a extinção, mesmo que de forma

gradativa, de quase todas as línguas africanas relacionadas à escravidão e a adesão da língua portuguesa por todas as comunidades africanas, enquanto as línguas antigas (línguas veiculares) limitaram-se apenas a serem usadas internamente, como instrumento de preservação de sua identidade e origem.

Para Bonvini (2009), as línguas antigas foram “refuncionalizadas” como línguas de especialidades num contexto de clandestinidade, aprendidas ou transmitidas, seja sob forma de línguas cultuais reservadas aos cultos ditos afro-brasileiros, seja sob a forma de línguas “secretas”.

As línguas incorporadas aos cultos afro-brasileiros datam o século XIX. Elas apresentam-se especialmente em dois cultos: o *Candomblé* e o *Umbanda*. O *Candomblé* está mais ligado as raízes africanas preservando a utilização de línguas africanas (nagô-queto, jeje, angola) em seus cultos. Já os cultos de espécie umbanda englobam diversas tradições (africana, europeia, indígena). A língua utilizada nos cultos, *umbanda*, é bem próxima do português brasileiro, contudo se delimita dele por aspectos semânticos, morfossintáticos e por seu vocabulário, estando de acordo com a entidade que a profere.

O estudo sobre essas línguas torna-se mais complexo quando se entende que essas entidades se comunicam por meio do ritual da possessão, algumas entidades podem ser identificadas pelo modo como se expressam, são caboclos, crianças, pombagiras e Exus.

Algumas comunidades negras isoladas formadas por escravos criaram seus próprios falares como as de Cafundó, situada na cidade de São Paulo e Tabatinga em Minas Gerais.

Sobre a primeira, convém mencionar o que Mattos (2007) relata a cerca do crioulisto na língua local.

Cafundó: “É o nome de uma comunidade rural localizada a 14 Km do município de Salto da Pirapora, distante 30 Km de Sorocaba e 150 Km de São Paulo. A palavra quer dizer lugar afastado, muito distante, no fim do mundo. Conta a história que essas terras (cerca de 220 hectares) foram doadas por Joaquim Manoel de Oliveira a seus escravos, próximo à abolição da escravidão, quando também os deixou libertos. Entre os escravos estava o Casal João Congo e Ricarda. Eles tiveram duas filhas, Ifigênia e Antônia, que, por sua vez, casaram-se e deram origem às duas famílias, Almeida Caetano e Pires Cardoso, que vivem até hoje no local. Desde o século XIX, seus moradores sobrevivem do cultivo de produtos agrícolas, como milho, mandioca e feijão, e da criação de porcos e galinhas, para consumo da comunidade.

Habitantes de Cafundó preservam uma língua criada por seus antepassados, denominada Cupópia, baseada em várias línguas africanas do grupo

Banto e na língua portuguesa. A Cupópia é falada apenas pelos moradores de Cafundó cotidianamente, como se fosse um código secreto, servindo para manutenção de uma identidade africana da comunidade. Exemplos de frases em Cupópia: *vimbundo está cupopiando no injó do tata* (o homem preto está falando na casa do pai); *o cafombe cuendou da ambara para cunuar avero com nhapecava* (o homem branco veio a cidade para beber café com leite); *curimei vavuro* (trabalhei muito)”.

Essas línguas funcionam como um código secreto, uma maneira de encobrir suas conversas, especialmente quando estavam sobre os olhares de estranhos. Acredita-se que esse recurso também era adotado no período da escravidão para encobrir conversas de seus proprietários e para planejar fugas.

Embora ainda existam comunidades como essas, é importante salientar que seus falares não são formados somente a partir da influência africana, muitas línguas foram dizimadas por uma série de fatores os quais alguns já foram mencionados. Durante a década de 70 surgiu um fenômeno do interior dos cultos afro-brasileiros, a “reafricanização”, que no campo linguístico restringiu-se quase totalmente para a língua Iorubá, com o objetivo de resgatar legitimidade referente a africanidade nos cultos. Com o incentivo de pais e mães de santo, cursos de Iorubá foram oferecidos, não só aqueles que estavam sendo iniciados, mas a qualquer pessoa que desejasse especializar seus conhecimentos na prática do Candomblé.

Esse tipo de reafricanização apresenta uma redução no plano linguístico, pois a legitimidade linguística africana foi associada ao uso restrito da língua Iorubá, ao passo que no Brasil o contexto histórico indica que as línguas cultuais possuem um vocabulário bem mais diferenciado.

Diante das análises feitas das línguas africanas faladas no Brasil e seu processo de interação com o português brasileiro, nenhum dos autores consultados apontam para existência de um crioulo no Brasil. Para Bonvini (2009), os documentos inventariados colocam-se todos a favor da existência de uma alternância de códigos (“code switching”) na qual a língua portuguesa serve constantemente de pólo de referência em relação às línguas africanas que se sucederam, geralmente a título de língua veicular: no século XVII, o quimbundo; no século XVIII, a língua “mina”; no XIX, principalmente a língua iorubá, mas também, em alternância, outras línguas: *gurúnsi*, *jeje (maí?)*, *evefon*, *hauçá*, *canúri* e *tapa*.

Dado que nenhum documento histórico revela a presença de um crioulo, a única alternativa linguística deixada aos escravos que chegavam ao Brasil consistiu em uma alternância de códigos, forçados a escolher pelo

uso do português ou de uma língua africana adotada pelos africanos que os antecederam.

O idioma falado pelos africanos no Brasil não se originou apenas de uma língua, e sim de várias, visto a diversidade de povos trazidos da África. E antes que acabassem extintas totalmente do solo brasileiro, pela ausência de novos falantes, encontram-se presentes como línguas cultuais ou secretas em comunidades confinadas.

2. O português nordestino e o destaque para Pernambuco

O Brasil possui uma enorme extensão geográfica, onde a língua portuguesa é falada em todo território como língua materna. Dado essa dimensão, o português falado no nosso país passou por uma série de variações diante das peculiaridades de cada região, sendo possível encontrar atualmente dialetos que soa comum apenas para os habitantes deste espaço territorial.

Os estudos para esses aspectos ainda são escassos, mesmo se tratando de um estudo que visa identificar a origem da formação da língua falada e das alterações sofridas pela língua portuguesa no continente americano. Ao mesmo tempo em que hoje são mais de quarenta milhões de falantes de uma língua transplantada que recebeu influência de diversos grupos étnicos através de um contato direto.

No que confere à região Nordeste, Marroquim (1996) afirma que a variedade dialetal do Nordeste tem tríplice origem:

1ª *O português arcaico*. É a contribuição da língua introduzida no século XVI, com o descobrimento e que deixou enquistadas na fala do povo inúmeras palavras e expressões hoje arcaicas no português.

2ª *Derivação e a composição dialetal* – o dialeto herdou do português essa faculdade genial de enriquecimento pela tematologia.

3ª *A contribuição estrangeira* – o tupi e as línguas africanas enchem esse quadro dialetal com uma quantidade enorme de termos que dizem respeito a geografia, fauna, flora e também a usos e costumes.

O *português arcaico* através da tradição oral fez-se presente através de inúmeras palavras no português do Nordeste. Algumas dessas ainda são encontradas no vocabulário nordestino. Contudo, embora determinadas palavras do português arcaico ainda permanecessem em uso, na língua culta,

tiveram seu sentido modificado. Enquanto a significação empregada pelo povo era ainda a do século XVI.

Tais termos desapareceram da língua culta, estando presente na língua popular.

Outro aspecto importante além do português arcaico é a contribuição das línguas tupi e africana na composição do quadro dialetal nordestino.

Os termos de origem tupi foram incorporados ao dialeto não apenas no nordeste, mas de todo país e em geral são nomes de plantas, animais, objetos e alguns nomes geográficos.

O mesmo ocorre também com a contribuição africana. Vale ressaltar que as condições em que os escravos viviam aprisionados nos engenhos a sua deplorável condição social impossibilitou que esses fizessem qualquer relação da sua língua a terminações geográficas.

O elemento africano deixou sua contribuição na formação do dialeto nordestino através dos diversos termos herdados dos negros.

Tendo em vista estas considerações que ressaltam a origem dialetal do Nordeste, partir-se-á agora para o campo da fonologia.

A pronúncia do nordestino é caracterizada por ser uma pronúncia arrastada e demorada em relação à prosódia lusitana. Em nosso caso, as vogais, mesmo as átonas são pronunciadas independente de serem mediais ou finais. Elas são marcadas e abertas seguindo um caminho descendente, o que justifica o status de eles falarem cantando.

Outra característica interessante da fala nordestina e a simplificação dos sons, onde as vogais são emitidas com a mesma duração.

Segundo Marroquim (1997), existe uma exceção a palavra *caalo* aparece com a acentuado longo. Nesse caso aconteceu a queda do v intervocálico fenômeno vulgar na história do português que aparece também na língua popular no caso de *aua* e *leua* por água e légua.

Na pronúncia nordestina, são sempre abertas as vogais a, i e u, o nordeste desconhece o som fechado e breve. Algumas palavras tidas como fechadas são nasais como, por exemplo: *pômo*, *dôno*, *nôme*, *sôngo* e etc.

É muito comum nessa região a propensão da língua para diluir o n intervocálico e nasalizar a vogal anterior, assim como a prolongação da nasalidade.

Tal aspecto e outras particularidades do dialeto matuto que merecem destaque, pois muitos são atribuídos a influência tupi, embora essa afirmação não seja construída em alicerces sólidos.

Tome-se como exemplo a transformação feita pelo indígena do l do português para d, fruto do contato com os conquistadores.

Situação semelhante também ocorre com a transformação do *l*medial por *r*. Os indígenas por não possuírem esse fonema e tendo contato através do descobrimento com objetos desconhecidos os quais tinha que utilizar o nome português acabaram adaptando-o à sua fonética. Como as palavras *papel*, *paperá* e *cavalo*; *cabarú* ou *cavarúu*.

2.1 Arcoverde: um perfil linguístico-histórico-cultural

A cidade de Arcoverde conhecida popularmente como *Portal de Sertão* está localizada no interior do estado de Pernambuco, a 252 km da capital Recife, ocupando uma área de 353 km².

A cidade é marcada por importantes fatos históricos que constituíram sua formação, um dos motivos pelo qual foi escolhida para ser campo da nossa pesquisa.

No começo do século XIX, surge a comarca do Sertão de Pernambuco, tendo como sede a *Vila de Cimbres*¹, que posteriormente foi elevada à condição de município. A essa vila pertencia o povoado *Olho d'Água*, situado na caatinga, próximo a serra da *Aldeia Velha* e a fazenda *Bredo*, as duas propriedades de João Nepomuceno de Siqueira Melo e Manoel Pacheco do Couto.

No ano de 1865, o filho de Manoel Pacheco do Couto, Leonardo Couto, uniu as duas fazendas criando o povoado de *Olho D'Água dos Bredos*. Nessa mesma época Leonardo Couto construiu a capela *Nossa Senhora do Livramento*.

No dia primeiro de julho de 1909, pela lei Estadual nº 911, o povoado *Olho D'Água dos Bredos* foi elevado a categoria de Vila, sendo que em doze de novembro de 1912 passou a figurar como Distrito de Pesqueira, por meio de lei Municipal.

Como homenagem ao Barão Rio Branco, devido seu falecimento, passou a se chamar Rio Branco. Só veio a ser município independente em onze de setembro de 1928, pela Lei Estadual nº 1928, com terras desconectadas de Pesqueira e Buíque.

A denominação definitiva do nome da cidade para Arcoverde ocorreu em virtude da homenagem feita ao Cardeal Arcoverde, primeiro cardeal da América Latina, pelo Decreto Lei nº 952, no dia trinta e um de dezembro de 1943.

1. Atual município de Pesqueira.

Atualmente, o município de Arcoverde possui 68.793 habitantes segundo o último senso realizado pelo IBGE.

Embora não seja um grande centro urbano, a cidade possui uma vasta diversidade cultural. Com seus eventos e instituições educacionais recebem diariamente visitantes de várias regiões, que por sua vez, acabam contribuindo para essa variedade.

De acordo com Sá (2007), falantes de um grupo social se comunicam habitualmente de um mesmo modo e mantêm esses comportamentos através das gerações, enquanto falantes de outro grupo social também têm seu modo peculiar de se comunicar adquirido também por influência de aspectos geográficos, históricos e sociais.

Arcoverde, então, ocupa uma área que marca a divisão entre o Agreste e o Sertão de estado de Pernambuco. Tal localização agregada à realidade sub-regional pode determinar um quadro linguístico mais sujeito a variações.

3. Aspectos fonéticos de origem africana no português falado em Arcoverde

Numa pesquisa realizada em Arcoverde, distante 258 km da capital do estado de Pernambuco, para a realização do ALiPE (Atlas Linguístico de Pernambuco), ainda em fase embrionária, foram detectados muitos casos de realizações fonéticas, lexicais e morfossintáticas com semelhança à linguagem africana, não apenas falada no Brasil, como falada em outros países.

Nesse projeto, a investigação percorreu vinte cidades que contemplam todas as mesorregiões do estado, cujos inquéritos foram realizados a partir da metodologia da Geolinguística Pluridimensional, agregando elementos extralinguísticos preconizados pela sociolinguística.

O referido método prevê entrevistas a quatro pessoas em cada cidade distribuídas igualmente pelo sexo, com faixa etária de 18 a 30 e de 50 a 65 anos e nível de escolaridade que não ultrapasse a 4ª série ou 5º ano, à exceção da capital, que também terá informantes com nível superior.

A diagnose é feita a partir de entrevistas nas quais são solicitadas respostas aos questionários do ALIB (2001), que contemplam perguntas fonéticas (159), lexicais (202), morfossintáticas (49).

Afim de exemplificar situações em que empréstimos africanos foram inseridos no português brasileiro, serão apresentados, alguns processos fonológicos, lexicais e morfossintáticos, resultantes da evolução da língua,

conforme Coutinho (1970), e remanescentes ou ainda encontrados nas línguas africanas.

a) metáteses

Prateleira (pahti'lerə) ; Vidro ('vridʊ); Fervendo (frɛ'venu)
(frɛ'vendʊ)

Tais exemplos também estão presentes no português falado em Moçambique (PM) e Angola (PA), conforme encontrado em Petter apud Galves et alii (2009).

b) monotongação

A monotongação ou redução do ditongo decrescente se dá pela transformação de ditongos (ai/ ei/ ou) em vogais simples, recorrente no português brasileiro e constatado na pesquisa no ponto de inquérito Arcoverde.

Travesseiro (travi'seru) ; Peneira (pe'nerə)

c) apócope

Varrer (va'he) ; Botar (bɔ'ta) ; Montar (mõ'ta) ; Mulher (mu'λε)

É interessante destacar que, segundo Castro (2001), a tendência do falante brasileiro em omitir as consoantes finais das palavras ou transformá-las em vogais, *falá, *dizê, *Brasiu, coincide com a estrutura silábica das palavras em banto e em iorubá, que nunca terminam em consoante.

d) despalatalização

Colher (ku'le) ; Abelha (a'bejə) ; Braguilha (baj'giə)

e) vocalização de consoante final

Sol ('sɔw) ; Brasil (bra'ziw) ; Anel (ã'nɛw)

f) epêntese

Pneu (pe'neu) (pi'neu) ; Advogado (adɛvɔ'gadʊ) (adIvɔ'gadʊ)

g) aférese

Aftosa (fl'tɔzə)

No PA (português de Angola) as formas *tá*, *inda*, por *estar*, *ainda* (Chavagne, p.114). Já no PM (português de Moçambique) pode-se destacar a perda do *a* de formas verbais como *bafado*, *banar*, *bandonar* (Laban, p.77).

Considerações finais

O povo brasileiro é constituído por uma multiplicidade de raças e etnias que nos torna um dos países com maior concentração de diversidade cultural existente no mundo.

A presença de povos africanos colaborou para o enriquecimento da população brasileira, no âmbito cultural, social e principalmente, linguístico. Mesmo sendo poucos os descendentes desse povo, em solo brasileiro, as marcas deixadas por eles estão fortemente presentes nos campos citados.

Para tanto, foram analisados dados coletados para o ALiPE (Atlas Linguístico de Pernambuco), que entrevistaram alguns falantes da cidade em questão. A partir dessas informações, buscou-se identificar africanismos presente na fala da população arcoverdense.

Os resultados comprovaram as realizações fonéticas semelhantes à linguagem africana e igualmente presentes na linguagem dos moradores da cidade.

Tais resultados confirmam a ativa participação do falante africano no Brasil, tendo traços de sua linguagem absorvido pelo Português Brasileiro em diversas partes do país.

Sendo assim, espera-se que esse trabalho contribua para incentivar futuras pesquisas nessa área, que ainda são escassas, valorizando as heranças linguísticas deixadas pelos africanos que viveram em nosso país.

Referências

- ACCIOLY, Débora Cristina da Silva. *O português brasileiro e algumas de suas peculiaridades*. <Disponível em: <http://soartigos.com/articles/4405/1/o-portugues-brasileiro-e-suas-peculiaridades/Invalid-Language-Variable1.html>> Acesso a 22/11/13.
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *A África está em nós: história e cultura*. João Pessoa, PB. Editora Grafset, 2004.

- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Línguas africanas e o português do Brasil*. Revista Biblioteca entre livros. Edição especial nº6. Editora Duetto, São Paulo, 2007.
- CHAVAGNE, Jean-Pierre. *La langue portugaise d'Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*. Tese de Doutorado. Lyon: Université Lumière Lyon 2, 2005. In: PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas*. *Papia*. Brasília. v. 1, p. 9-19, 2008.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil: Estudos de dialetologia rural e outros*. 2ª ed. Revista. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA; 1994.
- GALVES, Charlotte et al. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas. SP: Editora Unicamp, 2009.
- ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: contexto, 2006.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 20ª ed. São Paulo: editora Ática, 2001.
- PETTER, Margarida et al. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Terceira edição. Curitiba: HD Livros, 1996.
- MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SÁ, Edmilson José de. *Varição do /l/ em coda silábica na fala Arcoverde (PE)*. *Dissertação de Mestrado*. UFPE. Recife, 2007.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia*. 4ª ed.- São Paulo: Contexto, 2001.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução: Celso Cunha. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sobre a autora

Amanda de Oliveira Nunes Silva é especialista em Língua Portuguesa (UPE), professora de Língua Portuguesa, Redação e pesquisadora de crioulisto no português. Contato: amanda_oliveiran@yahoo.com.br

PERNAMBUCANO ESTÁ FALANDO IGUAL AO PARAIBANO? UMA ANÁLISE DO GERÚNDIO NOS DOIS ESTADOS

Edmilson José de Sá
Fernando José do Amaral

Introdução

O presente artigo versa sobre o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo /ndo/ presente na formação do gerúndio no Nordeste brasileiro, fenômeno ocorrido em função da assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ presente na fala do português do Brasil.

Por entender que a língua é indispensável ao homem nas suas relações comunicativas dentro da comunidade, respaldados da Sociolinguística Variacionista, por saber que ela estuda a língua em sua íntima ligação com a sociedade onde se origina, e, ainda estabelece correlações entre grupos sociais e variedades de uso linguístico, além de apreender nas bases sociais a direção da mudança em termos sociolinguísticos.

Servimo-nos da análise dos dados quantificados, anteriormente, nas pesquisas de Amaral (2008) e Martins (2004), cujos resultados foram quantificados através dos programas Goldvarb 2001 e Varbrul 2000, ambos, interpretados à luz da Teoria da Variação segundo Labov, (1972).

Nossa proposta é discutir as restrições sociais que norteiam a produção do gerúndio no Nordeste, confrontando-as nos Estados de Pernambuco e Paraíba, restritos a Custódia e João Pessoa.

A propósito, buscaremos a compreensão dos falares locais, bem como reforçar a quebra do paradigma de que a língua portuguesa falada no Brasil é uniforme, mas heterogênea e diversificada. E, por este motivo os dados serão analisados a partir da Teoria da Variação ou Sociolinguística¹ Quantitativa

1. Ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina. Desenvolvida por Labov (1969, 1972, 1983), a Sociolinguística permitiu o estudo de fatos linguísticos até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e consequente dificuldade de apreensão. A Sociolinguística estuda a variedade linguística a partir

preconizada por Labov (1966, 1972), observada tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico.

Alguns estudiosos destacaram, em suas pesquisas, que o apagamento da oclusiva dental /d/ na produção do gerúndio está presente em várias regiões brasileiras, com ênfase para Silva Neto (1970: p. 43), *apud* Mollica e Mattos (1989), pois tem grande importância não só em relação ao fenômeno já referenciado, como também detectaram que substantivos, adjetivos e advérbios favorecem a manutenção da oclusiva, sem diminuir a importância perceberam que quanto maior for a extensão lexical, ou seja, quanto maior o número de sílabas, maior é a probabilidade de apagamento na fala espontânea. Bem como Melo (1946: p.90-91), em seu livro, “A Língua do Brasil”, ao afirmar: “o fenômeno de apagamento do /d/ nos gerúndios mostra-se bastante produtivo na fala popular da região de Goiás, como em “veno”, “vendo”, “haveno”, “havendo”, “seno”, “sendo”... *apud* Martins (2004: p. 58); Bagno (1998) e Aragão (1984) *apud* Martins (2004). Todos esses apontaram a “redução do grupo intervocálico /nd/ em /n/ nos gerúndios, e, ainda expressaram que o processo de apagamento desse fenômeno não é estudado sob as perspectivas da gramática normativa nas escolas, mas, sobretudo, sob dois pontos de vista: diacrônico² e sincrônico³.

Ressalta-se também em Coutinho (1974, p. 112) ao afirmar: “as consoantes mediais estão sujeitas a frequentes modificações ou quedas”. Também ratificado por Hora (2004, p. 65) onde “... formulou a hipótese de que as formas gerundiais seriam as mais afetadas pelo apagamento da oclusiva dental /d/”.

Por isso, o objetivo desse estudo é confrontar os dados concernentes as restrições sociais “anos de escolaridade”, “sexo” e “faixa etária”, a fim de ratificar ou não se as variações linguísticas encontradas nas duas localidades apresentam diferenças ou similitudes quanto ao fenômeno em tela, na tentativa de registrar e compreender melhor o português falado e ensinado no Brasil.

de dois pontos de vista: diacrônico (histórico) e sincrônico (estático).

2. Caráter dos fenômenos linguísticos estudados do ponto de vista sua evolução no tempo.

3. Que se realiza ao mesmo tempo; que é da mesma época; que representa os fatos acontecidos ao mesmo tempo em diferentes países.

1. Metodologia

1.1 Formação do corpus

No *corpus* pernambucano, foram entrevistados 32 informantes, escolhidos aleatoriamente entre os membros da comunidade de fala de Custódia, igualmente dividido em habitantes da zona urbana e rural, onde analisamos as variáveis sociais: anos de escolaridade, faixa etária e sexo.

As entrevistas foram conduzidas de acordo com o modelo proposto pela Sociolinguística, as quais foram registradas a partir de perguntas distribuídas segundo o “modelo conversacional” proposto por Labov (1984), envolvendo fatos relevantes da vida cotidiana do entrevistado do tipo *namoro e casamento, família, sonhos, brincadeiras, política, amigos, escola, perigo de morte e violência*, dentre outros.

Quanto a restrição anos de escolaridade foram pesquisados informantes de 1 a 4 anos e mais de 4 anos, igualmente divididos. Já em relação à variável faixa etária formado por idade entre 15 e 30 anos e acima de 30 anos. E, com relação à variável “sexo” o grupo foi constituído de 16 homens e 16 mulheres. Onde percebe-se que tanto as mulheres quanto os homens apagam o fonema /d/ no gerúndio. No entanto, as mulheres são mais conservadoras no tocante ao uso da norma padrão culta. Fato também observado por Morales (1993) e Gauchat (1905) *apud* Martins (2004).

Na constituição do *corpus* pessoense, discorremos sobre três variáveis sociais dispostas assim: “anos de escolaridade” dividida em cinco grupos, a saber: o primeiro sem escolaridade/analfabeto houve a ocorrência do apagamento do fonema /d/ em 62% dos entrevistados; no segundo grupo de 1 a 4 anos ocorreu o fenômeno em 67%; no terceiro grupo de 4 a 8 anos o fenômeno praticamente manteve-se, ou seja, representou 68%; no quarto grupo de 9 a 11 anos, 58% dos entrevistados verbalizaram o apagamento do fonema /d/ no grupo “ndo” e no quinto grupo, formado por pessoas com mais de 11 anos de estudo, o fenômeno ocorrem em apenas 36% dos entrevistados. Todavia, para essa análise comparativa, levaremos em conta apenas o segundo e o quarto grupos. E, com relação à variável faixa etária os grupos foram divididos em informantes de 15 a 49 anos de idade, tendo em vista a amalgamação das duas faixas etárias (15 – 25) e (26 – 49) promovida pela aproximação dos resultados apresentarem pesos relativos de .53 para os informantes do primeiro grupo (15 – 25) e .54 para os do segundo grupo de (26 – 49). Com a amalgamação

dos números, o apagamento do fonema /d/ ocorreu em 62% dos informantes. Já para os falantes com mais de 50 anos, a presença da variante indicou o apagamento do fonema /d/ em 51% dos casos. E, com relação à variável sexo, os homens cometeram o apagamento do fonema /d/ no grupo “ndo” em 62% contra 55% das mulheres.

Os dados coletados foram submetidos a um programa de software de análise quantitativa GOLDVARB (ROBINSON, J. S. et al, 2001), para posterior interpretação.

2. Discussão sobre as variáveis

As variáveis utilizadas neste artigo seguem o modelo variacionista recomendado por Labov (1972), por ser “entendido como um espaço de investigação interdisciplinar que atua nas fronteiras entre a língua e a sociedade, focalizando os empregos concretos da língua”.

Fato, esse, que insere esta pesquisa no arcabouço teórico variacionista, ratificado a proporção em que concebe a língua como um fato social e por trabalhar com uma grande quantidade de dados da língua falada e, ainda, procura verificar de que maneira fatores internos e externos interferem no fenômeno estudado, conforme enfatiza Martins (2004, p.55).

2.1 Variável dependente

A variável dependente, nesse estudo, constitui um grupo binário: conservação do fonema padrão ou apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” tanto na fala dos custodienses quanto na dos pessoenses.

Posição, que, também foi ratificada por Martins (2004) ao afirmar:

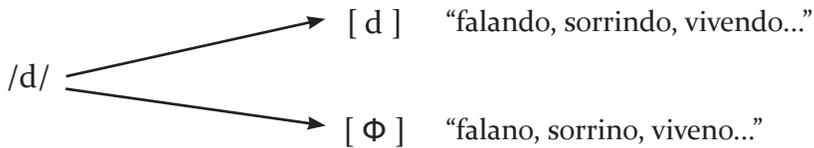
O apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” consiste no resultado da assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ e está constituído de duas variantes: presença da oclusiva dental, quando o informante a realiza em finais de palavras como “falando”, “sorrindo”, *versus* ausência da oclusiva, isto é, o apagamento, como em “falano”, “sorrino”. (MARTINS, 2004: p. 57).

E, ainda, em relação à assimilação do /d/ na sequência /nd/, Lemle (1978, *apud* RESENDE, 2006, p.109) diz: “a supressão do /d/ no contexto /nd/

está atingindo mais os verbos (gerúndio) do que outras categorias gramaticais, como em (pretendo, comando, mundo, bando).

Segundo Tarallo (1986) & Scherre (1992, *apud* SÁ, 2007, p.29), uma variável dependente é a delimitação precisa do fenômeno linguístico variável e envolve o levantamento de todo o conjunto de variantes que o dado fenômeno possa apresentar. Contemplamos a oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” como variável dependente, por percebermos sua utilização na fala dos *corpus* referenciados.

De modo afirmativo, tanto na comunidade de fala do município de Custódia quanto de João Pessoa, o fenômeno é constituído variavelmente de duas formas:



E, ainda em relação ao tema, destacamos a pesquisa de Mollica & Mattos (1989), por terem estudado o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na fala fluminense em relação ao português semi-espontâneo, conforme Martins (2004, p.57).

2.2. Variáveis sociais

Por ser a língua um produto da sociedade, é de se esperar que o emprego de determinadas formas linguísticas reflita categorias da sua estrutura social, conforme Labov (1972, *apud* RESENDE, 2006: p.118).

Razão suficientemente importante, a ponto de a Sociolinguística privilegiar as relações entre sexo e linguagem, alicerçados na hipótese de que, homens e mulheres não falam da mesma maneira, tanto pelas diferenças entre o ritmo e tom de voz quanto pela preferência por determinadas estruturas.

Objetivando descrever e demonstrar essas ocorrências, partindo tanto da instabilidade quanto da heterogeneidade do sistema linguístico ou, ainda, justificar a tendência do falante em utilizar uma forma variante dentre o conjunto de maneiras alternativas de dizer a mesma coisa, seja pela conservação da norma gramatical estigmatizada de prestígio e/ou padrão. Ou, ainda, considerar o apagamento da oclusiva dental sem alterar o seu significado.

3. Fatores sociais controlados

3.1. O fator sexo

De modo análogo, controlamos a variável “sexo” no intuito de verificar o desempenho linguístico de homens e mulheres e certificar a hipótese de que as mulheres custodienses e pessoenses utilizam com maior frequência a forma culta exigida pelos gramáticos, buscando com o confronto dos dados, constatar ou não que elas apagam menos a oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” do que os homens.

Neste contexto, a análise estatística feita a partir dos dados dos dois *corpora* formados por mulheres e homens que vivem nos municípios de Custódia e João Pessoa, esclareceu-se que tanto as mulheres quanto os homens apagam o fonema /d/ do gerúndio. De modo analítico, a hipótese de assertividade constatou que as mulheres, independentemente de morarem em comunidades diferentes, utilizam mais as formas de prestígio do que os homens. Ratificado por Labov (1966, *apud* MONTEIRO, 2000: p.15) ao afirmar que no discurso cuidado as mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas *versus* homens por parecer menos sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso a língua.

Tabela 1: Influência da variável SEXO no apagamento do /d/ no grupo “ndo”

Sexo	Apagamento do “d”/total	% de “d”	P. R.
Mulheres custodienses	159/281	57	.54
Mulheres pessoenses	1072/1952	55	.46
Homens custodienses	167/230	73	.46
Homens pessoenses	1203/1940	62	.54

Verificando o comportamento da variável “sexo”, percebe-se que tanto as mulheres pernambucanas quanto as paraibanas utilizam mais a forma de prestígio da língua as quais estão submetidas. Contudo, há aproximação dos resultados apresentados, ou seja, 57% para as pernambucanas e 55% para as paraibanas.

Nota-se, também que as falantes femininas apresentam resultados praticamente equivalentes e/ou nivelados. Como também demonstra que há influência do sexo “masculino e feminino” no processo de verificação do apagamento da oclusiva dental /d/ na produção do gerúndio. Já o mesmo caso não se aplica para os homens, de modo que houve um distanciamento dessa produção entre eles, apresentando-se com 73% para os pernambucanos contra 62% dos pessoenses. Além de indicar que tanto os homens quanto as mulheres apagam o fonema /d/ no grupo “ndo” na produção do gerúndio, contudo são os homens que apagam mais.

Pelo fato de os homens se apresentarem menos rígidos quanto ao uso da norma padrão em relação às mulheres, cabe-nos informar que:

Diversos estudos sociolinguísticos apontam à variável sexo como sendo um dos fatores condicionantes da heterogeneidade linguística, indicando que homens e mulheres possuem, de fato, comportamento linguístico distinto, além de mostrar-se relevante não apenas com relação ao estudo do apagamento da oclusiva /d/, mas também em vários outros fenômenos e em outras comunidades de fala. Silva & Paiva (1996: p. 362), *apud* Lucena⁴ & Vasconcelos⁵ (2007: p.237).

3.2. Anos de Escolaridade

O nível de escolaridade tem sido investigado, por muitos pesquisadores, na área de variação linguística como um dos fatores responsáveis pela apropriação da norma-padrão.

Pelo exposto, acredita-se que a escola é responsável por desempenhar um papel importante na configuração geral do domínio da língua padrão, destacando-se a sua tarefa socializadora, mais evidente nas comunidades rurais. Segundo Votre (2003, p.56) *apud* Resende (2006, p.121), a escola atua como preservadora de formas de prestígio, face à tendência de mudança em curso na comunidade de fala em que está inserida.

4. Rubens Marques de Lucena, Professor Titular de Linguística no Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba UEPB (Campus III – Guarabira).

5. Denisse Cunha de Vasconcelos, Graduada em Letras, bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica da UEPB (PROINCI/UEPB).

Tabela 2: Influência da variável ANOS DE ESCOLARIDADE no apagamento do /d/ no grupo “ndo”

Anos de escolaridade	Apagamento do “d”/total	% de “d”	P. R.
1 a 4 anos - PE	148/220	67	.43
1 a 4 anos - PB	539/799	67	.58
+ 4 anos - PE	178/291	61	.57
9 a 11 anos - PB	313/544	58	.46

Verificando o comportamento da variável “anos de escolarização” na tabela 2, percebe-se que tanto na pesquisa de Amaral (2008) quanto em Martins (2004) os resultados alcançados são muito próximos, demonstrando estarmos frente a um padrão curvilinear⁶.

No entanto, a influência da escola no apagamento do /d/ da oclusiva dental na produção dessa variante é inversamente proporcional aos anos de escolarização desse falante, ou seja, quanto maior for a nível escolar, menor será a ocorrência do fenômeno em relação à norma culta, ou o inverso, quanto menor for o nível escolar maior será a produção da variação.

Os resultados confrontados se somam a outros estudos realizados por outros pesquisadores, os quais apontam o fator “anos de escolarização” no processo de variação e mudança linguística como sendo um fator extremamente relevante, tendo em vista a influência que a escola exerce sobre alguns fenômenos da linguagem.

3.3. Faixa etária

Foram consideradas duas faixas etárias na tentativa de encontrar variação linguística condicionadas à idade do falante. No *corpus* estudado por Amaral (2008) a divisão ficou da seguinte forma: na faixa etária I estão os falantes de 15 até 30 anos e na II estão aqueles que têm idade acima de 30 anos.

Já no estudo de Martins (2004) para a faixa etária I estão alocados os falantes de 15 até 49 anos e na II os que estão acima de 49 anos. E, no que

6. Fenômeno que acontece quando há aproximação dos resultados indistintamente em todas as faixas etárias, onde jovens e idosos apresentam o mesmo comportamento.

concerne a essa variável, notou-se que houve variação, confirmando a nossa hipótese de que jovens e adultos apagam a oclusiva dental /d/, ou seja, ambos utilizam com frequência a forma não-padrão.

Frente à análise dos dados cedidos pelos dois *corpora* percebe-se a aproximação dos resultados tanto da faixa etária I quanto na faixa etária II.

Tabela 3: Influência da variável Faixa Etária no apagamento do /d/ no grupo “ndo”

Faixa Etária	Apagamento do “d”/total	% de “d”	P. R.
15 a 30 anos - PE	184/292	63	.57
15 a 49 anos - PB	1602/2577	62	.53
Acima de 30 anos - PE	142/219	65	.43
Acima de 50 anos - PB	673/1315	51	.43

Frente ao resultado obtido, observamos que tanto no estudo de Amaral (2008) quanto em Martins (2004), houve pouca variação em relação à faixa etária I nas duas pesquisas, enquanto que na faixa etária II o distanciamento ocorreu, porém não é significativo já que o peso obtido nos dois estudos são iguais, ou seja, exatamente .43. Dados que corroboram com pesquisa de Mollica e Mattos (1998, em uma comunidade do Rio de Janeiro, quando destacou haver aproximação entre as duas faixas etárias.

Conclusão

O objetivo desta pesquisa foi para estabelecer uma análise crítica dos dados segundo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, confrontando-os em relação às variáveis sociais, previamente selecionadas, sobre o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na produção do gerúndio tanto em Pernambuco quanto na Paraíba, cujo fenômeno é o ocorre em função da assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/, o qual foi realizada sobre a orientação da Teoria da Variação (LABOV, 1972).

No estudo, confirmamos o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo /ndo/, ratificando a verossimilhança do fenômeno em tela. Além de identificar o que outros pesquisadores que já haviam percebido a variação em outras regiões do país.

Todas as restrições analisadas ficaram a cargo do programa de análise computacional Goldvarb. O comportamento das variáveis sociais tais como: “sexo”, “escolaridade” e “faixa etária” não apresentaram primazia por uma ou outra variável, tendo em vista a similitude dos resultados estudados.

Destacamos, no âmbito social, em relação a “sexo”, que a forma de prestígio foi mais evidente na fala feminina, ou seja, homens apagaram 73 e 62%, enquanto as mulheres apenas 57 e 55%, corroborando com outras pesquisas.

Já em relação à escolaridade, confirmou-se a afirmação de que quanto maior for o nível de escolaridade, menor será a variação na fala em relação à norma culta, ou seja, em falantes de 1 a 4 anos de escolaridade aconteceu um empate em 67% nas duas pesquisas. E, acima de 4 anos de escolaridade os percentuais estratificados foram de 61 e 58%. Quase não houve diferença.

Quanto a faixas etárias em PE de 15 a 30 anos foi de 63% e na PB de 15 a 49 anos 62%; como também acima de 30 anos em PE foi 65% e na PB confirmamos 51%.

Percebe-se que a faixa etária de 15 a 30 e de 15 a 49 houve praticamente um empate, já na faixa etária acima de 30 em PE e na PB acima de 50 anos apresentou uma pequena variação, mas não relevante o suficiente a ponto de influenciar no resultado da pesquisa.

Por fim, em relação ao contato linguístico ocorrido na constituição dessas comunidades de fala, observou-se que independente do sexo, faixa etária e escolaridade, o apagamento da oclusiva dental /d/ na produção do gerúndio não apresentou discrepâncias quantitativas na fala dos habitantes de Custódia, interior de Pernambuco, bem como em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, fato recorrente na maior parte das pesquisas em sociolinguística.

O que se constatou com o resultado da pesquisa é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria seja o português, essa apresenta um alto grau de diversidade e variabilidade. É importante ressaltar que a língua falada, caracterizada como heterogênea e diversificada é observada como fenômeno variável em seu contexto sociocultural e sofre a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos na realização de uma ou de outra variante.

Referências

- AMARAL, Fernando José do. (2008). *O Gerúndio na Fala de Custódia-PE: Influências das Restrições Sociais*, In: XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste. GELNE. Maceió.

- BAGNO, M. (2007). *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola.
- _____. (1999). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 19ª ed.
- CAMARA Jr., J. Mattoso, (2004). *Dicionário de Linguística e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*, 25ª ed.. Petrópolis: Vozes, 266 p.
- HORA, Dermeval da, (2004). *Estudos Sociolinguísticos In: Perfil de uma Comunidade*. 1ª ed.. João Pessoa: Editora Pallotti, 286 p.
- LABOV, William. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.
- _____. (1984). Field methods used by the project on linguistic change and variation", dins. In: BAUGH, J. & SHERZER, J. (eds.) *Language in use: Readings in sociolinguistics*, Englewood Cliffs: NJ Prentice-Halle.
- MARTINS, I. F. M. (2004). *Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionistas e fonológicas*. In: HORA, D. (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa – PB: ILAPEC.
- MATTOS, P. B. & MOLLICA, M. C. de M. 1989. *Dois processos de assimilação fonológica no português falado semi-espontâneo do Rio de Janeiro*. Relatório final do projeto Mecanismos funcionais do uso da língua. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MONTEIRO, José Lemos. (2000). *Para compreender Labov*. 1ª ed.. Petrópolis: Vozes, 168 p.
- RESENDE, Terezinha Cristina Campos de. (2006). *Dinâmica do Contato Dialeto: Estudo sociolinguístico em Conceição de Ibitipoca – MG*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação doutorado em Linguística, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- ROBINSON, J. S. et al. GOLDVARB 2001: A multivariate analysis application for Windows. Disponível em <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/manualOct2001>>.
- SÁ, Edmilson José de. (2007). *Estudos de Variação Linguística: O que é preciso saber e por onde começar*. 1ª ed.. São Paulo: Texto Novo Editora, 97 p.

Sobre os autores

Edmilson José de Sá é Mestre em Linguística (UFPE) e Doutor em Letras (UFPB). Suas pesquisas mais recentes têm tratado do falar pernambucano à luz da Geolinguística Pluridimensional, abrangendo aspectos sociais e geográficos concomitantemente. Também tem interesse por Literaturas de Língua Inglesa, sobre as quais têm orientado trabalhos de graduação e especialização.

Fernando José do Amaral possui licenciatura em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA), especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Montenegro e é pesquisador em variação linguística do Sertão de Pernambuco.



FOTO: DANIEL FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

Parte 2

O LÉXICO PERNAMBUCANO

OCORRÊNCIAS PARA ‘CAMBALHOTA’ EM PERNAMBUCO: ESTUDO GEOLINGUÍSTICO

Edmilson José de Sá

Introdução

Os estudos descritivos do português falado no Brasil têm sido muito frequentes na mesa de linguistas e filólogos. Tais estudos costumam se respaldar teoricamente de três perspectivas, a Sociolinguística, por apresentar um enfoque sobre a influência social na fala registrada em determinadas comunidades ou grupos sociais, a Geolinguística, que aponta possíveis marcas dialetais, situando-as no espaço geográfico, e a Etnolinguística, cujo papel é analisar a linguagem associada à cultura do falante.

Em Pernambuco, as pesquisas linguísticas ainda engatinham, a despeito de projetos desenvolvidos na capital do Estado e em universidades interioranas, mas com enfoque maior na perspectiva social ou apenas com o intuito de analisar quantitativa e qualitativamente algum aspecto mais relevante. No âmbito geo-etnolinguístico, conhecem-se poucos trabalhos, que se somam a produtos de pesquisas de estudiosos, mas que têm servido de inspiração para o conhecimento da língua falada pelos pernambucanos.

Assim, diante da constatação, optou-se por apresentar um aspecto lexical e descrever como ocorre e o que representa a variação do item escolhido – a cambalhota – na fala de Pernambuco, segundo as dimensões diatópica e diastática, por considerar o item lexical e as dimensões suficientes para representar, à luz da Geolinguística, a heterogeneidade do português falado no Estado e, por extensão, em toda a região Nordeste.

O artigo tem por objetivo, portanto, analisar as ocorrências registradas em Pernambuco para designar *a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado* e, de modo mais específico, pretende-se descrever as variantes encontradas nos inquéritos realizados em vinte municípios e interpretá-las, sempre que possível, sob a égide de veios sócio-históricos, favorecendo comparações com outros estudos já realizados no país.

1. De onde vem a cambalhota?

Questões histórico-enciclopédicas

A brincadeira cambalhota costuma ser aludida à atividade esportiva referente a um tipo de ginástica ou a saltos circenses. No que tange à ginástica, vale-se do tipo acrobático, para iniciar a analogia.

No âmbito circense, sabe-se da existência de uma relação entre a atividade artística e o próprio circo, uma vez que o espetáculo de acrobacias e saltos já teria origens calcadas no Império Romano, mas apenas no século XVIII, os shows em lonas sob olhar de expectadores passaram a ter a denominação que hoje caracterizam como 'circo moderno' (GAIO, GÓIS & BATISTA, 2010, p. 91). No mesmo século passaram a registrar o salto nas produções lexicográficas, a exemplo do *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Antonio Moraes Silva (1789, p. 220), em que o verbete 'cambalhota' detém o conceito de “volta que se dá sobre o costado, firmando a cabeça no chão”. Saltando para o século XX, o Dicionário de Cândido de Figueiredo (1913, p. 350) traz referência para “*uma volta, que se dá com o corpo, baixando a cabeça ou firmando-a no chão, e levantando as pernas posteriormente, para caírem do outro lado*”. Para ele, trata-se de um termo originário de *camba(r)*, do latim *campe*.

Nesse mesmo século, a cambalhota é registrada em obras literárias, como em *O Sertanejo*, José de Alencar faz referência ao termo, quando diz:

Soou o tiro, e o menino revirou de *cambalhota*, arrojado pelo couce da arma, que por pouco não lhe desarticulou a clavícula. A Justa que chegou deitando a alma pela boca, tomou o filho nos braços, pôs-lhe umas talas com emplastos, e começou nessa mesma noite uma novena a Nossa Senhora. (ALENCAR, 1955, p. 108)

Mais recentemente, a *cambalhota* tem sido aplicada como uma brincadeira infantil, caracterizada por um rolamento resultante de um movimento corporal resultando no conhecimento por algo novo e no interesse de aprender as peripécias que o corpo possibilita realizar. A esse respeito, Pizani & Rinaldi (2010, p. 115) completam:

Crianças brincam de diferentes coisas, pega-pega, esconde-esconde, mãe da rua e experimentam diversas possibilidades de movimento na busca de novas descobertas que podem se dar por meio de

elementos gímnicos, como a estrelinha, a cambalhota, a bananeira (nomes populares dados à roda, ao rolamento e à parada de mãos).

A *cambalhota* é conhecida nos Estados Unidos como *somersault*, na Argentina é chamada de *voltereta*, na França, conhecem-na como *saut périlleux*, na Alemanha é *purzelbaum*, *salto mortale* na Itália e *chūgaeri*, no Japão.

2. Dialetoлогия e Geolinguística: entendendo a interface

É fato concreto que os estudos de descrição linguística sob os auspícios da variação linguística se respaldam em três aspectos teóricos, a saber: A sociolinguística, a partir da qual a língua é explicada segundo a interferência de elementos sociais do falante a exemplo de gênero, faixa etária, escolaridade, localização, sendo esses, portanto, pertencentes à dimensão chamada *diatrática*. A Dialetoлогия, por sua vez, se limita a investigar as realizações linguísticas de uma dada comunidade, sem necessariamente, interpretá-las à luz de restrições externas, mas dentro da própria estrutura da língua ou, como tem sido mais recorrente, com a adoção do método cartográfico emprestado pela geografia, daí o fato de esse método ser chamado de *Geografia Linguística* ou, simplesmente, *Geolinguística*.

A aplicação desse método, embora ainda pouco conhecido e não alcunhado foi pensada por Nascentes (1958), visando à realização de uma descrição detalhada no idioma falado no Brasil. Contudo, esse feito pareceu mais difícil do que ele pensava. Assim, o linguista adiou a elaboração de atlas regionais e também o seu projeto de Atlas Linguístico de Brasil. Nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico de Brasil*, o autor preconiza que:

embora seja muito vantajoso um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro, pois o fim não é muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto (NASCENTES, 1958, p. 07).

Desde o fim dos anos cinquenta, portanto, estão sendo ampliados alguns trabalhos importantes que têm servido de apoio teórico aos estudos

variacionistas e, pelo *continuum*, para as pesquisas geolinguísticas mais recentes.

O trabalho pioneiro de Nelson Rossi em 1963, chamado *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, foi a deixa para a confecção de vários outros trabalhos hoje encontrados tanto nas bibliotecas do Brasil, como fora delas.

Após o estudo realizado na Bahia, foram construídos o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – 1977*, o *Atlas Linguístico da Paraíba – 1984*, o *Atlas Linguístico de Sergipe – 1987*, o *Atlas Linguístico de Paraná – 1994*, o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil – 2002*, o *Segundo Atlas Linguístico de Sergipe – 2005*, o *Atlas Linguístico Sonoro de Pará – 2004*, o *Atlas Linguístico do Amazonas – 2004*, o *Atlas Linguístico de Paraná - II – 2007*, o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – 2007*, o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará – 2010* e o *Atlas Linguístico de Goiás – 2012*.

Existem, ainda, alguns atlas regionais em fase de implantação, que pertencem aos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia, Pará, Alagoas e Pernambuco, além de outras dissertações e pesquisas já concluídas ou em elaboração, enfocando atlas microrregionais.

3. O projeto 'Atlas Linguístico de Pernambuco'

O projeto para a construção do ALiPE segue os parâmetros do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com a seleção de quatro informantes em cada ponto de inquérito, distribuídos equitativamente quanto ao sexo, a duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e a escolaridade que não tenha ultrapassado o quinto ano do ensino fundamental (antiga quarta série), à exceção da capital, que também requer informantes com curso superior completo.

Foram, então, escolhidos 20 pontos de inquérito distribuídos nos quatro cantos do Estado, escolhidos segundo sugestões de Ferreira & Cardoso (1994), segundo as quais, é necessário ter mente a realidade socioeconômica, os aspectos históricos e a importância do município para o Estado.

Os pontos escolhidos foram:

Quadro 1: Pontos de inquérito do ALiPE

01	Afrânio	08	Limoeiro	15	São José do Egito
02	Águas Belas	09	Ouricuri	16	Santa Maria da Boa Vista
03	Arcoverde	10	Palmares	17	Serra Talhada
04	Caruaru	11	Petrolina	18	Tacaratu
05	Custódia	12	Recife	19	Taquaritinga do Norte
06	Garanhuns	13	Salgueiro	20	Tupanatinga
07	Floresta	14	São Bento do Una		

Aos informantes foram feitas questões que possibilitam análises fonético-fonológicas, semântico-lexicais e morfossintáticas. A elas são acrescentadas perguntas de cunho pragmático e prosódico, que são responsáveis por reflexões sobre graus de formalidade e sobre a construção de orações das mais variadas tipologias. Tais questões foram retiradas dos Questionários do ALiB (2001) e, junto a elas, também foram inseridas questões de cunho específico do Estado, usando, para tanto, campos semânticos sobre *frevo*, *maracatu*, *renascença* e *barro*, totalizando, assim, a quantia de quatrocentos e sessenta e uma questões.

Concluídas os inquéritos e as transcrições das respostas, foram feitas tabelas que registraram as ocorrências mais relevantes e, *a posteriori*, foram construídas 6 cartas introdutórias e 104 cartas linguísticas, divididas em 48 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais, 1 carta semasiológica e 8 cartas morfossintáticas, que possibilitaram uma análise das ocorrências e a elaboração de um glossário, de modo a registrar, ainda que parcialmente, algumas marcas dialetais do falar pernambucano.

4. Análise dos dados: as ocorrências para ‘cambalhota’ em Pernambuco

De acordo com os inquéritos realizados para o *Atlas Linguístico de Pernambuco*, quando foi perguntada aos informantes a Questão 155 dos Questionários do ALiB (2001) referente ao nome da *brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado*, foram encontradas 15 designações, entre as quais algumas só ocorreram uma única vez:

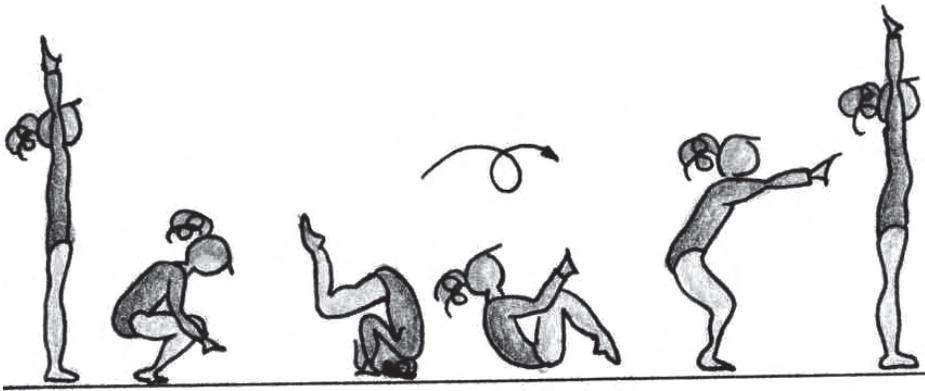
Tabela 1: Percentual de ocorrências para *cambalhota*

Variantes	Número de respostas	Percentual de ocorrências
Bunda canasca (canastra)	46	52%
Cambalhota	14	16%
Ginástica	6	7%
Pulo mortal	6	7%
Pulo de costa	4	4,5%
Cangapé	4	4,5%
Capoeira	2	2%
Corrupio	1	1%
Giradeira	1	1%
Plantando bananeira	1	1%
Cambota	1	1%
Maria cambota	1	1%
Cabeçada	1	1%
Cambumba	1	1%
Total: 15	89	100%

Verifica-se na tabela acima que as variantes *bunda canasca/bunda canastra* obtiveram percentual mais acentuado (52%), representando, portanto, mais da metade de todo o quantitativo. A expressão híbrida advém de 'bunda', do quimbundo, língua africana de Angola, *mbunda* + 'canastra', do grego *kánastron*, pelo latim *cannastrum*, por *canistrum*.

Em Figueiredo (1913, p. 356), a palavra 'canastro' representa popularmente o *tronco, as costas*. Assim, a expressão, já registrada como expressão do léxico nordestino (NAVARRO, 2004, p. 75), alude ao movimento da dobradura das costas até cair sentado e, posteriormente, se levantar, como se observa na figura 1:

Figura 1: Movimento da 'bunda canastra'



Fonte: familiaalveslis.blogspot.com

O item lexical 'cambalhota', que motiva a pergunta, obteve o segundo lugar na preferência dos pernambucanos, com 16%, e, em seguida, com percentual mais modesto, foram registrados os termos 'ginástica' e 'pulo mortal', com 7% de ocorrências cada um, também utilizados para representar o movimento do salto.

Os itens *pulo de costa* e *cangapé* obtiveram menos de 5% das ocorrências, mas, vale a pena tecer algumas considerações acerca do segundo item. Tanto Ferreira (1986, p. 335) quanto Houaiss (2009) apontam sua origem para *cambapé*, influenciada por *canga*. *Cambapé* é uma lexia formada pelo verbo *cambar* + *pé* e *cambar* advém do latim *cambiare*, 'trocar'. Pereira da Costa (1957, p. 176) afirma que o termo simboliza um ligeiro golpe para fazer um adversário cair e figuradamente pode significar 'pontapé', 'desabafo', 'desprezo'. Marcena (2011, p. 223), por sua vez, faz referência a uma brincadeira dentro d'água em que as crianças ficam dando chute um no outro como se lutassem ou jogassem *capoeira*, daí a compreensão de 2% dos informantes terem optado por essa resposta. Para Houaiss (*op cit*), trata-se de uma arte marcial de ataque e defesa introduzida no Brasil por escravos bantos, mas atualmente praticada como jogo e esporte.

Os demais itens que foram proferidos na pesquisa uma única vez também são encontrados em outros estudos geolinguísticos do Nordeste e até além de suas fronteiras.

O homem da segunda faixa etária de Custódia caracterizou a brincadeira como *corrupio*. Em Houaiss (*op cit*), há o conceito desse item lexical para 'cada uma das diversas brincadeiras populares em que os participantes,

especialmente crianças, rodopiam ou fazem girar alguém ou algo'. O item *giradeira*, não dicionarizado, representa para a informante mulher da segunda faixa etária de Custódia a mesma analogia.

O informante homem da segunda faixa etária de Garanhuns preferiu mencionar o movimento lúdico como o ato de *plantar bananeira*. Essa expressão significa 'ficar de cabeça para baixo apoiando o corpo nos braços estirados e mãos apoiadas no chão, sustentando as pernas também verticalmente'. Essa metáfora se fundamenta no formato da árvore de bananeira, já que a semente da banana é que se costuma plantar de cabeça para baixo, semelhante ao modo como alguém fica quando se encontra na mesma posição.

A mulher da primeira faixa etária de São José do Egito preferiu chamar o movimento de *cabeçada*. Tal conceito não está dicionarizado com esse fim, mas apenas no sentido de um movimento do esporte feito com a bola sobre a cabeça.

Em Limoeiro, o homem da primeira faixa usou o item *cambota*, enquanto os informantes da primeira faixa de Santa Maria da Boa Vista chamou de *maria cambota*. Conforme encontrado em Aguilera (2007, p.290), esses termos também se registram no interior de Minas Gerais e da Bahia ao longo do rio São Francisco e pelas regiões de mineração.

O item lexical *cambumba* foi proferido pelo informante homem da faixa 2 de Tacaratu. Segundo encontrado em Lopes (2012, p. 69) o termo certamente tem origem banta, mas não apresenta sua etimologia. Pereira da Costa (1957, p. 169), por sua vez, o conceitua como um peixe encontrado em Fernando de Noronha. Não há, pois, menção quanto ao sentido de brincadeira infantil.

Convém, a seguir, verificar como as demais variantes contabilizadas se distribuíram em Pernambuco por mesorregião:

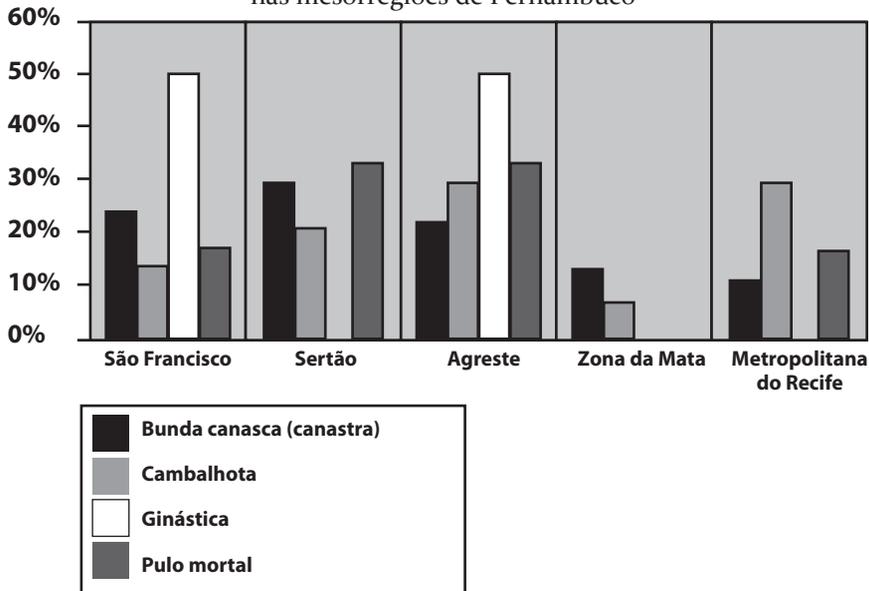
Tabela 1: Percentual de ocorrências para *cambalhota* por mesorregião

Variantes	São Francisco	Sertão	Agreste	Zona da Mata	Metropolitana do Recife
Bunda canasca (canastra)	24%	30%	22%	13%	11%
Cambalhota	14%	21%	29%	7%	29%
Ginástica	50%	-	50%	-	-
Pulo mortal	17%	33%	33%	-	17%

Ratificando o que os dicionários têm registrado, a variante *bunda canastra* ou *bunda canasca* se constitui de um regionalismo e as ocorrências desse item foram mais relevantes no Sertão do Estado, que comporta o final do Agreste, no município de Arcoverde, até os municípios do Araripe, enquanto o item ‘cambalhota’ obteve maior incidência justamente no Agreste e na Região Metropolitana do Recife.

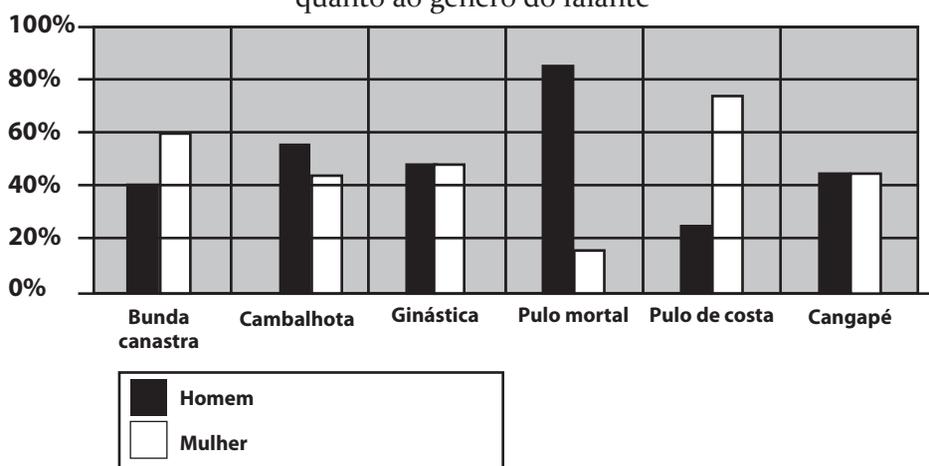
Considerando, então, os percentuais acima dispostos, o gráfico a seguir visa à compreensão mais apurada dos itens lexicais distribuídos nas mesorregiões pernambucanas.

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências para ‘cambalhota’ nas mesorregiões de Pernambuco



Mesmo com a percepção de que *ginástica* e *pulo mortal* têm percentuais muito altos, prefere-se não utilizá-los como parâmetros diatópicos, uma vez que as ocorrências não foram bem quantitativas, nem se distribuíram em todas as mesorregiões do Estado, o que pode ser, portanto, sob os auspícios da dimensão diastrática, quanto ao gênero, à faixa etária e à escolaridade do informante.

Gráfico 2: Distribuição das ocorrências para 'cambalhota' quanto ao gênero do falante

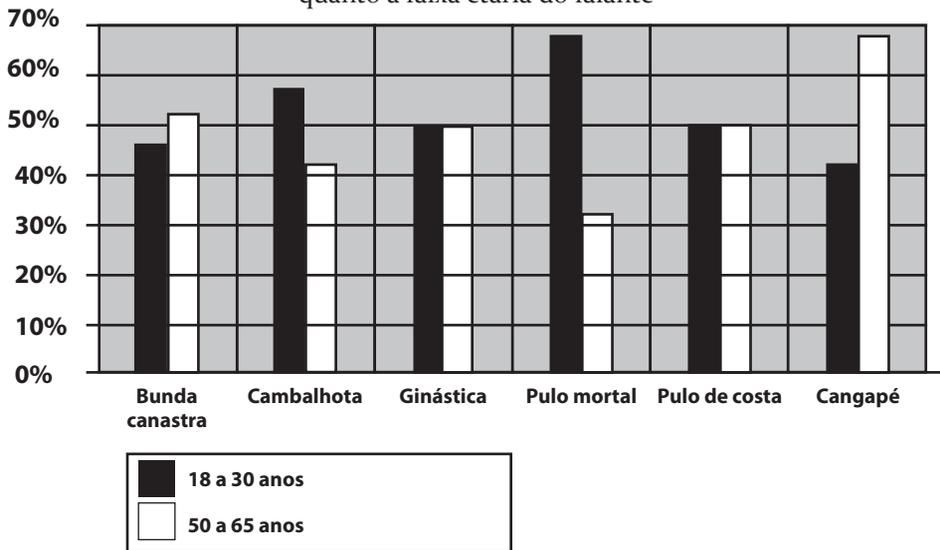


O percentual distribuído no gráfico anterior está organizado de acordo com o quantitativo de cada variante por gênero, ou seja, no caso da ocorrência *bunda canasca* foram registradas, *in totum*, 46 respostas, das quais 19 couberam ao homem (41%) e 27 à mulher (59%). Para *cambalhota*, houve 14 respostas, sendo 57% delas para o homem e 43% para a mulher. A designação *pulo mortal* teve 83% para o homem e 17% para a mulher. O *pulo de costa*, por sua vez, com apenas quatro ocorrências, teve os mesmos percentuais que *pulo mortal*, mas determinados opostamente nos gêneros dos falantes. Foram, então, 17% para a mulher e 83% para o homem. Os itens *cambalhota* e *cangapé* tiveram, respectivamente, 50% de ocorrências para o homem e para a mulher.

Desta feita, os resultados permitem concordar com Ariès (1981.p.81), quando diz que “o sentimento da infância beneficiou primeiro meninos, enquanto as meninas persistiram mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com os adultos”. Além disso, percebe-se que tanto no campo profissional quanto no lazer e nas atividades domésticas, criaram-se estereótipos definidores dos papéis masculino e feminino e isso também é refletido na linguagem.

Alguns itens lexicais falados pelos pernambucanos parecem estar ligados à mudança linguística e a confirmação dessa hipótese poderá ser verificada a partir da faixa etária dos informantes pesquisados, como atesta o gráfico abaixo:

Gráfico 3: Distribuição das ocorrências para ‘cambalhota’ quanto à faixa etária do falante



A partir do gráfico anterior, é possível ilustrar como a influência da idade se torna acentuada em relação à frequência de uso de uma variante em detrimento de outra.

Os itens *bunda canasca*, *ginástica* e *pulo de costa* resultaram em ocorrências com percentuais próximos, o que reflete, possivelmente, um caso de *variação estável* (LABOV, 1994, p. 83). Comparando, em seguida, a oscilação existente entre *cambalhota*, *pulo mortal* e *cangapé*, entende-se o seguinte: Os vocábulos *cambalhota* e *pulo mortal* atingem uma frequência maior entre os falantes mais jovens e diminuem quando a idade do falante avança, refletindo um caso de *mudança em progresso*. Mas no caso de *cangapé*, ocorre o inverso, quando a frequência aumenta nos grupos de maior idade, o caracteriza um *processo de mudança*, simbolizando a tendência em o vocábulo ser completamente arcaizado, mas a julgar pela proximidade dos percentuais entre as duas faixas etárias, isso, provavelmente, demorará a ocorrer.

Considerações finais

A elaboração de um trabalho dialetológico prevê um questionário que contemple as peculiaridades de cada região. Consequentemente, como não há um trabalho como esse para o conhecimento fonético-fonológico e semântico-lexical na região de Pernambuco, foi válida a realização de uma

pesquisa a respeito das variantes lexicais encontradas quando os falantes de algumas cidades falavam de jogos e brincadeiras infantis. Por isso, foi realizada uma pesquisa diatópica baseada nos pressupostos teórico-metodológicos do ALIB a 84 informantes de vinte cidades do estado, na iminência de obter um *corpus* para construção do Atlas Linguístico de Pernambuco.

Foi possível constatar que estudos lexicais podem ser bastante atraentes, principalmente se a pesquisa tem uma perspectiva diatópica, a partir da qual é possível compreender a cultura do Estado, quando seus falantes se expressam espontaneamente.

Por ora, optou-se por analisar as ocorrências para a pergunta sobre a brincadeira em que a criança *gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado* (QSL 155) e as designações apresentam expõem como o pernambucano tem se saído nas respostas a essa pergunta. Assim, no caso de *cambalhota*, compreendeu-se melhor o comportamento linguístico dos habitantes com pouca escolaridade e, graças à distribuição nas duas faixas etárias, existe um prenúncio de mudança linguística, no que concerne à estabilidade de *bunda canasca*, *ginástica* e *pulo de costa* e ao processo de mudança decorrente do percentual para *cangapé*.

Mesmo consciente de que as designações para a *cambalhota* foram mais presentes na fala dos homens, os resultados encontrados e analisados poderão ser usados em comparações com outras pesquisas de natureza semelhante e, mais ainda, contribuir para compreender a heterogeneidade da fala de Pernambuco e, por extensão, da fala do nordestino.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Geolinguística e conhecimento da sócio-história do português do Brasil. *Revista Signum: Estudos Linguísticos*. Londrina, n.10/2, p.285-297, dez.2007.
- ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: José Olympio, 1955.
- ARIËS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, dez. 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986, 2ª ed.
- FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1913.

- GAIO Roberta, GÓIS, Ana Angélica & BATISTA, José Carlos de Freitas (orgs.) *A ginástica em questão: corpo e movimento*. 2ªed. São Paulo: Phorte, 2010.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Internal Factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- MARCENA, Adriano. *Dicionário escolar da diversidade cultural pernambucana*. Recife: Ideia Empreendimentos Culturais, 2011.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa. 1958.
- NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2004.
- PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. *Vocabulário pernambucano*. Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano - Separata do volume XXXIV. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- PIZANI, Juliana & BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Cotidiano escolar: a presença de elementos gímnicos nas brincadeiras infantis. *Revista da Educação Física/UEM Maringá*, v. 21, n. 1, p. 115-126, 1. trim. 2010.
- QUESTIONÁRIOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB). Londrina: EDUEL, 2001.

Sobre o autor

Edmilson José de Sá é Mestre em Linguística (UFPE) e Doutor em Letras (UFPB). Suas pesquisas mais recentes têm tratado do falar pernambucano à luz da Geolinguística Pluridimensional, abrangendo aspectos sociais e geográficos concomitantemente. Também tem interesse por Literaturas de Língua Inglesa, sobre as quais têm orientado trabalhos de graduação e especialização.

NEOLOGISMOS POPULARES NO VOCABULÁRIO DO NORDESTE

Nelly Carvalho

A implantação da língua portuguesa no Brasil/Nordeste: à guisa de introdução

O Brasil é um arquipélago formado por linhas históricas refletidas no plano sociocultural e linguístico. Nesse aspecto, a língua portuguesa, trazida pelos colonizadores, foi-se propagando em ondas de ação lenta e eficiente sobre os falares indígenas, a partir de núcleos fundamentais como Pernambuco e Bahia. Foi essa língua transplantada, nos primórdios da colonização, a base do dialeto que leva seu povo a falar diferente do resto do país. Do Maranhão à Bahia, fala-se um dialeto cheio de arcaísmos e modismos variados no vocabulário, nos torneios sintáticos, na entonação e na prosódia. Não se fala no Recife e em Salvador como em Sorocaba, Bagé ou Manaus.

No Nordeste, a língua portuguesa aportou primeiro. Aqui chegou com os donatários das capitanias, quando o Brasil, ou melhor, a Terra de Vera Cruz era apenas uma faixa estreita, limitada pelo Tratado de Tordesilhas. Certo que São Vicente, no Sudeste, também foi uma próspera capitania, mas os jesuítas, que por lá viveram catequizando os gentios, preferiam ensinar-lhes em latim e aprenderem a língua geral da costa – o tupi – para melhor divulgar a fé cristã.

Assim, fomos nós, os nordestinos, que demos início à saga da língua portuguesa no Brasil, adaptando-a a novos hábitos fonéticos, recheando-a de termos de origem indígena e, mais adiante, de origem africana, e guardamos esta modalidade de língua transplantada, como um tesouro, sem quase modificá-la, até porque, diferente do Sudeste, não recebemos contingentes de imigrantes, falantes de outras línguas.

Como língua e cultura são indissociáveis, a língua do Nordeste marca uma cultura rica em termos, em ritmos, em expressão plástica, isto tudo com um traço eminentemente popular, que não se aprende na escola, nem é valorizada em época de globalização. Pois essa cultura tão rica e essa língua tão curiosa e arcaizante pertencem, ironicamente, a uma região pobre, ou melhor, que empobreceu no decurso da colonização, preterida por outras regiões.

Só podemos apreciar algo quando nos afastamos, como nos ensina Paulo Freire com seu método. Um certo afastamento é que nos faz ver a realidade de forma objetiva sem o envolvimento que tolda a capacidade de observação e análise. Só a objetividade da pesquisa pode nos levar a perceber diferenças sem o viés do preconceito.

No dia 13 de setembro de 2013, o *Jornal do Comércio* de Recife publicou denúncia ligada a vários aspectos do tema que abordamos. Um advogado paranaense postou na internet o seguinte:

“Não adiante querer misturar as culturas do Norte/ Nordeste x Sul / Sudeste. É por isso que há poucos sulistas no Nordeste. Nós não aguentamos isso aqui...seria preciso iniciar uma guerra para a devida separação. É difícil suportar o calor, a grosseria dos nordestinos e essa comida horrível.”

Na declaração, índices de percepção de diferenças culturais são compreendidos e denunciados como deficiência, o que gera o preconceito social em relação a tudo que é diferente de nós. Não há objetividade na análise: há radicalização ao que se supõe ser o único modelo aceitável em língua e cultura brasileira.

Examinemos pois estas duas noções, que se apresentam conjuntas:

1. Língua e cultura

A língua expressa a cultura e possibilita que a informação circule. Ela corporifica as demais interpretações culturais, como as letras nas músicas, a oração na religião, a descrição e a especificação na moda, a receita na culinária, o título nas obras de arte.

A cultura é transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar e a condição da subsistência dessa cultura. O discurso sempre é matizado pela cultura em que está inserido, seja no vocabulário escolhido, seja nas imagens selecionadas. Língua e cultura formam um todo indissociável e, no caso da língua e da cultura maternas, esse todo não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos e serve de denominador comum para o convívio social. Os componentes de uma língua são de ordem fonológica, sintática e semântico-lexical. Todos estes sofrem diferenciações quando submetidos a influências diversas e são observadas na pronúncia, nas escolhas sintáticas, nas alterações de sentido, nas escolhas do termo, em vertentes diferentes de uma mesma língua.

É contudo o componente semântico-lexical que revela com maior clareza as divergências entre os usos por diferentes comunidades linguísticas.

O léxico, nomeando as realidades extralinguísticas, vai permitir compreender conceitos abstratos e nomear diferentes ocorrências da vida cotidiana. O cultural desempenha um papel decisivo, impondo uma fronteira eficaz e discreta entre os que compreendem e os que não compreendem o sentido total da mensagem. A fronteira cultural não é apenas a das nações, nem sequer a da língua: pode ser regional. O não-pertencimento àquela cultura e o consequente desconhecimento dos costumes e termos gera o estranhamento preconceituoso, para os que procedem de uma região mais rica e urbanizada. É o que acontece no caso narrado no JC.

2. Variante nordestina

A diversidade geográfica e cultural do português no Brasil explica as particularidades dos dialetos regionais. Mas, segundo Paul Tessyer, as divisões dialetais brasileiras são menos geográficas que socioculturais: “As diferenças na maneira de falar são maiores entre um homem culto e seu vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. (TESSYER, 2001. p.98)” Para ele, a dialetologia brasileira é menos *horizontal* que *vertical*, o que explica, para nós, o preconceito em relação à linguagem nordestina, representada pelo falante rural e sem acesso à alta cultura e à alfabetização. Nas grandes cidades, entre os falantes alfabetizados, a linguagem do Nordeste é semelhante às demais regiões, sobretudo na era da globalização e da internet.

Há uma gradação, para Tessyer, nos níveis de fala no Brasil:

- A língua das pessoas cultas com gradações do registro escrito ao familiar livre;
- A língua vulgar das camadas urbanas gradativamente menos instruídas;
- Os falares regionais e rurais.

O dialeto nordestino, assim considerado, pertenceria a esta última categoria, assim como os das demais regiões. Seria a língua dos falantes analfabetos, semi escolarizados ou que vivem na zona rural. Sendo o Nordeste a região a ser primeiro colonizada, observa-se na sua linguagem um substrato de arcaísmos que não foram adotados nas demais regiões, como também uma fonética diferenciada.

O vocabulário faz a ponte entre o mundo da linguagem e o mundo objetivo. Não é estático, como a realidade objetiva em que se espelha; ele evolui e se adapta, constituindo sempre um portador apropriado de significações, valores e cargas novas que a realidade gera e a palavra transmite. Essas cargas novas são responsáveis pelo surgimento constante e inevitável de neologismos, pela adoção de empréstimos, pela arcaização de termos, pela mudança de significados, como forma de adaptação da língua à evolução do mundo. Em comunidades diferentes, a língua materna vai recebendo marcas e formando vertentes que se afastam entre si, sobretudo no aspecto lexical, aquele que nomeia a realidade. No Nordeste, temos o rico caleidoscópio de termos e usos que formam os dialetos dos vários estados da região, com grandes semelhanças entre si e pequenas diferenças.

3. Mudanças

Toda língua muda e se renova, sobretudo no seu vocabulário, para as diversas modalidades que nela circulam ou que dela fazem parte. Os termos novos já foram considerados pelos gramáticos “vícios” de linguagem, mas, hoje em dia são adotados, de imediato, seja na vertente erudita, literária, científica ou popular.

Neologismos significa nova palavra, composto híbrido do latim *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra). A nós, interessam agora, os neologismos populares do Nordeste, identificando a origem (quando possível) e a significação. A formação de neologismos vai se valer de termos preexistentes, ligados a determinadas noções, em novas formações, estabelecendo uma ligação com conhecimentos anteriores.

As criações a partir do nada (*ex nihilo*) são raras e pouco importantes.

Como todo sistema, a língua também tem suas regras de economia e suas regras de construção. As regras de construção da língua portuguesa constituem o padrão morfológico a partir do qual podemos identificar determinada palavra como pertencente ao idioma português.

Todas as palavras, para fazer parte do nosso vocabulário, têm de se adaptar a este padrão, como *stand*, *estande* adquirindo *E* inicial e final porque o nosso padrão não admite formação com determinadas consoantes desacompanhadas e no final das palavras.

Gírias - Mas a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é através de construção e sim de mudança de sentido.

Temos *gancho, ficada, bombado, visual, zorba*, e até a presidente *faz faxina* no ministério. São conceitos novos, introduzindo novos hábitos, ou velhos hábitos vistos por um prisma diferente. As regras de construção dizem respeito ao que chamamos neologismo formal, palavras que ainda não constam no verbete dos dicionários.

Tipos diversos de elementos são utilizados na construção destas novas palavras. Um deles, o prefixo ou falso prefixo, é uma partícula colocada antes da referência principal: *hiperbombado, supergata, telezinho*.

As duplas de sufixos izar/ização – ismo/ista são as mais produtivas em nossa língua.

A última caracteriza ideologias políticas através da derivação das siglas do partido ou de um líder: petista, lulismo. A lei do menor esforço provoca formação giriática por redução: apê, pornô, moto, loteca, múlti. Mas, não são esses os termos giriáticos que nos interessam. Vejamos quais sejam eles:

4. Neologismos populares

Os termos que buscamos são as novidades da linguagem criadas pelo povo e que não alcançam os refletores da mídia, nem tampouco são divulgados a nível nacional. A sua divulgação é através das conversas despreziosas, da poesia de cordel, das músicas populares ou, quando muito, nos quadros humorísticos da TV.

4.1 Corpus da pesquisa

A linguagem coloquial, língua do uso diário, sempre se aproxima bastante do uso popular, pelo seu caráter de informalismo, vocabulário e fraseologia simples. A língua do povo traduz seu modo de viver.

Tomamos como *corpus* o Dicionário do Nordeste de Fred Navarro, pernambucano radicado em São Paulo, em nova e ampliada versão a ser lançada em 2013, pela CEPE (Companhia Editora de Pernambuco).

O autor, nascido em Nazaré da Mata/ PE, foi para Recife e, a seguir, transferiu-se para São Paulo. A partir do afastamento, ele percebeu como a linguagem de seu lugar de origem era marcada por usos diferenciados. Lançou a primeira edição com o nome de “Assim Falava Lampião” e a seguir ampliou o *corpus*, lançando em 2004 a primeira versão do *Dicionário do Nordeste* com 5 mil termos. Agora, concluiu a segunda versão, ampliada

com uma quantidade enorme de termos entre os quais figuram neologismos. Foi sobre eles que nosso estudo se debruçou. Os termos foram pesquisados em dicionários outros, músicas populares e autores regionais, inclusive do Panteon da literatura brasileira, como Manuel Bandeira.

Foram inúmeros os neologismos, pois os dialetos regionais não ficam parados no tempo; assimilam as novidades necessárias ao cotidiano dos falantes. Ao todo, foram retirados do *corpus* que constitui o dicionário, 55 neologismos com os mais variados tipos de formação, representativos de todos os estados da região.

5. Seleção dos verbetes neológicos

abaitolado \ô\ • *s.m. e adj.* • CE • Do inglês *bitola*. Efeminado, com jeito de *bitola* ou de viado. SDCE • [não consta dos dicionários consultados]

abilocil • *adj.* • PE • Neologismo a partir da aglutinação de ‘abilolado’ com ‘imbecil’, o que ressalta os sentidos pejorativos dos termos: seu irmão consegue ser mais abilocil do que o meu. • [origem de ‘imbecil’: latim ‘imbecillu’ (fraco de corpo, franzino)]

agueiloado \êi\ • *adj.* • PE • Neologismo para algo típico de ‘gays’: viu o corte de cabelo dele, todo agueiloado? • v. *aiai* / *brincar de pedro*

beré doido • *s.m.* • BA • Maluco, *zoropitó*, doido. • [‘beré’ não consta dos dicionários consultados, mas sim ‘beré-beré’ (joão-ninguém, zé-mané, indivíduo sem importância, destituído de poder econômico), no DHLP]

bitelo • *s.m.* • BA • Bebê forte e corado, ‘vendendo’ saúde. • Provável neologismo, registrado por Jorge Amado em *Dona Flor e seus dois maridos*: “Uma vez, ouvindo-o enaltecer o encanto de um corneta gordo e rosado, um bitelo, prêmio de robustez infantil a exhibir-se no cromo de uma folhinha de ano, dispôs-se ela a enfrentar o assunto perturbador: – Se você tem mesmo vontade de ter um filho, eu arrisco a operação.” • [não consta dos dicionários consultados]

bizurunguinha • *s.f.* • **chiquitinha** • PE • Graciosa, delicada, bonita. • “Isabel querida / – A menina / mais bonitinha, / mais engraçadinha, / mais bizurunguinha / que eu já vi na minha vida, / amorável, / adorável, / adorável.”

Louvado e prece, Manuel Bandeira, *Liliana*, Manuel Bandeira, em “Estrela da vida inteira” • “Capitão – Desce da gave gageiro / Que eu te quero abraçar / Essas 3 môrças que viste / Todas 3 hei de te dar / Uma para te coser / Outra para te calçar / A mais chiquitinha dela / Para contigo casar / Te darei tanto dinheiro / Que tu não sabes contar (...)” Citado em *Espetáculos populares do Nordeste*, Hermilo Borba Filho • [prováveis neologismos, não constam dos dicionários consultados]

boyzinha • *s.f.* • PE • Adolescente, *burrega*, garota. • [neologismo recifense, de origem não identificada]

bufufa • *s.f.* • PE • Pedaco esfarinhado, farelo. • [palavra não registrada pelos dicionários consultados; provável neologismo, registrado por Marilene Felinto duas vezes em “Postcard”, no conto *As horas abertas*: “Sentia que a olhavam como se de sua boca saíssem bufufas de farinha e ela engasgasse.” • “Silêncio completo, que ela não tinha entendido nada daquela massa de som informe que saía da boca dele como bufufas de farinha.”]

calamengau • *s.m.* • BA • Transa, sexo, trepada, de acordo com as segundas intenções de Xangai: “Marido se alevanta / e vem tomá um mingau / que é pra criá *sustança* / prá nós fazê um calamengau. / Brincadera de manhã cedo / né minha véa / arrisca quebrá o pau / e ai d’eu sodade.” *Ai d’eu sodade*, Anônimo. • [neologismo não registrado nos dicionários e livros de referências consultados]

catíngoria • *s.f.* • NE. • Neologismo para designar algo sem categoria ou de categoria inferior: pode parar, já deu pra ver a sua catíngoria.

cavandante • *s.m.* • BA • Cavaleiro andante, em neologismo registrado por Elomar: “Cavandante eu sou / por este reino sem-fim, / meu cavalo voou / procurando um lugar / que minha avó contava pra mim, / meu menino do São Joaquim, / cavaleiro do São Joaquim.” *Cavaleiro do São Joaquim*, Elomar

contenteza \ê\ • *s.f.* • NE. • Estado de quem está alegre, contente. • Elba Ramalho e Chico César mencionam: “A contenteza do triste / *tristezura* do contente / vozes de faca cortando / como o riso da serpente (...)” *Béradêro*, Chico César • [não consta dos dicionários consultados] • [origem de ‘contente’: latim ‘contentu’ (limitado, represado, contido)]

conversê • s.m. • BA • // • converseiro • PB / RN • Conversa mole, *bolodório*, enrolação. • A primeira é neologismo registrado por Jorge Amado em *Dona Flor e seus dois maridos*: “Primeiro o concerto, depois a pitaça. Por mais tentasse Édio, com um conversê tapeativo, adiar o momento do desastre, não o conseguiu, não obteve prazo nem apelação.” • [‘pitaça’, na citação, é qualquer tipo de comida, derivado de um dos sentidos originais do termo (refeição de excepcional qualidade, oferecida nos dias de festa)] • • “Um locutor tabacudo / de converseiro comprido / uns alto-falante rouco / que espalhe o alarido / microfone com flanela / ou vermelha e amarela / conforme a cor do partido.” *Comício de beco estreito*, Jessier Quirino

corniferação da humanidade • s.f. • CE • Neologismo registrado pelo cantor cearense Falcão para nomear o processo (irreversível segundo ele) que transformará todos os homens e mulheres do planeta em chifrudos, cornos ou galhudos.

crica • s.f. • NE • Vulva, *xandanga*, boceta. • “É o único mote merecedor de uma poesia. Ode à urina, soneto aos besbelhos, poemas às cricas, romance às gretas, elegia à culambrina.” *Boca do Inferno*, Ana Miranda • [na citação, ‘besbelho’ e ‘culambrina’ referem-se ao ânus] • “De noite, Ojuara ia pro fregue *vadiar* com as meninas. Todo dia experimentava novas carnes e cricas, trocava de pratos e parceiras. Fazia de tudo: cata-cavaco, castiçal, *balancê*, cachorrinho, de revestrés, sessenta-e-nove, *banho de gato*, água na bica, beira de cama, frango-assado, manga-rosa, trombone de vara, realejo de cabelo, cano de escape, debulha-milho, siririca, torno e até papai-com-mamãe.” *As pelejas de Ojuara*, Neil de Castro • [origem: grego ‘krikos’ (círculo, anel)] • [‘crica’ não consta dos dicionários consultados] • [em Portugal, significa (1) vagina; (2) clitóris; (3) ameixa ou pêssego seco]

derroteira \ê\ • s.f. • PE • Desgraça, tragédia, trauma. • “A marca de Airine era no dedo, que tinha perdido na máquina de tecelagem, restando um toco de indicador. Foi em Paulista, dizia que foi. Na fábrica, em Paulista. – E não foi? Pois foi... Uma derroteira.” *O lago encantado de Grongonzo*, Marilene Felinto • [não consta dos dicionários consultados]

desempacavirar • v.t.d. • NE • Desempacotar, desembulhar. • “Correram semanas. Adoeci. A artrite amarrou-me à espreguiçadeira, o meu desgraçado corpo se cobriu de manchas. Capengando, abri a estante, exumei *O cortiço*,

desempacavirei-o, restituí-o à convivência dos outros romances.” *Infância*, Graciliano Ramos • [não consta dos dicionários consultados]

desenrolança • *s.f.* • **PB** • Desenvoltura, autoconfiança, autonomia. • Neologismo registrado por Jessier Quirino: “E pegou o microfone / com a maior desenrolança / falou de roubo, de jogo / de traficância e matança / partiu no mei três partido / partiu depois no comprido / dobrou e fez uma trança.” *Malandro na eleição*

desvisível • *adj.* • **PE** • Que não quer se ver, ‘invisível’, que se desconhece de propósito. • Neologismo registrado por Gilvan Lemos: “Todos como se não me conhecessem. Tão desvisível assim, de supetão, fiquei? Só você, Mardônio, inda me dá atenção.” *A lenda dos cem*

diferencita • *s.f.* • **PE** • Neologismo para pequena diferença, registrado por Manuel Bandeira em “Estrela da vida inteira”, no poema *Joanita*: “Não é Joe, não é Joana, / Nem Juanita; é Joanita. / A diferença é pequena, / Mas nessa diferencita, / Que em suma é tão pequenina, / Há a graça que não está dita, / Que é privilégio da dona, / Que já toda a gente cita / E assim talvez não reúna / Nenhuma moça bonita.”

domingar • *v.int.* • **BA** • Passear no dia de domingo. • “Já liquidei, / eu liquidei a prestação do paletó, / do meu sapato e da camisa / que eu comprei pra domingar com meu amor / lá no Cristo, lá no Cristo Redentor.” *É fim de mês*, Raul Seixas • “O jornal de manhã chega cedo / mas não traz o que eu quero saber. / As notícias que leio conheço / já sabia antes mesmo de ler – ê, ê. / Qual o filme que você quer ver – ê, ê. / Que saudade, preciso esquecer – ê, ê. / É domingo, ê, ê, domingou, meu amor.” *Domingou*, Gilberto Gil / Torquato Neto • [Torquato Neto atribui a Tom Zé a ‘invenção’ do verbo ao incluí-lo na letra da música *Dique do Tororó*: “Ê, ê, Tororó, ê, domingou / O dique está nascendo, ê, no domingá.” *Tropicalista lenta luta*, Tom Zé] • [não consta dos dicionários consultados]

emboloar • *v.int. e v.pron.* • **NE** • Equivale na Região aos verbos ‘embolar’ ou ‘embolotar’ (encarocar, encher-se de caroços). • [não consta dos dicionários consultados]

embuchar • NE. • 1 • v.t.i. • Engravidar de alguém, *embarrigar*, ficar grávida (barriguda, buchuda). • v. • 2 • v.t.d. • e v.int. • Engravidar alguém, provocar gravidez, *acertar na veia mestra*, *encher*, fertilizar. • [nessas acepções, não consta dos dicionários consultados]

em situação desempregática • *fraseol.* • PE • Sem trabalho, desocupado, desempregado. Neologismo registrado pelo jornalista Homero Fonseca em *Roliúde*: “Estando eu em situação desempregática, seu Bartolomeu, aposentado de pouco, queria me ajudar. Me chamou pra uma conversa no quintal da casa dele, em Beberibe.” *Roliúde*, Homero Fonseca

encardir o canelau • *fraseol.* • CE • Zoar, *grear*, irritar, provocar. • [canelau é neologismo, não consta dos dicionários consultados]

espoletado \e ou ê\ • *adj.* • NE. • 1 • Enraivecido, encapetado, fulo da vida: ela já chegou espoletada da rua. • 2 • Atrevido, ousado, disposto a tudo. • “Não que eu goste de ficar ouvindo conversas dos outros, mas Tião Grande era homem suspeito, espoletado, cheio de manhas quando desejava levar vantagem no negócio.” *Caldeirão: a guerra dos beatos*, Cláudio Aguiar • [não consta dos dicionário consultados]

esporreteado • *adj.* • BA • Neologismo para ‘nervoso’, de cabeça quente, de pavio curto, mencionado por Jorge Amado: “Com diploma impresso e quadro de formatura exposto em loja da avenida Sete, desde uma turma antiga, à qual pertencera dona Oscarlinda, enfermeira de categoria, funcionária do Hospital Português, esbelta e esporreteada, doida por um enredo.” *Dona Flor e seus dois maridos*

feira da sulanca • *s.f.* • PE • Feira da pechincha, com artigos de primeira ou de segunda mão: artesanato, roupas populares, brinquedos de crianças, sapatos e sandálias, além das barracas com comidas regionais; os vendedores são chamados de sulanqueiros; no Recife, é tradicional a feira da sulanca do bairro do Cordeiro. • [a expressão teve origem em meados do século passado em Santa Cruz do Capibaribe, cerca de 180 km a oeste do Recife, na região agreste do Estado, entre artesãos reunidos em torno de uma cooperativa para confeccionar roupas com retalhos (tiras) de tecido e de helanca (um tipo de tecido sintético comum em vários países), vendidas depois nas feiras das cidades do interior; a propósito, ‘helanca’ é marca registrada e não consta dos dicionários consultados]

frevesco \ê\ • **adj.** • PE • Alegre, buliçoso, contagiante. • [neologismo registrado no DDFR]

funhenha • **s.f.** • PI • Neologismo, um misto de tesão e arrepio. • “Menina de Deus, foi eu *botar as butucas* em cima daquele home, já me subiu uma funhenha aqui pelo espinhaço, um queimor, uma *danação* que chega eu quase me urinei toda. Ô, tesão.” GEIP • [*botar as butucas*, na citação, é olhar alguém fixamente, mirar detidamente, ‘devorar com os olhos’]

furrubiar • **v.t.d.** • PE • Não ter compromisso, *mamar em carreira de peito*, ser irresponsável. • [provável neologismo, consta de *O ronco da abelha*, conto de Marilene Felinto (ver citação em *funje*)]

gordurame • **s.m.** • CE • Gordura, comida gordurosa. • [provável neologismo criado por Manuel de Oliveira Paiva em *Dona Guidinha do Poço*: “Você não tem estômago de *sertanejo* para aguentar semelhante gordurame.”] • [não consta dos dicionários consultados]

goré • **s.m.** • SE • Tipo de caranguejo miúdo. *Cultura nordestina*, Marcos França • [não consta dos dicionários consultados]

grandura • **s.f.** • AL • Grandeza, enormidade. Neologismo registrado por Lêdo Ivo: “(...) o que mais a impressionava era a grandura das salas e corredores, na velha construção que, com os seus vários pavimentos e lances de escadas, e altos móveis severos, tinha o ar majestoso de um palácio.” *Ninho de cobras*, Lêdo Ivo

imastigável • **adj.** • NE. • Neologismo para tudo o que não é mastigável. • “Ora, nesse catar feijão entra um risco: / o de que entre os grãos pesados entre / um grão qualquer, pedra ou indigesto, / um grão imastigável, de quebrar dente. / Certo não, quando ao catar palavras: / a pedra dá à frase seu grão mais vivo: / obstrui a leitura fluviente, flutual, / açula a atenção, isca-a com risco.” *Catar feijão*, João Cabral de Melo Neto, em “Da educação pela pedra à pedra do sono”

intelijumência • **s.f.** • NE. • Neologismo: aglutinação de ‘jumento’ com ‘inteligência’.

intelijumento • s.m. e adj. • NE. • Neologismo: aglutinação de ‘jumento’ com ‘inteligente’. • [assim como *intelijumência*, é apropriado para *grear* (sacanear) as pessoas quando cometem uma estupidez acima da média]

jacaracanga • s.f. • BA • Cabeça ou ossada de jacaré. • “(...) e enfiado n’hum embé / Ganhamum, e cayacanga, / que sam de Jacaracanga / Bagre, timbó, Inhapopé.” *Hindo a caza de tatus*, Gregório de Mattos, em “Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos”, Fernando da Rocha Peres e Silvia La Regina • [‘cayacanga’, na citação, é caiacanga, uma espécie de polvo; ‘timbó’ é uma planta cujo suco pode matar o peixe; ‘inhapopé’ é *napopé* ou *inhambuapé*, a fêmea do perdigão] • [a palavra não consta dos dicionários consultados] • [origem: tupi ‘yaca’ré-acanga’]

longear • v.int. • NE. • Demorar no mesmo lugar, remanchar. DRCA • [provável neologismo, não consta dos dicionários consultados]

marrudo • s.m. • BA • Neologismo para pessoa muito teimosa, *capiba*, mula.

matuticídio • s.m. • PB • Extermínio de *matutos*, pela seca, fome e pobreza. Neologismo registrado por Jessier Quirino: “Seus Dotôre Deputado / falo sem tutubiá / pra mostrá que nós *matuto* / sabe se pronunciaá / dizê que tá um presídio / com dô e matuticídio / a vida nesse lugá.” *Virgulino Lampião deputado federá*, em “Paisagem de interior”

merdolência • s.f. • BA • Compromisso ou rotina enfadonha, burocrática, tediosa. • Neologismo registrado (ou criado) por Jorge Amado em *Dona Flor e seus dois maridos*: “(...) Merda de vida mais escrota aquela, emprego mais filho da puta aquele, obrigado a acompanhar o governador a todos os cantos, a todas as cerimônias, a todas essas merdolências e porcarias”

namorisqueiro • adj. • NE. • Lugar, ambiente ou clima propício ao namoro. • Neologismo registrado (ou inventado) por Manuel Bandeira num poema em homenagem a Juiz de Fora (MG): “Uma velha jabuticabeira cansada de doçura. / Tuas três horas da tarde... / Tuas noites de cineminha namorisqueiro... / Teu lindo parque senhorial mais segundo-reinado do que a própria Quinta da Boa Vista... / Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...” *Declaração de amor*, em “Estrela da vida inteira” • [‘trapueraba’, na citação, é *trapoeraba*, planta medicinal mais conhecida como erva-de-santa-luzia ou olho-de-santa-luzia]

perguntadeiro • *s.m. e adj.* • NE. • Neologismo para pessoas que fazem perguntas demais. • “O sobrinho ouvia-o atento, / e um tanto perguntadeiro, / do *Sertão* que havia atrás / da *Mata* doce, e que cedo, / foi o mito, o misterioso, / do recifense de *engenho*, / mal-herdado de algum longe / parentesco *caatingueiro*. / Certo, a lixa de *Sertão* / do que faz, em pedra e seco, / muito aprendeu desse tio / do Ceará mais *sertanejo*.” *Tio e sobrinho*, João Cabral de Melo Neto, em “Poemas pernambucanos”

piranhudo • *s.m. e adj.* • AL • Aquele que gosta de frequentar prostíbulos e se relacionar com as ‘piranhas’ (prostitutas). • “Mas os mestiços litorâneos das Alagoas nada tinham ou têm de neurastênicos. Amantes da vida e a ela aferrados, mulherengos e até piranhudos, vassalos infatigáveis dos prazeres de uma boa mesa e de uma melhor cama (...), os mestiços alagoanos estão longe de ajustar-se ao rígido figurino psicossociológico de Euclides da Cunha.” *Confissões de um poeta*, Lêdo Ivo • [nessa acepção, não consta dos dicionários consultados] • v. *raparigueiro*

piu • *s.m.* • AL / BA • Jogo de dados. • [não consta dos dicionários consultados pelo autor] • v. *bodó*

regaleta • *s.f.* • BA • Carteira, ‘burras’, cofre. • [não consta dos dicionários consultados] • v. *abrir a regaleta*

remanchoso • *s.m. e adj.* • PE • Que remancha, que atrasa, *a passo de boi*, sem pressa. Neologismo citado por Gilvan Lemos: “No todo era calmo, macio nas palavras remanchosas, de tom sem aspereza, amaciadas nos pelos do bigode.” *A lenda dos cem*

sacamano • *s.zg.* • BA • Masturbação, masculina ou feminina. • Neologismo citado por Gregório de Mattos: • “Engano foy de capricho / A mezinha do limão / Mas a cura do Simão / He huã, e outra a do bicho: / Para entezar esse esquicho, / E endurecer esse cano, / O remedio he hú sacamano; / E se sois de fria casta, / E nada disto vos basta / Sede Frade Franciscano.” *Décimas*, em “Obras completas de Gregório de Mattos”, James Amado

sanhuça • *adj.* • AL • Bandido, *capanga*, desordeiro. • Neologismo registrado por Lêdo Ivo, em *Ninho de cobras*: “Não, Alagoas não era uma terra de assassinos ou de gente sanhuça (...).”

serioso \ô\ • *adj.* • SE • Neologismo para sério ou honrado, registrado por Francisco J. C. Dantas em *Coivara da memória*: “Deste avô muito brusco e serioso, agrada-me até a sua aspereza, o sim-sim e o não-não de quem aprendeu a enfrentar as adversidades sem *arrodeios* e evasivas, ali no peito aberto e na pal

T(tê) • *s.m.* • N.E. • Benjamim, peça dupla (ou tripla, com a forma da letra T), que permite o uso múltiplo de uma mesma tomada da rede elétrica. • [nessa acepção, não consta dos dicionários consultados].”

tramelar • *v.t.d., v.t.i. e v.int.* • PE • Dançar o *passo* do *frevo* chamado *tramela*, em provável neologismo registrado por Antonio Nóbrega e Wilson Freire na música *Nascimento do Passo*. • [não consta dos dicionários consultados] • “Entrei no *passo* / do *morcego* e do *saci* / tramelei no do *siri* / cruzei *tesoura* no ar. / Na *dobradiça* / eu peguei minha *sombrinha* / passeando na *pracinha* / chutando de *calcanhar*.” *Nascimento do Passo*, Antonio Nóbrega / Wilson Freire

tringuilim • *s.m.* • PB • Triângulo de ferro que os vendedores de cavaco chinês ou de doce percute pelas ruas para atrair a atenção. DPPB • [não consta dos dicionários consultados] • [no RJ: refere-se ao doce e não ao triângulo] • [em alguns Estados do país, equivale à ‘matraca’, o instrumento de percussão formado por tabuinhas movediças, ou argolas de ferro, que ao serem agitadas percute a prancheta em que se acham presas e produzem uma série rápida de estalos secos]

vaquicídio • *s.m.* • PE • Neologismo para o caso de uma vaca ou boi morrer atropelado, ou em outro tipo de acidente provocado pelo homem. • “Após uma espera de cerca de duas horas, fomos chamados. O juiz verificou os autos e deu uma sonora gargalhada. ‘É o caso do vaquicídio’, gritou ele, atraindo, para minha vergonha, a atenção de todos os que estavam por perto.” *Desvio de rota*, Antônio Carlos Cintra do Amaral

6. Classificação quanto ao modo de formação

Foram estes termos divididos em grupos pelos tipos de formação, da maneira que segue: Neologismos formais /Neologismos semânticos/Fraseologias neológicas/Origem desconhecida.

Neologismos formais

- *Por prefixação e sufixação*

Abaitolado / CE: efeminado, derivado de “baitola”.

Agueilado / PE: algo típico de “gays”, formado do inglês “gay”, adaptado ortograficamente.

Embuchar / NE: engravidar.

- *Por sufixação*

Contenteza / NE: estado de quem está alegre.

Converseiro / PB: aquele que tem conversa comprida.

Corniferação/ CE: o processo que nomeia homens e mulheres traídos.

Derroteira / PE: desgraça, tragédia.

Desenrolança / PE: desenvoltura, autoconfiança.

Domingar / BA: passear no dia de domingo.

Esporreteado / BA: nervoso, cabeça quente.

Gordurame / CE: comida gordurosa.

Piranhudo / AL: pessoa que gosta de frequentar prostíbulos.

Serioso / SE: pessoa séria e honrada.

Tramelar / PE: dançar um passo do frevo chamado “tramela”.

- *Por composição*

Béré doido / BA: maluco, Zé ninguém, doido.

Feira da sulanca / PE: feira da pechincha com roupas populares.

- *Por aglutinação mista: popular + erudito*

Cavandante / BA: cavaleiro andante

Intelijumento / NE: pessoa com pouca inteligência. (ver “intelijumência”)

Vaquicídio / PE: ato de atropelar vaca ou boi.

- *Origem não encontrada*

Bitelo / BA: bebê forte e corado.

Bufufa / PE: pedaço esfarinhado, farelo.

Calamengau / BA: transa.

Funhenha / PI: arrepio e queimor.

Sanhuça / AL: bandido, capanga, desordeiro.

- *Empréstimos + sufixação*

Boyzinha / PE/: do inglês, com mudança de gênero:adolescente, paquera.

- *Com mudança fonética*

Catinguria / NE: categoria inferior.

- *Por redução*

Conversê / BA: conversa mole.

Neologismo semântico

T / NE: peça dupla em forma de T, para o múltiplo uso de uma mesma tomada,.

Fraseologia neológica

Em situação desempregatícia / PE: desempregado, sem trabalho, desocupado.

Vemos, assim, que o vocabulário popular no Nordeste se enriquece com processos comuns da língua portuguesa e conservando, também, do mesmo modo como a língua geral, o predomínio da formação por sufixação sobre os demais processos.

Conclusão

Entre os termos considerados neológicos na pesquisa, alguns não são recém-criados, como aqueles dos versos de Bandeira; é o mesmo caso dos neologismos poéticos de Cruz e Souza, criados com o Simbolismo no século XIX, e ainda hoje assim considerados, como *triumfamento* e *báquica*. Porém,

a grande parte de termos elencados são de criação recente. O critério usado, para a classificação, foi o fato incontestado de não serem registrados nos dicionários gerais da língua como o Aurélio e o Houaiss. Este é o critério universal adotado para neologismos, por estudiosos e pesquisadores, em todas as línguas ocidentais. A pesquisa deixou clara a tendência da linguagem popular do Nordeste pela permanência, mas presentes no dicionário, revelando maior número de termos arcaicos em relação às demais regiões.

A mudança ou evolução reflete-se na fonética e nos termos da linguagem regional rural em contraponto à urbana, onde as novidades chegam com maior frequência e rapidez e precisam ser nomeadas. Mas, na língua errada do povo nordestino (no dizer de Bandeira) permanecem as raízes do português gostoso do Brasil.

Referências

- BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. 2001. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira
- CARVALHO, Nelly. *Criação Neológica: Teoria e Prática*. Curitiba. Editora Appris. 2012.
- ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. *O Português da Gente, a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto. 2006.
- HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2001.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

Sobre a autora

Nelly Medeiros de Carvalho possui o curso de graduação em Letras (1957), mestrado (1982) e doutorado (1993). Atualmente, é membro da comissão editorial da Companhia Editora de Pernambuco, faz parte da diretoria da Aliança Francesa, professora da Faculdade Frassinetti do Recife, conselheira do Conselho Estadual de Educação, professora adjunto 4 da Universidade Federal de Pernambuco, colunista do Jornal do Commercio desde o ano de 1983, membro do Conselho Científico da Revista Investigações, como também da Coleção Linguagens da Editora Prismas (Curitiba). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Histórica - atuando principalmente nos seguintes temas: Publicidade, Cultura, Léxico, Linguagem e Língua Portuguesa.

O LÉXICO EM DORMENTES - PERNAMBUCO

Helder Oliveira Cavalcanti

Introdução

Tendo em vista que o Brasil é um país de grande extensão territorial, cultural e, conseqüentemente, linguística, a Geografia Linguística busca, através da elaboração de atlas, realizar mapeamentos das diversas realidades linguísticas de determinadas comunidades de fala, regiões, país e, em uma escala maior, de um continente. Esses mapeamentos podem acontecer nos diversos níveis da língua (morfológico, sintático, semântico, lexical etc.) e possibilitam, por exemplo, uma visão geral da língua portuguesa falada no Brasil, bem como de outras comunidades inseridas em seu território, que, no entanto, compartilham também de outra(s) língua(s) (Línguas indígenas, Italiana, Alemã etc.).

Além dos atlas de grande dimensão, há um encorajamento à realização de estudos com menores proporções que abarquem regiões menores. A esse respeito, Marroquim (1996 [1972], p. 09) observa que

A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critérios e honestidade, sobre cada zona do país.

A realização de pesquisas de cunho dialetológico é de grande importância para se entender o funcionamento da língua em uso, enquanto um organismo complexo que forma uma malha de falares, que se diversifica de região para região, comunidades de fala. De acordo com Cardoso (2010, p.15), o estudo do léxico tem a função de “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Partindo dessas considerações, nos propomos a estudar variedades lexicais no município de Dormentes-PE, cidade localizada na divisa Pernambuco-Piauí, a 649 km da capital pernambucana, Recife, com aproximadamente

16.917 habitantes (IBGE, 2010). Nosso propósito é discutir alguns dados coletados no município mencionado, observando as possíveis fronteiras entre o falar urbano e rural, bem como se há influência da faixa etária na ocorrência de algumas formas lexicais.

Na seção que segue, apresentamos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa e os pressupostos teóricos que direcionaram nossas análises; na seção 3, discutimos os dados selecionados para análise, quatro itens lexicais do campo semântico *atividades agropastoris*, considerando variáveis extralinguísticas. Na seção 4, apresentamos nossas conclusões em relação ao recorte aqui apresentado.

1. Questões metodológicas da pesquisa

Neste trabalho, optamos pelo trabalho com o método onomasiológico de questionário semântico-lexical, proposto pela comissão do Atlas Linguístico do Brasil (2001), pois, como postula Cardoso (2010), seria o modelo mais adequado a este tipo de estudo, por permitir que as formas lexicais sejam proferidas (produzidas) pelo informante de forma mais espontânea, uma vez que não lhes é dada uma palavra (método semasiológico), mas sim, um conceito que possibilitaria o registro das variadas formas lexicais que remetem à determinado conceito.

Consideramos dois fatores externos à língua, faixa etária e localidade (zona rural e zona urbana), assumindo que possam influenciar na língua, exercendo um papel nos fenômenos de variação linguística. Em consonância com Cardoso (2010) e Chambers e Trudgill (1980), se partimos do pressuposto de que os informantes da zona rural, assim como os de faixa etária mais elevada, tendem a preservar determinadas formas lexicais, assumimos que essas duas células podem influenciar na ocorrência de algumas expressões, o que revelaria, portanto, um possível conservadorismo lexical.

Chambers e Trudgill (1980) afirmam que desde os primeiros estudos dialetais a localidade foi um fator de importância relevante, uma vez que os dialetos urbanos sempre foram menos conservadores em comparação com as variedades produzidas na zona rural, uma vez que no espaço urbano há um fluxo maior de formas linguísticas, inclusive com influências do rural.

A coleta de dados se deu mediante entrevistas com vinte informantes, 12 da zona rural e outros 12 da zona urbana. A variável faixa etária foi subdividida em três variantes (08-15, 18-35 e 36-65 anos), cada uma delas contendo 08 informantes.

A escolha, neste trabalho, pelo modelo *onomasiológico* em oposição ao *semasiológico* se dá pelo foco no dado linguístico, pois enquanto a semasiologia

considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação, [...] a onomasiologia encara as designações de um conceito particular, vale dizer, uma multiplicidade de expressões que formam um conjunto (BALDINGER, 1966 [1957], p. 08)

Em outras palavras, a semasiologia parte da palavra para atingir um conceito, ou seus conceitos, a onomasiologia, no entanto, parte de um conceito para atingir formas lexicais que designam aquele conceito.

Com isso, queremos dizer que, quando aplicamos nosso questionário com os informantes, buscávamos compor um conjunto de formas lexicais designadas por um conceito que lhes era apresentado. Dessa forma, ao ser perguntado “Como é chamado um pedaço de madeira que se coloca na cancela (ou no caniço) para travar?”, por exemplo, esperávamos uma designação **tramela**, a mais comum, ou um conjunto de formas lexicais utilizadas na comunidade de fala para se referir/significar tal objeto **tramela**, **trava**, **travanca** e **tranca**.

O questionário aplicado aos informantes apresentava um total de 20 questões, organizadas de acordo com os campos semânticos *atividades agropastoris* e *convívio e comportamento social*. Neste trabalho, selecionamos para análise 4 vocábulos do campo lexical *atividades agropastoris*. Na seção que segue, apresentamos esses vocábulos, bem como a discussão em relação ao que pudemos alcançar sobre seu uso na comunidade em estudo.

2. Dados e discussões

Neste tópico apresentamos os dados das questões 13, 14, 19 e 20 do questionário semântico-lexical aplicado. Os conceitos discutidos neste trabalho são: **canga**, **porteira/caniço**, **trava/tramela** e **tramela**, relacionados ao campo semântico *atividades agropastoris*.

Os dados aqui descritos foram comparados com as definições de dois dicionários de língua portuguesa, Houaiss (2009) e Aurélio (2004), a fim de

1. Questão 19 do questionário semântico-lexical aplicado no município de Dormentes.

checarmos se haveria consonância das definições apresentadas pelos informantes com as registradas nos dicionários supracitados.

2.1 O item canga

A pergunta elaborada com a finalidade de obtermos como resposta o item *canga* foi a que segue abaixo:

- (1) Como é chamada uma armação de madeira que se coloca no pescoço de animais (porco, bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem as cercas?

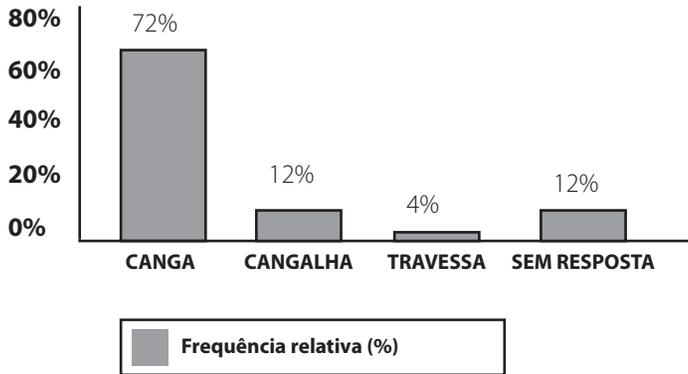
Encontramos um total de 22 respostas distribuídas entre 3 lexias (**canga**, **cangalha** e **travessa**), e 3 abstenções, totalizando 25 respostas.

Não foi encontrada, em nenhum dos dicionários de Língua Portuguesa consultados – Ferreira (2004) e Houaiss (2001), uma acepção para lexia **canga** que fosse estritamente relacionada ao sentido dessa questão. Há, no entanto, a especificação de que se trata de um objeto de madeira utilizado no pescoço de animais (cavalo, burro, boi etc.) para puxar carro ou arado. De acordo com os dois dicionários, a lexia tem origem celta, “*cambica*”, que significa “madeira curva”.

Já a lexia **cangalha** é, de acordo com ambos os dicionários, um substantivo feminino, e vem “[de *canga*’ (1) + *-alha*.]” (FERREIRA, 2004, p. 386), designa uma peça triangular de madeira, composta por três paus, que é colocada no pescoço de suínos para não destruírem hortas. Neste caso, é a acepção que mais se assemelha à questão, no entanto, como veremos adiante, o *corpus* nos mostra que não é a forma mais comum na comunidade de fala.

Das acepções encontradas nos dicionários para **travessa**, as que mais se assemelham ao campo onomástico da questão são: (FERREIRA, 2004, p. 1984) “[F. Subst. De *travesso* (q. v.).] **S. f. 1.** Peça de madeira atravessada sobre outra(s); *través*”. No dicionário Houaiss (2001, p. 2758) encontramos a seguinte etimologia “De *travesso* ‘transversal, atravessado, oblíquo’”. Portanto, não foi encontrada uma definição que se relacionasse completamente a essa questão.

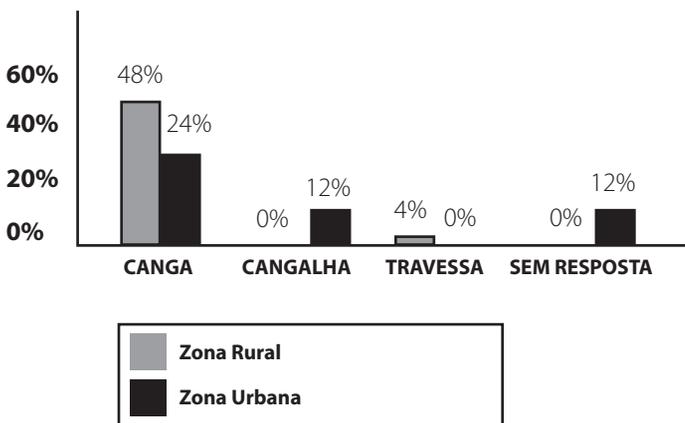
Gráfico 1: Quantificação geral do campo onomasiológico *canga*



Como podemos observar, a forma lexical mais produzida foi **canga**, com 18 ocorrências (72%), seguida por **cangalha**, com 03 ocorrências (12%). Já a lexia **travessa** teve apenas uma ocorrência (4%).

Embora tenhamos encontrado nos dicionários evidências que podem ter levado os informantes à escolha das demais lexias (**cangalha** e **travessa**). Para tanto, é necessário recorrermos aos dados, de acordo com as variáveis extralinguísticas localidade e faixa etária.

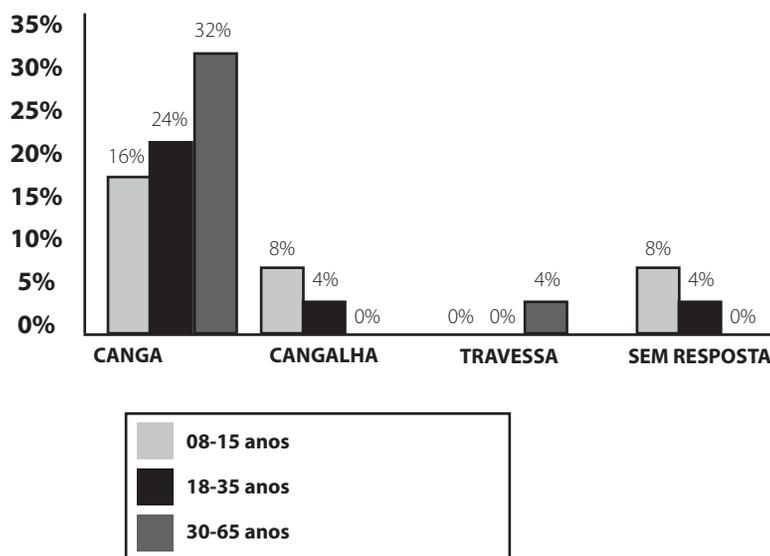
Gráfico 2: quantificação do campo *canga* de acordo com localidade



Levando em consideração a variável localidade, podemos notar que houve maior ocorrência da forma lexical **canga** na zona rural, com 48% (12

ocorrências), em oposição à zona urbana, com 24%. Esse fator nos revela que todas as abstenções, assim como as ocorrências da forma **cangalha**, um total de 12% para ambas, são oriundas da zona urbana.

Gráfico 3: Quantificação do campo de acordo com faixa etária



Ao observarmos os dados de acordo com a variável faixa etária, notamos que **canga** foi mais produzida pelos informantes com idades entre 36 e 65 anos, com 32% das repostas (08 ocorrências), seguido pelos informantes de 18 a 35 anos, com 24% (06 ocorrências) e de 08 a 15 anos, com 16% (04 ocorrências). Notamos também que a forma lexical **cangalha** e as abstenções permaneceram zeradas pelos informantes da terceira faixa etária.

2.2 O item cancela/caniço

No intuito de obtermos a resposta *cancela* ou *caniço*, apresentamos aos informantes a seguinte questão:

- (2) Como se chama uma armação de ripas ou de varas que fecha uma passagem na cerca?

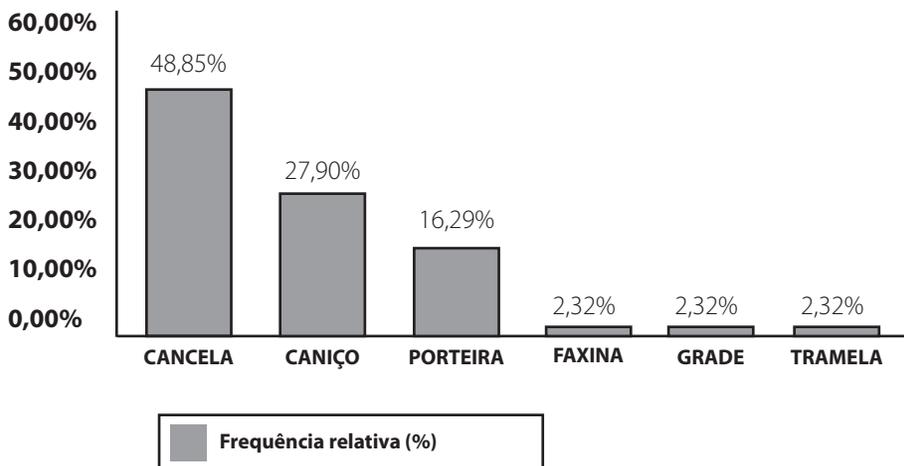
Para essa questão, foi encontrado um total de 43 respostas distribuídas entre 05 lexias (**cancela, caniço, porteira, faxina e grade**).

Ferreira (2004, p. 383) define **cancela** como um substantivo feminino, que significa “1 Porta gradeada, em geral de madeira e de pequena altura; porteira”. Houaiss (2001, p. 593) define como: “1 B porta, ger. gradeada, ger. de madeira, grande na extensão mas de pequena altura, muito us. em fazendas, sítios etc.; porteira”. Sendo assim, desde as definições registradas em dicionário, já há uma associação direta da forma lexical à lexia **porteira**.

O dicionário Aurélio (2004, p. 1605) define **porteira** simplesmente como “2 cancela”, já em Houaiss (2001, p. 2267) é definida como um “3 largo portão, não muito alto, que fecha a entrada da fazenda, sítio etc.; cancela”.

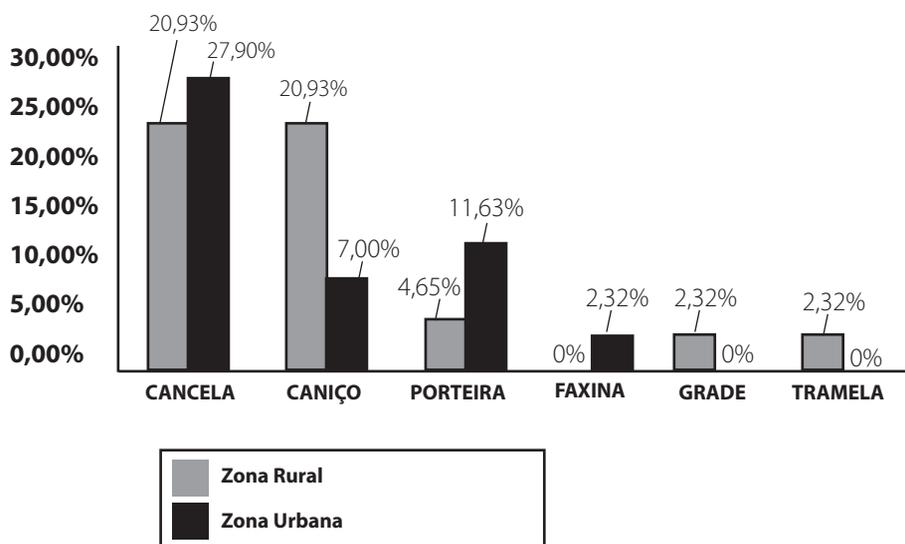
A lexia **caniço** tem, para Ferreira (2004, p. 388), origem do latim vulgar “*canniciu*, ou de *can(i)-² + -iço*” e tem relação com cana de açúcar. Não há uma acepção que seja relacionada estritamente à questão. A definição que mais se aproxima é a de um “5. Bras. Trançado de caniços ou canas delgadas com que se fecha a parte traseira dos carros de boi, com que se fixam nos carros a carga leve e miúda, etc.”. O dicionário Houaiss (2001) traz a mesma acepção “8 Bras. armação de canas usada para fechar a traseira do carro de bois e amparar a carga”. Não há evidências suficientes que nos permitam fazer a associação deste conceito ao utilizado na comunidade de fala.

Gráfico 4: Quantificação geral do campo onomasiológico *cancela/caniço*

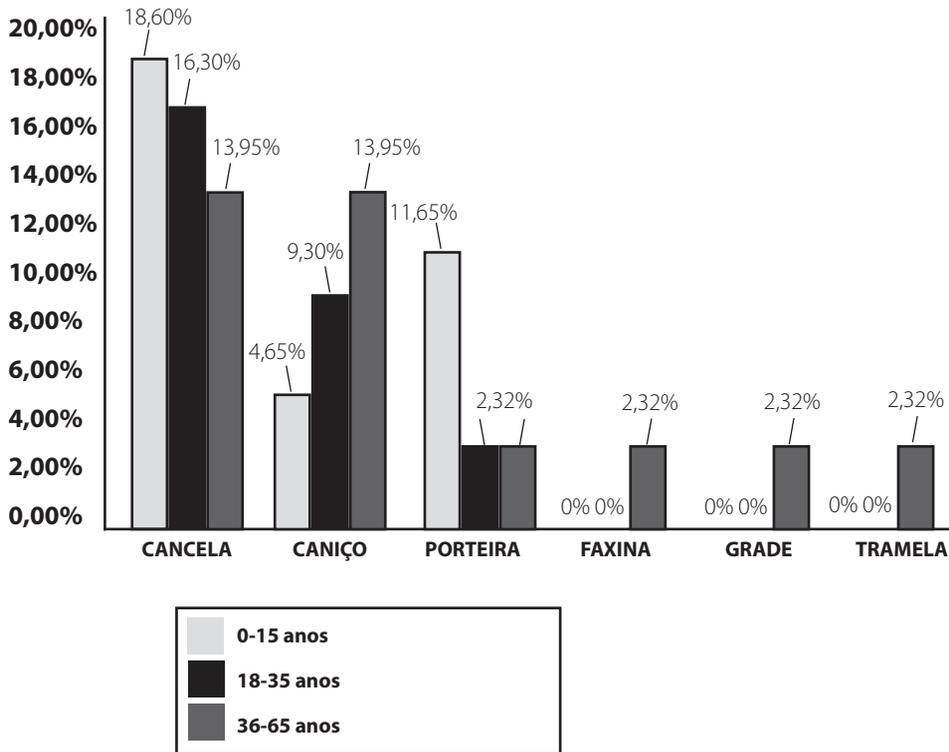


Como podemos notar, a forma mais empregada foi **cancela**, com quase 50% das ocorrências, 48,85% (21 definições). A lexia **caniço** foi a segunda mais empregada, com 27,90% (12 ocorrências), seguida por **porteira**, que obteve um total de 07 ocorrências (16,29%), e **faxina, grade e tramela**, com apenas uma ocorrência.

Gráfico 5: Quantificação do campo de acordo com localidade



Os dados, vistos a partir da variável localidade, não nos revela uma diferença significativa com relação ao emprego da lexia **cancela**, mais empregada por informantes da zona urbana, assim como **porteira** (ambas com 7% de diferença, o que corresponde a 03 ocorrências). No entanto, ao observarmos a forma lexical **caniço**, notamos que há uma diferença muito grande entre o emprego dos informantes da zona rural (20,93%) em comparação com as ocorrências da cidade (7%), isso nos revela que a lexia é mais comum na zona rural.

Gráfico 6: Quantificação das lexias de acordo com faixa etária

Notamos que a maior porcentagem, levando em consideração a faixa etária, é da forma lexical **cancela**, mais empregada por informantes da primeira faixa. Não há, no entanto, uma diferença considerável com relação às respostas das demais células (faixa etária 2 e 3).

Houve maior número de emprego da lexia **porteira** pelos informantes de 08 a 15 anos (11,65%), contra uma ocorrência em cada uma das outras células.

Com relação à lexia **caniço**, notamos que a maioria das ocorrências foi na célula de 36-65 anos, com total de 13,95% (06 ocorrências), seguido por 9,30% da faixa etária 18-35 anos, e duas ocorrências no grupo de informantes da célula de 08 a 15 anos.

2.3 Os itens tramela/trava

A questão que utilizamos com vistas a obter como resposta *tramela* ou *trava* foi a apresentada em (3):

(3) Como é chamado um pedaço de madeira que se coloca na cancela (ou no caniço) para travar?

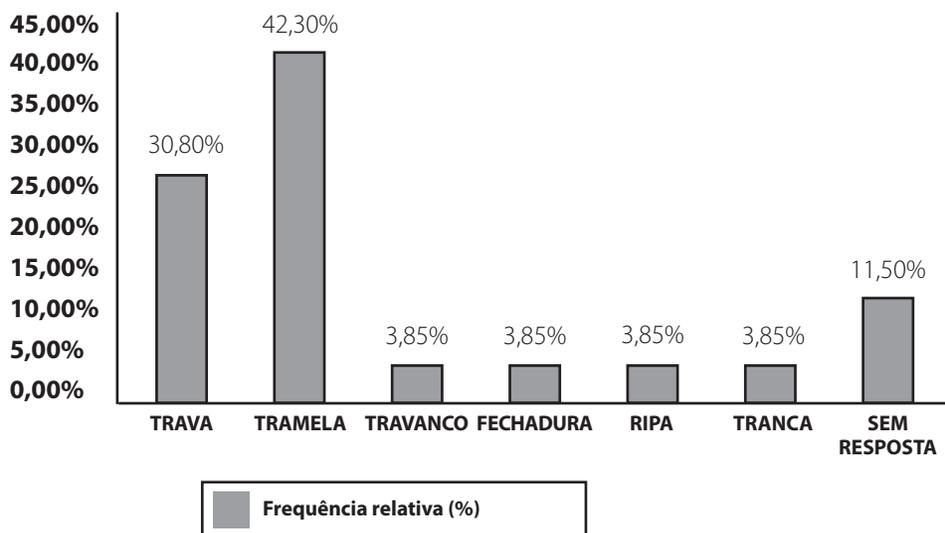
Foram registradas 23 ocorrências de 06 lexias para esta questão (**trame-la**, **trava**, **travanco**, **fechadura**, **ripa** e **tranca**) e 03 abstenções, totalizando 26 respostas.

Com exceção da lexia **ripa**, todos os vocábulos estão registrados com relação a **tranca** e **trava**. No entanto, **ripa**, um “pedaço de madeira comprido e estreito” (FERREIRA, 2004, p. 1763), é, normalmente, utilizada para travar porteiros, ou seja, com a função de **trame-la**.

Com relação à lexia **trame-la**, Ferreira (2004, p. 1973) afirma que tem origem do latim vulgar “*trabella*, diminutivo de *trabe*, ‘trave’”, e é uma “1. Peça de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, porteira, postigo, etc.”. Já no dicionário Houaiss não há uma acepção que se assemelhe ao sentido desta questão.

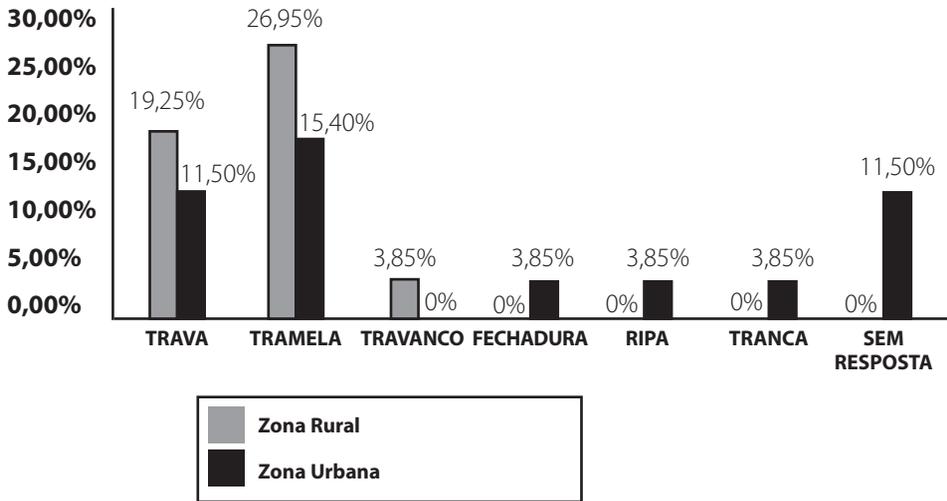
O dicionário Aurélio (2001, p. 1983) define **trava** como “7. Constr. Qualquer peça, ou dispositivo, us. para prender porta, janela, etc. V. *tranca*”. O dicionário Houaiss não apresenta uma acepção que se assemelhe à do campo onomasiológico desta questão.

Gráfico 7: Quantificação geral do campo trame-la/trava

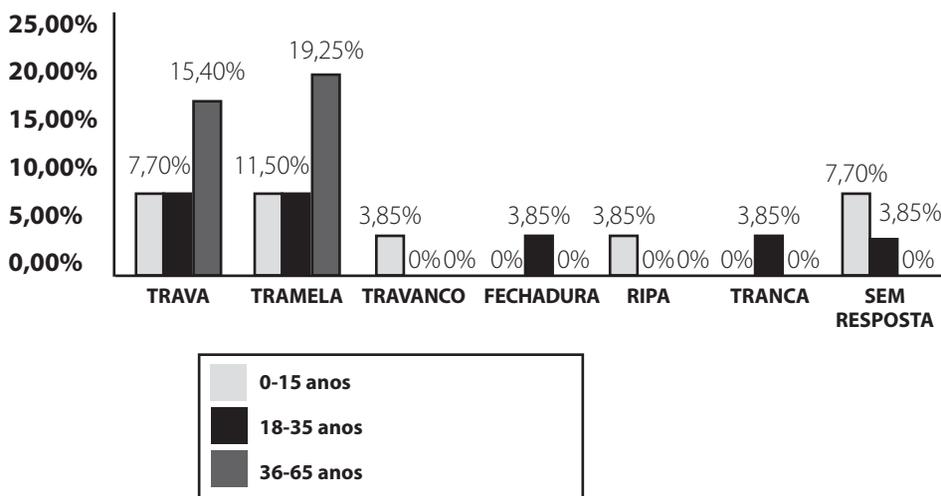


Na quantificação geral dos dados, notamos que a forma lexical **tramela** foi a mais produtiva, registrada com 11 ocorrências (42,30%), seguida por **trava**, com 30,80% (08 ocorrências). As demais lexias foram registradas com apenas uma ocorrência (3,85%).

Gráfico 8: Quantificação das formas lexicais de acordo com localidade



Observando a frequência das lexias, de acordo com a variável localidade, notamos que tanto **tramela** quanto **trava** foram mais produzidas por informantes da zona rural, 26,95% e 19,25%, respectivamente. Na frequência da lexia **tramela** houve uma diferença de 02 ocorrências entre as localidades, e, para a forma lexical **trava**, de uma diferença de 03 respostas.

Gráfico 9: Quantificação do campo de acordo com faixa etária

Os informantes da terceira faixa etária (36-65 anos) foram os que mais produziram a lexia **tramela**, 05 vezes (19,25%). As outras duas variáveis produziram o mesmo número (11,50%), o correspondente a 03 respostas.

A terceira faixa etária foi também a variável que mais produziu **trava**, 04 ocorrências (15,40%). Já os informantes das outras duas faixas etárias (08-15 anos e 18-35 anos) produziram um total de 7,70% (02 respostas), para cada célula.

2.4 O item tramela

Para a obtenção do item *tramela* como resposta foi elaborada a questão apresentada em (4):

(4) O objeto de madeira ou de plástico que se coloca na venta do bezerro para desmamar (tirar a mama) é chamado...? (mostrar imagem ou objeto)

Para essa questão foi registrado um total de 24 respostas, 17 distribuídas entre três lexias (**tramela**, **desmamador** e **focinheira**) e 07 abstenções.

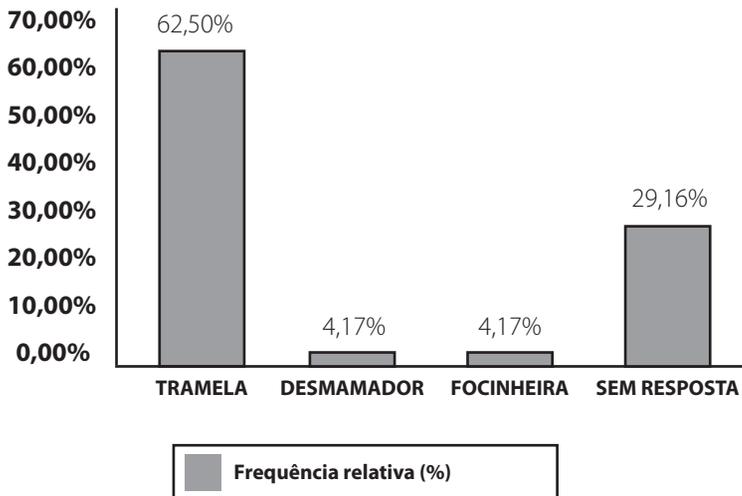
A entrada para a lexia **tramela** encontrada no dicionário Aurélio (2004, p. 1973) que se assemelha com o sentido dessa questão registra o vocábulo como comum na região Sul do país. A definição encontrada é a

de “5. *Bras. S.* Peça de madeira que se prende ao pescoço dos bezerros para impedir que mamem”. O registro encontrado em Houaiss (2001, p. 2747) é o de uma “2 *B S.* pequena tábua que se prende no pescoço dos bezerros para desmamá-los, quando se pretende engordar as vacas”. Sendo assim, há uma consonância entre as duas definições dicionarizadas.

Apesar de haver uma diferença na posição que se utiliza o objeto (pescoço e ventas de bezerros), na questão e nos dicionários, a função do objeto é a mesma, a de impedir que o filhote mame. Isso justificaria o emprego da forma lexical na comunidade de fala.

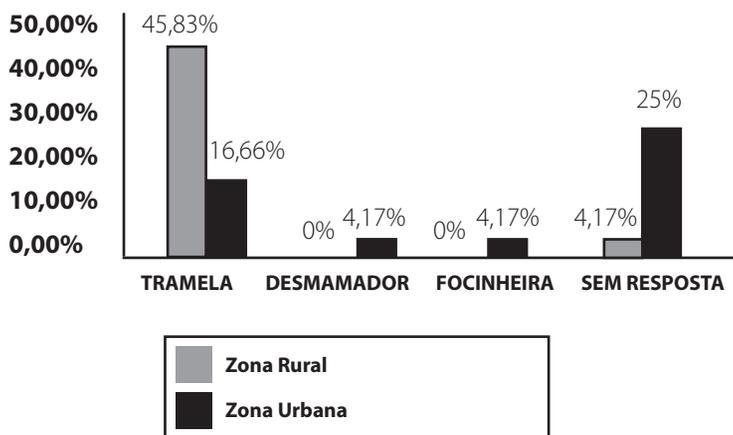
Não foi encontrado registro da lexia **desmamador**. Já **focinheira** não tem registro com o sentido empregado nesta questão, foi encontrada uma acepção de um objeto que se prende no focinho de animais para não comerem, o que, de alguma maneira, o aproximaria do sentido empregado neste campo onomasiológico.

Gráfico 10: Quantificação geral do campo onomasiológico *tramela*



A forma lexical mais produzida foi **tramela**, com 15 ocorrências (62,50%). **Desmamador** e **focinheira** foram registradas apenas com uma ocorrência. Já o número de pessoas que não souberam responder foi de 29,16%, o correspondente a 07 abstenções.

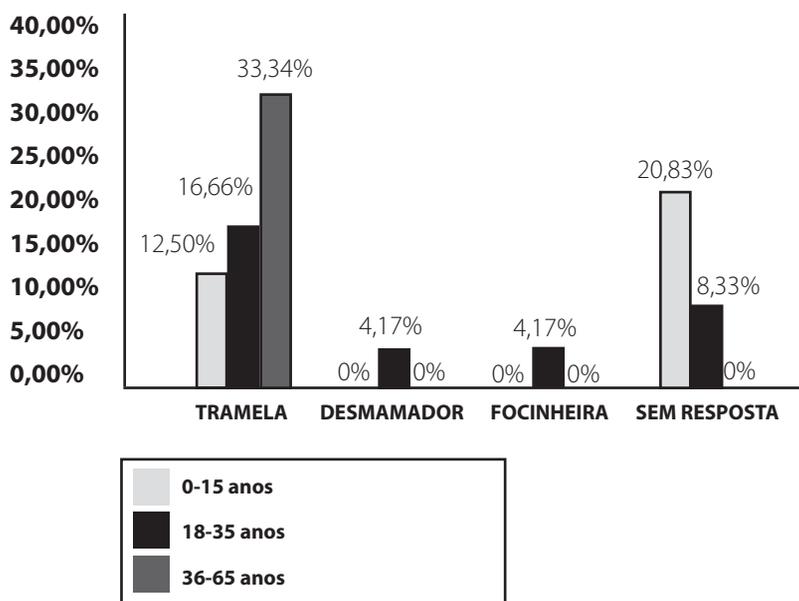
Gráfico 11: Quantificação das lexias de acordo com localidade



Como podemos notar, houve maior ocorrência da lexia **trame** na zona rural, 45,83% (11 respostas), enquanto que na zona urbana houve um total de 04 ocorrências (16,66%).

Notamos que, além dos registros na lexia **trame**, só houve um informante da zona rural que se absteve da questão. A outra porcentagem de abstenções foi de informantes da zona urbana, totalizando 25%, 06 pessoas.

Gráfico 12: Quantificação das formas lexicais de acordo com faixa etária



A maioria dos registros da lexia **tramela** foi de informantes pertencentes à faixa etária 36-65 anos, com total de 08 ocorrências (22,34%). A frequência de ocorrência no grupo dos informantes da segunda faixa (18-35 anos) foi de metade dos da terceira célula (04 ocorrências – 16,66%). Os informantes da primeira faixa etária produziram 12,50%.

O maior número de abstenções, como podemos observar no gráfico, foi dos informantes da primeira faixa etária, com 20,83%, 05 pessoas. Outras duas pessoas que se abstiveram da questão eram pertencentes à faixa etária intermediária (18-35 anos), com 8,33%, já na faixa 36-65 anos não houve abstenções.

A partir dos dados, podemos notar que os informantes residentes na zona rural e pertencentes à faixa etária 36-65 anos não se abstiveram das questões apresentadas a eles, e, normalmente, deram como resposta a lexia mais produzida.

Se partirmos do princípio de que os informantes mais velhos tendem a utilizar formas mais antigas (CARDOSO, 2010; CHAMBERS e TRUDGILL, 2009), podemos supor que as lexias **canga**, **caniço**, **cancela**, **tramela** (como trave de porteira), **trava** e **tramela** (como objeto utilizado para desmamar bezerros) seriam formas utilizadas na comunidade há mais tempo. No entanto, para que possamos fazer tal afirmação, seria necessário a realização de estudos mais aprofundados sobre estas lexias.

Conclusões

Os vocábulos registrados por campos onomasiológico nos revelaram que algumas questões possuem, no município de Dormentes, maior número de formas lexicais que têm o mesmo significado, questões 4.2 (cancela, caniço, porteira, faxina e grade) e 4.3 (tramela, trava, travanco, fechadura, ripa e tranca). Algumas delas, no entanto, são mais utilizadas que outras, algumas em maior, outras em menor proporção, como os gráficos de quantificação geral nos mostraram.

Quando comparamos os significados das formas registradas na comunidade de fala com as formas dicionarizadas, notamos que existem lacunas de registro de algumas acepções, como, por exemplo, canga e caniço. Isso nos revela algumas fragilidades na elaboração de dicionários e, ao mesmo tempo, endossa a realização de estudos que busquem registrar a língua falada em diversas localidades de fala, como forma de registrar os mais variados usos.

As formas lexicais mais empregadas pelos informantes foram *canga*, *cancela*, *tramela* (pedaço de madeira utilizada para travar porteiros) e *tramela* (objeto utilizado para desmamar bezerros). As variáveis extralinguísticas nos deram uma noção de quais fatores foram mais relevantes na ocorrência de algumas formas, bem como dos que menos foram influenciados.

A variável extralinguística localidade foi de fundamental importância para percebermos as formas mais utilizadas pelos informantes da zona rural (*canga*, *caniço*, *tramela* (questão 4.3), *trava* e *tramela*).

Embora as lexias *cancela* e *caniço*, da questão 4.2, tenham sido mais produzidas pelos informantes da zona rural, *caniço*, diferentemente de *cancela*, teve diferença significativa na frequência, o que pode nos revelar, partindo do princípio de que os dialetos rurais são mais conservadores do que os urbanos (CHAMBERS E TRUDGILL, 1980), que *caniço* representaria uma forma mais conservadora do que *cancela*.

Outro fator que influenciou no maior domínio dos informantes da zona rural, foi o campo semântico no qual essas questões estão inseridas, *atividades agropastoris*.

Ao observarmos as respostas de acordo com o fator faixa etária, notamos que os informantes com idade entre 36 e 65 anos foram os que mais produziram as lexias mais frequentes (***canga***, ***caniço***, ***tramela*** (questão 4.3), ***trava*** e ***tramela***), com exceção de ***cancela***, que foi mais produzida, embora com diferença não muito significativa, por falantes da faixa etária 08-15 anos.

A frequência das respostas dos informantes da faixa etária 18-35 anos ficaram sempre no entre meio entre a primeira e a terceira faixa etária, em alguns casos, com mesmo número de ocorrência da faixa etária 1 (08-15 anos), mas nunca superior à faixa 36-65 anos. Isso nos leva à hipótese de que a faixa etária representa, como defendido por Chambers e Trudgill (1980) o conservadorismo (tempo aparente) das expressões.

Esperamos, para as próximas etapas da pesquisa, que está em processo de desenvolvimento, obter outros resultados que nos permitam construir um quadro maior do léxico no município de Dormentes, uma vez que, como mencionado no início deste texto, a língua portuguesa falada no Brasil é constituída por uma rede de falares, que se diversifica de acordo com características socioculturais, espaciais e temporais, e, por isso, as particularidades das diversas comunidades linguísticas falantes do português precisam ser descritas para que tenhamos uma visão geral da língua compartilhada por nós brasileiros.

Referências

- BALDINGER, K. *Semasiologia e onomasiologia*. Tradução de Ataliba T. de Castilho. Alfa, Marília, n. 9, p. 7-36, mar. 1966 [1957].
- CARDOSO, Suzana A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.
- CENSO 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codigo=260515>> Acesso em: 28 Maio de 2013.
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1980].
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionário*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Curitiba: HD Livros, 1996.

Sobre o autor

Helder Oliveira Cavalcanti é graduado em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST) e, atualmente, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas/SP.

AS RIQUEZAS DO VALE: ESTUDANDO OS ASPECTOS SÓCIO-DIALETAIS DA REGIÃO DO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

Rebeca Lins Simões de Oliveira

Primeiras palavras

Na condição de sistema altamente adaptável, a linguagem humana reflete o dinamismo do pensamento humano e sua capacidade de percepção sensorial permitindo a seus usuários serem tão específicos ou tão generalizantes quanto o desejarem ao se comunicar.

Embora seja resultado de uma competência inata da espécie, a língua não é uma possessão pessoal, exclusivamente individual: ninguém é ‘dono’ e único autor do que é dito e de seu significado. Todo ‘ato de linguagem’ é iniciado por um ato individual, entretanto sua motivação, significação e finalidade são forjadas pela comunidade de fala que a recebe, constrói e (des)reconstrói o que foi dito. Logo, sua significação e representação não pertencem ao “um”, porém ao “todos”, à comunidade de fala em que o indivíduo está inserido.

O sistema lexical de uma língua reflete as experiências do povo que a fala, o que a caracteriza como um sistema aberto e em constante expansão, sendo assim, recria a realidade de acordo com as modificações e inovações da sociedade, o que comumente ocorre nas sociedades tradicionais com extensa amplitude e diversidade no repertório de fala.

O proposto estudo predispõe-se a analisar as comunidades de fala presentes no sub-médio do rio São Francisco e sua realidade linguística. Não foram observadas as questões de “fronteiras políticas”, pouco importou a delimitação dos municípios no nosso recorte de inquérito. Primou-se, antes de mais nada, pela observação de outros fatores, como por exemplo a principal atividade exercida pelo informante (agricultor, feirante, vaqueiro, carregador, estudante, comerciante etc.) e seu histórico familiar pertencente à localidade (pais nascidos na comunidade, assim como o próprio informante, entre outros fatores que serão descritos adiante).

Por este motivo, denominamos os informantes como pertencentes a uma comunidade sertaneja do Vale do São Francisco, visto que são origi-

nalmente de três municípios distintos: Itacuruba, Belém do São Francisco e Cabrobó.

Como recorte teórico, buscamos o alicerce da Geografia Linguística e da Sociolinguística, por acreditarmos que são perspectivas teóricas que se complementam, visto que estudam o homem de linguagem no ‘território de fala’, a perspectiva diatópica, e a influência do meio em sua produção.

1. Pressupostos teórico-metodológicos: algumas considerações

No Brasil, a língua portuguesa, consensualmente não monolítica e heterogênea, apresenta muitas diferenças dialetais, contudo a maioria dessas nuances nunca foi descrita cientificamente devido à imensidão continental do país, à gigante variedade de ecossistemas e climas, à precária infraestrutura das estradas, à falta de alternativas de locomoção como uma rede viária e fluvial eficiente... Todos esses fatores dificultam bastante o acesso do pesquisador ao local de inquérito. Entretanto, mesmo sem a luneta da ciência, a linguagem se manifesta criando uma variedade imensurável de usos e expressões. Essas variedades linguísticas servem para identificar e marcar social e geograficamente seus usuários, dando-lhes uma identidade linguística e cultural própria e digna de respeito e observação: todo enunciado produzido por qualquer falante é um ato de afirmação dessa identidade.

Essa “identidade sertaneja” é mantida através do que se refere ao funcionamento da língua em seu contexto de produção e delimitação geográfica: note-se que mudanças fonológicas podem alterar a morfologia da língua; mudanças morfológicas podem alterar a sintaxe; mudanças sintáticas, o plano discursivo.

Nos estudos linguísticos, a sociolinguística e a dialetologia são duas ciências distintas, com propostas de análise e metodologia específicas.

A análise sociolinguística prioriza o processo de interação fala/sociedade, buscando compreender os fatores que possam influenciar a operação de uma ou de outra variante, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de variação linguística.

Monteiro (2000, p.36) explica que a Sociolinguística pode ser compreendida a partir de duas perspectivas diferentes de estudo: a macrosociolinguística e a microsociolinguística. A primeira trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo, discutindo questões como as consequências

do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as prováveis políticas linguísticas que um governo pode adotar; a segunda analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos na tentativa de determinar as pressões que condicionam a aplicação de uma dada regra variável.

E quanto a Dialetoлогия, Suzana Cardoso afirma que:

A Dialetoлогия apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição **espacial, sociocultural e cronológica**¹. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados. (CARDOSO, 2010. p.25)

A primeira impressão criada é que os estudos dialetais se assemelham bastante aos estudos sociolinguísticos. Esta impressão é válida e concreta. Embora os estudos dialetais sejam mais antigos, ambos se encontram no objetivo de tratar a língua sob enfoque sincrônico e concretizada nas manifestações de fala, logo seus limites são “fugazes” visto que a perspectiva diatópica e sociolinguística se faz presente em ambas.

A esse respeito diz Corvalán (1988, p. 8):

Sociolinguística e dialetoлогия se tem considerado até certo ponto sinônimos uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetoлогия reconheceu desde cedo à existência da heterogeneidade linguística.

Por isso justifica-se a utilização da sociolinguística e da dialetoлогия para análise do *corpus* em questão: a **sociolinguística** engloba praticamente tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto social e a **dialetoлогия** busca as diferenciações regionais, tipificar as locais e verificar as características sócio-históricas idiossincráticas da comunidade estudada.

1. Grifo nosso.

Por considerar relevante delimitar o ponto geográfico específico, ao focar nos estudos dialetais, observamos que há dois aspectos importantíssimos em sua a serem vistos quanto à metodologia:

1. Deve-se primar pela questão extralinguística;
2. Não se devem negligenciar os fatores extralinguísticos na produção das manifestações linguísticas.

Tais pontos são relevantes porque restringem metodologicamente as áreas dialetais facilitando a identificação das manifestações linguísticas pelo confronto de fenômenos em diferentes áreas geográficas, que nos mostram as linhas isoglóssicas, que delimitam as fronteiras dialetais.

1.1 Processos metodológicos

Nesse estudo utilizamos a perspectiva denominada de “Sociolinguística Variacionista”, que possui William Labov como principal teórico e postula que o “fazer linguística” é estudar empiricamente as comunidades de fala.

Os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010) sugere que as formas de coleta de dados podem ser entrevistas rápidas e anônimas, observações assistemáticas em locais públicos, gravações advindas de meios de comunicação em massa (devemos sempre lembrar que nesse caso o estilo é sempre mais formal e previamente organizado do que obteríamos em uma entrevista face-a-face). Para a coleta do *Corpus*, foi utilizado o método das entrevistas rápidas e anônimas, devidamente gravadas em mídia digital e organizadas em um banco de dados.

Sobre a questão da variação, Labov (2006[1975]) propõe cinco questões que norteiam a investigação:

- a. Fatores Condicionantes - Compreender quais são as condições para a mudança em dada estrutura, que podem advir de fatores de ordem social e de ordem linguística;
- b. Encaixamento da Variação – Observar as distintas mudanças associadas a determinadas mudanças ou variação das formas em observação na matriz dos concomitantes linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social;
- c. Avaliação das Mudanças – Estudar os possíveis efeitos da variação sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência

comunicativa e sobre um amplo conjunto de categorias não-representacionais (inclusive interacionais, discursivas e pragmáticas) envolvidas na fala;

d. Transição – Compreender os estágios intervenientes entre dois estados da língua: como um falante aprende uma forma alternante, tempo em que as duas formas coexistem, tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra;

e. Implementação – Analisar os fatores responsáveis pela implementação da mudança e a razão pela qual as mudanças em um aspecto estrutural ocorrem em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo aspecto, ou na mesma língua, em outras épocas.

Baseado nesses cinco critérios de investigação, foram elaboradas dois tipos de ficha como instrumentos para levantamento dos dados da pesquisa. Foram utilizados os seguintes procedimentos:

1. Ficha do Informante: onde foram identificados e catalogados os tipos de informantes;
2. Ficha de Conteúdo: onde foram organizados os dados referentes ao acervo léxico-semântico.

Por fim, o trabalho considerou 95 informantes levando em conta os critérios inerentes ao método da geolinguística² para a seleção do informante ideal, tais como:

- a. Ter nascido na localidade de inquérito e ser originário de família igualmente local;
- b. Ter acima de 18 (dezoito) anos;
- c. Se casado, deve ser o cônjuge também da mesma localidade;
- d. Possuir pouco grau de letramento, se possível analfabeta ou com escolaridade mínima;
- e. Preferencialmente não possuir uma profissão fixa e sim variável (carroceiro, pescador, roceiro);
- f. Por ter aplicado um questionário semântico-lexical, que prima pela obtenção de um leque maior de informações sobre as

2. Critérios retirados de Correa (1980, p.22).

possibilidades de ocorrências de itens lexicais que recubram um mesmo conceito, as variáveis linguísticas observadas foram todas aquelas relacionadas aos campos semânticos referentes ao Homem, à Terra e ao local em que vive.

2. Visão panorâmica dos dados obtidos

É uma característica metodológica própria, tanto da Sociolinguística quanto da Geografia Linguística, a busca por dados empíricos, reais, produzidos por situações de fala concretas de uso e captados pelo procedimento das entrevistas sociolinguísticas, como o uso de manifestações linguísticas espontâneas e com o menor monitoramento e interferência possível do entrevistador.

Todas as entrevistas foram realizadas na sede do município de Belém do São Francisco, mais precisamente na feira municipal localizada no centro da cidade realizada todas as sextas-feiras. Esse local de inquérito foi escolhido devido ao fato de que, hoje, a cidade concentra uma das maiores circulações de estudantes do semiárido nordestino com uma autarquia municipal de ensino superior que possui oito cursos de licenciatura e suas respectivas pós-graduações e uma faculdade privada com um grande número de estudantes. Esses estudantes trazem consigo uma gama lexical renovadora que modifica no cerne o acervo vocabular da região. Levou-se em consideração também o fato de que o local é um conhecido ponto de comércio intermunicipal que atrai pequenos agricultores e comerciantes com produtos de diversas naturezas. Assim, existe uma grande circulação de pessoas das diversas faixas etárias, sexo, condições sociais e municípios.

Pode-se pensar, inicialmente, que os municípios em questão são apenas típicas cidades nordestinas, entretanto passaram por modificações significativas ao longo do tempo.

Cabrobó é ponto de partida do eixo norte da Transposição do Rio São Francisco e a cidade cresceu muito a partir da chegada da Transposição, juntamente com sua População. Este eixo irá levar água para os Estados do Ceará, Paraíba, e o próprio Pernambuco. A obra gerou muitos empregos na cidade e quase dobrou o número de habitantes. A cidade de Belém do São Francisco tornou-se um polo educacional com duas faculdades, uma privada que oferece o curso em bacharelado em Direito e uma autarquia destinada à formação de professores, possuindo oito cursos de licenciatura e em janeiro

de 2011, a cidade de Itacuruba, foi escolhida como a melhor opção para a instalação das primeiras usinas nucleares do Nordeste.

Mapa 1: As cidades estudadas estão localizadas no Sertão Pernambucano na microrregião do sertão do São Francisco



Não obstante, outros fatores tornam a escolha mais peculiar ainda. Em 1988, a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) deslocou a sede do município de Itacuruba para a posição atual, cerca de 481 km de Recife. O local de origem foi inundado pela barragem de Itaparica. A área escolhida para instalar a “Nova Itacuruba” fica a 12 quilômetros da rodovia mais próxima e a quatro quilômetros do Rio São Francisco. Os habitantes da cidade além de deslocados foram completamente isolados, pois perderam a ‘interação’ e contato com o mundo exterior visto que as atividades agrícolas e comerciais foram drasticamente reduzidas.

Logo, a população de aproximadamente quatro mil habitantes vive exclusivamente de empregos advindos da prefeitura municipal.

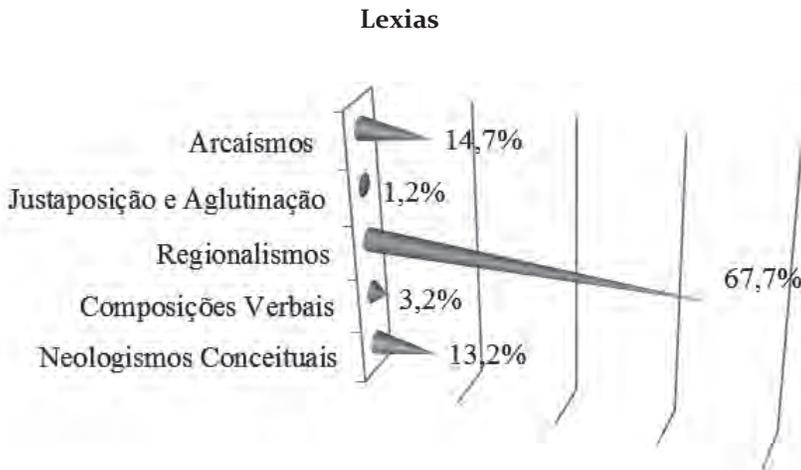
3. Fonte: <http://carlosmagnoazevedo.blogspot.com.br/2011/07/regiao-do-sertao-central-pernambucano.html>. Acesso: 20/12/2013.

diversas doenças e transtornos emocionais o que relegou a cidade o título de “Terra dos Deprimidos⁴” devido aos altos índices de dependentes dos psicotrópicos cadastrados nos programas do SUS e dos números elevados nas taxas de suicídios.

Todos esses fatores, contudo, refletem a realidade linguística dos habitantes locais. As pessoas pertencentes às camadas mais pobres da sociedade foram pouco atingidas pelo desenvolvimento trazido pelo ‘contexto estrutural’ e quando existe algum “contato” surge através da prestação serviços básicos destinados aos estudantes das duas Instituições de Ensino Superior belemitas e/ou a elite dominante. Podemos afirmar, devido ao seu isolamento, que os habitantes locais mantêm a realidade linguística praticamente sem uma interferência externa significativa, somente pela televisão e internet em alguns casos.

Todos esses fatores contribuem para a construção de um acervo lexical próprio, ainda não dicionarizado, que parte de uma estrutura social bem distribuída e de uma consciência difícil com o meio que os circunscreve, pois se encontram isolados também pelo meio o geo-climático.

Por hora, apresentaremos apenas o corpus referente às questões lexicais. Foram coletadas, ao todo, 273 palavras catalogadas nas seguintes categorias: Arcaísmos, Composição por Justaposição e aglutinação, Composição Verbal, Neologismos Conceituais e Regionalismos. Assim temos:



4. Fonte: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2011/08/20/itacuruba-a-terra-dos-deprimidos-13523.php>. Acesso: 20/12/2013.

Figura 1: Fotografia do cartaz publicitário da Forrojada, realizada no Município de Itacuruba no primeiro semestre de 2011



Figura 2: Cartaz Publicitário Fotografado em Cabrobó. Segundo semestre de 2013

3ª JEGADA
PEGA DE JEGUE NO MATO
 CARAIBEIRAS - TACARATU-PE
 FAZ. CACIMBA NOVA

21 DEZEMBRO

R\$ 4.000,00 EM PREMIOS

PREMIAÇÃO

01- JUMENTO FOTUÇÁ	R\$ 1000,00
02- JUMENTO TAXIDRE	R\$ 500,00
03- JUMENTO UREINHA	R\$ 500,00
04- JUMENTA FLOR DO CARIBE	R\$ 500,00
05- JUMENTA FETICIDA	R\$ 500,00
06- JUMENTA BASALG	R\$ 300,00
07- JUMENTO TOTOYHO	R\$ 200,00
08- JUMENTA CARAPETA	R\$ 200,00
09- JUMENTA FUMÇA	R\$ 200,00
10- JUMENTO FAISCA	R\$ 100,00

INICIATIVA CULTURAL ASSOCIAÇÃO DO VAQUEIROS

Inscrição de Vaqueiro **R\$-50⁰⁰**

HOMEM R\$-20⁰⁰

Mulher 1 QUILO DE ALIMENTO PARA METAL COM FORNO

LEO COSTA / E BANDA **ZÉ DE ALMEIDA** **OLAVO SILVA** **CARLOS CAVALCANTE** **MANO WALTER**

PREFEITURA DE Tacaratu
 Construindo um novo tempo

Últimas considerações

As considerações acima realizadas são o resultado de uma pesquisa que teve duração de 15 meses e que expõe apenas um recorte. Os dados apresentados contemplam o nível lexical do *corpus* das entrevistas, porém deve-se considerar que existe a possibilidade de analisar o material coletado em uma perspectiva sintática, fonológica e até mesmo discursiva.

A pesquisa, que ainda terá muito fôlego e certamente encontrará muitas outras variáveis, encontrou no ambiente seco e árido uma fonte camaleônica de variação dialetal e que por diversas razões (culturais, geográficas, por exemplo) esse acervo vocabular se mantém intacto.

O fato é que o dialeto sertanejo do Nordeste reflete uma cultura regional, particular e com costumes relativamente uniformes e cristalizados e que comprova a heterogeneidade e mobilidade da língua, tornando-a plural, global e ao mesmo tempo local e singular.

Referências

- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- CARDOSO, S. A. M. Dialectologia atual: tendências e perspectivas. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE*. Ano 5, ns.1 e 2. João Pessoa: Ideia, 2003:185-192.
- _____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- DUBOIS, J.; et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- _____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistic Working Papers*, 44,p-43-88, 1978.
- LABOV, William; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. *The atlas of North American English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1971.

MONTEIRO, J.L. *Para compreender Labov*. 2. Ed. Petropolis: Vozes: 2000.

RAZKY, A. *Atlas linguístico geo-sociolinguístico do Pará*. Belém: Grafia, 2004.

RECTOR, M. *A linguagem da juventude*. Petrópolis: Vozes, 1975.

Sobre a autora

Rebeca Lins Simões de Oliveira é mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e é professora do curso de Licenciatura em letras da Universidade de Pernambuco (UPE/Campus Mata Norte). lins.rebeca@gmail.com

O LÉXICO EM BUÍQUE: O QUE MOSTRAM OS DADOS DO PRIMEIRO ATLAS MUNICIPAL DE PERNAMBUCO?

Joseane Cavalcanti Ferreira

Introdução

Sociedade e língua estão intimamente ligadas. Elas coexistem. Além disso, os processos de mudança e variação linguística são essencialmente heterogêneos e socioculturais.

É impossível separar a história das línguas da história da cultura das comunidades que as detêm. A língua é uma entidade dinâmica, é a marca significativa da identidade de um povo. É o principal instrumento de transmissão e a principal herança deixada ao longo das gerações. É uma herança espontânea.

O Brasil é um país que, incontestavelmente, possui uma língua que apresenta um alto nível de variabilidade e diversidade. Isso se deve, em grande parte, à sua extensão territorial.

Convém entender, assim, que o espaço geográfico demonstra que, em cada região, há uma particularidade e uma variedade que a língua adquire de um lugar para outro, como forma de ratificar a diversidade e a riqueza cultural, a base linguística preexistente e a influência de outras línguas que possam ter interferido no falar dos indivíduos de determinada região.

A presente pesquisa desenvolveu-se por meio da metodologia geolinguística, seguindo os preceitos da Dialetoлогия Pluridimensional, incutindo as dimensões das variações verticais e horizontais.

Buscando proporcionar um maior conhecimento na área semântico-lexical, enfatizando as variações diatópicas e diastráticas, este artigo oferece para pesquisadores da língua um importante material para o conhecimento sobre a variedade do Português falado em Pernambuco.

1. O método da Geolinguística e a Dialetoлогия

As línguas variam de acordo com o lugar. Essa variação pode ocorrer dentro de um mesmo país, ocorrendo nas diversas regiões nele existentes, ou mesmo em outros países e em diferentes continentes. Nós, falantes, adquirimos as variedades linguísticas próprias da região em que estamos situados.

A variação diatópica está relacionada às variações e características linguísticas observáveis entre falantes em ambientes geográficos diferentes.

É a Dialetoлогия, através do seu método chamado de Geolinguística, que estuda e discorre sobre essas variações. Diante disso, é imprescindível abordarmos tanto sobre a Dialetoлогия como sobre a Geolinguística.

A Dialetoлогия está inserida no campo da Linguística e tem a função de estudar os diversos dialetos, além de “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

A Geografia Linguística ou Geolinguística estuda as variações do uso da língua por falantes ou grupos sociais geograficamente distintos. Além disso, a Geolinguística estuda também a cartografia dos dados, pois segundo Lordan (1962, p. 273), “a geografia linguística significa a representação cartográfica do material linguístico com o objetivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos”.

A partir disso, é possível observar a relação entre o espaço geográfico e a distribuição espacial dos elementos linguísticos, verificando assim a norma diatópica da localidade e

[...]considerando que a ideia de norma está definitivamente caracterizada pela presença da alta frequência e pela distribuição regular das variações em uma comunidade linguística, e que cabe à Geolinguística a descrição das variações diatópicas, poderemos especificar, por meio das respostas obtidas de entrevistas aplicadas a sujeitos de um certo grupo numa dada localização, a norma característica do local, além de precisar a repetição topográfica dos fenômenos observados em cartogramas. (CRISTIANINI, 2007, p. 50)

Os cartogramas linguísticos, resultantes da recolha de dados, reunidos, constituem os atlas linguísticos. A utilização de atlas para demonstração dos resultados significa um importante avanço se comparado aos usos dos glossários, pois é a partir do emprego de atlas que é possível visualizar de maneira mais substancial as variedades linguísticas em certa localidade.

De acordo com Aragão (2005):

A Dialetoлогия no Brasil, apesar das dificuldades que sempre passou, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado, da falta de interesse das instituições e da conseqüente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos.

A elaboração de um Atlas Nacional não é algo simples e rápido, principalmente quando se trata do nosso país pela sua extensão territorial. Em se tratando disso, Nascentes (1958, p. 7) sugere que,

[...] embora seja muito vantajoso um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro, pois o fim não muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto.

Nascentes, publicou em 2 volumes (1958 – 1961) com as Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil e evidencia as dificuldades quanto à extensão do país, sugerindo ser mais apropriado a realização de atlas regionais.

É notória a importância da realização de trabalhos desta natureza, que além de boa base teórica sobre Dialetoлогия e Geolinguística, requer determinação, é preciso antes de tudo, ter “consciência da seriedade de ‘mapear’ a língua” (SÁ, 2010).

Não há como separar língua e variação. E nem língua de sociedade. Já que a variação provém das mudanças nos aspectos sociais da língua e conseqüentemente, influencia e/ou determina o léxico de uma comunidade. Entender a complexa relação entre língua e sociedade e língua associada ao espaço geográfico dos falantes, é o que tem instigado dialetólogos e pesquisadores dessa área.

2. Estudos geolinguísticos em Pernambuco

Além dos atlas citados no item anterior, outros estudos geolinguísticos vêm sendo realizados, fazendo com que a Geolinguística no Brasil venha crescendo de forma significativa, sobretudo, na produção de dissertações e teses, que impulsionam a realização de Atlas regionais que têm permitido, cada vez mais, um real conhecimento da língua falada no país. É o caso do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASPE, do Atlas Linguístico de Buíque – ALIBUI e do Atlas Linguístico de Pernambuco – ALIPE.

2.1. O Atlas Linguístico da Zona da Mata Sul

O ALMASPE foi concluído no ano de 2009 e apresentado à Universidade Federal da Paraíba como dissertação de mestrado. A responsável pelo projeto foi a professora e pesquisadora Edlene Maria Oliveira de Almeida, sob a orientação da professora Dra. Maria do Socorro Silva Aragão. O Atlas teve como objetivo a descrição da realidade linguística da língua portuguesa na Mata Sul Pernambucana no aspecto semântico-lexical, além de mostrar

as características de diferenciações linguísticas na região, oferecendo não só aos professores, lexicógrafos, gramáticos e autores de livros didáticos, dados importantes para o conhecimento da língua, sua produção e seu ensino (ALMEIDA, 2009).

2.2. O Atlas Linguístico de Pernambuco

O ALIPE será o primeiro Atlas Linguístico do Estado. O projeto já está concluído, tendo sido realizado como Tese de Doutorado para Universidade Federal da Paraíba, cujo responsável é o professor Edmilson José de Sá. A pesquisa percorreu vinte e um municípios do estado de Pernambuco, considerando os quatro pontos cardeais, ou seja, de Afrânio a Recife e de São José do Egito a Tacaratu. A escolha dos pontos de inquérito foi feita de acordo com alguns princípios teóricos, segundo os quais é preciso levar em consideração a realidade socioeconômica, os aspectos históricos e a importância do município para o estado.

Em cada localidade, quatro informantes foram entrevistados entre 18 a 30 e 50 a 65 anos, contemplando os dois sexos e a escolaridade que não

ultrapassasse o quinto ano (antiga 4ª série do ensino fundamental), à exceção da capital, Recife, que, conforme a metodologia preexistente, também requereu a diagnose com pessoas de nível superior completo.

Para cada informante foram realizadas questões de âmbito fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, pragmático e prosódico. Além dessas, também foram realizadas perguntas do questionário semântico-lexical específico que contempla o frevo, o maracatu, a renascença e o barro, num total de quatrocentos e vinte e uma questões.

3. O Atlas Linguístico de Buíque: primeiro atlas municipal do estado

O Atlas Linguístico de Buíque - ALIBUI foi o primeiro Atlas Municipal do Estado de Pernambuco, sendo concluído em 2011. O ALIBUI teve como principal objetivo descrever a realidade linguística da cidade de Buíque, também no aspecto semântico-lexical, oferecendo subsídios importantes para a pesquisa Geolinguística no Brasil e para os estudos da língua portuguesa falada.

A responsável pelo projeto foi Joseane Cavalcanti Ferreira, na época aluna da especialização em Programação em Ensino de Língua Portuguesa da Universidade de Pernambuco – UPE. A pesquisa de campo baseou-se nos pressupostos da Dialectologia e nos princípios teórico-metodológicos da Geolinguística. A escolha dos pontos e a caracterização dos informantes basearam-se nas orientações do Projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil).

As cartas do Atlas Linguístico de Buíque mostram as variações dia-tópicas, constituindo-se, assim, de um volume compreendendo o histórico do município, a fundamentação teórica, a metodologia e 41 cartas lexicais.

3.1. O município e o Parque Nacional do Catimbau

O município de Buíque está situado na Mesorregião do Agreste Pernambucano e na microrregião do Vale do Ipanema, com extensão territorial de 1.279,6 km² e com uma população estimada em 51.990 habitantes de acordo com o último senso realizado pelo IBGE em 2010. Buíque está localizado a 285 km da Capital do Estado e o acesso ao município se dá por meio da PE – 270 e da BR – 232 via Arcoverde.

No que diz respeito à etimologia, a palavra Buíque, significa “sal da terra”, conforme Aciole & Assis (2004); assim sendo: uby, ubú, bú-yiqui. No entanto, essa versão entra em contradição com a de origem Tupi, que quer dizer “lugar de cobras”, ou seja, boy=cobra, que=aqui. Há ainda outra versão que foi assinalada por Sebastião Galvão (1921). Esta afirma que a expressão seria de origem do osso do fêmur humano que os índios utilizavam como um instrumento para emitir sons e se assemelhava a um eco que produzia um som parecido com buíque, buíque etc.

Buíque possui riquezas naturais que o diferencia. No município fica localizado o Parque Nacional do Catimbau, que, conforme ISSA (2006) é considerado o segundo maior sítio arqueológico do país, tanto pela quantidade de pinturas e inscrições quanto pelo valor histórico.

O parque começou a ser protegido somente em dezembro de 2002, data da criação do Parque Nacional do Catimbau. O parque possui uma área de 62.300 hectares e abrange outros dois municípios além de Buíque: Ibimirim e Tupanatinga. A região possui um pequeno povoado, próximo ao parque e é nesse lugar onde se encontram os guias turísticos credenciados para conduzir os turistas pelas trilhas.

O parque possui algumas versões quanto ao nome. As duas mais conhecidas são: cachimbo velho e homem ridículo que remetem à prática de feitiçaria. Há outra versão que mais “aceitável” que seria morro que perdeu a ponta. (ISSA, 2006), pelo fato da erosão das serras com o passar do tempo.

O maior diferencial nas formações areníticas do Catimbau é a estrutura frágil das formações rochosas que são esculpidas pela ação do vento e da chuva.

Há a região do Alcobaça que fica a 32 km do vale. No Alcobaça há um paredão enorme de inscrições rupestres, que encantam por tamanha beleza e riqueza histórica e cultura.

O parque possui muitas trilhas como a trilha das Torres, trilha da pedra da Concha e a trilha do Cânion. Há formações rochosas que dão para visualizar, dependendo do ponto, a alguns quilômetros de distância. A região possui muitas outras serras que impressionam por tamanha beleza e por muitos outros atrativos naturais e únicos como se observa

[...] na Pedra da Concha, chamada pelos antigos moradores como Pedra Pintada, onde estão as primeiras inscrições encontradas na região. O único lugar do vale onde as tradições Agreste e Nordeste podem ser observadas num mesmo painel. O parque ainda reserva surpresas aos visitantes, cemitérios indígenas, fontes de água crista-

lina, cânions e ainda tem como vizinhos os índios da etnia Kapinawá. (ISSA, 2006)

Devido à sua extensão há muita coisa para se conhecer no Parque Nacional do Catimbau, para percorrer todas as trilhas seriam necessários cerca de três meses de caminhadas.

A vegetação do Catimbau apresenta características diferenciadas por ser uma área de transição entre a Caatinga e o Agreste. É perceptível essa diferenciação no Morro dos Breus, onde a paisagem é maior em caatinga.

O Parque tem favorecido de forma relevante os seguimentos de turismo sustentável como o Ecoturismo, Turismo Pedagógico, Cultural, Científico de Aventuras. Com isso, tem ganhado força no Município e atraindo parcerias importantes em nível governamental e não governamental, como o Ministério da Educação, o Ministério do Desenvolvimento e Reforma Agrária, do IBAMA, da FUNASA, do SESC e SENAC, do SEBRAE, do Comitê Nacional Pró-cajú, entre outros.

3.2. Questões metodológicas

A pesquisa é fundamentada segundo os preceitos da Geolinguística, seguindo o método da Dialetoлогия. Toda pesquisa de caráter dialetal é baseada em três parâmetros básicos: a rede de pontos, aplicação de questionários e os informantes - que devem compartilhar peculiaridades e traços linguísticos. Pois, conforme Coseriu, a Geolinguística:

[...]pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um terminado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (Coseriu, 1950 apud ALMEIDA 1982, p.79)

Nesse sentido, levando-se em conta o espaço geográfico, é possível situar como lócus da pesquisa uma única localidade, uma região, um estado, um país ou mesmo um continente, como elucidam os trabalhos como o linguajar carioca de Antenor Nascentes, O Atlas linguístico de Sergipe, o Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil, o Atlas linguistique de La France e o Atlas Linguarum Europae.

O projeto ALiBui adotou a mesma metodologia do projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. No entanto, o fato de o município estar situado na região do Parque Nacional do Catimbau, considerado uma das sete maravilhas do Estado de Pernambuco e o segundo maior sítio arqueológico do país, conforme ISSA (2006), foram acrescidas ao Questionário Semântico-lexical proposto pelo ALiB, oito perguntas específicas sobre o lugar, devido ao seu valor histórico e com o intuito de despertar maior interesse à cultura local. Desse modo, o total de questões chegou à quantia de duzentas e dez. O corpus do Atlas Linguístico de Buíque foi constituído a partir dos resultados do material angariado por meio de entrevistas com 20 informantes, distribuídos nos pontos de inquérito elencados para a pesquisa no município.

Como é comum em trabalhos que seguem a Geolinguística, a pesquisa em tela desenvolveu-se a partir da combinação de alguns processos metodológicos. A pesquisa propriamente dita para esse projeto encetou a partir do estudo sobre a história e a cultura local. É a partir da realização dessa primeira etapa que será possível compreender os dados obtidos na pesquisa de campo *a posteriori*.

Buíque trata-se de uma cidade que tem uma realidade linguística variável, por possuir aspectos geográficos e turísticos que contribuem para a variação da língua. Levando-se em consideração essas características, a pesquisa abrangeu apenas o meio urbano.

A escolha dos pontos de inquérito para a aplicação do questionário se deu basicamente por um motivo: localização. A localização refere-se à rede de pontos e o objetivo principal foi mapear toda a sede, formando assim uma malha que cobre tanto a parte central da cidade como as periferias, quais sejam: Vila do Posto, Bairro Frei Damião, Centro, Bairro Cruz de São Benedito e Bairro São José.

Os resultados encontrados e analisados à luz da Dialetoлогия poderão ser usados, futuramente, na comparação com outras pesquisas de caráter semelhante.

4. Aspectos lexicais encontrados em Buíque: o léxico do Catimbau

Os estudos da Dialetoлогия têm demonstrado que a perspectiva diatópica caminha lado a lado com os aspectos sociais no que se refere à constituição de uma metodologia a ser utilizada na Geolinguística. A forma que

o método é focado vai depender do lugar (região) e dos objetivos a serem alcançados na pesquisa. Então,

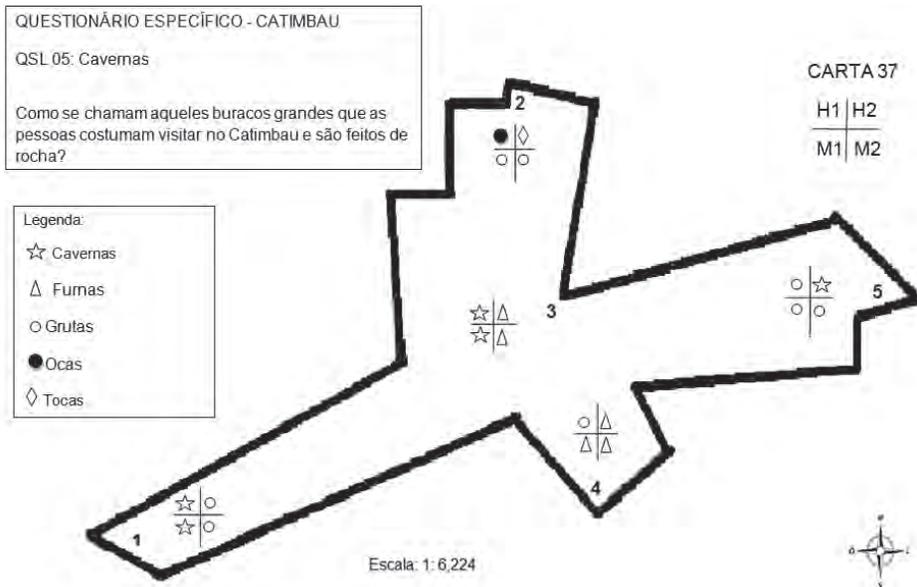
fatores sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão – têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais, especificamente naqueles que se desenvolvem sob a metodologia geolinguística.(CARDOSO, 2010, p. 49-50).

Em cada localidade, a seleção dos inquiridos foi feita baseando-se nos critérios estabelecidos pelo ALiB, que também levam em consideração os preceitos da Geolinguística pluridimensional – mudanças horizontais e mudanças verticais, conforme Mota (2004).

A diversidade lexical encontrada nas cartas de Buíque sobre o Catimbau pode ser comprovada numa amostra das cartas dispostas as seguir.

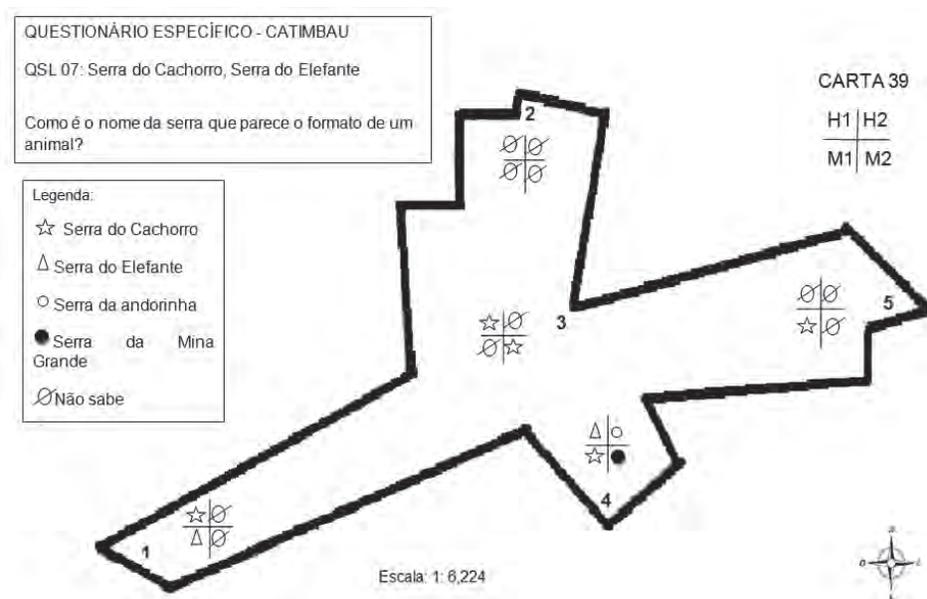
Nesse campo específico, foi feita uma pergunta sobre como se chamam aqueles buracos grandes que as pessoas costumam visitar no Catimbau e são feitos de rocha. As respostas da carta abaixo revelam também uma variedade de lexias.

Figura 1: Carta 37 com as realizações para cavernas

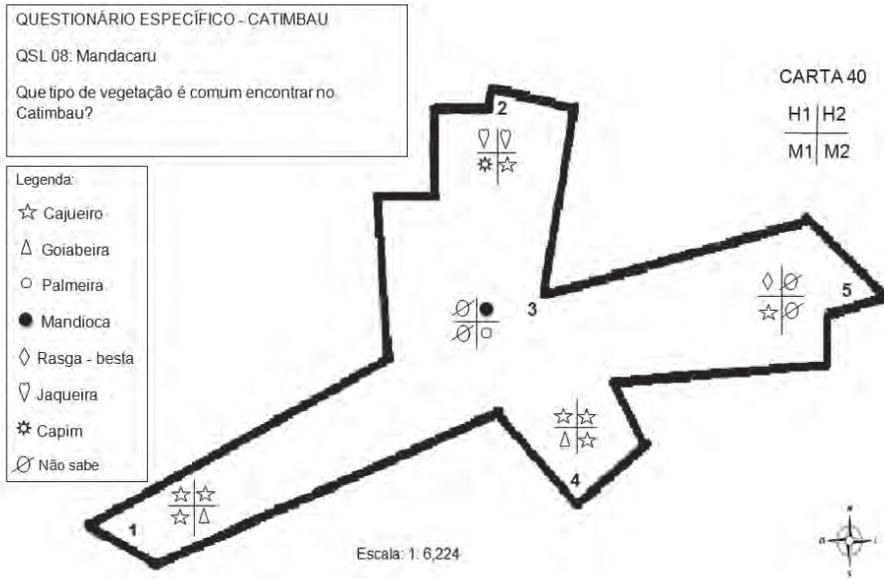


Como pode ser visto, apenas as lexias *toca* e *oca* foram mencionadas uma vez, enquanto as demais ultrapassaram essa quantidade. A resposta gruta foi a mais proferida. Segundo Houaiss (2009), o termo designa uma cavidade de forma e profundidade variáveis, encontrada frequentemente em rochas calcárias ou em arenitos de cimento calcário. Sua etimologia advém de *criptae*, do latim e significa galeria escura.

Figura 2: Carta 39 com as realizações para Serra do Cachorro, Serra do Elefante



Na pergunta sobre qual é o nome da serra que parece o formato de um animal, o termo Serra do Cachorro teve maior relevância. Contudo, convém explicar que a pergunta poderia gerar mais de uma resposta, já que pelo menos duas das serras do Parque têm formações rochosas que lembram figuras de animais como a Serra do Cachorro e a Serra do Elefante. É notória a grande quantidade de realizações para “Não sabe”. Nesse caso fica claro perceber que há ainda uma falta de interesse da população local sobre essa riqueza natural que é o Parque Nacional do Catimbau.

Figura 3: Carta 40 com as realizações para mandacaru

Ao perguntar sobre qual o tipo de vegetação que é comum encontrar no Catimbau, houve várias realizações, incluindo a realização “Não sabe”, dita por pessoas que, provavelmente, se sentiram intimidadas diante da presença do inquiridor, porém a lexia cajueiro se sobressaiu diante das outras. Isso pode ser explicado pelo fato de que há uma grande plantação de caju localizada dentro do Parque, beneficiando inúmeras famílias da região. A organização não governamental Amigos do Bem é a responsável pelo cultivo, colheita, fabricação e exportação dos produtos extraídos do caju, dentro da Vila Agrícola da ONG.

Conclusão

Este capítulo teve como intuito divulgar o Atlas Linguístico de Buíque (ALIBUI), tendo como objetivo primordial dar ênfase às variações lexicais encontradas no Atlas sobre o Catimbau.

A estrutura do atlas seguiu os pressupostos teórico-metodológicos do ALIB, usando, para esse fim, os questionários semântico-lexicais, acrescidos de perguntas de cunho específico, para as quais foi sugerido o campo semântico Catimbau, já que esse faz parte da cultura do local e por abranger uma das maravilhas do estado de Pernambuco.

Tendo em vista o seu pioneirismo, esperamos que os resultados encontrados e analisados à luz da Dialetologia possam ser usados futuramente na comparação com outras pesquisas de caráter semelhante, e assim, contribuir para o crescimento da Dialetologia no Brasil.

Referências

- ACIOLE, Vera Lúcia Costa; ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo de Assis. *Buíque: uma história preservada*. Edição comemorativa do sesquicentenário da emancipação política de Buíque. Recife: Poligraf, 2004.
- ALMEIDA, Edlene Maria Oliveira. *Atlas linguístico da Mata Sul de Pernambuco - ALMASPE*. Universidade Federal da Paraíba. 2007.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB*. 2009.
- ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em < <http://www.alib.ufba.br/andamento.asp/> > Acesso em: 15 de janeiro de 2011.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- COSERIU, Eugenio. La geografia linguística. *Cuadernos del Instituto Lingüístico Latino-americano*, Montevideo, n. 11, 1965.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC*. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/02.pdf> Acesso em 08 de dezembro de 2010.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB: conquistas da Geolinguística no Brasil. *Revista Letra Magna*, 2006.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão Monusuário 3.0 São Paulo: Objetiva, junho. 2009.
- GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos. *Diccionario Chorographico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*. 2ª Ed., 3 vol., Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.
- IBGE. Censo 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>. Acesso em: 23 de março de 2011.
- IBGE. Censo 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>. Acesso em: 23 de março de 2011.
- ISSA, Eduardo. *Expedição Parques Nacionais do Brasil - Parque Nacional do Catimbau*. Disponível em <http://expedicaoparquesnacionais.com.br/brasil/diario-de-bordo/parque-nacional-do-catimbau-pe/>. Acesso em 25 de novembro de 2010.
- LORDAN, I. *Introdução à linguística românica*. Trad. De Júlia Dias Ferreira. 2 Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

NASCENTES, Antenor. Estudos filológicos. Volume dedicado à memória de Antenor Nascentes, organizado por Raimundo Barbadinho Neto. Apresentação de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: [Academia Brasileira de Letras], 2003. *Coleção Antônio de Morais Silva: Estudos de Língua Portuguesa*, vol. I. 2003. 746 p. ilus. PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Documentos I*. Salvador, 2004. SÁ, Edmilson José de. *Estudos geolinguísticos em Pernambuco - O léxico das atividades agropastoris*. Disponível em <<http://alipeedmilsonjsa.blogspot.com/2010/07/o-lexico-das-atividades-agropastoris.html>>. Acesso em 12 de março. 2011.

Sobre a autora

Joseane Cavalcanti Ferreira é especialista em Programação em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco - UPE, estudante de especialização em Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos (PB) e Supervisora de Cultura no Serviço Social do Comércio - SESC Pernambuco. Vem se dedicando a pesquisas de variação linguística desde a licenciatura.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REFERENTE AOS ASTROS E TEMPO EM RECIFE E REGIÃO METROPOLITANA

Daniele dos Santos Lima

Introdução

O Português do Brasil, apesar de não ter uma grande tradição em estudos dialetais, a exemplo do Português de Portugal ou de outras línguas da Europa, tem demonstrado uma grande vitalidade nas duas últimas décadas, nessa área de atuação. Devido aos projetos desenvolvidos nas universidades, especialmente nos cursos de pós-graduação, os aspectos fonéticos-fonológicos e léxicos de falares regionais do Português do Brasil vêm sendo analisados, utilizando-se, para isto, diferentes correntes e modernas teorias linguísticas.

As pesquisas para a elaboração dos Atlas Linguísticos Regionais e do Atlas linguístico do Brasil, estão em fase adiantada. No campo específico da lexicologia e lexicografia, muitos dicionários, glossários e vocabulários, bem como teses e dissertações sobre linguagens específicas de falares regionais têm surgido com grande frequência. Já na área da fonética e da fonologia os trabalhos de análise de determinados aspectos de falares regionais vêm sendo realizados e utilizando-se as teorias mais diversas, desde a estruturalista, passando pela autosegmental à geometria dos traços.

Em termos de Nordeste, este fenômeno também está ocorrendo, havendo todo um interesse pelos estudos dialetais, fato comprovado pela publicação dos Atlas Linguísticos Regionais. O Brasil é tido com o um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensa e, por isso, a Língua Portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto, regional quanto social, especialmente em relação ao léxico. Vale salientar que essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda região. Há alguns estudos que versam sobre essa temática. Especificamente para o Nordeste, observam-se os trabalhos geo-sociolinguísticos da Bahia (APFB-1963), da Paraíba (ALPB-1984), de Sergipe (ALSE-1987 e 2005) e de Pernambuco (ALIPE) em fase de elaboração.

1. Itens lexicais

É por meio da língua que o homem se expressa. Através da linguagem é possível reconhecer a procedência do indivíduo. As palavras, ou itens lexicais, são os elementos básicos que o ser humano utiliza para formar enunciados. Na maioria das vezes o indivíduo faz uso das palavras, sem parar para pensar nelas. Sendo assim, ele não percebe que algumas unidades formam enunciados que não estavam disponíveis para o uso e foram criadas. Para Carvalho (1989, p.20) “a neologia lexical é o estudo da criação da palavra ou conjunto de palavras, de sua produção [...] Isto conduz evidentemente à análise do contexto sociolinguístico”. Dessa forma, os estudos dialetológicos são importantes, não só para verificar as semelhanças e contrastes existentes no léxico falado pelos habitantes da região metropolitana do Recife, mas para analisar a variação lexical e diatópica e seus campos semânticos na realidade sociocultural dos municípios selecionados. Cardoso & Ferreira (1994, p. 11), em seu livro *A dialetologia no Brasil* menciona que “Uma *língua* é um sistema de sinais acústicos-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade”. Além disso, a língua é resultado de um processo histórico e evolutivo, pois:

A primeira grande distinção para língua decorre da sua relação com o espaço. A amplitude do território traz como consequência a diversidade diatópica. Traços que são regionais, definidores de áreas geográficas, afetam a todos os falantes da região, não se constituindo, no seu interior, como distintivo de classes sociais e, portanto estigmatizantes. (CARDOSO, 2010, p. 178)

Sendo assim, o Brasil apresenta-se como uma terra de grandes contrastes, marcada pela heterogeneidade cultural, social e econômica que vai refletir na Língua Portuguesa.

Para Fairclough (2008, p. 230) “A relação das palavras com significados é de muitos-para-um e não de um-para-um, em ambas as direções: as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são ‘lexicalizados’ tipicamente de várias maneiras”. Isso significa que como produtor de discurso o indivíduo está diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras.

Para estudar a língua é necessário analisar sua relação com o aspecto geográfico, é introduzir-se no campo da dialetologia. Referente à dialetologia

Cardoso (2001, p. 42) diz que: “A Geolinguística, como a própria denominação lhe impõe e a natureza dos dados que busca reunir exige, permanece, na sua essência, diatópica sem, porém, descurar do aspecto multidimensional de que se reveste o ato de fala”. A língua é um conjunto de variedades, por isso, é relevante a analisar as semelhanças e contrastes existentes no léxico falado pelos habitantes do Recife.

A partir da definição de língua é possível conceituar dialetos ou falares regionais. Além disso, a língua é um sistema de signos que levam a conceitos, ou seja, ela chega ao mundo que representa e este mundo é próprio de cada grupo. Já o dialeto é uma variante de uma língua, distinta em termos sociais ou regionais e identificada por um conjunto particular de palavras. Preti (2003) em seu livro, *Léxico na língua oral e na escrita*, relata os aspectos de uma língua na cidade, a variação lexical e prestígio social das palavras. Além disso, Preti (*op cit*, p. 87) fala sobre a seleção lexical na construção do texto falado:

O falante, de forma fluente ou num contexto de hesitações, define-se por uma escolha lexical, para qual, quase sempre na sequência imediata, apresenta uma segunda possibilidade e, menos frequentemente, até uma terceira. A seleção lexical manifesta-se, então, por meio de um desdobramento lexical no eixo paradigmático de um determinado lugar no eixo sintagmático.

Ainda com as palavras de Preti (*op cit*, p. 49) “A língua falada representa, igualmente, uma das mais imediatas marcas de identidade social”. Outro fator interessante é que a língua oral é mais suscetível de expressar variações e, nela, os critérios de aceitabilidade social são mais elásticos, principalmente em nível lexical. A dinâmica da sociedade contemporânea é bem expressa nas transformações do léxico, não só na criação neológica dos vocábulos científicos, mas, principalmente, na linguagem coloquial.

Por outro lado, Biderman (2001, p. 152) referente aos critérios de delimitação e de definição da palavra comenta que “Na evolução léxica das línguas Românicas constatou-se que, frequentemente, as alterações semânticas podiam acarretar alterações nos significantes”. Dessa forma, todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como uma gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Isto é, cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, ou seja, é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua.

A variação e a mudança linguística, no período da passagem do desenvolvimento da sociolinguística, passaram por enormes problemas seja no nível metodológico, como no campo prático da análise, da interpretação e do modelo. Sendo assim, este trabalho propõe-se a mostrar a análise das designações lexicais de estrelas na Região Metropolitana do Recife, inspirados em trabalhos sobre estudos variacionistas realizados no Estado e respaldados nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия, da Geolinguística e da Sociolinguística, evidenciados na construção do Atlas Linguístico do Brasil.

2. Dialetoлогия e Geolinguística

A dialetoлогия moderna se preocupa em estudar o dialeto ou falar regional em todos os aspectos – diatópico, diastrático e diafásico. Entretanto os primeiros estudos com indícios dialetoológicos tinham o objetivo de fazer apenas uma comparação entre línguas para conhecer sua ancestralidade, desenvolvida pela Gramática Comparativa. Somente a partir da última década do século XIX é que os métodos dialetoológicos propriamente ditos passaram a ter um lugar de honra na Linguística.

Mesmo assim, as pesquisas desenvolvidas no final do século XIX e início do século XX voltaram-se exclusivamente para o meio rural, por ser considerado o ambiente ideal ao conhecimento da língua e suas variações na essência, uma vez que o homem rural era um ser que não possuía contato com o meio citadino e, por isso, ainda não havia sido influenciado, ou seja, contaminado pelo progresso cultural e tecnológico que este impõe.

Dessa forma, linguistas e dialetoólogos passaram a preferir as comunidades rurais por possuírem indivíduos que detinham uma falar regional, eram rústicos e pertenciam às gerações mais velhas, ou seja, eram indivíduos detentores de uma longa tradição linguística. Esta metodologia provocou bastante inquietação entre os linguistas, pois se afastava da língua viva dos grandes centros urbanos e deixava de analisar certos aspectos extralinguísticos, caracterizados como organismos vivos dessa língua. Se a metodologia cartográfica limitava-se a estudar somente os limites geográficos de determinado fenômeno linguístico, isto não interessava.

Diante de tais lacunas, os estudiosos passaram a se interessar pelos assuntos citadinos e pela história social das comunidades modernas, passando a realizar um estudo vertical da comunidade pesquisada. Não só o campo era estudado, mas também a cidade, que vive em contínua mudança. Com isso, especialmente através do método geolinguístico, a dialetoлогия passou

a resolver dois problemas: o primeiro era fazer um registro documental de uma tradição linguística que estava em constante evolução, e o segundo era registrar e descrever a língua viva em um determinado momento que passou proporcionar diversas interpretações, em múltiplos estudos.

O termo “dialetologia” deriva de dialeto, que é a nomenclatura tradicional dada às línguas regionais. A análise desses traços linguísticos é a principal razão dos estudos dialetológicos. Para tornar mais claro o que se entende por dialeto sua distribuição e relação com a língua histórica da qual é parte integrante, é oportuno conceituar isoglossa. Por isoglossa entende-se uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e consequentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem também mostrar contrastes e semelhanças linguísticas socioculturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas). Quanto à natureza dos fatos linguísticos, uma isoglossa pode ser lexical, ou seja, isoléxica; pode ser fônica, isófono; pode ser morfológica, isomorfa e pode ser sintática.

O estudo sobre os dialetos nasceu por volta do século XX. Dessa maneira, a dialetologia deixou de ser vista apenas como um estudo e passou a ser vista como uma ciência. Ou seja, o interesse pelos dialetos surgiu através da vontade dos próprios linguistas em registrar e descrever essas diferentes variedades linguísticas regionais.

A dialetologia busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos ou pelo confronto presença ou ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas.

Ferreira e Cardoso (1994, p.12), pesquisadoras baianas na área de Dialetologia no Brasil, afirmam que: “os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira”. Ainda com as palavras das autoras Ferreira e Cardoso (1994, p.19), “A dialetologia não deve ser confundida com a geografia linguística ou geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialetologia”. Segundo Cardoso (2010, p. 45) “A história dos estudos dialetais vem demonstrando que a visão diatópica não tem estado desacompanhada da perspectiva social na construção de uma metodologia a ser seguida pela geolinguística”.

O método mais atual dentro dos estudos dialetológicos é a geografia linguística, parte da dialetologia que analisa as variações linguísticas, através

de um estudo cartográfico. Ou seja, a geografia linguística é considerada um método e não ciência, pois a mesma organiza a pesquisa em dialetologia. Vale ressaltar que a ciência é a posse de conhecimento, e método é a maneira de ordenar a ação.

No que diz respeito ao Brasil, tem-se verificado, nas últimas décadas, grande interesse por pesquisas relacionadas a fatos dialetais. Esses estudos procuram observar as relações entre espaço geográfico e fatos linguísticos, para que haja a compreensão da variação linguística, em especial a diatópica, a partir do estudo desse fenômeno linguístico *in loco*.

3. A pesquisa na Região Metropolitana do Recife (RMR)

A metodologia usada para este trabalho foi baseada em leituras de livros e artigos relacionados à variação diatópica, dialetologia, léxico e pesquisa de campo, cujo respaldo recai para o ALiB (2001). O Projeto ALiB é um empreendimento de vultosa amplitude, de caráter nacional, que tem por meta a elaboração de um Atlas geral do Brasil no que diz respeito ao uso da Língua Portuguesa. Esse desejo vem desde 1952, somente no final do século começou a tomar corpo, devido à iniciativa de um grupo de professores que se propuseram a concretizar essa proposta.

Em 1996, em Salvador, por ocasião da realização do Seminário *Caminhos e Perspectivas para Geolinguística no Brasil*, com a participação de pesquisadores de áreas oriundos de diferentes regiões brasileiras, foi retomada a ideia da elaboração de um Atlas linguístico nacional. A partir daí, um árduo trabalho vem se desenvolvendo para que os objetivos do projeto sejam alcançados.

A pesquisa de campo foi realizada da seguinte maneira: em cada ponto foram entrevistados 02 (dois) informantes, 01 (um) do sexo masculino e 01 (um) do sexo feminino, pertencentes à faixa etária entre 50 e 65 anos. Os informantes entrevistados possuem nível superior ou cursaram até a 4ª série do ensino fundamental. A escolha dos pontos e a caracterização dos informantes baseiam-se nas orientações do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). O questionário utilizado foi o semântico-lexical (QSL - astros e tempo). A análise presente neste trabalho refere-se as questões (29, 30 e 31) do (QSL). Da região escolhida para a pesquisa, foram investigadas as cidades a saber: Recife, Abreu e Lima, Moreno, Paulista e Igarassu. Através do ques-

tionário (QSL) foi possível comparar os léxicos utilizados pelos habitantes das cidades pesquisadas.

Fatores sociais como: idade, gênero, escolaridade, profissão, tem-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais. Por isso, esta pesquisa seguiu os critérios do ALiB.

Vale ressaltar que na variável escolaridade, inicialmente foi privilegiado somente o informante que, enquadrando-se nas outras variáveis, deveria ter o mínimo possível de conhecimento escolar, seguindo a velha mentalidade de busca de dialeto puro. Com as mudanças sociais essa mentalidade foi se modificando e, hoje, o intuito maior é registrar a língua nas suas mais diversas dimensões. Sendo assim, busca-se não apenas informantes com baixa escolaridade, mas também com nível superior.

A Sociolinguística contribuiu para solução do problema de paradoxo do observador, sobre se envolver ou não nas situações de fala, interagindo com o informante. Ou seja, a indicação de formular questionários que guiassem a conversação possibilitou a homogeneização dos dados para futuras comparações. Lembrando que a Dialetoлогия sempre trabalhou com a aplicação de questionários, no entanto eles tinham como objetivo principal detectar fatos fonéticos e léxicos, com essa orientação os questionários ampliaram seu campo de atuação, recobrando também a morfossintaxe, a prosódia e metalinguagem.

A Dialetoлогия também faz uso dos métodos etnolinguísticos que foram herdados da Antropologia a qual prega que não se pode estudar uma cultura sem que o pesquisador esteja inserido nela, devendo se aproximar o máximo dos indivíduos observados como se fosse parte deles ao longo de uma pesquisa.

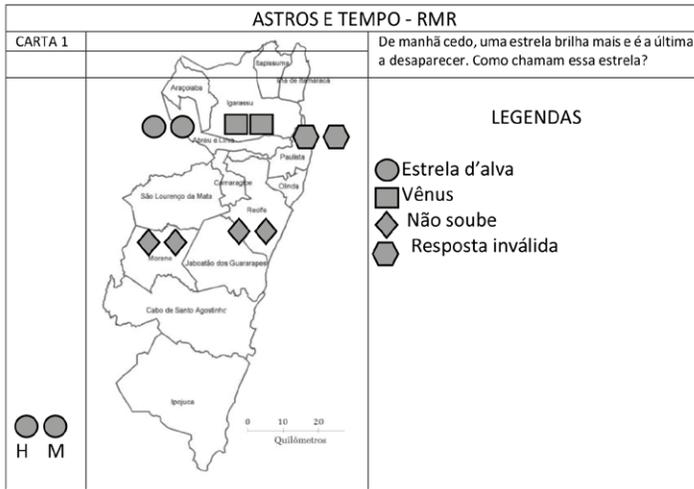
Dentre tais métodos, os que mais auxiliam o entrevistador é o armazenamento de dados por meio de gravação em áudio, bem como a utilização de fotografias e a preocupação em reunir os dados sobre a comunidade tanto no aspecto histórico quanto no socioeconômico e cultural. Dessa maneira, as pesquisas atuais, com o aperfeiçoamento metodológico que estas disciplinas proporcionaram, passaram a ter mais concretude na recolha de informações, tornando-se uma verdadeira fonte de dados para novos estudos e, com isso, auxiliando outras disciplinas.

4. Análise dos dados encontrados sobre as designações de estrelas na RMR

Para a realização de pesquisas em todo Brasil, costumam ser usados os questionários do ALiB, publicados em 2001 num livro que tem inspirado e auxiliado muitos pesquisadores. O livro inclui o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), o Questionário Semântico-Lexical (QSL), o Questionário Morfossintático (QMS), questões pragmáticas, temas para discursos semi-dirigidos, questões metalinguísticas e textos para leitura. Este trabalho focalizou-se em três questões do questionário (QSL) referente aos astros e tempo a seguir: (029) De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela? (030) De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como se chama esta estrela? e (031) De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso? (QUESTIONÁRIOS, 2001, p. 23).

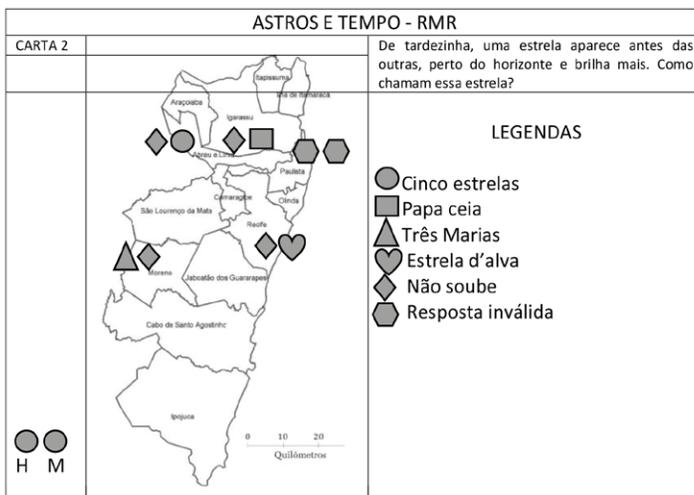
Quando os entrevistados foram questionados sobre *uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer*, foi encontrada a variante *estrela d'alva*. Segundo o Dicionário Ilustrado de Antenor Nascentes (1976, Vol.VII, p.689), *estrela d'alva* significa o nome dado impropriamente ao planeta Vênus quando observado ao amanhecer. Já no Novo Dicionário Aurélio, (1986, p.727), *estrela d'alva* significa: [de estrela + de + alva], Vênus. Por outro lado, no Dicionário Houaiss, (2004, p.1263) *estrela d'alva* também significa Vênus. Daí, pode-se perceber a divergências de conceitos, já que em Nascentes (*op cit*), essa conotação parece ser preterida. Já para Smart (1961), Vênus e a Terra são muito semelhantes em tamanho e densidade média. O Smart (1961, p. 69) acrescenta que: "Vênus forma um fino halo de luz que cerca a parte não-iluminada do disco, uma prova indubitável da dispersão da luz solar pela atmosfera, como ocorre na Terra no fenômeno do crepúsculo". Para Houaiss (2009, p. 200) crepúsculo significa claridade entre a noite e o nascer do sol ou entre o pôr do sol e a noite. A carta a seguir mostra o resultado obtido:

Figura 1: Carta com realizações para a estrela d’alva



Para a questão (030), que visa discorrer sobre uma estrela que aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais, foram encontradas as seguintes variantes: *cinco estrelas*, *papa ceia*, *três Marias*, *estrela d’alva*. A lexia *papa ceia* no Dicionário Ilustrado de Antenor Nascentes, (1976, Vol V, p. 1214, significa, estrela Vésper. No minidicionário de Houaiss e Villar (2009) o verbete *vésper* refere-se ao planeta Vênus, quando aparece à tarde. Tal semelhança etimológica com a estrela ainda encontrada de manhã pode justificar a escolha do termo por informantes quando inquiridos sobre os dois tipos de estrela, conforme a carta abaixo:

Figura 2: Carta com realizações para papa ceia



A variante *cinco estrelas*, ao que parece, não está dicionarizada, mas, por outro lado, pode-se acreditar numa analogia a outras lexias complexas iniciadas por números encontradas em atlas linguísticos, para designar a mesma estrela. No Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, por exemplo, há três marias, sete estrelas e sete marias.

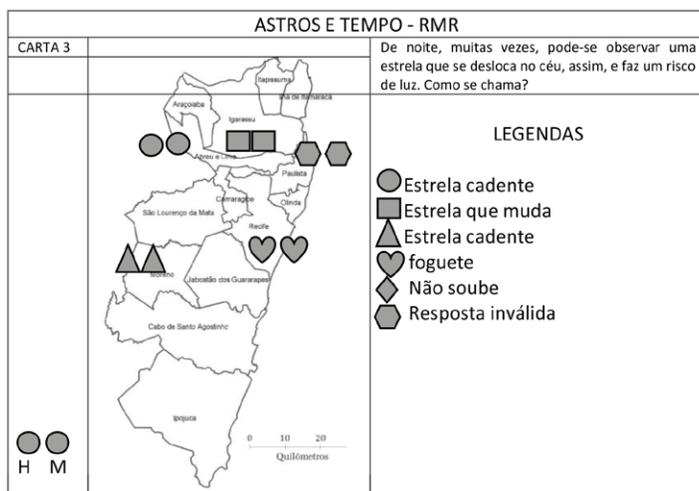
A respeito da lexia *três marias*, também encontrada na pesquisa na RMR, a astronomia a conceitua como um agrupamento de três estrelas que formam o cinturão da constelação de Orion, o caçador, e são facilmente reconhecidas pelo brilho que possuem.

Numa perspectiva mais etnolinguística, pode-se, ainda, acreditar que costumes judeus inseridos na imigração à capital pernambucana e suas proximidades, ajudam a explicar um pouco das variantes numéricas encontradas, já que a contagem de estrelas, proibida por aqueles povos, quando feita por crianças, era passível de penalidade (PINHEIRO, 2009).

A questão (031) sobre a estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz teve como respostas *estrela cadente*, *estrela que muda* e *foguete*.

A carta 3, representada pela figura seguinte, oferece um recorte das variantes encontradas, numa distribuição diatópica.

Figura 3: Carta com realizações para estrela cadente



Segundo o professor de astronomia, Smart (1961) os *meteoros* são chamados popularmente de *estrelas cadentes*. Nem sempre se sabe como é pequeno o corpo celeste responsável pelo brilhante, mas fugaz risco de luz que atravessa o céu à noite. O autor ainda acrescenta que o aparecimento

de um grande número de estrelas cadentes chama-se Leônidas. Porém, no Dicionário Ilustrado de Antenor Nascentes (1976, Vol IV, p. 1083), meteoro é o fenômeno atmosférico ou que se passa na atmosfera. Já no Novo Dicionário Aurélio, (1986, p. 1127), meteoro é qualquer fenômeno que ocorre na atmosfera terrestre: chuva, granizo, neve, vento, aurora boreal, relâmpago, trovão, estrela cadente, aparição efêmera.

Para Houaiss, (2004, p.1909), meteoro é qualquer fenômeno óptico ou acústico que se produz na atmosfera terrestre, como o vento, a chuva, o arco-íris; rastro de luminoso presente na atmosfera terrestre quando ocorre atrito com um meteoróide e os gases desta atmosfera, estrela cadente, estrela filante, estrela fugaz.

Por outro lado, para o verbete foguete foi encontrada no Novo Dicionário Aurélio, (1983, p.793) a seguinte definição: engenho pirotécnico que estoura no ar, em ocasiões de regozijo, e consta de um tubo de papelão cheio de pólvora e dotado de punho, a qual atua em virtude da explosão dos gases de combustão da pólvora, quando se atea fogo no pavio, fogo-do-ar, foguete-do-ar, rojão, fogos.

Ferreira & Cardoso (1994) em seu livro *Dialetologia no Brasil* fazem uma análise das expressões obtidas para o conteúdo “fenômeno atmosférico” identificado como estrela cadente. Ou seja, há registros segundo as autoras desse conteúdo nos APFB, EALMG, ALPB, ALS, de três substâncias fônicas relativas a uma mesma questão:

Exalação - documentada no APFB em três das cinquenta localidades, *zelação* - que ocorreu em 47 localidades das quatro áreas estudadas (Bahia, 20 localidades; Minas Gerais, 13 localidades; Paraíba, 12 localidades e em Sergipe apenas uma localidade); *velação* - somente na Bahia, em 14 localidades.

Se se atentar para o número de ocorrências, ainda mais, conjugado à distribuição geográfica, não há como duvidar da maior vitalidade da substância fônica *zelação*. [...] do verbo *exalar*, isto é, “emanar, emitir, evolar-se, desprender-se, etc.”, tem-se o derivado *exalação* com o sentido genérico de “emanação”; outro mais específico, o de “luz rápida, produzida por substâncias gasosas que emanam do solo e se inflamam ao contato da atmosfera” (Silva, 1949/1959, s.v. *exalação*), e também, por ampliação semântica, temos para *exalação* o conceito de “luminosidade resultante de penetração na atmosfera de um bólico que deixa um rastro de luz”, ou seja, exatamente o fenômeno identificado como *estrela cadente*, esta última lexia a mais usual na norma urbana. *Exalação* é, pois, forma motivada, derivada

de exalar. A substância de expressão *zelação* resulta de modificações fônicas operadas em *exalação* (e não, como pretendem alguns, de zelar + ação) [...]. (CARDOSO & FERREIRA, 1994, p. 64)

As autoras ainda mencionam que houve decréscimo da motivação semântica entre o derivado *exalação* (“já na acepção de estrela cadente”) e a base *exalar* (= “emanar”). Ou seja, ao se dizer *exalação* para estrela cadente já não mais se associa ao sentido de “emanação”.

Jacyra Mota em seu artigo “Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros” que encontra-se na Revista GELNE menciona que a expressão *estrela se mudando*, foi documentada em quatro das 25 localidades do ALPB, e com essa outras formas flexionais do verbo *mudar*.

Além disso, ela verificou que fora da área do falar baiano, *zelação* registra-se também na Paraíba, onde se encontram ainda as variantes *elevação* e *viração*.

Dessa maneira, foi possível verificar que as variantes encontradas na pesquisa pernambucana traz uma quantia de variantes curiosas, a se somar a tantas outras dos atlas já concluídos.

Conclusão

Este trabalho demonstrou a importância das pesquisas geolinguísticas para o estudo da distribuição diatópica no nível lexical. Além disso, é notório que a passos largos e sólidos foi dado uma direção aos estudos geolinguísticos no Brasil, principalmente nos últimos 50 anos. Além dos atlas já publicados e em andamento, outras contribuições para o desenvolvimento dos estudos dialetais no Brasil estão sendo oferecidas por meio de uma numerosa produção de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado nas universidades brasileiras.

Os resultados encontrados enfatizaram interpretações para *estrela d'alva*, *estrela da manhã* e *estrela cadente* e, ao que se percebe, não é possível, ainda, propor isoléxicas, que permitam construir marcas dialetais da região inquirida, dada a distribuição multiforme dos resultados, o que poderá ser modificado, quando da inserção dos dados das demais mesoregiões, cuja coleta está sendo concluída para a construção do Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), mostrando as variantes de todo o Estado.

Esses dados poderão, também, ser usados em comparações com outros estudos relacionados ao tema. Além disso, pesquisas de mesma natureza

mostra a importância da construção dos atlas regionais para conhecimento das variantes do português do Brasil.

É conveniente ressaltar a necessidade de se estudar, analisar e caracterizar os dialetos, antes que sejam absorvidos e desapareçam sem que deles se faça um estudo científico sistematizado e um registro para a história da língua. Além disso, a quase inexistência dos cursos de Dialectologia nas Universidades se constitui, talvez, no maior dos problemas para o desenvolvimento dos estudos dialetológicos. De um tempo para cá, os estudos dialetológicos avançaram bastante, mas ainda precisa de mais investimentos para as pesquisas de campo.

Referências

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa Palmeira de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: CNPq/ UFPB. Coordenação Editorial. vol.1, 1984.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Falares Nordestinos. In: MELLO, Linalda Arruda. *Sociedade, Cultura e Língua: Ensaio de Sócio e Etnolinguística*. João Pessoa: Shorin, 1990, p. 124-141.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8.ed.. São Paulo: Ática, 2007.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2.ed. São Paulo: Martins, 2001.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARVALHO. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Suzana Alice Marcelino. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. *DELTA*, 17, N. Especial, 2001.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Maria Regina Teixeira da. De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB: conquistas da Geolinguística no Brasil. *LETRA MAGNA*, Ano. 03, N 05, 2006. ISSN 1807-5193.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- FARIA, Romildo Povo. *Fundamentos de astronomia*. São Paulo: Papyrus, 1987.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ed. rev. e aum., 43ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- _____; VILLAR, Mauro de Sales. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MOTA, Jacyra. Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros. *GELNE*, Ano 1, N 02, 1999.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. VOL. III, Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

_____. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. VOL. IV, Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

_____. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. VOL. V, Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

PINHEIRO, Marjones. *Judeus trouxeram costumes que foram incorporados em Pernambuco*. 1999. Disponível em <<http://pe360graus.globo.com/recifeolinda/cidades/anj-versario-do-recife-e-de-olinda/2009/03/10/nws,486961,4,557,recifeolinda,1158-ju-deus-trouxeram-costumes-incorporados-pernambuco.aspx>> acesso em 13/02/2012.

PRETI, Dino. *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

SMART, W.M. *A origem da terra*. tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

Sobre a autora

Daniele dos Santos Lima é Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa e professora de Português, Inglês e Arte no sistema Estadual de Ensino (Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA) e Tutora Virtual (UFRPE). Contato: danlima02@hotmail.com.

ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS EM ESTUDOS LEXICAIS NO AGRESTE E SERTÃO DE PERNAMBUCO

Isabel Cristina Rabelo de Vasconcelos Gomes
Maria Elenice Marques dos Santos

Introdução

Quando se fala em diversidade, o Brasil pode ser citado em todo e qualquer contexto sobre o tema, sem discussão alguma. Sua principal característica é, justamente esta: ter diferenças dentro de um todo. São diferenças naturais, culturais, religiosas, étnicas e tantas outras que prolongaria o assunto por muito mais tempo e texto.

O principal motivo para que ocorra tal fenômeno, indubitavelmente, é a extensão territorial do país que ultrapassa os oito milhões de quilômetros quadrados. Isso faz com que o Brasil abrigue muita gente, mas as deixe geograficamente distantes, fazendo com que costumes, crenças e sociedades ganhem variações. E com a língua falada aqui – a língua portuguesa – não seria diferente.

Somos um mesmo povo, pertencemos à mesma situação, temos como oficial a mesma língua, mas falamos, perceptivelmente, de maneiras diferentes, sejam no aspecto fonético, semântico-lexical ou morfossintático.

O falar de cada pessoa expressa sua cultura e o meio em que vive. É o seu principal instrumento para transmitir o que sabe, o que quer, para quem quer enviar a mensagem e para quê. Enfim, é modo que tem de ser compreendido.

Mas como já foi citado, esse falar não é homogêneo. Ele sofre diferenças de uma região para outra, de um grupo para outro, mesmo todos falando a mesma língua, pois a mesma sofre influências do meio em que está inserida. São vários Brasis dentro de um mesmo Brasil.

Diante desse fenômeno, a Sociolinguística estuda as influências sociais na fala de um indivíduo, uma vez que a “língua e a sociedade estão inteiramente ligadas, já que fazem parte do mesmo processo cultural” (OLIVEIRA, 2008), bem como situações que a fazem variar. E essa é a linha de raciocínio seguida para a execução do presente estudo tendo como local para análise, o Agreste e o Sertão de Pernambuco, justamente por esse ser um dos Esta-

dos que mais se destacam no que diz respeito à diversidade. Já o objeto a ser estudado é a variação semântico-lexical presentes nessas mesorregiões.

Para o *corpus* desse trabalho foram utilizadas, como fonte, as entrevistas da pesquisa feita pelos pós-graduandos em Língua, Linguística e Literatura, pelas FIP¹, intitulada **O Perfil Sociolinguístico do Agreste e Sertão Pernambucano**, e que foi orientada pelo professor Edmilson José de Sá¹.

Quando se fala em pernambucano, a imagem que nos vem à cabeça é aquela representada por um cidadão típico das mesorregiões mencionadas, com seu modo de falar peculiar e seu jeito único de ser. É brasileiro, sua língua é a portuguesa, mas fala de uma maneira completamente diferente dos demais brasileiros. Diante disso, seria injusto não fazer um estudo dessas variações apresentadas pelo pernambucano do Agreste e Sertão.

1. O campo da Sociolinguística

O ser humano não é um indivíduo sozinho. Por mais que queira, ele não vive isolado, sem contato com os demais de sua espécie. Convive em um meio social – seja ele qual for – interage, observa e se comunica, tornando-se assim um ser social. É nessa convivência que descobre, aprende, passa e repassa idéias e informações que transformam o seu modo de ver as coisas e de ser no mundo, ou seja, recebe e transmite influências. A língua não passa ilesa por essas transformações, ela caba sofrendo influências de acordo com o meio social em que o indivíduo esta atuando.

Desde o momento de nosso nascimento, um universo de signos linguísticos nos cerca e suas várias formas de comunicação tornam-se reais, pois começamos a imitar e/ou associar, formulando, a partir daí, nossas mensagens. Os modos gestuais, visuais e sonoros estão em volta do homem e compõem mensagens diversas que são transmitidas de maneiras variadas. E, sem sombra de dúvidas, para que tais mensagens sejam bem sucedidas, a língua tem suma importância, seja ela visual, oral ou escrita. É aí que entra a Sociolinguística.

Já sabemos que o homem não é um ser só e usa várias línguas (mesmo dentro de sua própria língua materna). Por ser plurilíngue, ele faz sua língua se apresentar de várias formas, de acordo com a situação: em casa, na rua, no trabalho, em tribunas, enfim, cada contexto o faz “diferenciar” a maneira

1. Faculdades Integradas de Patos. Professor de Variação Sociolinguística no curso de pós-graduação citado, também professor na Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde.

de usar a língua, até porque, quem interage com esse indivíduo traz as mesmas características. É um ponto que nos faz perceber que toda e qualquer comunidade se torna heterogênea no modo de falar.

(...) a variação e a mudança linguísticas é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (BAGNO, 2007)

Cada indivíduo, comunicante em seu meio, usa e modifica sua língua, fazendo com que esta (que permanece a mesma) viva em constante transformação. A Sociolinguística estuda essas relações entre a língua e a sociedade, observando a fala e o seu uso de um ponto de vista social e não individual, buscando analisar e compreender até que ponto a sociedade tem incidência sobre a fonética, morfologia, a sintática e a semântica das línguas e se, estas, se constituem variavelmente no uso, ou seja, se dependem de quem as usa (conforme gênero, faixa etária, escolaridade, grupo social, etc).

(...) para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar a sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda (BRANDÃO, 1991)

Muitos defendem a uniformização na maneira de falar dos indivíduos, fazendo com que a língua seja homogeneizada. O preconceito linguístico se firma condenando e excluindo os que são considerados “mal-falantes” da língua. A Sociolinguística derruba esse muro e mostra que a diversidade linguística não é um problema, mas é a qualidade do meio social, pois constitui um fenômeno linguístico.

Labov, precursor da Sociolinguística, contestava essa discriminação, que era bem difundida nos Estados Unidos, resolveu inovar, mostrando que ninguém é inferior ao outro, pois só têm modos diferentes de falar, que varia de acordo com o meio em que vive.

(...) falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e, se pertencem a uma mesma região, também não falam de uma mesma maneira, tendo em vista os diversos estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. (FERREIRA & CARDOSO, 1994)

O objetivo da Sociolinguística é analisar, compreender e respeitar essas variações, valorizando as características na maneira de falar de cada ser, bem como, mostrar a língua e seus diversos falares como uma das formas mais concretas de demonstrar a riqueza cultural de um povo.

2. Panoramas sobre estudos lexicais

Como vimos, a Sociolinguística trata da relação da língua com a sociedade, observando os vários grupos onde ela está inserida: regionais, sociais, de gênero, faixa etária, escolaridade, etc. Esse estudo analisa os aspectos fonéticos, semântico-lexicais e morfossintáticos expressos por uma comunidade linguística. Porém, não abríamos tanto o leque e ficaremos restritos somente as observações no âmbito semântico-lexical.

Para que compreendamos o que vem a ser léxico, levemos em consideração o que diz Biderman (2001):

O léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente.

Ou seja, é o simples ato de nomear os seres, objetos, locais, ações, sentimentos ao longo do tempo e de acordo com o contexto. *Casa, homem, gato, amor, sorriso, Viena* são exemplo de léxicos para aquilo que representam.

(...) o homem sempre utiliza o léxico de uma língua para dar nomes aos seres e objetos, registrando e nomeando as coisas que o rodeiam e que fazem parte de sua realidade. Em seguida, agrupa e compara os objetos que o rodeiam, identificando as semelhanças e diferenças existentes entre eles, fato que o individualiza, tornando cada coisa diferente uma da outra. (OLIVEIRA, 2008)

A partir desse ponto, percebemos o que a Sociolinguística defende: primeiro o indivíduo tem contato com o meio, depois desenvolve o seu falar, criando, até, novos nomes. Aragão (2009) fala, a fim de completar esse raciocínio, que “toda visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas sócio-culturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico”. Já para o aspecto semântico (significação), Biderman (1978) afirma que esse universo é estruturado nos lados opostos: indivíduo e sociedade, pois é dessa “tensão que origina o léxico”. Sua experiência no mundo é que dará a significação àquela palavra. Ex: *canjica* no Sudeste é um cozido doce de grão de milho, é o que o Nordeste chama de *mungunzá*. Se pedir *canjica* no Nordeste, servirão uma espécie de angu doce, bem parecido com polenta, mas que no Sudeste é conhecida como *cural*.

Greimas (1981) diz que a semântica é o “conteúdo total atribuído a um significante” e Pottier (1987) completa, afirmando que esse aspecto – o semântico – é “o conjunto dos traços semânticos ou, ainda, as significações lexicais e gramaticais”.

Não há semântica sem léxico, nem léxico sem semântica, pois, segundo Aragão (2009) para “se apreender, compreender, descrever e explicar a ‘visão de mundo’ de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos”. Há também, de se levar em consideração a importância da compreensão de sinonímia lexical, que segundo alguns estudiosos sobre o assunto, é o que ocorre quando uma mesma palavra tem vários significados. É o caso do vocábulo *manga*:

- MANGA: parte do vestuário que cobre o braço. (A manga da camisa rasgou.);
- MANGA: fruto comestível da mangueira. (Que manga deliciosa comi na casa de Dona Joaquina.);
- MANGA: forma verbal na 3ª pessoa do singular, no presente do indicativo de *mangar*, que significa zombar, caçoar. (Ele todos dos colegas que chegam atrasados).

Ao mesmo tempo, que, parece tão complexo todo esse universo lexical e semântico, também é simples de compreender, basta fazermos um estudo analítico e aprofundarmos, bom como prestarmos atenção ao contexto. Assim, podemos dizer que um mesmo objeto, ser, sentimento pode ser determinado por vários léxicos, conforme o grupo linguístico (*mandioca* – SP; *aipim* – RJ;

macaxeira – PE) e/ou o mesmo léxico ter vários significados, como vimos no exemplo de *manga*.

Toda essa variação lexical só faz da língua um fenômeno de diversidade, capaz de expressar toda a riqueza de um povo.

3. O estado de Pernambuco

Pernambuco é uma das 27 unidades da Federação e está localizado na região centro-leste do Nordeste brasileiro. Sua área territorial chega aos 98.311 quilômetros quadrados e faz limite com a Paraíba (N), Ceará (NO), Bahia (S), Alagoas (SE), Piauí (O) e Oceano Atlântico (L). Ainda como parte de seu território, tem o Arquipélago de Fernando de Noronha. Sua capital é a cidade do Recife. A população pernambucana quase alcança os 9 milhões de habitantes, distribuídos em 184 municípios. Seu relevo apresenta planície litorânea, planalto central e depressão. O mangue (Litoral), floresta tropical (Zona da Mata) e caatinga (Agreste e Sertão) forma sua vegetação. As principais bacias hidrográficas são do São Francisco, Capibaribe, Ipojuca, Una, Pajeú e Jaboatão. O clima é o tropical atlântico (Litoral e Zona da Mata) e semi-árido, bem predominante no Agreste e Sertão. É dividido em cinco mesorregiões: São Francisco Pernambucano, Sertão, Agreste, Mata Pernambucana, Metropolitana do Recife.

Num contexto histórico, Pernambuco se destaca por suas lutas e vitórias, numa marcante expressão popular em movimentos sociais e culturais. O povo é fruto da mistura de outros povos como os africanos, europeu e os índios e demonstra sua diversidade tão viva através da fala, da dança, da culinária, da música, do vestuário, das crenças e em tudo o que for capaz de expressar a cultura e a história do povo pernambucano. É um Estado que investe muito em educação, além de apresentar um avanço econômico e tecnológico além do crescimento nacional.

Figura 1: Bandeira de Pernambuco



Enfim, Pernambuco é uma terra de cultura, alegria, de belezas naturais, de desenvolvimento na tecnologia e na economia, bem como na educação e que exalta sua grandiosidade e imponência no contexto sócio-histórico-cultural do Brasil.

3.1 Mesorregiões de Pernambuco

Mesorregiões são subdivisões do Estados brasileiros, onde situa um grupo de municípios de uma mesma área geográfica com semelhanças quanto à economia e ao meio social. Não constitui entidade política ou administrativa porque só é utilizada para fins estatísticos.

Pernambuco é subdividido em cinco mesorregiões com diferentes características sociais, econômicas e geográficas.

Figura 02: Mesorregiões de Pernambuco



1. *São Francisco Pernambucano*: abrange 15 municípios e tem Petrolina como sua capital. Tem sua economia baseada na pecuária e na produção agrícola de frutas para exportação.

2. *Sertão*: é formada por 41 municípios e as cidades que têm mais destaque são, Araripina, Arcoverde e Serra Talhada.

3. *Agreste*: é composta por 71 municípios e localiza-se entre a Zona da Mata e o Sertão. Sua principal cidade é Caruaru.

4. *Mata Pernambucana*: abrange 43 municípios e suas cidades mais importantes são: Vitória de Santo Antão, Goiana, Carpina, Timbaúba, Paudalho, Palmares, Escada, Barreiros e Sirinhaém. Sua economia tem base no cultivo da cana-de-açúcar.

5. *Metropolitana do Recife*: conhecida com a sigla RMR e possui 14 municípios, além da Vila dos Remédios, em Fernando de Noronha. Recife (capital

do Estado) é a principal cidade. A economia é baseada na atividade comercial, industrial e de turismo. O PIB dessa região corresponde a 65% do estadual.

Na junção de tudo isso, Pernambuco mostra sua potência.

4. O léxico pernambucano à luz da Sociolinguística

O léxico de uma língua, seja ela qual for, é baseada no conjunto de vocábulos utilizados por integrantes de um meio e que servem para nomear as coisas, lugares, seres, etc. Segundo a Sociolinguística, para que seja formada, essa estrutura lexical sofre influências da sociedade em que está inserida.

O Agreste e o Sertão de Pernambuco, após estudos, têm seu léxico para servir de exemplo dessa afirmação. Isso se dá porque se destacam nas variações diatópicas e diastráticas, mesmo em relação as demais mesorregiões pernambucanas. Também chama atenção pela variedade e pelas prováveis influências recebidas ao longo da história, pelos povos que contribuíram para a formação do Estado (africanos, europeus, índios).

Biderman (2001) afirma que “o léxico pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística...” o que confirma que o falar pernambucano deve receber a devida importância por se tratar de parte integrante de um contexto histórico, social e cultural. Biderman também fala que todo patrimônio linguístico é um tesouro e deve ser valorizado.

Como exemplo de variação lexical pernambucana, tomemos como exemplo as palavras *chimbra*, *bola-de-gude* e *bila*, que são utilizadas por pessoas diferentes em mas que mantém o sentido em comum: pequena esfera de vidro usadas em brincadeiras de crianças.

Figura 3. Crianças brincando com bolas-de-gude/chimbra/bila. Rosinha, 2009



Podemos analisar o uso de cada uma delas em grupos diferentes.

- *Chimbra*: mais usada por pessoas da zona rural e acima de 40 anos;
- *Bola-de-gude*: usada na zona urbana e tem equilíbrio quanto à faixa etária.
- *Bila*: teve equilíbrio nas zonas urbana e rural, mas é mais utilizada entre os mais jovens.

Outros léxicos foram observados entre os informantes e que chamam bastante atenção.

- *Medir e tirar pressão*: aferir a pressão;
- *Medonho*: monstruoso, enorme, colossal;
- *Bem cedo*: de manhãzinha;
- *Cabra*: homem, rapaz;
- *Aqui, acolá*: de vez em quando;
- *Pedra*: necrotério;
- *Camburão*: viatura.

Esses só foram alguns exemplos da variedade lexical no Agreste e Sertão Pernambucano.

A forma como os pernambucanos se expressam mostra o jeito único na forma de falar adquirido com o convívio em seu meio. Com isso a língua se amplia e toma colorido especial com dinamismo que só palavras conseguem traduzir. Essas variações não fazem de seu povo pessoas incapazes de se comunicar, só mostram a riqueza da língua materna – a língua portuguesa.

O léxico pernambucano é vasto, rico e variado, por isso não deve ser criticado, mas, sim valorizado.

5. Aspectos sociais no léxico pernambucano

Para observar a variação lexical existente no falar do pernambucano, consideremos o gênero, faixa etária e escolaridade, a fim de ver se esses aspectos sociais influenciam na estrutura lexical dessa comunidade linguística.

5.1 Gênero

Na Sociolinguística, o termo *gênero* consiste na distinção das falas de homens e mulheres e em seus comportamentos.

Observa-se que as mulheres têm um cuidado maior ao se expressarem, em comparação aos homens. Elas demonstram mais emoção ao falar, enquanto eles são mais objetivos, salvo alguns poucos casos.

Com isso, podemos dizer que as mulheres mantêm uma certa vantagem em relação à fala, ao vocabulário e à compreensão. Já o grupo masculino demonstra mais tendência à gagueira e à dificuldade na hora de escrever. Assim, falamos que ambos os gêneros possuem assuntos preferidos para cada um, estilos próprios e maneiras diferentes de falar.

5.2 Faixa etária

A observação do léxico, de acordo com a faixa etária, percebe uma variação maior que em relação ao gênero. Isso acontece porque, no passar das gerações, palavras vão sendo esquecidas (tornam-se arcaicas) e novos termos começam a ser utilizados, como exemplo as gírias. Vejamos:

- *Morou?* (Entendeu?) – termo utilizado nas décadas de 60 e 70. Os adultos e idosos conhecem bem;
- *Tá ligado?* (Entendeu?) – termo utilizado atualmente, principalmente entre os jovens e adolescentes;
- *Greia* (caçoar, fazer algazarra) – termo que já está quase em desuso. Somente pessoas com mais de 40 anos conhece e utiliza;
- *Tirar onda* (caçoar, fazer algazarra) – com o mesmo valor semântico de *greia*, é utilizado atualmente, também entre os jovens e adolescentes.

Com isso, notamos claramente a influência da faixa etária sobre o falar de uma comunidade linguística, comprovando, mais uma vez, a constante transformação e a heterogeneidade da língua sob influência do meio.

5.3 Escolaridade

Este é um dos aspectos que mais influem numa língua, pois quanto mais escolarizado o indivíduo se torna, mais rebuscada fica sua forma de falar.

As pessoas de menor escolaridade utilizam um vocabulário mais simples e vulgar, ao passo que os que passaram mais tempo estudando apresentam expressões mais clássicas. Tomemos como exemplo as frases a seguir:

- “...*ai eles meteram pedra...*” – expressão usada por uma senhora que não completou o ensino fundamental, e, no contexto, significa: jogaram pedra.
- “... *o agente disse para eu butar um advogado...*” – expressão que um informante, com ensino fundamental completo, usou, com o seguinte significado: contratar um advogado.
- “... *medo abrange muita coisa...*” – o homem que utilizou essa expressão tem o ensino médio completo, e o fez com o significado o seu significado real.

Assim, percebemos que, mesmo de uma mesma comunidade linguística, o nível de escolaridade influencia muito em sua estrutura lexical.

Conclusão

A diversidade da língua portuguesa no Brasil, comprova que, as variações sofridas, são por influência do meio em que está inserida. Um paraense fala português tal qual um gaúcho, mas ambos têm formas diferentes de expressá-la, foneticamente, morfossintaticamente, mas, principalmente no léxico.

Pernambuco apresenta as mesmas características. Seus falares, seu léxico são um tesouro para os sociolinguistas, por ter uma variação grandiosa, mesmo entre seus falantes. Seu contexto histórico, sua cultura, seu povo faz com que a língua receba todo tipo de influência e se manifeste com uma riqueza inigualável.

O estudo conseguiu concluir que a estrutura lexical do pernambucano, sofre as influências do seu meio ao passar dos anos e em contato com outros grupos sociais, culturas etc.

O falar pernambucano mudou nos últimos 50 anos e com certeza, daqui a 50 anos, terá mudado muito mais, com as influências recebidas em todos os aspectos.

Referências

- ARAGÃO, M. S. S. *O léxico da Região Norte do Brasil*. In: Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC, Manaus: UFCE/UFPB, 2009.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BIDERMAN, M.T.C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. & ISQUERDO, A. N. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.
- _____. *Teoria Linguística: Linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BRANDÃO, S.F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, C. e CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press. 1972.
- LELLO, J. e LELLO, E. *Dicionário Prático Ilustrado*. Porto, Portugal: Lello & Irmão - Editores, 1966.
- MARQUES, A. G. et al. O perfil sociolinguístico do Agreste e Sertão pernambucano. In: SÁ, E. J. (org), Patos: FIP, 2013
- POTTIER, B. *Theorie et Analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1987.
- OLIVEIRA, B. G. A. M. A linguagem em Paranhos: aspectos sociolinguísticos. *Athena, Revista Científica de Educação, Curitiba*, vol. 11, n. 11, p. 60-73, 2008.
- WIKIPÉDIA, *Pernambuco*. Disponível em <http://www.wikipedia.org/wiki/pernambuco>. Acesso em: 15 de out: 2013.

Sobre as autoras

Isabel Cristina Rabelo de Vasconcelos Gomes é formada em Letras, pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA-CESA, pós-graduanda em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos - FIP e ensina Línguas Portuguesa e Inglesa no município de Buíque-PE.

Maria Elenice Marques dos Santos é formada em Letras, pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA-CESA. Coursou o GESTAR II, oferecido pelo município de Buíque-PE em parceria com o Governo do Estado de Pernambuco. É pós-graduanda em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos - FIP e ensina Línguas Portuguesa e Inglesa no município de Buíque.

LÉXICO DO CICLO DO GADO DE GARANHUNS/PE

Helenita Bezerra de Carvalho Tavares

Introdução

A língua é um poderoso instrumento de identificação de um povo, é o recurso de que se servem os historiadores da sociedade e da cultura, por isso, é um instrumento cuja utilização é das mais eficazes para delimitação de comunidade nas pesquisas linguísticas. Sabe-se que a sociedade se constitui por meio da linguagem, assim, é em razão da existência que o homem transmite tudo o que aprendeu, conheceu ou experimentou de outras gerações.

Este trabalho objetivou elaborar um glossário de palavras e expressões presentes na fala do profissional do gado, o *corpus* que serviu de base foi o léxico da língua falada representada, utilizado pelas pessoas ligadas à lida do gado e do cavalo, (vaqueiros e cavaleiros). Na verdade, com este trabalho dar continuidade a uma pesquisa de campo que resultou em uma Dissertação de Mestrado com o mesmo título, defendida no dia 12 de junho de 2011, pela Universidade Federal da Paraíba.

A fundamentação do *corpus*, fez-se um levantamento histórico do ciclo do gado, em uma comunidade de vaqueiros localizada na região de Garanhuns, Pernambuco, “*onde o Nordeste garoa*”.

Trabalhando-se as lexias da fala do vaqueiro, através do ciclo do gado, pretendeu-se ver como essas unidades se constituíam e que fatores extralinguísticos, sociais e culturais, interferiam e determinavam esse léxico. Para tanto, tornou-se necessário fazer um embasamento teórico das ciências do léxico, passando pela variação regional social e cultural.

A escolha do tema justifica-se em razão de existir uma escassez de pesquisas sobre o vocabulário relativo às lexias do vaqueiro. Assim, espera-se, que esse trabalho contribua com a construção da história da região pesquisada, mostrando o valor da riqueza de conhecimento deste universo cultural.

1. As ciências do léxico

Cabe à **Lexicologia** dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas. Biderman (1987, p.131) em suas pesquisas sobre o léxico, “considera o estudo do léxico com uma longa tradição”. Sabendo-se que, a Lexicologia é a parte da Linguística que se preocupa com o estudo do léxico e tem por objeto as unidades do universo lexical. Sua legitimidade como ciência, sua definição e sua área de abrangência já foram bastante questionadas entre os estudiosos.

A Lexicologia como ciência do léxico estuda as suas diversas relações com outros sistemas da língua e, sobretudo, as relações internas do próprio léxico e sua organização a partir de pontos de vista diversos. Assim, cada palavra remete uma relação ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional, realização fonética, aos morfemas que a compõem, a sua distribuição sintagmática, ao seu uso sócio e cultural, político e institucional.

O Léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento, de dar nomes aos objetos. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano do conhecimento do universo. Biderman afirma que:

Ao reunir os objetos em grupos identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 2001, p.81).

Torna-se evidente a variação do léxico de acordo com os falantes que, por sua vez, o utiliza de formas diversas, dependendo do contexto no qual estão inseridos. Isso acontece, não só de um indivíduo a outro, mas, também, de uma época para outra no mesmo indivíduo.

O léxico se relaciona com processo de nomeação e cognição da realidade: ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica. Biderman (2001, p.14) considera que “o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa

ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes.” E, assim, o léxico torna-se objeto de estudo de disciplinas, específicas e diversas, dentre as quais se destacam a Lexicologia e a Lexicografia.

A **Lexia**, diferente da palavra, é a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tenha significação lexical. Em suma, as palavras lexemáticas ou referências, ou seja, as *lexias* constituem a maior parte do léxico de uma língua e são de número indeterminado. No repertório lexical de uma língua, o mais comum é a existência de um plano de expressão dando suporte material para o conteúdo, nascendo desta relação o signo. Este nome, rotulador de referente, foi chamado por Bernard Pottier de Lexia. Segundo o linguista francês, criou-se o termo lexia para indicar a unidade lexical memorizada.

A **Lexicografia** é a ciência voltada para as técnicas dos dicionários de língua (ou especiais) e para análise da descrição da língua. Basicamente, a Lexicografia é uma disciplina aplicada, uma vez que se ocupa da elaboração de dicionários e vocabulários. Por isso é que se diz que as pesquisas lexicológicas podem ter aplicações lexicográficas.

De modo geral, a lexicografia prepara um tratado dos métodos de elaboração de dicionários que o lexicógrafo pode utilizar. Em suas origens, os métodos foram forjados conforme a necessidade de transmitir aos leitores dos glossários e dicionários uma informação pertinente a vários interesses.

Segundo Biderman (2001), “a descrição do léxico foi realizada pela Lexicografia e não pela Lexicologia, mas era executada como uma práxis pouco científica.” Segundo a autora, é muito recente o fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical com critérios científicos. Isso demonstra que a Lexicografia vem despertando grande interesse entre os linguistas. Quem, também, traça considerações sobre a lexicografia é Barbosa:

A Lexicografia é definida como sendo uma tecnologia que trata da palavra no que concerne à atividade de compilação, classificação e análise das unidades do léxico e sua organização em dicionários, vocabulários técnico-científicos e vocabulários especializados. Na verdade, a Lexicografia é uma aplicação dos fundamentos teóricos metodológicos da lexicologia. (BARBOSA, 1990, p. 153)

De acordo com Barbosa, a Lexicografia é um trabalho de aplicação do léxico que tem despertado interesse dos linguistas que, também, desenvolvem trabalhos de descrição do léxico.

1.2 Variação regional, social e cultural

A **Dialetologia** é uma disciplina que estuda os dialetos com suas variações seu estudo está inserido nos falares regionais dentro de uma delimitação geográfica. Para Dubois (1978, p.185), trata-se de uma “[...] disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”. Boa definição é dada por Rossi:

[...] a Dialetologia é uma ciência eminentemente contextual, isto é [...] o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com fato correspondente, ainda que por ausência, em outra área [...] (ROSSI,1969, p. 87)

Rossi registra a variedade de uma língua peculiar a um quadro geográfico, com isso tem-se o falar regional, próprio de uma área mais ampla, com suas variedades (com características específicas na sintaxe e no léxico) que caracterizam um determinado grupo sociocultural, dialeto, linguajar.

Para a compreensão do que é Dialetologia, conceitos como os de língua, dialeto e falar, são fundamentais. Contudo, há autores que não estabelecem distinção entre dialeto e falar, utilizando-os indiferentemente. Por isso, há quem prefira utilizar a expressão variedades linguísticas outros preferem registro para a variação social num mesmo local e dialeto para a diversificação ligada principalmente aos fatores geográficos. Já Preti (2003, p.24) dá o nome genérico de variedades aos dialetos, sejam eles geográficos (diatópicos) ou sociais (diastráticos).

A situação atual dos estudos da Dialetologia e da Geografia Linguística, do país, de modo geral, e, no Nordeste, em particular, ainda não pode ser considerada ideal, mas já se conseguiram alguns resultados e suas perspectivas futuras podem melhorar.

A **sociolinguística** é a área da linguística que estuda as relações entre linguagem e sociedade, pois os seres humanos vivem organizados em sociedade sendo detentores de um sistema de comunicação oral, uma língua. Partindo do pressuposto de que linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos inseparáveis, linguistas e sociólogos trabalham lado a lado e de modo integrado. (COSERIU, 1978, p. 5) “A sociolinguística corresponde ao estudo da variedade da variação da linguagem em relação com a estrutura

social da comunidade falante” (Desse modo), o condicionamento social da linguagem está em consonância com traços que se enraizaram, de forma muito profunda, na mente coletiva da comunidade linguística, e os dados aí coletados é que possibilitam a análise que confirma a mudança linguística que ocorre em função de pressões sociais.

As pesquisas na área da sociolinguística são feitas por entrevistas e amostragens. Descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Parte da comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente, que partilham de normas a respeito dos usos linguísticos.

A Etnolinguística é o estudo das relações existentes entre língua e cultura, portanto, entre duas ciências, a linguística e a etnologia. Apesar da dificuldade quanto à instituição de uma nomenclatura à delimitação do o objeto de estudo, a Etnolinguística é definida por Coseriu como “o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades falantes” (COSERIU, 1979, p. 28).

Inúmeras são as questões sobre cultura, encontradas nos dicionários e nos manuais de antropologia. Cascudo (1983, p. 678) explica que “O povo tem uma cultura que recebeu dos antepassados”. Recebeu-a pelo exercício de atos práticos e audição de regras de conduta, religiosa e social. Diz ele que:

A cultura é a capacidade que o indivíduo tem de se adaptar ao o grupo em que está inserido. É a maneira de expressar os valores e as crenças que os membros desse grupo partilham. Para tanto, são usados valores que se manifestam por símbolos, como mitos, rituais, histórias, lendas e uma linguagem, ou ainda a forma de pensar, agir e tomar decisões. Assim cultura é algo muito importante inscrito nas estruturas sociais, na história, no inconsciente, na experiência vivida (CASCUDO, 1983, p. 678).

Dessa forma, a cultura está presente na história da linguagem de um grupo que se comunica por meio de várias manifestações. Hall, 1999, considera que a cultura possui três características: “Ela não é inata, e sim aprendida; suas distintas facetas estão inter-relacionadas; ela é compartilhada e de fato determina os limites dos distintos grupos. A cultura é o meio de comunicação do homem”.

2. Procedimentos metodológicos da pesquisa

Para esta pesquisa, optou-se preferencialmente por um *corpus* da língua falada e escrita representativa do léxico utilizado pelos profissionais do gado na cidade de Garanhuns-PE no Agreste Meridional. A constituição do *corpus* fez-se por meio da aplicação de alguns questionários que foram respondidos por os 31 informantes.

O universo da pesquisa constituiu-se das lexias dos falares dos vaqueiros que residem no Agreste Meridional de Pernambuco (Garanhuns e regiões vizinhas). A escolha desta região deve-se à importância deste estudo linguístico regional, uma vez que esse tema retrata com muita clareza a vida sociocultural do vaqueiro desta região.

Os instrumentos usados na pesquisa foram fichas de: localidades; b) ficha dos informantes; c) fichas lexicológicas/terminológicas; d) questionários realizados com os vaqueiros corredores de pega de boi, pecuarista/fazendeiros (donos do gado, que grande, parte são vaqueiros), corredores de vaquejada, e participantes de grupo de cavalgada.

2.1 Metodologia da organização do glossário

A concepção de glossário que norteou o modelo aqui proposto é um instrumento lexicográfico que esclarece as acepções da linguagem, abordando aspectos de elaboração da macroestrutura, microestrutura e remissiva.

A partir destes critérios, dispõe-se das lexias nos campos conceituais adotados: **Lida do vaqueiro**: atividades, crenças; divertimentos; Indumentárias; **O gado**: criação, migração; fase de desenvolvimento; vegetação e o **Cavalo do vaqueiro**. Para melhor compreensão, veja abaixo uma mostra do glossário:

3. Glossário

ABOIO s. m.

Canto dolente e monótono, ger. sem palavras, com que os alguns os vaqueiros guiam as aboiadas ou chamam as reses, aboiado. **DALP**

O aboio pra mim é o melhor som que escuto nessa região. (31-VTC).

Ao longe se ouvia o aboio monótono dos campeiros. (BORBA, 2011.p.5)

As notas melancólicas do aboiador. (CUNHA, 1998)

Aboio - LDAE

Cf.: **Aboiar; aboio; aboiador.**

NL: [Dev. De aboiar, aboio \óí\ (fl. aboiar)]

NE: É uma voz melancólica, lírica cantada não somente pelos “sertanejos do Nordeste”, como definiu Mário de Andrade, mas também por vaqueiros aboiadores, mas também por diversas regiões. Canto plangente, monótono, sem palavras ou com alguns monossílabos, entoado pelos vaqueiros, quando conduzem o rebanho, chamam bois dispersos ou simplesmente quando se reúnem.

APARTAÇÃO s. f.

Separação dos animais de um rebanho.

*Corrida de mourão é mesmo que **apartação**, os fazendeiros levavam os vaqueiros para correr e ganhar medalhas, depois que criaram as senhas, só rico participa, ficou um esporte caro (31- VTC)*

*Fabrizio era o vaqueiro encarregado da **apartação**.. (BORBA, 2011.p.90)
Essa reunião era chamada de “juntas ou **apartação** (ANDRADE, 1973, p.147)*

Apartação- LDAE

Ver **vaquejada**

Cf.: **apartar; separação.**

NL: [De apartar + ção.]

NE: A apartação consistia na identificação do gado de cada patrão dos vaqueiros presentes. Marcados com “ferro” na anca, o “sinal” recortado na orelha a “letra” da ribeira, o animal era reconhecido e entregue ao vaqueiro (CASCUDO, 2010, p. 10). Assim a era feita a separação de diversos lotes de gado por ocasião das vaquejadas, tradicionais ato de **apartar**; separação, escolha e classificação.

BENZER v.

Abençoar fazendo o sinal da cruz, usando água benta, pedindo que afaste de todos os males específicos. Geralmente praticado por benzedor da região para curar animais, contra de mordida de cobra, bicheira, engasgo ou outros males, que lhe estejam afligindo.

Fiscalizava o gado no campo, ferrava, “assinalava”, benzia em caso de doença [...]. (ANDRADE, 1973, p.146)

*Hoje em dia a gente não tem muito **benzedor**, o povo não sabe mais **benzer**, fazer as rezas e as benzeduras (26-GAS)*

Var. **rezar.**

Cf: **benzido, benzedura, bento.**

Benzer- LDAE

NL: [benzer + - dor]

Considerações finais

A temática da pesquisa certamente contribuirá para aumentar o acervo científico, possibilitando a preservação desse material dinâmico e vivo que é o léxico do ciclo do gado, e que se renova a cada geração de usuários, ora suprimindo, ora agregando aspectos da cultura regional popular.

O levantamento vocabular foi feito por meio de questionários e entrevistas, com os sujeitos do ciclo do gado na região de Garanhuns, chegou-se a um acevo considerável de lexias que caracterizam os valores daqueles que habitam a região e se caracterizam como vaqueiros (as) de curral, de pega de gado e de vaquejada.

O léxico é algo vivo, pois está sempre mudando em virtude das fases da vida pelas quais passa o falante. Portanto, as lexias encontradas, neste trabalho, permitem conhecer a riqueza vocabular do vaqueiro de Garanhuns. Assim, a formação de um glossário das formas lexicais relativas ao ciclo gado e encontradas nesta região reflete os aspectos de um universo linguístico próprio.

Assim, entendendo que um trabalho científico é a continuidade de um processo que continua aberto a novas pesquisas, acredita-se que o tema seja mais amplamente investigado enriquecido, no que diz respeito a esse mesmo ciclo do gado, sobretudo em outras cidades do Nordeste, com visitas a compreender outros aspectos não contemplados neste estudo.

Referências

- ANDRADE, M. C. de. *A terra e o homem do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 2. Ed. 1973.
- BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia*. Brasília, 1990.
- BIRDEMAN, M. T. As Ciências do Léxico. In: Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande. Ed. UFMS, 2001.
- _____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje* (Porto Alegre), v.69, p.81-96, 1987.
- BORBA, F. da S. *Dicionário Português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2011.
- CASCUDO, L. da C. *Vaqueiros e cantadores para jovens*. 2. ed. São Paulo: Gaias, 2010.

- COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Madrid, 1978.
- _____. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença USP, 1979.p. 227-228.
- CUNHA, E. da. *Os sertões*. Introdução Ricardo Oiticica: 1866- 1909. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. trad. Frederico Pessoa de Barros [et al]. SP Cultrix, 1978.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*. Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- MICHAELIS PORTUGUÊS. *Moderno Dicionário da Língua*. Versão 1.0. São Paulo: DTS, 1998.
- POTTIER, B. *Estruturas linguísticas do português*. Trad. Albert Audubert e Cidmar Pais. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1972.
- PRETI, D. F. variação lexical e prestígio social das palavras. (In Org.) *Léxico da língua oral e escrita*. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 2003.
- ROSSI, N. Sobre africadas no Brasil. In: *El Simpósio de México*. Actas, informes y comunicaciones México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1969. p. 207-221.

Sobre a autora

Helenita Bezerra de Carvalho Tavares possui graduação e especialização em Letras pela Universidade de Pernambuco e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é coordenadora da Biblioteca Escolar Arruda Câmara na cidade de Itambé - PE. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguagem e cultura.

ASPECTOS LÉXICOS DO FALAR PERNAMBUCANO À LUZ DA OBRA DE RAIMUNDO CARRERO

Leandro Rafael Braz Alves

Introdução

A linguagem utilizada por determinado grupo de falantes segundo Pretti (1975) tem influência do meio ao qual o sujeito está inserido, se um ambiente urbano ou rural, se numa grande cidade, ou pequena, se pobre ou, rico, e até se negro ou, branco. O nível de linguagem de um indivíduo depende de vários fatores como, por exemplo, escolarização e, às vezes, até do sexo desse indivíduo.

Para este trabalho, o estudo será feito com base na linguagem de um autor pernambucano que embora utilize a linguagem culta em suas obras, também tem traços de linguagem popular, elemento característico de sua naturalidade.

Ao utilizar como mecanismo de análise as obras de Raimundo Carrero, natural de Salgueiro, percebe-se que esse autor é, muitas vezes, caracterizado como regionalista. Porém, a proposta da pesquisa em tela é verificar o que o caracteriza como tal, nas construções lexicais encontradas em algumas de suas obras mais conhecidas.

No título de uma de suas obras *A História de Bernarda Soledade: A Tigre do Sertão*, por exemplo, o que chama a atenção é o fato de o autor ter usado a palavra tigre ao invés de tigresa, porque tal utilização. Os aspectos literários da linguagem de cada autor fazem-no diferenciar-se de autores até da mesma escola literária, e Carrero tem sua forma de contar história marcada pela força expressiva.

Quanto à utilização do título enorme da obra supracitada há duas explicações, sendo uma do próprio autor em comunicação pessoal. Para ele, o título grande é para seguir o modelo dos cancioneiros populares do nordeste, que assim trazem seus títulos. Já na visão de Ariano Suassuna (1975), para os sertanejos a palavra tigre é feminina e se refere a onça negra, foi essa a forma utilizada por Carrero para referir-se a uma mulher bela e cruel.

Mais explicitamente, será explanada a linguagem da obra carreriana conforme a divisão selecionada para o momento:

De início, serão apresentados os aspectos biobibliográficos do autor, suas origens e obras, em seguida será mostrado o que há e de que forma aparecem ou são mostrados os traços regionalistas nas obras, *Sombra Severa* e *A História de Bernarda Soledade*. Um capítulo tratará brevemente das considerações a respeito de linguística e lexicologia dando as definições e algumas explicações a cerca de cada uma, como a área de estudo e seu objeto de estudo. A apresentação dos termos em destaque no léxico Carreriano está no penúltimo capítulo, ficando a conclusão para o último.

1. Aspectos biobibliográficos de Raimundo Carrero

1.1 As origens do autor

Como encontrado em dados de sua própria produção literária, Raimundo Carrero de Barros Filho nasceu em Salgueiro, município do Sertão de Pernambuco (513 km do Recife), no dia 20 de dezembro de 1947. Fez seu curso primário em Salgueiro e transferiu-se para o Recife, onde, em regime de internato, estudou no Colégio Salesiano por dois anos.

O autor descobriu a literatura através da biblioteca de um irmão mais velho, cujos livros ficavam embaixo dos balcões da loja de roupas e chapéus do seu pai, passando a ler José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Ibsen, Shakespeare.

Antes de ser escritor, criou um conjunto musical denominado *Os Cometas* (1964). Quando se mudou para o Recife, na década de 1970, tornou-se músico profissional, tocando saxofone numa banda de rock chamada *Os Tártaros*.

Além disso, Raimundo começou a escrever utilizando papéis da loja do pai. Sua primeira novela, *Grande mundo em 4 paredes*, foi escrita entre 1968 e 1969 e, segundo ele, era “obra de menino”. Seu primeiro livro *A história de Bernarda Soledade: a tigre do Sertão*, publicado em 1975, foi escrito quando tinha 23 anos de idade e reeditado pela editora recifense Bagaço, em 2007.

No trabalho, o autor destacou-se com Ariano Suassuna sobre o qual dá o seguinte depoimento, em entrevista concedida à Heloísa Buarque de Hollanda:

Tudo que se pode esperar de um grande orientador, de um grande mestre, tive de Ariano. Tenho até vergonha de lembrar, mas eu chegava à casa dele aos domingos, às vezes às nove da manhã, e saía às nove da noite, estudando literatura, conversando sobre autores. Ele ia buscar livros na estante, anotava meus textos. Era como ter uma universidade inteira aos meus pés [...]

Sua novela *A Dupla Face do baralho: Confissões do Comissário Félix Gurgel* (1984) foi publicada pela Francisco Alves, através de um convênio com a Prefeitura do Recife, o que deu um grande impulso a sua carreira. Seu livro *Somos pedras que se consomem* (1995) foi incluído entre os dez melhores livros do ano, escolhidos pelo jornal *O Globo* e entre as dez melhores obras de ficção de 1995, selecionadas pelo *Jornal do Brasil*, ambos do Rio de Janeiro (RJ).

Como jornalista profissional, o autor atuou também no rádio e na televisão. Foi chefe de redação da Televisão Universitária de Pernambuco onde, entre outras atividades, apresentou o telejornal *Conversa de Redação*, além de ser redator do *Jornal Universitário*, publicado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

De 1969 a 1991, Raimundo trabalhou no jornal *Diário de Pernambuco*, onde exerceu diversos cargos e funções: repórter, redator de primeira página, chefe de reportagem, secretário de redação, além de crítico literário e editor nacional.

O referido escritor integrou, durante oito anos, o Conselho Municipal de Cultura do Recife (nas gestões dos prefeitos Antônio Farias e Gustavo Krause), fez parte do Movimento de Cultura Popular e, de 1995 a 1997, foi presidente da Fundação de Patrimônio Artístico e Histórico de Pernambuco (Fundarpe), no Governo Miguel Arraes, além de secretário-adjunto de Cultura, em 1998.

Raimundo Carrero afirma que o jornalismo foi sua grande escola. O jornal disciplina organiza o trabalho de escrever. No jornal você se exhibe, perde o medo. Sobre o trabalho literário de criação baseia-se na concepção de que a escrita é fruto mais da transpiração do que da inspiração, Não existe inspiração nem talento, mas trabalho, muito trabalho.

Vale salientar que o mesmo também é autor da peça *Anticrime*, encenada no Teatro do Parque pelo grupo de Otto Prado, e fez uma adaptação da novela *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, representada no Teatro Barreto Júnior.

Considerado um dos maiores escritores de Pernambuco, conhecido nacional e internacionalmente, Raimundo Carrero é detentor de diversos prêmios literários: Revelação do Ano, Prêmio Oswald de Andrade, no Rio Grande do Sul, com *Viagem no ventre da baleia*; Prêmio José Condé, concedido pelo Governo de Pernambuco, pelo livro *Sombra severa*; Prêmio Lucilo Varejão, da Prefeitura do Recife, com *O senhor dos sonhos*; Melhor Romancista do Ano, da Associação Paulista de Críticos de Arte (1995) e Prêmio Machado de Assis (melhor romance), da Biblioteca Nacional, ambos pelo livro *Somos Pedras que se consomem* (1995); e o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, com *As Sombrias Ruínas da Alma* (2000).

O escritor pernambucano também é membro da Academia Pernambucana de Letras, ocupando a Cadeira n. 3, desde dia 20 de janeiro de 2005, e da Academia de Artes e Letras de Pernambuco (Cadeira n. 6), tem diversas obras publicadas, entre as quais podem ser destacadas:

1.2. As produções literárias

Considerado um dos maiores escritores de Pernambuco, conhecido nacional e internacionalmente, Raimundo Carrero é detentor de diversos prêmios literários: Revelação do Ano, Prêmio Oswald de Andrade, no Rio Grande do Sul, com *Viagem no ventre da baleia*; Prêmio José Condé, concedido pelo Governo de Pernambuco, pelo livro *Sombra severa*; Prêmio Lucilo Varejão, da Prefeitura do Recife, com *O senhor dos sonhos*; Melhor Romancista do Ano, da Associação Paulista de Críticos de Arte (1995) e Prêmio Machado de Assis (melhor romance), da Biblioteca Nacional, ambos pelo livro *Somos Pedras que se consomem* (1995); e o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, com *As Sombrias Ruínas da Alma* (2000).

O escritor pernambucano também é membro da Academia Pernambucana de Letras, ocupando a Cadeira n. 3, desde dia 20 de janeiro de 2005, e da Academia de Artes e Letras de Pernambuco (Cadeira n. 6), tem diversas obras publicadas, entre as quais podem ser destacadas:

- A HISTÓRIA DE BERNARDA SOLEDADE: A TIGRE DO SERTÃO (1975, REEDITADO EM 2007);
- AS SEMENTES DO SOL: O SEMEADOR (1981);
- A DUPLA FACE DO BARALHO: CONFISSÕES DO COMISSÁRIO FÉLIX GURGEL (1984);
- SOMBRA SEVERA (1986);

- VIAGEM NO VENTRE DA BALEIA (1986);
- O SENHOR DOS SONHOS (1987);
- MAÇÃ AGRESTE (1989);
- SINFONIA PARA VAGABUNDOS (1992);
- EXTREMOS DO ARCO-ÍRIS (1992);
- SOMOS PEDRAS QUE SE CONSOMEM (1995);
- AS SOMBRIAS RUÍNAS DA ALMA (1999);
- SOMBRA SEVERA (2001);
- ORLANDO PARAHYM: O ARCO E O ESCUDO (2001);
- AO REDOR DO ESCORPIÃO.. UMA TARÂNTULA? (2003);
- OS EXTREMOS DO ARCO-ÍRIS (2004);
- O DELICADO ABISMO DA LOUCURA (2005);
- OS SEGREDOS DA FICÇÃO: A ARTE DE ESCREVER (2005);
- O AMOR NÃO TEM BONS SENTIMENTOS (2007);
- CONTOS DE OFICINA Nº 4 (2007).

Uma parte da sua obra foi adotada para o Vestibular da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e da Universidade de Pernambuco (UPE).

Há mais de quinze anos, Raimundo criou e orienta oficinas literárias uma das quais na União Brasileira de Escritores, Secção de Pernambuco e na Livraria Domenico, além de participar das diversas Bienais do Livro realizadas no Brasil e da Festa Literária Internacional de Paraty, no Rio de Janeiro.

Diante do exposto, entendemos que o estudo da literatura carreriana tende a ser relevante devido às contribuições do autor para a produção literária nacional. Tanto com suas obras que servem de base para uma nova visão da literatura do Nordeste quanto por suas oficinas de produção literária, Carrero merece ser analisado *pari pasu*. Assim, os que ainda não o conhecem poderão ter a oportunidade de refletir sobre sua produção escrita, bem como estabelecer confrontos com outros autores de igual importância. Além disso, a relevância da análise para quem já o conhece torna possível compreender melhor os detalhes de sua linguagem.

1.3 O estilo regionalista em Sombra Severa x A História de Bernarda Soledade

Na visão de Ilari (2006) a linguagem proveniente de falantes pouco escolarizados se direciona para o regionalismo. No Dicionário Michaelis (2009), o termo *regionalismo* provém de regional, como sendo uma expressão

social e política de defesa dos interesses de uma região. Além disso, também se refere a termos ou locuções próprios de cada região, que trazem características relevantes das variantes chamadas estigmatizadas.

Na obra de Raimundo Carrero, é possível verificar um pouco desta linguagem caricaturesca, não da forma habitual da literatura regionalista, uma vez que Raimundo a trabalha de forma diferenciada. Os detalhes mostram a que ele veio, mas é preciso prestar atenção a esses detalhes. Em *Sombra Severa* (CARRERO, 2001), um de seus livros com marcas mais regionalistas, pode-se perceber que ele fala do nordeste pelos detalhes do ambiente onde se passa a história, conforme explanado em seguida.

A princípio apenas um ambiente rural, pois ele narra “Judas pensou em tudo isso depois que trouxe o tamborete, sentou-se encostado na parede da casa, o alpendre recendendo a matos verdes” (pág 13). Porém, adiante ele mostra que aquele ambiente rural é nordestino quando diz “via um amplo campo de árvores, ramos ressequidos, plantas rasteiras cruzadas de cercas e veredas que abriam sulcos nos matos, a plantação de palma para o gado, galhos magros escurecendo os confins da vista”. (pág 13). O que caracteriza esse ambiente como nordestino é, pois, a presença da palma, planta típica da Região Nordeste.

A forma que o autor usa para se expressar nessa história chama atenção para vários pontos da obra, dentre eles a toponímia dos personagens principais, alusões a nomes bíblicos como *Abel, Judas, Sara*. Contudo, não há nenhuma referência a tempo cronológico ou lugar, só à linguagem forte, conforme encontrado na página 14 e disposto abaixo:

Já no terreiro, um homem cuja ousadia o corpo, às vezes, esconde, Abel saltou do animal e, tomando Dina pela mão – que por indecência ou timidez lacrou os lábios – levou-a para dentro da casa. “Não devia trazê-la: é o que digo: um homem e uma mulher servem para combates” – foi Judas quem disse baixo, tão baixo que nem sequer o cigarro se moveu, quando sentiu que estava mais próximo da mágoa do que da raiva.

Alguns traços caracterizam o autor como nordestino. O ambiente rural e jeito rude dos personagens, a referência a povoados, as vestimentas usadas os utensílios como o candeeiro e baú, mostram que só pode se tratar de pessoas pobres numa época anterior a revolução energética pela qual passaram as zonas rurais do Nordeste. O trecho abaixo na página 15 ratifica essa situação: “Silêncio e inquietação atravessaram-se entre os dois. Foi Judas, procurando o

fósforo no bolso da enorme camisa de algodão, quem acendeu o candeeiro.”

Hoje quase todos os sítios e fazendas têm energia elétrica, não sendo mais necessária a utilização de candeeiros, como é citado na obra.

Em *A História de Bernarda Soledade: a Tigre do Sertão* (CARRERO, 1995), verifica-se o tema do coronelismo e das disputas por terras, disputas essas que levam um irmão ao assassinato de outro, conforme o trecho abaixo informa na página 18:

Espiando os homens na luta, Bernarda dando as ordens, o coronel Pedro Militão Soledade não dizia uma única palavra. Ficava na espreguiçadeira, o chapéu quase a cobrir os olhos espremidos por causa do sol, a roupa branca, colete vermelho, gravata preta, as botas de cano longo, bengala, as esporas de prata, o relógio cruzando o peito gordo. Nessa hora, exatamente nessa hora, à ponta da estrada, surgiu o cavaleiro. Era Anrique Soledade, Irmão do coronel, vestido num terno de zuarte, chapéu de massa. Montava, no entanto, o cavalo mais elegante e belo já visto nas terras de Puchinã.

Nessa obra, a linguagem regionalista é mais direta com referência a locais do interior do estado de Pernambuco, como a fazenda de Puchinã e a Vila de Santo Antônio do Salgueiro, atual cidade de Salgueiro no Sertão do Estado.

2. Linguística e Lexicologia: alguns conceitos básicos

Conforme a definição encontrada no dicionário Michaelis (2009), Linguística é o estudo científico da linguagem humana em sua totalidade. Em outras palavras, trata-se da ciência que estuda os processos e formas de comunicação entre os seres. Já o modo utilizado pelos seres vivos para se comunicarem é chamado de linguagem, conceito esse ratificado por Saussure (1969), mas os únicos animais capazes de criar formas variadas para a comunicação e que ainda podem ser decifradas por outros animais são os humanos.

Existem vários níveis e tipos de linguagem, e linguagem é definida no Dicionário Michaelis (2009) como originária da língua provençal. Desta forma, conceitua-se como “fala ou como o conjunto de sinais falados, escritos ou gesticulados de que se serve o homem para exprimir suas ideias e sentimentos.”

Outra definição de linguagem que pode ajudar na compreensão do seu significado é proposta por Hjelmslev apud Nicola et alii (2002) quando ele diz que a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos. Ela é o instrumento a partir do qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado. É, pois, a base mais profunda da sociedade humana. Assim, com tais definições, percebe-se que o homem, necessitando de uma forma de fazer-se compreendido pelos outros humanos, criou uma maneira de expressar suas ideias com gestos e olhares, e depois signos linguísticos.

2.1 Considerações sobre linguagem

As diferentes formas de comunicação levaram ao surgimento da linguagem culta ou erudita e da linguagem popular, ou variante de prestígio e variante estigmatizada. A respeito das variantes de prestígio, Monteiro (2000) com base na perspectiva laboviana, explica que uma variante em geral adquire prestígio se for associada a um falante ou grupo social de status considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior.

O autor também cita um exemplo histórico sobre esse fato, quando lembra o caso do /s/ implosivo ou chiante que passou a existir no dialeto carioca a partir de 1808, quando a Corte Portuguesa fixou residência no Rio de Janeiro. Os nobres portugueses pronunciavam assim o /s/ e, como eram nobres, sua pronúncia se transformou numa espécie de símbolo de nobreza, que foi imitado pela população local.

Como se pôde observar, a forma de expressão linguística da classe dominante se sobrepõe à da classe dominada. Na iminência de refletir sobre o fato de que essas classes sabem de seu poder de influência, Boyer apud Monteiro (2000) diz que os colonizadores, sabendo muito bem disso, têm como um de seus primeiros cuidados avaliar pejorativamente as línguas vernáculas, a ponto de os colonizados terminarem desvalorizando seus dialetos e até se envergonharem de não saber falar de outro modo.

No Brasil e em outros países da América, tem-se o exemplo do que aconteceu com os povos indígenas, que sofreram dura repressão e desvalorização da língua nativa para a instauração do uso da língua da potência colonizadora. No Brasil o primeiro exemplo vem com a catequização dos índios. Com o pretexto de dar conhecimento sobre Deus aos nativos, os catequistas

aprenderam tupi e outras línguas nativas, mas ao passo que transmitiam os conhecimentos utilizavam aquele momento também para transmitir também a língua portuguesa para os catequizados.

Num sentimento de valorização do que era de direito do povo brasileiro, por determinado tempo houve aulas de língua tupi no território brasileiro, mas com o tempo isso deixou de ocorrer e o uso de qualquer forma que fosse. E até o acesso a esta língua deixou de existir, exceto em casos particulares em que filólogos e linguistas a estudam para explicar fenômenos, ou casos de derivação na língua portuguesa.

Essa desvalorização da linguagem das classes menos privilegiadas, hoje se dá no Brasil somente com a língua portuguesa, que de tão grande o território brasileiro faz surgir dialetos regionais que se distanciam muito da língua padrão. Dos dialetos regionais surgem os falares típicos de cada cidade, dentro das cidades os falares dos bairros e assim por diante fazendo com que haja não só um português, mas vários portugueses no Brasil.

Desse distanciamento do português padrão é que surge a linguagem popular, que apesar de não ter a devida valorização, tem riqueza de conhecimento e cultura, e a produção literária nacional deve muito de suas produções a ela. Vários autores utilizaram dessa variedade de linguagem para produzir obras primas da literatura brasileira, obras com temas regionalistas, obras que trabalham diretamente as linguagens regionais e fatores sociais e políticos de cada região, a exemplo de literatura popular no Nordeste, há a literatura de cordel, que expressa perfeitamente a linguagem popular.

2.2 Considerações sobre o estudo lexical

Léxico é o conjunto de palavras que compõem uma língua. Seja qual for a língua, independente de suas estruturas e, localização geográfica da mesma e de seus falantes esta possui um léxico, um conjunto de palavras carregadas de sentido e significação que são utilizadas todos os dias mesmo que os falantes não tenham conhecimento dos processos que ajudam na formação e criação de palavra. A esse respeito, Biderman (2001, p. 81) comenta:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento

do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. Por outro lado, podemos afirmar que, ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na Bíblia, em que Deus incumbiu ao primeiro homem dar nome a toda a criação e dominá-la. A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.

Já o estudo lexical é feito pelas ciências do léxico, a lexicologia e a lexicografia que são definidas por Biderman (*op cit*, p. 15) da seguinte forma:

A Lexicologia, ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Enquanto que a Lexicografia é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional. A Lexicografia ocidental iniciou-se nos princípios dos tempos modernos. Embora tivesse precursores nos glossários latinos medievais, essas obras não passavam de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação. A Lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna).

Há ainda dentre essas a terminologia que é a ciência que trata da criação de termos para nomear conceitos. É a partir da identificação de características semelhantes que a terminologia faz a nomeação de palavras da mesma categoria lexical.

3. O léxico em Raimundo Carrero

Para a análise do léxico na obra de Carrero serão utilizadas palavras e expressões retiradas de dois livros, *Sombra Severa* que será identificado pela sigla SS e *A História de Bernarda Soledade* BS. Será através da terminologia que se fará a identificação de qual categoria lexical Carrero utiliza com mais frequência em suas obras e outras particularidades.

3.1 Lexias simples

Afobação: s.f. precipitação; perturbação. “Ordens de atirar para provocar a **afobação** de Arimateia”. (BS)

Afoitar: v.t.d e pronominal. tornar-se afoito, animado, ousado. “São como os loucos **afoitam-se** quando enxotados”. (BS)

Afoiteza: qualidade de afoito; coragem atrevimento. “Não vira quando o punhal, só lamina e **afoiteza**, saltava do peito do irmão”. (SV)

Agonioso: adj. o que causa agonia ou sofrimento. “O trotar **agonioso** do cavalo Imperador é intensificado”. (BS)

Ajaezado: adj. ornado, enfeitado. “O cavalo **ajaezado** esperando por ela à porta”. (BS)

Alumiar: v.t.d, i. e pronominal. Variante não-padrão de **iluminar**. “A lua **alumia** para evitar emboscadas”. (SV)

Aluminoso: adj. que exhibe luminosidade, que reluz; que brilha. “Os músculos **aluminosos**”. (SV)

Alvura: Adj. qualidade do que é alvo; brancura, neste caso claridade. “**Alvura** da noite”. (SV)

Amancebado: adj. que se junta; que vive em concubinato. “Deviam casar-se, não viveriam como **amancebados**”. (SV)

Aprumar: v.t.d e pronominal. Endireitar-se. “**Aprumou-se** na cadeira”. (SV)

Arriado: Adj. caído. “Ombros **arriados**”. (SV)

Arriar: v.t.d. abaixar, fazer descer. “Seu parceiro **arriou** o jogo”. (SV)

Arrimar: v.t.d. e pronominal. Fornecer apoio ou suporte (a si mesmo ou a alguém). “No entanto, tão logo percebeu os preparativos **arrimou-se** também”. (SV)

Arruado: s.m. Povoado. “Deteve-se um instante no **arruado**”. (SV)

Baque: s.m. queda, tombo. “Francisco, desprevenido, despencou num **baque** surdo”. (BS)

Buliçoso: adj. que bole; que se move sem cessar; movimentado, agitado. “Os olhos de um encanto **buliçoso**”. (SV)

Cuzcuz: s.m. preparado gastronômico à base de farinha de milho. “O cheiro do **cuzcuz**, da carne seca”. (BS)

Estacar: v.t.d. fazer parar ou parar. “**Estacou** na porta”. (SV)

Esbraseado: adj. transformado em brasa, avermelhado. “O rosto **esbraseado**”. (SV)

Carcomido: adj. que se deteriorou; danificado. “O banco **carcomido** pelo tempo”. (SV)

Carecer: v.t.i. ter necessidade de, precisar de. “**Carecia** de consideração”. (SV)

Desembestar: v.i. correr desenfreadamente. “O cavalo **desembestava**”. (SV)

Desmantelada: adj. desajeitado. “O bezerro uma coisa **desmantelada** e sem apoio”. (SV)

Enervar: v.t.d. causar nervosismo; impacientar. “Mas **enervam**, a chuva e os trovões **enervam**”. (BS)

Escapular: v.t.d. cair, sair. “Bastava que as vestes **escapulissem** do corpo”. (SV)

Escapular: v.t.d. deixar escapar. “Não deixava **escapular** o riso”. (SV)
“A resposta não **escapole** dos lábios de Inês Soledade”. (BS)

“Era melhor **escapular** do que ser vítima”. (SV)

Escavacado: adj. que se escavacou; sondado, investigado. “O fundo dos olhos **escavacados**”. (SV)

Escavar: v.t.d. fazer investigação ou pesquisa. “Os olhos **escavaram** os olhos”. (SV)

Espichar: v. i. e pronominal. deitar-se relaxadamente; estirar-se. “Dina **espichava-se** na cama”. (SV)

Espocar: v.i. soar com estalos; estourar. “O **espocar** dos tiros ainda nos ouvidos”. (BS)

Espraiar: v.t.d. e pronominal. irradiar-se; lançar-se para todos os lados. “Um sol medonho **espraiando** encantos pelos confins das serras”. (SV)

Estourado: adj. que alcançou seu limite; disparado. “Resignou-se como não se resignaria um cavalo **estourado**”. (SV)

Estremunhar: v.t.d. despertar ou fazer despertar (alguém) subitamente
“- Boa tarde – **estremunhou**”. (SV)

Fiapo: s.m. fio muito fino e curto. “Mas por que sentia aquele **fiapo** de agonia”. (SV)

Gastura: s.f. sensação de mal-estar físico que causa náuseas. “Sentia uma **gastura** olhando-a”. (SV)

Lenho: s.m. Peso, ruína. “Agora era suportar o **lenho** que a agonia obriga a carregar sobre os ombros”. (SV)

Lerdas: adj. vagaroso. “As passadas eram **lerdas** e lentas”. (SV)

Lerdeza: qualidade ou efeito do que é lerdo; lento. “Só pelo costume da **lerdeza**”. (SV)

Lerdo: adj. lento, vagaroso. “O sol **lerdo**”. (SV)

Modorrento: adj. sonolento. “E invejava os que, **modorrentos**, se deitavam em redes”. (SV)

Nesga: s. coisa pequena, pedaço. “Era uma **nesga** muito acanhada de luz”. (SV)

Pejada: adj. carregada, cheia. “A madrugada **pejada** de ruídos”. (SV)

Preleção: s.f. aula, sermão. “Rápida foi a **preleção** do padre”. (SV)

Prenhe: adj. grávido, cheio, repleto. “A pergunta estava **prenhe** de inquietações”. (SV)

Prumo: s.m. direção, sentido. “A espada no **prumo** do coração”. (SV)

Rabanada: s.f. pancada com o rabo. “O bicho deu uma **rabanada**”. (BS)

Rebuliço: s.m. grande agitação; confusão. “Os nervos em **rebuliço**”. (SV)

Renitente: adj. aquele que teima; que insiste. “Arrastando o suor **renitente**”. (SV)

Reses: s.m. vacas novas. “Escutar o chocalhar de **reses**”. (SV)

Sacudir: v.t.d. jogar para fora, arremessar. “**Sacudiu** a tampa do caixão”. (SV)

Tarraxas: s.f. sinônimo de prego. “As batidas das **tarraxas** para preparar o caixão”. (SV)

Touceiras: s.f. conjunto de plantas da mesma espécie que nascem muito próximas entre si. “Escolheu o caminho das **toceiras**”. (SV)

Tramela: s.m. tábua usada pra fechar portas pelo lado de dentro. “Lentamente tirou a **tramela** da porta”. (BS)

Zanga: s.f. ato ou efeito de zangar-se, irritar-se. “A voz tinha irritação e **zanga**”. (SV)

Zangar: v.t.d, i. e pronominal. irritar-se. “Como quem mais do que tem pressa, **zanga-se**”. (SV)

Zoadar: v. fazer barulho. Ouvindo o **zoadar** da chuva no telhado da casa grande. (BS)

3.2 Gramemas protéticos e/ou paragógicos

Acarinhado: qualidade do que tem carinho. “O gesto **acarinhado**”. (SV)

Acercar-se: v. bitransitivo e pronominal; aproximar-se. “**Acercou-se** da janela”. (SV)

Aciganado: que tem características de cigano. “Entretanto, estava Inês com vestido **aciganado**”. (BS)

Adoidado: que tem características ou está doido. “Anrique abraçou-a **adoidado**”. (BS)

Aluminoso: adj. que exhibe luminosidade, que reluz; que brilha. “Os músculos **aluminosos**”. (SV)

Amalucado: adj. doido, maluco. “Num gesto **amalucado**, Bernarda esbofeteia a irmã”. (BS)

Azulecida: adj. qualidade do que é azulado. “A luz **azulecida**”. (SV)

Encarnado: adj. “Os lábios fortemente pintados de **encarnado**”. (BS)

3.3 Conotação diferente ao significado do signo

Danada: muita; em excesso. “Havia uma cerração **danada**”. (BS)

Lua gorda: lua cheia. “Ontem foi dia de **lua gorda**”. (BS)

Pasto: prostituta. “Vou proteger minha sobrinha Bernarda Soledade, cuidar de Inês e apoiar Gabriela, minha cunhada. Elas não se transformarão em **pasto**”. (BS)

3.4 Lexias compostas ou expressões com alteração de sentido

Casa de pasto: bordel, cabaré. “Beberam lá comigo e dormiram com as filhas dos fazendeiros que fizeram **casa de pasto** para arrumar dinheiro”. (BS)

Desmantelar-se no punhal: brigar com punhal; ferir-se com punhal. “Não fosse aquela safadeza no curral, Anrique, agora nós nos **desmantelávamos no punhal**”. (BS)

Dobrados nupciais: “Haverá uma banda de pífano tocando os **dobrados nupciais**”. (BS)

Lua gorda: lua cheia. “Ontem foi dia de **lua gorda**”. (BS)

Possuir as carnes: o que mantém relações sexuais. “Não é esposo **aquele que possui as carnes?**” (SV)

Puxar reza: iniciar oração. “Antes mesmo que Bernarda comece a **puxar reza**, um relinchar muito estranho é ouvido”. (BS)

Solto no mundo: livre; sem destino- “Estou **solto no mundo** - disse Anrique”. (BS)

3.5 Neologismos

Arranhenta: adj. que arranha. “Sentira repugnância pela roupa **arranhenta**” (SV)

Azulecida: adj. qualidade do que é azulado. “A luz **azulecida**”. (SV)

Zoadar: v. fazer barulho. “Ouvindo o **zoadar** da chuva no telhado da casa grande”. (BS)

Conclusão

O trabalho que ora é concluído tem como intuito refletir um pouco sobre o regionalismo na contemporaneidade e, os aspectos lexicais presentes nas obras que são ou podem ser identificadas como regionalistas, especialmente no que diz respeito às produções construídas por autores nordestinos, cuja característica mais relevante é de inserir elementos oriundos da linguagem popular.

Na ocasião, ao usar a linguagem do pernambucano Raimundo Carrero, percebe-se um reflexo do movimento cultural ao qual ele está inserido, o movimento Armorial, que engloba a literatura, a música, a gravura, a escultura, as artes em geral, movimento esse que segundo Suassuna apud Carrero (1995), fundador do movimento, é caracterizado pela utilização do que nós temos de mais forte na cultura popular do Nordeste e do Brasil. Ele explica que a linguagem utilizada assemelha-se a das novelas medievais, mas não com o intuito de imitá-las, porque esta semelhança está na representação das tradições e fatos de nossa cultura, com os nossos próprios heróis e bandidos, a seca, os coronéis, os santos, o sertanejo.

Suassuna (*op cit*) explica ainda que a linguagem emblemática e cheia de imagens que podem ser lidas durante a obra pela utilização de palavras fortes que quase fazem realmente ver a cena como característica do Movimento Armorial¹, que trabalha a cultura popular de forma erudita. Contudo, o autor em tela sentencia que cada autor tem sua forma de utilizar a linguagem e que embora haja uma identificação com o movimento cada autor traz em sua obra um reflexo do que é só seu, do que está em seu interior, no fundo da mente e da alma de cada um.

À conclusão deste trabalho, espera-se que ele sirva de inspiração para quem o ler no futuro, de forma a proporcionar o interesse em observar os detalhes das produções dos autores do Estado de Pernambuco e, pelo *continuum*, da Região Nordeste, tanto em relação à utilização da linguagem quanto ao ambiente representado na obra e estruturas lexicais utilizadas, como no caso de Carrero em que se sobressai o uso de lexias simples, mas ainda há a ocorrência de lexias compostas, gramemas protéticos e paragógicos e ainda os neologismos. E ainda servir de fonte inspiradora para pesquisas mais aprofundadas das características do movimento armorial

1. Ver maiores informações na home-page: <http://nandoagra.sites.uol.com.br/armorial.htm>

que leva os artistas a produzirem uma obra erudita de cunho popular. Isso faz da cultura pernambucana palco e enredo de cada história e traz para perto do leitor ou observador um pouco do erudito que se afasta do povo muitas vezes pela dificuldade de acesso a obras desse tipo.

Referências

- Ariano Suassuna e o movimento armorial, nascedouro do balé popular do Recife. <Disponível em <http://nandoagra.sites.uol.com.br/armorial.htm>.> Acesso a 04 de julho de 2010.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.
- CARRERO, Raimundo. *Sombra severa*. São Paulo. Editora Iluminuras, 2001.
- _____. *A história de Bernarda Soledade - A tigre do Sertão*. Recife. Bagaço, 1995.
- HJELMSLEV, L. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. In: TERRA, Ernani, NICOLA, José de & TOSCANO, Floriana. *Português para o ensino médio: Língua, Literatura e Produção de textos*. São Paulo. Editora Scipione. 2002.
- HORÁCIO. Arte Poética. In: PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo- SP Companhia Editora Nacional, 1975.
- ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo. Editora Contexto, 2006.
- MICHAELIS: *Dicionário escolar língua portuguesa*. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2008.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis. Vozes, 2000.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo- SP Companhia Editora Nacional, 1975.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- TERRA, Ernani, NICOLA, José de & TOSCANO, Floriana. *Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de textos*. São Paulo. Editora Scipione. 2002.

Sobre o autor

Leandro Rafael Braz Alves possui especialização em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atualmente é professor de Latim, Literatura Latina, Língua

Inglesa, Prática Pedagógica de Língua Inglesa e Informática Educacional na AUTARQUIA DE ENSINO SUPERIOR DE ARCOVERDE. Tem experiência como professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, Literatura e Redação.



FOTO: KARLA VIDAL

Parte 3

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DO
PORTUGUÊS PERNAMBUCANO**

VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS EM DADOS DE FALA E ESCRITA NO SERTÃO DE PERNAMBUCO

Adeilson Pinheiro Sedrins
Déreck Kássio Ferreira Pereira
Alane Luma Santana Siqueira

Introdução

Na obra *A língua do nordeste*, Marroquim (1996) observa que, em Alagoas, nomes próprios de pessoas (antropônimos), bem como nomes de parentescos são realizados com artigo definido, conforme exemplificado em (1), mas em Pernambuco, nos mesmos contextos, esses nomes são licenciados sem o determinante, como exemplificado em (2):

- (1) a. O papai saiu hoje.
b. A titia está doente.
c. A Maria está na escola.

- (2) a. Papai saiu hoje.
b. Titia está doente.
c. Maria está na escola.

(exemplos retirados de MARROQUIM, 1996, p. 126)

De fato, muitos estudos sobre o português têm mostrado que essa língua permite uma variação na realização do artigo definido diante dos contextos de antropônimos, nomes de parentescos e possessivos pré-nominais (cf. SILVA, 1982, 1998; CALLOU e SILVA, 1997; CASTRO, 2006, entre outros). Essa variação, no entanto, ocorre com frequências diferenciadas entre comunidades linguísticas de falantes do português, conforme apresentado, por exemplo, em Callou e Silva (1997).

No referido trabalho, as autoras, a partir da análise de dados de cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), provenientes do projeto NURC¹, considerando contextos de possessivos pré-nominais e de antropônimos, verificaram que quanto mais localizada em direção sul do país, maior a frequência de artigo diante desses contextos. Segundo apontaram, a baixa realização do artigo aparece nas comunidades com maior conservadorismo linguístico, aquelas em que a colonização é mais antiga, como Pernambuco e Bahia (cf. CALLOU e SILVA, 1997).

Em um estudo preliminar, Pereira (2011) constatou em dados de fala provenientes de comunidades localizadas na região do semiárido pernambucano (nos municípios de Serra Talhada, Afogados da Ingazeira e Triunfo) uma baixa frequência no uso do artigo diante de antropônimos. Num *corpus* com dados de fala de 48 informantes, das 36 ocorrências de antropônimos, 34 foram sem a realização do artigo, um resultado que sugere uma preferência ao não uso do artigo definido diante desse contexto.

Neste capítulo, apresentamos o resultado de uma análise realizada com dados de língua escrita e de língua falada coletados no município de Serra Talhada, localizado na região do sertão do Pajeú no estado de Pernambuco, a 460km da capital Recife. Embasados no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), buscamos identificar a frequência de ocorrência de artigos definidos diante de antropônimo nas duas modalidades (língua falada e língua escrita), considerando algumas variáveis de ordem linguística e extralinguística que poderiam estar influenciando na realização ou não do artigo nesses contextos.

Nosso objetivo foi, com base num *corpus* com maior número de ocorrência de antropônimos, em relação ao explorado em Pereira (2011), verificar se a tendência a não realização do artigo definido, diante de antropônimos, se apresenta para a comunidade analisada.

O capítulo está estruturado da seguinte forma: na seção que segue, apresentaremos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, bem como a discussão dos resultados gerais em relação ao fenômeno da variação na realização do artigo diante de antropônimos. Na seção 3, discutimos os resultados considerando fatores linguísticos que poderiam atuar no condicionamento da variação e, na seção 4, discutimos os resultados considerando fatores extralinguísticos. Por fim, na seção 5, apresentamos nossas conclusões.

1. NURC refere-se ao Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (cf. CASTILHO, 1990).

2. Sobre a metodologia e os resultados gerais

Dispomos de dois *corpora* para a realização da análise a ser apresentada: um *corpus* com 40 narrativas produzidas por estudantes da rede pública de ensino e outro *corpus* com dados de fala de 12 informantes de diferentes faixas etárias e sexo. Pela natureza diferenciada dos *corpora*, em relação a variáveis extralinguísticas, selecionamos para a análise as seguintes: para a modalidade falada, sexo e faixa etária; para a modalidade escrita, escolaridade e sexo.

Das 40 narrativas analisadas, vinte foram produzidas por alunos do sexto ano do ensino fundamental e outras vinte foram elaboradas por alunos do terceiro ano do ensino médio.

A amostragem referente aos dados de fala dos doze informantes foi composta conforme especificado na tabela 1:

Tabela 1: estratificação das variáveis extralinguísticas – amostragem de dados de fala

Faixa etária	Gênero	Número de informantes
10 anos	mas	2
10 anos	fem	2
20-39 anos	mas	2
20-39 anos	fem	2
Acima de 50	mas	2
Acima de 50	fem	2

Em relação às variáveis linguísticas selecionadas para a análise, tanto para os dados da modalidade escrita quanto para os da modalidade falada, consideramos as seguintes: *status* informacional (elemento novo/não novo ou inferível no discurso); grau de familiaridade do falante com o referente e tipo de informação (compartilhada/ não compartilhada), variáveis que se mostraram relevantes no estudo de Silva (1998). Além desses fatores, foram considerados os contextos em que o sintagma nominal (SN) nucleado pelo antropônimo era ou não regido por preposição, uma variável que se mostrou altamente condicionante na realização do artigo em estudos já realizados (FLORUPI, 2008; SILVA, 1998).

Os resultados gerais da análise nos permitiram observar que a presença do artigo definido nos dados de escrita é pouco frequente. No entanto, nos

dados de língua falada, verificamos que houve uma maior frequência de uso do artigo, se comparada à frequência na modalidade escrita, apesar de ser ainda maior o número de ausência do artigo nos dados de fala.

No *corpus* com dados de escrita, houve apenas 3% (7/259) de realização do artigo definido, contra 97% (252/259) de não realização do artigo. O fato de o SN nucleado por um antropônimo ser ou não complemento de preposição não se mostrou relevante, dado que nos dois casos a frequência artigos foi muito baixa. Quando o SN apresentou-se regido por preposição, a ocorrência do artigo foi de apenas 5% (2/41), contra 95% (39/41) de não ocorrência, como mostrado na tabela 2.

Tabela 2: resultado geral de ocorrência/não ocorrência de artigos diante de antropônimos nos dados de escrita

	Dados de escrita	
	C/ prep.	S/ prep.
C/ artigo	(2/41) 5%	(5/218) 2%
S/ artigo	(39/41) 95%	(213/218) 98%

Nos dados de fala, a tendência de não realização do artigo também pôde ser verificada, conforme apresentado na tabela 3.

Tabela 3: resultado geral de ocorrência/não ocorrência de artigos diante de antropônimos nos dados de fala

	Dados de fala	
	C/ prep.	S/ prep.
C/ artigo	(5/ 12) 42%	(21/267) 8%
S/ artigo	(7/12) 58%	(246/267) 92%

De acordo os dados na tabela acima, houve apenas 9% (26/279) de ocorrência de uso do artigo, contra 91% (253/279) de sua ausência. Percebe-se que o percentual de ocorrência de artigos nos dados da modalidade falada é um pouco maior do que nos dados de escrita.

Considerando os contextos de SNs complementos de preposição, verificamos que o percentual de ocorrência de artigo nos dados de fala foi bem maior em relação ao observado nos dados de escrita (42% de realização do artigo na fala *versus* 5% nos dados de escrita). Mesmo aumentando o número

de realização do artigo, o índice de ocorrência é menor em relação ao índice de ausência do artigo (42% *versus* 58%, respectivamente). Esse resultado indica que a presença da preposição parece favorecer maior realização do artigo nos dados de fala, uma vez que nos contextos não preposicionados, houve tendência a não realização do artigo: apenas 8% de presença de artigo, contra 92% de ausência.

Na seção seguinte, iremos desdobrar a discussão dos resultados, considerando variáveis de ordem linguística e voltaremos a olhar para a atuação da variável *contexto preposicionado*.

2.1. Resultado da análise das variáveis linguísticas

2.1.1. *Status* informacional

A respeito do *status* informacional, Silva (1998) observou em seu estudo que o fato de o elemento ser considerado “novo” no discurso é condicionante na realização do artigo definido. De acordo com seus resultados, quando o antropônimo era um elemento “novo”, houve uma probabilidade de .54 de ocorrência do artigo. Já quando se tratava de um antropônimo não novo/inferível, a probabilidade de ocorrência caiu para .47, mostrando um resultado estatisticamente relevante para o VARBRUL 2S.

Nossos resultados para essa variável indicam que o fato de o antropônimo ser ou não um elemento novo no discurso não influencia na realização do artigo. Em nosso *corpus* de língua escrita, quando o elemento foi considerado “novo”, obtivemos (2/60) 3% de ocorrências de artigo e quando o elemento já havia sido referido, obtivemos a mesma porcentagem (5/162) 3%.

Conjugado ao fator *status* informacional, consideramos também o fato de o SN ser ou não complemento de preposição. Os resultados são apresentados na tabela 4.

Tabela 4: porcentagem de ocorrência/não ocorrência de artigos em contexto de preposição, levando em consideração o *status* informacional

	Informação nova		Informação antiga	
	C/ preposição	S/ preposição	C/ preposição	S/ preposição
	Dados de escrita			
C/ artigo	(1/7) 14%	(1/94) 1%	(1/29) 3%	(4/133) 3%
S/ artigo	(6/7) 86%	(52/94) 99%	(28/29) 97%	(129/133) 97%
Dados de fala				
C/ artigo	(4/7) 57%	(14/176) 8%	(1/5) 20%	(7/91) 8%
S/ artigo	(3/7) 43%	(162/176) 92%	(4/5) 80%	(84/91) 92%
TOTAL	183 SNs		96 SNs	

Pela tabela acima, percebemos, no geral, que tanto quando a informação é nova ou antiga/inferível, a ausência de artigo é mais frequente que a sua presença para os dados das duas modalidades (fala e escrita).

Nos dados da modalidade falada, dos 183 SNs selecionados, que correspondiam à informação nova, apenas 18 ocorreram com artigo definido. Já na modalidade escrita, dos 106 SNs que correspondiam a informação nova, houve apenas dois casos de ocorrência do artigo. Para as duas modalidades (fala e escrita), quando o SN correspondia à informação antiga, a tendência foi a de não realização do artigo.

A tabela mostra um resultado interessante, referente aos dados de fala, que é o do possível condicionamento da presença da preposição na realização do artigo definido, nos contextos em que o antropônimo corresponde a uma informação nova. Diferentemente do que ocorre nos outros contextos, obtivemos uma ocorrência maior de realização do artigo do que de sua ausência. A quantidade de dados encontrados nesse contexto (antropônimo informação nova, complemento de preposição) é pequena (apenas 7 ocorrências), mas podemos tomar como indicativo o fato de que o acúmulo de fatores linguísticos condicionantes na realização do artigo favorecem, efetivamente, a realização do artigo.

3. 2. Informação compartilhada

Nesta subseção, levaremos em consideração o fato de o informante considerar que o elemento referido faz parte do conhecimento do pesquisador. Encaixa-se aqui o fato de o antropônimo pertencer ou não ao domínio público, como artistas de televisão, jogadores de futebol etc. Assumimos com Silva (1998) a hipótese de que a necessidade de definição por parte do falante (o uso do artigo antes do nome próprio) diminuiria à medida em que o referente fosse uma personagem também conhecida pelo ouvinte.

Nos dados de escrita, esse fator não apareceu como condicionante na realização do artigo. Percebeu-se que mesmo quando o informante referia-se a uma entidade famosa, a preferência era de não realizar o artigo definido, como em (6a):

- (6) a. “A noite fui ao show de **Luan Santana**” (F26, E.F).
 b. “**Jaqueline** levou sua prima e suas amigas para sua casa”. (F36, E.F)

Como é possível perceber em (6a), por exemplo, mesmo sendo o nome de alguém do domínio público, a preferência é de não utilizar o artigo. O mesmo acontece quando o personagem é de conhecimento restrito ao entrevistado, como em (6b). É importante salientar que na escrita 100% (11/11) das ocorrências de antropônimos que se referiam a personagens de domínio público não apresentaram o uso do artigo definido. Já nos contextos em que o antropônimo se referia à informação não compartilhada, obtivemos uma presença de 10% (26/267) de uso do artigo definido.

Os resultados gerais apresentados na Tabela 5 para os dados de escrita sugerem que nessa modalidade a tendência à não realização do artigo é indiferente à variável informação compartilhada.

Tabela 5: porcentagem de ocorrência/não ocorrência de artigos em contexto de preposição, levando em consideração o tipo de informação

	Informação compartilhada		Informação não compartilhada	
	C/ preposição	S/ preposição	C/ preposição	S/ preposição
	Dados de escrita			
C/ artigo	(0/1) 0%	(0/10) 0%	(2/36) 6%	(24/231) 10%
S/ artigo	(1/1) 100%	(10/10) 100%	(34/36) 94%	(207/231) 90%
Dados de fala				
C/ artigo	(5/11) 45%	(12 /144) 8%	(0/1) 0%	(9/123) 7%
S/ artigo	(6/11) 55%	(132/144) 92%	(1/1) 100%	(114/123) 93%

Observando os resultados referentes aos dados de fala, verificamos que no contexto em que o antropônimo corresponde à informação compartilhada e é complemento de preposição, houve uma diminuição na ausência do artigo, com um número maior de presença do que nos demais contextos (45% de ocorrência do artigo). Esses dados sugerem que a preposição esteja atuando na realização do artigo, principalmente se compararmos ao número de ocorrência de artigo, nos contextos de informação compartilhada, mas nos quais não ocorre preposição (apenas 8% de ocorrência). A tendência a um aumento do número de realização do artigo nos contextos de antropônimos regidos por preposição, nos dados de fala, também foi verificada na subseção anterior, quando apresentamos os resultados para a variável *status* informacional.

A seguir, iremos discutir os resultados quando consideramos a variável *familiaridade de tratamento*.

3.3. Familiaridade

Nesta subseção, consideraremos os dados em relação ao grau de familiaridade do informante com o personagem referido, fator que condiciona a

realização do artigo diante de antropônimo (SILVA, 1998). Dessa forma, serão computados os elementos que forem inferidos como próximo ao informante. Salientamos que, assim como em Silva, para os dados de escrita, foram considerados os antropônimos que eram antecidos por títulos. Seguindo a metodologia utilizada pela autora, só foram considerados os títulos que aceitavam a variação do artigo definido (Dona e Seu), como em “Em uma tarde **Dona Carmem** resolveu levar Laura a um parque” (F11. E.F).

O fator familiaridade não se demonstrou relevante na realização do artigo para os dados de escrita. Quando havia um grau de familiaridade entre o informante e o referente, houve a ausência maciça do artigo definido – 100% (60/60). Dessa ausência, 100% (3/3) nos contextos de SN regido por preposição e 100% (57/57) nos contextos não regidos por preposição.

Em relação aos dados da modalidade falada, verificamos uma ocorrência de 11% (17/155) do artigo quando se tratava de um nome “familiar” e 89% (138/155) de ausência. Já quando os nomes próprios eram “não familiares”, a porcentagem foi de 7% (9/124) de presença e 93% (115/124) de ausência. Esses resultados apontam para uma maior sensibilidade da modalidade falada à atuação de fatores condicionantes da realização do artigo, embora seja um condicionamento sutil.

A seguir discutimos os dados considerando variáveis extralinguísticas, assumindo que essas podem interferir em nossos resultados.

4. Resultado da análise das variáveis extralinguísticas

4.1. Dados de fala

Em relação à variável “faixa etária”, nos dados de fala, percebemos que esta foi condicionadora no fenômeno aqui analisado, no sentido de que a faixa etária 1 utilizou mais artigos definidos em comparação com as faixas etárias 2 e 3. A faixa etária 3, que é a dos informantes mais velhos, acima de cinquenta anos, não utilizou em nenhum momento o artigo.

A faixa 2, a dos jovens adultos, utilizou o artigo em 5% (3/66) das ocorrências de antropônimos, em confronto com 95% (63/66) de não uso. A faixa etária 1, a das crianças, apresentou um percentual de 15% de presença de artigo definido (23/153 ocorrências), em confronto com 85% de ausência (130/153).

No que diz respeito ao fator “sexo”, percebemos nos dados coletados que informantes do sexo feminino apresentaram 16% de uso *versus* 84% de

ausência, um número maior de ocorrência de artigos se comparamos com os números relacionados aos dados provenientes dos informantes do sexo masculino, que apresentaram 2% de presença de artigo *versus* 98% de ausência.

4.2. Dados de escrita

No que tange aos dados de escrita, constatamos que os fatores sociais selecionados (sexo e escolaridade) não foram condicionantes na realização do artigo. Vejamos primeiramente os resultados obtidos em relação à escolaridade. Para esse fator, os dois níveis do ensino básico (ensino fundamental e médio) apresentaram a mesma porcentagem de ocorrência. Nos dados referentes aos informantes do ensino fundamental, obtivemos 3% (3/107) de ocorrência, contra 97% (104/107) de ausência de artigos definidos. No ensino médio, obtivemos 3% (4/152) de presença do artigo e 97% (148/152) de ausência.

Analisando os dados, considerando o fator sexo, observamos que esse fator não atua como uma variável condicionante na variação na realização do artigo. Os dados referentes aos informantes do sexo masculino apresentaram 4% (5/124) de ocorrência de artigo e 96% (119/124) de ausência. Por sua vez, os dados referentes aos informantes do sexo feminino apresentaram 2% (2/115) de ocorrência de artigo diante de antropônimo, contra (113/115) 98% de ausência.

Por se tratar de dados da modalidade escrita da língua, acreditamos que a tendência seja mesmo a de apresentar a forma mais conservadora, que é a de não realização do artigo. Consideramos a não realização do artigo diante de antropônimo a forma mais conservadora da gramática do português, uma vez que, diacronicamente, o uso do artigo definido, nesse contexto, foi gradativamente crescente (cf. SILVA, 1998).

Conclusões

Como foi possível verificar a partir da análise apresentada neste capítulo, a realização do artigo definido diante de antropônimos, em dados provenientes da língua usada (escrita e falada) em Serra Talhada-Pernambuco, apresentou uma baixíssima frequência, evidenciando uma peculiaridade no uso, cuja tendência parece ser a de evitar o artigo definido diante de antropônimos.

A comparação entre dados de fala e dados de escrita nos permitiu verificar uma diferença em relação à atuação de fatores linguísticos. Os dados provenientes da língua falada se mostraram mais sensíveis à presença de pre-

posição encabeçando o SN nucleado por um antropônimo. Nesse contexto, a ocorrência de artigos aumenta, apesar de não ultrapassar o número de ausência de artigo. A mesma sensibilidade foi verificada para o fator *familiaridade*, embora de maneira sutil.

Também pudemos observar uma sensibilidade dos dados de fala em relação à variável social *faixa etária*: enquanto nos dados provenientes dos informantes da faixa etária 3 não houve ocorrência de artigo diante de antropônimo, nos dados referentes à faixa etária 1, houve um número expressivo de ocorrência de artigo, embora não superasse o número de não realização de artigo. Esse fator pode ser um indicativo de que na comunidade linguística analisada haja uma competição de gramáticas, como definida em Kroch (1989).

Referências

- CALLOU, D.; SILVA, G. M. O e. O uso do artigo definido em contexto específico. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.
- CASTRO, A. *On possessive in Portuguese*. Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa/Université Paris 8. 2006.
- CASTILHO, A. T. de. O português culto falado no Brasil: história do projeto NURC/BR. In: PRETI, D.; URBANO, H. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, FAPESP, 1990, p. 141-164.
- FLORUPI, S. A. *Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português*. Campinas, SP: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado), Universidade de Campinas, São Paulo, 26 de fevereiro de 2008.
- KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language variations and change*, 1, p. 199-244, 1989.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MARROQUIM, M. *A língua do nordeste*. 3. Ed. Curitiba: HD livros editora, 1996 [1945].
- PEREIRA, D. K. F. *A variação na realização do artigo definido na língua falada no sertão pernambucano*. Relatório Final PIBIC/UFRPE/CNPq. 2011.
- SILVA, G. M. O Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1982. Tese de Doutorado, inédito.
- SILVA, G. M. O. e. Emprego do artigo diante de possessivo e de antropônimo: resultados sociais. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

Sobre os autores

Adeilson Pinheiro Sedrins é doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, Professor do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. E-mail: sedrins@gmail.com.

Déreck Kássio Ferreira Pereira é graduado em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Atualmente é aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: derick_ferreira@hotmail.com.

Alane Luma Santana Siqueira é graduada em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Atualmente é aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: alane.siqueira@gmail.com.

A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA LÍNGUA FALADA NO SERTÃO PERNAMBUCANO

Adeilson Pinheiro Sedrins
Alane Luma Santana Siqueira
Renata Livia de Araújo Santos

Introdução

Um dos temas bastante discutidos sobre a gramática do Português Brasileiro (PB) é o da concordância nominal de número, que apresenta um padrão distinto daquele apresentado pela gramática do Português Europeu (PE) (cf. COSTA e SILVA, 2006). Enquanto no PE a marcação de pluralidade no sintagma nominal é realizada com a presença do morfema *-s* em todos os itens pluralizáveis, no PB, há um leque de possibilidades: a marcação de plural pode ser indicada com a realização do morfema em todos os elementos flexionáveis (1a) – concordância *padrão*¹, forma prestigiada –, em alguns dos elementos (1b) ou em apenas um dos elementos (1c) – formas *não padrão*.

- (1)
- a. As meninas bonitas
 - b. As meninas bonita
 - c. As menina bonita

Em *A língua do nordeste*, Marroquim (1996, p. 80) observa que o número, no dialeto nordestino, é indicado apenas pelo determinativo. Longe de ser uma peculiaridade da(s) variedade(s) falada(s) na região nordeste, a variação na marcação de pluralidade no sintagma nominal é característica não de uma comunidade de fala específica, mas sim de todo o Brasil, conforme apontam Scherre & Naro (2007).

1. Estamos nos referindo à concordância *padrão* e *não padrão* no sentido em que a forma *padrão* seria a forma de concordância prescrita pela gramática tradicional e as *não padrão* seriam as variações desconsideradas por essa gramática.

Essa variação é condicionada tanto por fatores linguísticos, como extralinguísticos. Em relação aos primeiros, por exemplo, Scherre (1998a) observou que a primeira posição no sintagma nominal é a que mais tende a apresentar o morfema de plural. Outros fatores linguísticos, como *saliência fônica* e *tipo de categoria* parecem atuar também no condicionamento da marcação de número (cf. SCHERRE, 1989; 1998a).

Em relação ao condicionamento por fatores extralinguísticos, o estudo de Scherre (1998b) aponta, entre outras variáveis, que a variável *anos de escolarização* é um fator condicionador na variação da marcação de pluralidade, de forma que informantes menos escolarizados realizaram menos concordância padrão que os mais escolarizados.

A partir dessas observações, apresentaremos neste capítulo um pequeno quadro de como se dá a marcação de pluralidade nos sintagmas nominais da língua falada no sertão pernambucano, tomando como arcabouço teórico-metodológico a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), assumindo o pressuposto de que a língua é inerentemente heterogênea e um retrato social da comunidade.

A análise a ser apresentada tomou como *corpus* dados coletados da língua falada em três municípios do sertão de Pernambuco: Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo, buscando verificar se alguns fatores de ordem linguística e extralinguística exercem papel na variação na marcação de pluralidade.

O capítulo está estruturado da seguinte forma: na seção que segue, apresentaremos a análise de fatores extralinguísticos e linguísticos, respectivamente, apontando os fatores sociais e estruturais que influenciaram na realização da concordância padrão ou não padrão. Por fim, na seção 3, teceremos nossas considerações finais em relação aos resultados obtidos.

1. Análise dos dados

Para a realização desta pesquisa, levamos em consideração as seguintes variáveis linguísticas: a) posição do elemento pluralizável (primeira, segunda, terceira ou quarta posição linear) e b) categoria gramatical do item (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos etc.). Já em relação aos fatores extralinguísticos, selecionamos os seguintes: a) escolaridade – ensino fundamental (F) ou médio (M); b) gênero – feminino ou masculino e c) Município onde reside o informante – Afogados da Ingazeira, Serra Talhada ou Triunfo.

Em cada município, fizemos entrevistas orais informais com doze falantes entre 20-40 anos de idade, sendo 3 mulheres e 3 homens com nível fundamental de escolaridade e a mesma quantidade com o nível médio, em cada município.

Os falantes escolhidos foram aqueles nascidos e criados nas cidades em estudo ou que tenham sido inseridos no município antes dos cinco anos de idade, para que não tenha, como afirma Tarallo (2006, p. 28) “reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado”.

Após a coleta das gravações, transcrição e seleção dos dados para análise, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X, a fim de verificar se aqueles fatores considerados foram realmente relevantes. Foram realizadas duas rodadas no programa, uma com variáveis linguísticas e outra com as variáveis extralinguísticas, a fim de verificar se e como essas variáveis atuariam no condicionamento do fenômeno.

No geral, verificamos que os informantes utilizaram mais a concordância padrão que a concordância não padrão. De um total de 818 sintagmas nominais analisados, 550 (67,2%) eram casos de concordância padrão, contra 268 (32,8%) de concordância não padrão (cf. gráfico 1).

Gráfico 1: Resultado geral de uso de concordância padrão e não padrão



Nas próximas subseções, será apresentada e discutida a atuação dos fatores de ordem linguística e extralinguística. Para tanto, adotamos duas perspectivas de análise: uma atomística e a outra não atomística (SCHERRE, 1997). A primeira para a análise dos fatores linguísticos, em que cada elemento pluralizável do sintagma nominal é considerado como uma unidade a ser estudada, e a segunda para os fatores sociais, em que o sintagma completo é considerado como uma unidade a ser analisada.

1.1. Fatores extralinguísticos

1.1.1. Gênero

Em relação ao fator gênero, foram selecionados 6 homens e 6 mulheres em cada município, totalizando 18 informantes do gênero masculino e 18 informantes do gênero feminino.

Nosso objetivo foi verificar se haveria ou não uma diferença na frequência de uso em relação às variantes desse fator social. A princípio, acreditávamos que as mulheres utilizariam mais a concordância padrão, isto é, a forma prestigiada pela comunidade de fala, uma vez que, dentro da sociedade, as mulheres parecem “quebrar” menos as regras sociais estabelecidas (SCHERRE & NARO, 1997). Em vários estudos, tanto em relação à concordância nominal de número, quanto em relação a outros fenômenos linguísticos, as informantes tendiam a seguir mais a norma padrão do que os homens. No entanto, observamos o contrário, conforme pode ser visualizado na tabela a seguir².

Tabela 1: Ausência/presença da marca explícita de plural em relação ao gênero

Gênero masculino				
Frequência		%		
P	NP	P	NP	Probabilidade
(247/362)	(115/362)	68.2	31.8	0.513
Gênero feminino				
Frequência		%		
P	NP	P	NP	Probabilidade
(303/456)	(153/456)	66.4	33.6	0.490

Os resultados apontam que a frequência de uso padrão não se distancia de maneira relevante entre os dois gêneros, assim como a frequência de

2. Iremos utilizar nas tabelas as letras P para indicar *concordância padrão* e NP para *concordância não padrão*.

aplicação da forma não padrão. Em outras palavras, esse fator extralinguístico não se mostrou significativo. Todavia, percebe-se que os homens aplicaram mais a forma prestigiada do que as mulheres, sendo 68,2% produzida por eles e 66,4% por elas. Apesar de ser uma diferença mínima, nossa hipótese inicial de que o gênero feminino aplica mais a concordância prestigiada não se ratifica aqui.

O peso relativo, resultado da rodada no GOLDVARB X, corrobora com as porcentagens, mostrando que esse fator não foi relevante (com o peso de 0,513 para os homens e 0,490 para as mulheres, estando na escala de neutralidade).

1.1.2. Localidade

Nosso objetivo ao selecionar o fator “localidade” foi verificar se haveria ou não uma diferença em termos de frequência de utilização da concordância padrão e da não padrão nos municípios localizados na região do semiárido pernambucano, uma vez que cada cidade tomada para análise apresenta peculiaridades em termos socioeconômicos. Os dados na tabela abaixo apresentam a frequência de concordância de número padrão e não padrão, acompanhada do peso relativo.

Tabela 2: Ausência/presença de marca explícita de plural em relação à localidade

Afogados da Ingazeira				
Frequência		%		
P	NP	P	NP	Probabilidade
(225/347)	(122/347)	64.8	35.2	0.472
Serra Talhada				
Frequência		%		
P	NP	P	NP	Probabilidade
(170/258)	(88/258)	65.9	34.1	0.484

Triunfo				
Frequência		%		
P	NP	P	NP	Probabilidade
(155/213)	(58/213)	72.8	27.2	0.564

Através dos dados expostos na tabela 2, podemos constatar que o uso da concordância padrão e da não padrão não apresenta diferenças expressivas nas cidades analisadas. O peso relativo está na escala de neutralidade (0.45 a 0.55), significando que essa variável foi considerada como não relevante para variação em estudo.

1.1.3. Escolaridade

Selecionamos o fator escolaridade com intuito de verificar se os informantes do ensino médio aplicavam mais a forma padrão da língua do que os do ensino fundamental, uma vez que aqueles passaram mais anos na escola do que estes. Observe na tabela 3 os resultados por nós obtidos.

Tabela 3: Ausência/presença de marca explícita de plural em relação à escolaridade

Ensino Fundamental				
Frequência		%		
P	NP	P	NP	Probabilidade
(227/373)	(146/373)	60.9	39.1	0.428
Ensino Médio				
Frequência		%		
P	NP	P	NP	Probabilidade
(323/445)	(122/445)	72.6	27.4	0.560

Como é possível perceber, os falantes do ensino médio aplicaram mais a concordância padrão (72,6%) do que os do ensino fundamental (60,9%).

Os dados do peso relativo apontam que este foi um fator social significativo. Assim, quanto mais anos de escolarização, maior é a tendência de realização da norma padrão de concordância de número.

A partir dos resultados expostos até aqui, chegamos a conclusão de que a variação na marcação de pluralidade no sintagma nominal no nosso *corpus* foi sensível apenas à escolarização, mas não ao gênero e à localidade. Esses resultados seguem a tendência daquele apresentado em Scherre (1998b), que também constatou em seu estudo com dados do Rio de Janeiro uma relação de mais marcação de pluralidade quando se verifica mais anos de escolarização entre os informantes.

1.2 Fatores linguísticos

A partir de agora, apresentaremos os resultados da análise linguística no que tange à posição e à classe gramatical do elemento pluralizável no sintagma. Vale salientar que, de 1577 itens lexicais que deveriam receber a marca de plural, 1300 (82,4%) vieram com marcas explícitas e 277 (17,6%) se apresentaram sem marca explícita e sim com o morfema zero. Portanto, a tendência foi os falantes utilizarem mais marcas de plural.

1.2.1 Posição do elemento no sintagma nominal

Antes de expormos os resultados obtidos, exibimos na tabela 4 exemplos de como foi feita a seleção dos dados levando em consideração a posição do elemento.

Tabela 4: Exemplos de posição do elemento na cadeia sintagmática³

Posição 1	Brincava com <i>aquelas</i> coisas - né?
Posição 2	[...] não só por conta das <i>amizades</i> [...]
Posição 3	[...] os pontos <i>principais</i> que precisa melhorá [...]
Posição 4	[...] das pessoas mais <i>carentes</i> [...]

3. Os exemplos foram retirados do nosso *corpus*.

Tentamos verificar se a depender da posição em que se encontrava o item pluralizável haveria um condicionamento no uso da forma padrão ou não padrão. Os resultados alcançados foram os seguintes:

Tabela 5: Resultado do uso padrão e não padrão em relação à posição

Posição do elemento (PO)	Frequência		%		Probabilidade
	P	NP	P	NP	
P01	(585/601)	(16/601)	97,3	2,7	0.838
P02	(546/772)	(226/772)	70,7	29,3	0.244
P03	(73/104)	(31/104)	70,2	29,8	0.297
P04	(4/8)	(4/4)	50	100	0.035

Como é possível perceber, os itens que estão mais à esquerda do sintagma tendem a vir mais marcados do que os que estão localizados à direita. Na medida em que o item aparece em posições mais à direita, há um decréscimo de ocorrência de marca de plural, com 97,3% na primeira posição, 70,7% na segunda posição, 70,2% na terceira posição e 50% na quarta posição.

Fazendo uma comparação com os dados apresentados por Scherre (1998a) e os obtidos por nós, percebemos que tanto um como o outro apresentam predominância na inserção de marca de plural na 1ª posição do sintagma nominal. Ou seja, a posição 1 é a que mais favorece a presença da marca explícita de plural.

1.2.2. Classe gramatical

Apresentaremos a seguir os resultados da análise dos dados em relação à classe gramatical do elemento.

Foram encontrados os seguintes itens lexicais no *corpus*, produto desta pesquisa: artigos definidos, pronomes possessivos, pronomes indefinidos, quantificadores, adjetivos e substantivos. Além desses, encontramos também artigos indefinidos (25 casos), numerais (2), pronomes demonstrativos (63) e pronomes pessoais de 3ª pessoa (2). Entretanto, esses foram descartados pelo programa, pois vieram com 100% das marcas de plural (vale salientar que todos estavam na primeira posição do sintagma).

Observe na tabela 6 os resultados obtidos em relação a esse tipo de fator, na qual podemos perceber que há uma divergência em termos de porcentagem e peso relativo a depender da classe gramatical do elemento.

Tabela 6: Resultado do uso padrão e não padrão em relação à classe gramatical

Classe gramatical	Frequência		%		Probabilidade
	P	NP	P	NP	
Artigo definido	(340/347)	(7/347)	98	2	0.798
Pronome possessivo	(92/96)	(4/96)	95,8	4,2	0.882
Pronome indefinido	(128/135)	(7/135)	94,8	5,2	0.604
Quantificador	(19/21)	(2/21)	90,5	9,5	0.534
Adjetivo	(74/95)	(21/95)	77,9	22,1	0.566
Substantivo	(555/791)	(236/791)	70,2	29,8	0.278

Os resultados percentuais mostram que todas as categorias gramaticais apresentam mais marcas de plural do que marcas zero, sendo os artigos definidos, mais do que as outras classes, os maiores favorecedores de uso dessa marca, com 95,8% de ocorrência *versus* 4,2% de ausência (o índice de ocorrência vai decrescendo para as demais classes). No entanto, o peso relativo mostra que o pronome possessivo foi o que mais condicionou o uso do morfema de plural. Já o substantivo foi o que mais favoreceu a falta da marca explícita, conforme já atestaram outros autores, como Scherre (1998a), por exemplo.

Uma possível explicação para o fato de o artigo vir menos marcado do que o possessivo é termos encontrado, por exemplo, estruturas com a ordem [artigo definido+pronome possessivo+substantivo], em que a marca recaiu sobre possessivo, como no exemplo (4) retirado do nosso *corpus*.

- (4)
[...] interferi na nossas vida [...]

Considerações finais

Neste capítulo, fizemos uma discussão em relação ao fenômeno da concordância nominal de número, mostrando o padrão encontrado no português falado no Brasil, assim como, tentamos verificar se fatores linguísticos e extralinguísticos influenciavam nesse fenômeno em dados de fala de informantes situados em três municípios do sertão de Pernambuco: Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo.

Dos fatores sociais aqui tomados para a análise, apenas a *escolaridade* foi selecionada como significativa pelo GOLDVARB X, ao contrário da *localidade* e do *gênero* do informante.

No que diz respeito aos fatores de ordem linguística, verificamos que tanto a posição quanto a classe gramatical foram relevantes, sendo o possessivo e a primeira posição os fatores mais marcados com o morfema explícito de plural.

Concluímos então que na língua falada no sertão pernambucano, há uma variação em relação à expressão da pluralidade em sintagmas nominais e que nessa variação tanto fatores linguísticos como sociais exercem influência. Este estudo mostra ainda que há uma sistematicidade na variação da marcação de pluralidade e que essa variação está em consonância com o que tem sido apresentado em estudos sobre concordância nominal em outras comunidades brasileiras (cf. Scherre, 1998).

Referências

- COSTA, J.; SILVA, M. C. F. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 95-109, 2006.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Curitiba: HD Livros, 1996.
- SCHERRE, M. M. P. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 301-332.
- _____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998a.
- _____. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, G. M. de O. e.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos: análise*

de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1998b.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no Português do Brasil: um caso de típico de variação inerente. In: HORA, D. da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

Sobre os autores

Adeilson Pinheiro Sedrins é doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas e é Professor do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. E-mail: sedrins@gmail.com.

Alane Luma Santana Siqueira é graduada em Letras na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada e, atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Pernambuco E-mail: alane.siqueira@gmail.com.

Renata Lívia de Araújo Santos é doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas e é Professora do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. E-mail: renatalivia@gmail.com.

ASPECTOS SINTÁTICOS DO PORTUGUÊS FALADO EM PERNAMBUCO: TRAÇANDO O PERFIL LINGÜÍSTICO DE COMUNIDADES DO ALTO SERTÃO DO PAJEÚ

Cláudia Roberta Tavares Silva

Introdução

É fato que estudos na área da Sociolingüística realizados no Brasil têm mostrado diversos fenômenos de variação lingüística em diversas regiões desse país, corroborando o fato de ser a língua falada intrinsecamente dinâmica e heterogênea por estar submetida não só a influência de fatores lingüísticos, mas também extralingüísticos (cf. ALBÁN, 1991; BERLINCK, 1989; LEMLE; NARO, 1977; OMENA, 1996; SANTOS, 1999, entre outros). Segundo Marroquim (1996, p. 122), “[...] muitas divergências daqui [do Nordeste] são comuns ao Rio de Janeiro e S. Paulo”. Nessas pesquisas, ao se tomar por base a variação lingüística na língua falada, valorizam-se “[...] as diversas formas ou maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.” (TARALLO, 1997), o que faz da língua um sistema instável, revelador das diferenças sociais que é “construtivo e construído” a partir da interação entre os interlocutores em situações reais de comunicação. Essas diversas maneiras são chamadas variantes caracterizadas por sua heterogeneidade no social. Ao conjunto de variantes dá-se o nome de variável onde se alternam sempre duas variantes: a) variante padrão, de caráter conservador e prestigiado e b) variante não-padrão, de caráter inovador e estigmatizado.

Cumprido dizer ainda que a variação não se dá aleatoriamente, pois é motivada por um conjunto de fatores lingüísticos (semânticos, morfológicos, fonológicos, sintáticos) e extralingüísticos (faixa etária, renda familiar, sexo, grau de escolaridade) que possibilitam a ocorrência da regra variável relacionada a um determinado fenômeno lingüístico.

Labov (1983), por exemplo, ao desenvolver um estudo sociolingüístico, constata que as classes sociais refletem-se na língua, quer dizer, a língua é o veículo que, por meio de contextos diversos (formais e informais), diferencia os vários grupos sociais de uma dada comunidade, ocasionando, assim, a variação estilística (fala casual, espontânea ou cuidada). Falantes de *status*

social elevado tendem a adotar a forma de prestígio, enquanto aqueles de menor *status* tendem, em sua grande maioria, adotar formas lingüísticas não-padrão.

É importante ressaltar que, estando o pesquisador sociolingüista preocupado com as diversas situações de uso da língua, ele não pode perder de vista dois objetivos: a) “investigar o modo como as formas sociais atuaram no sentido da unificação lingüística [das] comunidades” e b) “identificar os resíduos resultantes do processo de planificação e os focos que a ele resistiram ou o dificultaram” (ELIA, 1997, p. 40). Nesse sentido, a conjugação entre o lingüístico e o social, que se estabelece a partir da interação entre o falante e o ouvinte em contextos reais de comunicação, é necessariamente abordada nas análises sociolingüísticas, contrapondo-se assim à atitude prescritiva das gramáticas normativas que impõe ao falante como a língua *deve* ser.

Portanto, levando em conta a intrínseca relação língua-sociedade, este capítulo tem por finalidade discorrer sobre resultados de pesquisas pioneiras realizadas na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) por bolsistas de iniciação científica por mim orientados entre 2007 a 2009 cujos trabalhos foram financiados pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Estes são os títulos dos trabalhos investigativos seguidos dos nomes dos bolsistas que os executaram: a) *O uso da concordância verbal na língua falada de Serra Talhada e do Distrito Bernardo Vieira: uma abordagem lingüístico-socioeconômica* (bolsista PIBIC/FACEPE: Kleyton José da Silva Pereira de Siqueira) e b) *O uso da pronominalização do objeto direto de terceira pessoa na língua falada de Serra Talhada e do Distrito Bernardo Vieira: um estudo lingüístico e socioeconômico* (bolsista PIBIC/CNPq: Kennedy Jamestony de Carvalho e Souza) (cf. subseções 3.1 e 3.2 deste capítulo em que discorro sobre os resultados dessas pesquisas).

Esses dois estudos voltam-se ao âmbito da variação lingüística no sertão pernambucano, em específico, no Alto Sertão do Pajeú-PE, buscando traçar, ou melhor, construir o perfil lingüístico dessa região, tomando por base um estudo comparativo entre a língua falada na cidade de Serra Talhada, um dos principais pólos comerciais da região, e a língua falada no Distrito Bernardo Vieira que se localiza a uns 20km daquela cidade, caracterizando-se como uma zona rural. Nessa acepção, este capítulo segue um viés não só intra-lingüístico por analisar os fenômenos dentro de cada uma das localidades estudadas, mas também interlingüístico na medida em que estabelece uma

análise comparativa entre elas, levando em conta fatores (extra)lingüísticos que podem favorecer o uso das formas lingüísticas variáveis relacionadas aos fenômenos em análise.

Em linhas gerais, adotando aqui a perspectiva de que a heterogeneidade é constitutiva das línguas humanas e serve como fator de identificação sociocultural, este capítulo visa contribuir com os estudos sociolingüísticos realizados no Brasil, em particular, na região Nordeste.

1. O percurso metodológico do estudo

Levando em conta as diferenças dialetais existentes no português brasileiro, a perspectiva de estudo que consta neste capítulo é, portanto, promissora no sentido de apresentar uma análise linguística pioneira realizada entre 2007 a 2009 na UAST/UFRPE na região do sertão pernambucano sobre variações lingüísticas no âmbito da sintaxe que ocorrem na zona urbana (em específico, na cidade de Serra Talhada) e rural (em particular, no Distrito Bernardo Vieira), a saber: o uso da concordância verbal e as estratégias de preenchimento da posição do objeto direto. Para a análise desses fenômenos, foi imprescindível a adoção dos métodos indutivo, estatístico e comparativo.

Vale referir que, dentre os instrumentos usados por Labov (1983) para coletar os dados, destaca-se a entrevista semi-estruturada. Com esse instrumento, o entrevistador em contato com o entrevistado criará situações informais a partir das quais a atenção à língua seja a mínima possível por parte do falante. Portanto, para a realização da coleta de dados que compõem o *corpus* deste estudo, foram realizadas gravações de entrevistas informais entre os entrevistadores (três bolsistas de iniciação científica da UAST/UFRPE, a saber: Kleyton José da Silva Pereira de Siqueira, Kennedy Jamestony de Carvalho e Souza e Keyla Mirelly Nunes de Souza) e os falantes das duas localidades.

As entrevistas foram realizadas de janeiro a março de 2008 na residência dos informantes e encontram-se armazenadas em aparelho MP3. A transcrição das mesmas foi feita, seguindo as normas de transcrição do Projeto Norma Urbana Culta na cidade do Recife (NURC/RE), pelos três bolsistas supracitados, visando à elaboração de um Banco de Dados da Língua Falada no sertão pernambucano.

Os sujeitos foram distribuídos consoante às seguintes variáveis extralingüísticas: o sexo (masculino e feminino), o nível de escolaridade (fundamental e médio), a faixa etária ((15 a 25 anos) e (26 a 49 anos)) e a renda familiar (até dois salários e mais de dois salários). Vale dizer que, para delinear mais

detalhadamente o perfil socioeconômico desses sujeitos, foi aplicada uma ficha social onde estão contidos os dados de identificação dos falantes, bem como outras informações adicionais para que se tenha o mapeamento do contexto socioeconômico de que fazem parte.

Selecionados os dados de fala que constituem o *corpus* da pesquisa tomando por base os fenômenos sintáticos variáveis, foram feitos, inicialmente, o levantamento das variáveis lingüísticas e extralingüísticas e a codificação dos dados para, posteriormente, dar-lhes tratamento estatístico a fim de verificar que fatores lingüísticos e extralingüísticos inibem ou condicionam a presença ou ausência de determinada forma lingüística.

Segundo Tarallo (1985, p. 10-11), para sistematizar a variável lingüística, são necessárias algumas etapas: a) “levantamento exaustivo de dados da língua falada”; b) “descrição detalhada da variável”; c) “análise dos possíveis fatores condicionadores [lingüísticos e extralingüísticos]”; d) “encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade” e e) “projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade”.

Terminada a etapa do levantamento de variáveis, foi dado tratamento quantitativo aos dados e realizada a análise lingüístico-comparativa. Ao longo dessas etapas, foi adotada como hipótese norteadora a idéia de que fatores lingüísticos e extralingüísticos parecem favorecer a ocorrência de formas não-padrão na língua falada das duas localidades do Alto Sertão do Pajeú.

2. Construindo o perfil linguístico de comunidades do Alto Sertão do Pajeú-PE: evidências da intrínseca relação língua-sociedade

Conforme já enunciado na introdução deste capítulo, apresentaremos a seguir evidências da intrínseca relação língua-sociedade, tomando por base que a herogeneidade linguística não ocorre aleatoriamente. Para tanto, observem-se resultados de duas pesquisas pioneiras realizadas por bolsistas de iniciação científica da UAST/UFRPE sobre fenômenos linguísticos variáveis que ocorrem em comunidades do Alto Sertão do Pajeú-PE.

2.1 O fenômeno variável da concordância verbal

Um dos aspectos sintáticos abordado nos compêndios gramaticais tem a ver com a concordância verbal (cf. BARRETO, 1980; ALMEIDA, 1985; CUNHA; CINTRA, 1985). Segundo prescrevem os gramáticos normativos, “[...] é o verbo que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário.” (ALMEIDA, 1985, p. 441). No entanto, resultados de pesquisas variacionistas têm mostrado que, ao lado da forma padrão (aplicação da regra e concordância), coexiste a forma não-padrão (não-aplicação da regra de concordância) (cf. LEMLE; NARO, 1977; BACCEGA, 1989; BERLINCK, 1989; GRACIOSA, 1991; MOLLICA, 1999).

A partir de pesquisas já realizadas no Brasil sobre o fenômeno variável da concordância verbal, infere-se que fatores de ordem lingüística e extralingüística, que já foram estudados nessas pesquisas, parecem também favorecer a não-aplicação da regra de concordância verbal na língua falada por pessoas com nível fundamental e médio da cidade de Serra Talhada e do Distrito Bernardo Vieira. Para tanto, foi realizado um estudo nessas localidades com 36 informantes, sendo 24 serratalhadenses e 12 de Bernardo Vieira. Nesse estudo, foram analisadas as seguintes variáveis:

- *Variável dependente*: aplicação e não-aplicação da regra de concordância verbal;
- *Variáveis lingüísticas*: a) *saliência fônica* (verbos mais salientes e verbos menos salientes), b) *posição do sujeito* (sujeito anteposto ao verbo, sujeito imediatamente anteposto ao verbo e sujeito posposto ao verbo), e c) *tipo do sujeito* (simples e composto);
- *Variáveis extralingüísticas*: a) *sexo* (masculino e feminino), b) *nível de escolaridade* (fundamental e médio), c) *renda familiar* (até dois salários mínimos e mais de dois salários mínimos), e d) *localização geográfica* (mais urbano (Serra Talhada) e menos urbano (Bernardo Vieira)).

Para a composição das células para posterior obtenção dos resultados quantitativos, os informantes foram assim distribuídos:

Tabela 1: Distribuição dos informantes no Distrito Bernardo Vieira

Renda familiar	Nível Fundamental		Nível Médio	
	Número de falantes	Sexo	Número de falantes	Sexo
Até dois salários	3	Feminino	3	Masculino
Mais de dois salários	3	Masculino	3	Feminino

Tabela 2: Distribuição dos informantes em Serra Talhada

Renda familiar	Nível Fundamental		Nível Médio	
	Número de falantes	Sexo	Número de falantes	Sexo
Até dois salários	6	Feminino	6	Masculino
Mais de dois salários	6	Masculino	6	Feminino

Tomando por base o *corpus* da pesquisa, foi possível verificar que a regra de concordância verbal é variável nas comunidades em análise, tomando por base as seguintes evidências em que ocorre ora a aplicação da regra (cf. (1a) e (2a)), ora a não-aplicação da regra de concordância verbal (cf. (1b) e (2b)):

Dados de Serra Talhada:

(1)

a. “Nós não costumamos sair.”

b. “Pessoas adoece quando vão pra capital.”

Dados de Bernardo Vieira:

(2)

a. “Ele não era um exemplo”

b. “Fui eu e Edinaldo”

Após a seleção e a codificação dos dados submetidos à análise, verificou-se que os fatores extralinguísticos que mais favorecem a variante padrão nas duas comunidades são: a) renda familiar associada a mais de dois salários mínimos (Bernardo Vieira: 85%; Serra Talhada: 95%), b) nível médio (Bernardo Vieira: 90%; Serra Talhada: 85%) e c) sexo masculino (Bernardo Vieira: 82%; Serra Talhada: 92%).

É interessante perceber nos resultados apresentados que a diferença percentual entre as duas localidades não é tão expressiva (em média, 10%), valendo dizer que a variante padrão tem mais ocorrência em Serra Talhada, possivelmente por se tratar de uma área urbana, ao contrário de Bernardo Vieira, localizada na zona rural.

Quanto às variáveis nível de escolaridade e sexo, os resultados vão na direção do que observam Mollica e Braga (2003, p. 51) para a primeira variável: “[a] observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a freqüentam e das comunidades discursivas”.

Observando as variáveis linguísticas, os resultados revelam que as duas comunidades apresentam um comportamento similar, pois os fatores estatisticamente significantes relacionados ao uso da variante padrão foram os mesmos, a saber: a) verbos mais salientes (Bernardo Vieira: 50,5%; Serra Talhada: 60%); b) sujeito simples (Bernardo Vieira: 79%; Serra Talhada: 80%), e c) sujeito imediatamente antes do verbo (Bernardo Vieira: 85,5%; Serra Talhada: 55,25%). Sobre esse último fator, vale dizer que esse resultado vai na direção do que foi obtido por Santos (1999) em Alagoas.

Em linhas gerais, a pesquisa, à semelhança de outras já realizadas no Brasil, revelou que o fenômeno da concordância verbal é de fato variável no português do Brasil.

2.2 Estratégias de pronominalização do objeto direto de terceira pessoa

É comum encontrarmos nas gramáticas prescritivas, cujo “modelo” de língua embasa-se na tradição portuguesa, regras de como “devem” ser empregados os pronomes oblíquos atônos na estrutura frásica. No que se refere aos clíticos acusativos de terceira pessoa, Tufano (1990, p. 79) elenca as seguintes regras:

“a) colocados antes do verbo, os pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa apresentam sempre a forma o, a, os, as. (ex: Eu

os vi ontem.) e b) colocados depois do verbo, esses pronomes apresentam as seguintes formas:

a) *o, a, os, as* – se o verbo terminar em vogal ou ditongo oral (ex: vejo-as.; encontrei-o.);

b) *lo, la, los, las* – se o verbo terminar em *-r, -s* ou *-z* (ex: vou encontrá-lo.; Pedro fá-las agora.) ou se vierem depois da palavra *eis* e dos pronomes *nos* e *vos* (ex.: A prova do crime? Ei-la.; O motivo de seu gesto? O tempo no-lo dirá.);

c) *no, na, nos, nas* – se o verbo terminar em ditongo nasal. (ex.: fizeram-nas; Põe-na aqui.).”

Não obstante, em seu livro intitulado *Ensaio sobre as gramáticas do português*, Galves (2001) elenca diferenças substanciais entre o português brasileiro e o português europeu no que concerne, por exemplo, às categorias plenas e nulas em posição objeto. Dentre alguns dos aspectos analisados, destaca-se o uso do pronome lexical (ou seja, do pronome tônico) *ele* em posição objeto que só pode aparecer no PB (cf. (3a)), ao contrário do PE que usa o pronome clítico *o/a* (ex.: Encontrei-o ontem.). Além disso, no PB, o pronome *ele* pode retomar um sintagma nominal na posição de tópico (cf. (3b)) ou pode aparecer em estruturas relativas como pronome lembrete (cf. (3c)):

(3)

a. Encontrei *ele* ontem.

b. Esse rapaz, encontrei *ele* no trem.

c. Esse rapaz aí que encontrei *ele*...

(GALVES, 2001, p. 45)

Ademais, estudos sociolingüísticos evidenciam que, em dados de língua falada do português brasileiro, há evidências de contextos similares aos supracitados, que são desconsiderados pelos gramáticos normativos, conforme ilustram (4a) em que o pronome lexical *ele* é usado no lugar do pronome clítico e (4b) em que um objeto nulo tem como antecedente o sintagma nominal que se encontra na pergunta (*o Pedro*):

(4)

Você viu o Pedro hoje?

a. Hoje não, eu vi *ele* ontem.

b. Hoje não, eu vi \emptyset ontem.

(BAGNO, 2001, p. 101)

A fim de ampliar a discussão sobre as estratégias de preenchimento da posição do objeto direto de terceira pessoa já estudadas em outras regiões do Brasil no campo da sociolinguística (cf. MENDONÇA, 2004, FREIRE, 2000), foi realizada uma pesquisa no Alto Sertão do Pajeú-PE, buscando verificar que fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem o uso das seguintes estratégias (que compõem a variável dependente), a saber: a) clítico acusativo (eu não o vi); b) categoria vazia (eu não vi _), c) pronome lexical (eu não vi *ele*.) e d) sintagma nominal (eu não vi o *menino*.).

Após a obtenção dos resultados quantitativos, observa-se que, embora não haja ocorrência de clíticos acusativos nas duas comunidades analisadas, há uma diferença entre elas: enquanto em Serra Talhada, há uma alta frequência de categoria vazia (53,7%), vindo, em segundo lugar, o sintagma nominal (34,2) e depois o pronome lexical (12,1%); em Bernardo Vieira, é frequente o pronome lexical (50,6%), vindo a categoria vazia (42,1%) e depois o sintagma nominal (7,3%). Evidências dessas estratégias são apresentadas a partir do *corpus* da pesquisa:

Dados de Bernardo Vieira:

- (5)
 a. “Dois homens assaltaram *ele*.”
 b. “[o rapaz] foram encontrar ____”
 c. “defender os povos”

Dados de Serra Talhada:

- (6)
 a. “Eu quero ver *ele*.”
 b. “ele têm condição de criar ____”
 c. “devia expandir o comércio”

Para a realização do estudo, foi adotado o mesmo número e distribuição de falantes da seção anterior, conforme apresentado nas tabelas 1 e 2, havendo a substituição da variável renda familiar pela variável faixa etária. Dessa forma, foram selecionadas as variáveis extralinguísticas *sexo*, *nível de escolaridade*, *faixa etária* e *localização geográfica*.

Analisando as variáveis extralinguísticas, uma diferença se estabelece entre Serra Talhada e Bernardo Vieira: independente dos fatores das variáveis, há o predomínio da categoria vazia naquela e do pronome lexical nesta.

Ademais, alguns resultados vão na direção dos obtidos por Mendonça (2004) no estado de Alagoas. Essa autora verifica que a faixa etária de 26 a 49 anos tende a usar a categoria vazia (56%), o que é observado em Serra Talhada (46,5%). E ainda, falantes com nível fundamental tendem a usar o pronome lexical (55%) à semelhança do que ocorre em Bernardo Vieira (51,7%).

Quanto às variáveis linguísticas, foram selecionadas: a) o *condicionamento sintático* (objeto direto, objeto direto + predicativo, objeto direto + oração e objeto direto oracional); b) a *forma verbal* (tempo simples, tempo composto e locução com infinitivo) e c) o *traço semântico do antecedente* ([+ animado] e [-animado]).

Observando os resultados percentuais, verifica-se mais uma vez uma assimetria entre as duas comunidades: há um uso substancial de pronome lexical em Bernardo Vieira e da categoria vazia em Serra Talhada.

Quanto à primeira variável, observa-se o seguinte: em Bernardo Vieira, o fator objeto direto tem preferência pelo pronome lexical (58,5%), já o objeto direto mais predicativo tem percentual semelhante referente ao pronome lexical (41,6%) e à categoria vazia (41,6%), e o objeto mais oração tem preferência pela categoria vazia (50%); já em Serra Talhada, é verificado que a categoria vazia é a de maior frequência em todos os fatores. Apesar dessa diferença, nenhuma estratégia foi usada quando o objeto é oracional, ao contrário do que se observa na pesquisa de Mendonça (2004).

No que se refere à segunda variável, o fator tempo simples favorece o pronome lexical em Bernardo Vieira (54,5%) e a categoria vazia em Serra Talhada (59,2%); já o fator locução verbal com infinitivo favorece a categoria vazia naquela (53,4%) e o sintagma nominal nesta (51,8%). Embora seja verificada essa assimetria, não se observa nenhuma estratégia quando o tempo é composto.

Em se tratando do traço semântico do antecedente, observa-se que os resultados obtidos em Bernardo Vieira vão na direção dos de Mendonça (2004), pois o traço [+animado] favorece o uso do pronome pleno (60%) e o traço [-animado], a categoria vazia (69,2%). Já em Serra Talhada, a categoria vazia é favorecida pelo traço [+animado].

Diante dos resultados apresentados, é possível observar mais diferença do que semelhança entre as comunidades estudadas, ao contrário do que foi observado para o fenômeno variável da concordância verbal na subseção 3.1.

Palavras finais

Sendo a língua intrinsecamente heterogênea e variável em seus diversos contextos de uso e, assumindo, neste capítulo, com Labov (1983) que a variação linguística serve como identificador de diferenças sociais, diferenciador de estilos e marcador de uma dada comunidade, os resultados apresentados neste capítulo evidenciam que os fenômenos linguísticos em estudo são variáveis na língua falada de comunidades do Alto Sertão do Pajeú-PE. Não obstante, é importante salientar que, embora estejam situadas na mesma região pernambucana, as duas comunidades nem sempre apresentam um perfil linguístico semelhante a depender do fenômeno em análise.

Conforme verificado, em se tratando do uso do pronome lexical em posição objeto, observamos uma alta frequência na zona rural independentemente do grau de escolaridade, ao contrário do que ocorre na zona urbana. Nesse sentido, ao que tudo indica, a variável localização geográfica parece exercer uma grande influência para o uso dessa variante. Para a testagem dessa hipótese, faz-se necessária a ampliação dos dados para outras zonas rurais e urbanas dessa região, o que ampliará a construção de seu perfil linguístico. Já, em se tratando da concordância verbal, verifica-se um perfil linguístico muito semelhante entre as comunidades, pois, independentemente da localização geográfica, são os mesmos fatores extralinguísticos que atuam favorecendo o uso das variantes padrão e não-padrão.

Referências

- ALBÁN, M. R. et al. Nós e a gente: uma sondagem na norma culta brasileira. *Estudos: linguísticos e literários*. Periódicos 1. Universidade Federal da Bahia: Instituto de Letras, n. 11. ago. 1991. p. 103-116.
- ALMEIDA, N. M. Processos sintáticos. In: _____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 33. ed. São Paulo: Saraiva, 1985. p. 440-455.
- BACCEGA, M. A. *Concordância verbal*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- BAGNO, M. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.
- BARRETO, M. A concordância gramatical. In: _____. *Novos estudos da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: INL, 1980. p. 185-231.

- BERLINCK, R. A. A construção VSN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 95-112.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. Concordância verbal. In: _____. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 484-504.
- ELIA, S. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Padrão; Niterói: Universidade Federal Fluminense / EDUFF/ PROED, 1987. p. 9-199.
- FREIRE, G. C. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. 2000. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983. p. 11-411.
- LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MÓBRAL, Fundação Ford, 1977. p. 17-50.
- MOLLICA, M. C. Supra-segmentos de fronteira: principais causas e funções. In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 129-147.
- MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 9-37; 99-101.
- _____; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MARROQUIM, M. Sintaxe. In: MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996. p. 122-175.
- MENDONÇA, V. de A. *Objeto direto anafórico na fala Matagrãndense e Paulistana: um estudo comparativo*. 2004. Dissertação de Mestrado. Maceió, Universidade Federal de Alagoas, 2004.
- OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre *nós* e a *gente* na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 311-323.
- SANTOS, M. B. *A variação da concordância verbo/sujeito na língua falada por alunos da 1ª série à 5ª série do 1º grau na cidade de Maceió*. 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Maceió, Universidade Federal de Alagoas, 1999.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo : Ática, 1985. p. 5-96.
- TUFANO, D. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Moderna, 1990.

Sobre a autora

Cláudia Roberta Tavares Silva é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, professora Adjunto 4 do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco e professora-colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

ESTRATÉGIAS DE REALIZAÇÃO DO OBJETO NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE TRÊS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE SERRA TALHADA-PE

Denise Verônica Cordeiro da Silva
Dorothy Bezerra Silva de Brito

Introdução

O português do Brasil (doravante PB) caracteriza-se como uma língua que passa por um período de mudanças que o diferenciam significativamente do português de Portugal (doravante PE). O sistema pronominal tem sido particularmente afetado no que diz respeito a muitos fatores, configurando o que, segundo Galves (1989), constitui uma genuína “gramática brasileira”, com características próprias. Essa reorganização do sistema pronominal no PB tem sido um dos mais constantes temas de estudo atualmente. Alguns estudiosos (cf. MENDONÇA, 2004; NUNES, 1996; OLIVEIRA, 2007) elencam, dentre as mudanças ocorridas, a progressiva queda dos clíticos de 3ª pessoa, a perda da riqueza do paradigma de flexão verbal e uma maior ocorrência de sujeitos preenchidos. A perda do sistema de clíticos de 3ª pessoa (com função de objeto direto), ainda em processo, é um desenvolvimento surpreendente no PB atual e não tem paralelo em outras línguas românicas. Esses clíticos são substituídos de várias formas: por um pronome lexical, por um sintagma nominal repetido ou, mais interessantemente do ponto de vista das questões teóricas, por uma categoria vazia (ROBERTS, 1996). As principais consequências dessas mudanças estão relacionadas à crescente realização fonológica do sujeito e à implementação progressiva do objeto nulo. Esta última tem despertado grande interesse nos estudiosos da língua, devido à enorme diversidade dos exemplos encontrados nos dados de pesquisas científicas que tratam do tema (cf. MENDONÇA, 2004, p.2). Portanto, tendo em vista que a reorganização do sistema pronominal do PB tem sido um dos temas de bastante interesse nos estudos linguísticos (cf., por exemplo, os trabalhos de GALVES (2001) e TARALLO (1983), dentre outros), e que as pesquisas desenvolvidas sobre o

objeto nulo são reveladoras no que diz respeito ao nível de variação ou estágio de mudança em que se encontra esse fenômeno, é que se decidiu realizar esse trabalho que analisa o fenômeno linguístico do objeto nulo em dados de escrita de alunos do ensino fundamental II de três escolas no município de Serra Talhada, localizado no Alto Sertão do Pajeú, em Pernambuco.

O fenômeno aqui observado é conceituado por Cyrino & Reich (2002, p.9) como “se definindo negativamente, no caso, por uma carência na estrutura superficial da oração”. Levando-se em consideração que o PB apresenta a estrutura oracional SVO (sujeito, verbo e objeto) como canônica, o objeto nulo pode ser descrito como uma posição pós-verbal de objeto não pronunciada, no caso da fala, e apagada, no caso da escrita. Raposo (1986, p. 1) ilustra alguns exemplos desse fenômeno nas seguintes sentenças:

- a) A Joana viu ____ na TV ontem
- b) *Eu informei à policia da possibilidade de o Manuel ter guardado ____ no cofre da sala de jantar.
- c) *O rapaz que trouxe ____ mesmo agora da padaria era o teu afilhado.
- d) *Que a IBM venda ____ a particulares surpreende-me.
- e) *O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado ____ no cofre.

É importante observar que a primeira sentença é considerada aceitável no PE. O argumento de Raposo para o estatuto de variável do objeto nulo no PE, ou seja, um vestígio de movimento, é o fato de que essa categoria vazia é impossível em sentenças que seriam ilhas para movimento (ver maiores detalhes em Raposo, 1986). Assim, as demais sentenças (exceto (a)) são agramaticais em PE, apesar de serem todas aceitáveis no PB. Realizou-se ainda um estudo comparativo com os resultados obtidos na tese de doutorado de Cyrino (1997), intitulada “O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico”, em que a autora, ao estudar a mudança linguística ocorrida no PB, lança a hipótese de que uma mudança linguística deve ter ocorrido no “estatuto” do objeto nulo, já que este é diferente no PB, em que, aparentemente, ele apresenta características pronominais, e no PE, em que ele comporta-se como variável.

As pesquisas desenvolvidas sobre o fenômeno em estudo são reveladoras no que diz respeito ao estágio de mudança em que se encontra essa variante no PB. No entanto, os estudos que tratam do fenômeno em análise, geralmente,

são baseados em amostras extraídas da Região Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país ou baseados em dados de fala. A contribuição do presente trabalho reside no contraponto do estudo do fenômeno do objeto nulo na região nordeste, mais especificamente em uma cidade do interior de Pernambuco, considerando-se dados de escrita. A partir dos aspectos discutidos acima, o objetivo geral dessa pesquisa foi realizar uma análise linguística sobre o fenômeno do objeto nulo no português brasileiro, em textos escritos de alunos de duas escolas públicas, uma estadual e outra municipal, e de uma escola particular da cidade de Serra Talhada, em Pernambuco. Como objetivos específicos, foram analisados os fatores semânticos de especificidade e de animacidade do antecedente que podem favorecer o uso do objeto nulo, e as ocorrências de posição de objeto preenchida e posição de objeto nula. Além disso, comparamos os resultados de CYRINO (1997) com os resultados obtidos a partir de dados de escrita coletados na cidade de Serra Talhada – PE. Este capítulo está distribuído e organizado da seguinte forma: na seção 2 é apresentado o quadro teórico do trabalho, discutindo-se estudos que apontam a importância e os aspectos relevantes sobre a natureza do tema desenvolvido; na seção 3 é descrita a metodologia do trabalho, constando de procedimentos e ações para obtenção do corpus; na seção 4 são apresentados os resultados obtidos e a discussão, retomando-os e comparando-os com os do arcabouço teórico revisado na seção 2; a seção 5 traz as considerações finais de acordo com os resultados obtidos; na seção 6 encontram-se as referências consultadas para a construção desse capítulo.

1. O quadro teórico

A importância dos estudos linguísticos que tratam da mudança que vem ocorrendo no sistema pronominal do PB apresenta justificativa óbvia quando percebemos a lacuna existente entre o que se encontra nos compêndios gramaticais e o que realmente faz parte da gramática internalizada do aluno e/ou falante. Uma prova da desatenção da tradição gramatical no que diz respeito às categorias vazias é que o objeto nulo simplesmente não aparece em nenhuma gramática normativa nos capítulos referentes aos pronomes oblíquos ou à análise sintática dos objetos, embora seja a estratégia de pronominalização mais amplamente empregada pelos falantes cultos do português do Brasil (BAGNO, 2004, p.101). Dessa maneira, podemos observar que, ao analisar a gramática de dados escritos dos alunos e evidenciar que o fenômeno em questão se fez muito presente, tem-se então a relevância e a asseveração do fato de que os alunos fazem uso, muito mais frequentemente do que percebem,

de estratégias que a tradição gramatical desconsidera totalmente, no caso, o objeto nulo. Ainda nesse sentido, alguns sociolinguistas defendem a hipótese de que “as regras são de natureza variável, de forma que é muito difícil para qualquer pessoa falar durante certo tempo sem passar inconscientemente de uma variedade a outra” (POSSENTI, 1996, p.76). Além disso, no decorrer do tempo, as estratégias “incorretas” (entre elas, o uso do objeto nulo, segundo a gramática) usadas pelos alunos podem vir a perder o sentido negativo e terminar por tornarem-se “corretas” em algum momento. Sobre o fenômeno do objeto nulo, vários estudos (OMENA, 1978; PEREIRA, 1981; TARALLO, 1983, entre outros), na sua maioria sociolinguísticos, o descrevem sincronicamente e mostram sua ocorrência com relação a fatores sociais, como escolaridade e faixa etária. Esses resultados são importantes para se caracterizar socialmente essa categoria no PB.

A tese de doutorado de Cyrino (1997), que nos deu suporte em relação à análise do fenômeno, faz um estudo diacrônico, em que a hipótese levantada é a de que uma mudança linguística deve ter ocorrido no “estatuto” do objeto nulo ao longo da história do PB.

A autora defende a hipótese de que as diferenças concernentes ao fenômeno do objeto nulo estariam relacionadas a alterações na fixação de algum parâmetro, como consequência de uma mudança diacrônica, ou seja, uma mudança sofrida ao longo do tempo. É importante destacar a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), modelo teórico da Teoria da Gramática Gerativa, que se assentou na base conceitual de que a linguagem viria a ser um módulo mental e que teria algumas características invariantes, comumente conhecidas por “princípios”, além de apresentar também algumas características variáveis, conhecidas por “parâmetros”, os quais seriam fixados ao longo do período de aquisição de linguagem. Cyrino traça um percurso dos teóricos que estudaram o fenômeno e mostra como cada um deles observou o estatuto do objeto nulo dentro das chamadas “categorias vazias”, que se caracterizam por necessitar ter seu conteúdo recuperado, já que são nulas foneticamente. Esse seria o requerimento de identificação das categorias vazias. De acordo com Cyrino (1997), a primeira análise a tratar do fenômeno do objeto nulo foi a de Huang (1984), dentro da Teoria da Regência e Vinculação (TRV), intitulada “On the distribution and reference of empty pronouns”. Ele partiu da constatação de que algumas línguas permitem argumentos nulos enquanto outras não permitem essa estratégia. Surge daí o questionamento sobre que parâmetro, ou parâmetros, são capazes de diferenciar as gramáticas dessas línguas. Até então, o cenário linguístico estava dominado pelos estudos do sujeito nulo,

que era o centro do problema de determinação do “parâmetro pro-drop” (que estabelece se um sujeito explícito é obrigatório ou se pode ser opcionalmente suprimido). A partir do trabalho do pesquisador chinês é que o fenômeno do objeto nulo também ganhou atenção. No PB, o objeto nulo é pouco restrito, o que o aproxima de línguas “exóticas” como o chinês e o coreano, e o afasta do PE. Foi, então, a partir desse estudo, que vários outros surgiram para tratar do objeto nulo, utilizando, porém, dados de várias outras línguas. “O chamado ‘objeto nulo’ não pode ser considerado da mesma forma em todas as línguas em que ocorre” (CYRINO, 1997, p. 33). Ou seja, o fenômeno do objeto nulo não pode ser determinado da mesma maneira para todas as línguas.

Em um primeiro estudo, Cyrino (1990a) coletou dados que mostraram fatos interessantes sobre a mudança diacrônica que poderia ter ocorrido em relação ao objeto nulo do PB. Os resultados mostraram um aumento nas ocorrências do objeto nulo apenas em certos contextos numa primeira época, mas que foram ampliadas para outros contextos posteriormente. Ela apontou ainda para a perda simultânea do clítico acusativo de 3ª pessoa e relacionou esse fato ao aumento da ocorrência de objetos nulos no PB. Num estudo posterior, Cyrino (1990b) analisou dados segundo a proposta de Galves (1989a,b) para a estrutura do PB. Nesse estudo, houve uma investigação sobre a mudança na posição dos clíticos acusativos de primeira, segunda e terceira pessoas, que estaria relacionada a um AGR “fraco” no PB, estrutura essa que também propiciaria a ocorrência de objetos nulos pronominais. Ou seja, Cyrino lançou a hipótese de que a mudança dos clíticos ocorreu em consequência de um AGR débil, ou seja, uma concordância fraca na língua portuguesa. O AGR é “uma instância de concordância, e normalmente envolve relacionar o valor de alguma categoria gramatical (como sexo ou pessoa) entre palavras diferentes ou partes da sentença”. Esses resultados (CYRINO, 1990) apontaram para novas hipóteses sobre as mudanças que ocorreram no PB, fazendo com que o objeto nulo deixasse de ser analisado como “variável” e passasse a ser analisado como pronominal, ou seja, o fenômeno primeiramente foi considerado como uma variável. Essa classificação se justificou, pois, dentro das línguas estudadas, o objeto nulo parecia ser o resultado de uma regra de movimento porque sua ocorrência era restrita a contextos que permitiam esse movimento. Em ilhas (que são certas posições na sentença de onde não é possível mover ou extrair um constituinte), por exemplo, o objeto nulo não poderia ocorrer. Com a mudança atestada a partir da observação de objetos nulos em dados diacrônicos, esse fenômeno passou a ser estudado como pronominal, pois pode ocorrer livremente em qualquer contexto, inclusive em ilhas, que é o que acontece no PB.

Com relação aos traços semânticos do antecedente do objeto nulo, Cyrino retoma Enç (1991), na tentativa de definir a noção de especificidade. A autora assume uma abordagem semântica para explicar esse traço. Com base em dados do turco, ela associa DP com interpretação partitiva a DP específico, ou seja, o DP “qualquer menino”, por exemplo, que apresenta o pronome indefinido (qualquer) tem relação com o que é um DP [- específico]. Como consequência, assume que especificidade se relaciona a domínio de discurso, ou seja, um DP específico, que requer que seu referente esteja ligado a referentes previamente estabelecidos no discurso. Já um DP não específico, assim como um DP indefinido, requer que seu referente discursivo não esteja ligado a referentes previamente estabelecidos (isto é, eles introduzem elementos no discurso). Para Enç (1991), a noção relevante é a de especificidade, e o termo partitivo é tomado como uma concepção semântica, não como um caso estrutural sintático, como o caso nominativo ou dativo, por exemplo. Cyrino (1997) ainda deixa claro que se costuma unir a noção de especificidade à noção de indeterminação de NPs, tomando-se como verdade que definidos são sempre específicos, mas explicita que DPs definidos podem ser usados não-especificamente. Com isso, Cyrino evidencia o grande caráter de complexidade que envolve esse traço semântico. Com relação ao traço de animacidade, se faz necessário deixar claro que é uma noção semântica e, segundo Casagrande (2007, p.52) envolve um conjunto de elementos agrupados por apresentarem a característica de serem animados. O conjunto dos elementos que são animados inclui, além dos seres humanos, os demais seres que, assim como a espécie humana, apresentam algum tipo de vida. E, além disso, a animacidade é um conceito que faz parte de outra cognição que vai além da cognição da linguagem: a cognição da percepção (SOUZA, 2011, p. 32). Segundo Lopes (no prelo apud Cyrino, 1997), o traço de animacidade é intrínseco ao item lexical, já entrando com ele na derivação de uma sentença, ou seja, se como antecedente temos o substantivo menino ou o substantivo formiga, mesmo não sabendo, a priori, se são específicos, saberemos que são antecedentes com o traço semântico [+animado].

No que tange ao corpus de Cyrino (1997), os dados diacrônicos abrangem cerca de 2.308 ocorrências extraídas de textos do português do século XVI ao século XX. Os resultados mostram mais uma vez um aumento de objetos nulos através do tempo. Quanto aos traços de animacidade e de gênero, a autora também notou uma diferença através do tempo, pois o traço [+ masculino] favorece levemente a ausência do clítico, enquanto que o traço de animacidade parece ser decisivo para essa ausência, independentemente de gênero. Há ainda a apresentação do quadro teórico no qual o estudo está inserido, procurando

apontar, através de uma retrospectiva da teoria gerativa, a importância de sua pesquisa. Além disso, ela também explicita a importância do uso da quantificação dos dados e a teoria de mudança diacrônica assumida, que se define a partir da postulação de princípios inatos, invariáveis, e parâmetros sujeitos a variações. Dentro dessa abordagem, estudou-se a mudança na língua como relacionada à mudança na fixação de parâmetros.

Outros estudos ainda são citados pela autora, como, por exemplo, Omena (1978), que conclui que o antecedente do objeto nulo no PB é, na maioria das ocorrências, um ser inanimado e não-específico (indefinidos, coletivos, abstratos). Já os resultados de Duarte (1986) mostram que, como o clítico de terceira pessoa na linguagem oral do PB está desaparecendo, o objeto nulo é a opção escolhida para certos casos, e o pronome lexical para outros. A autora recorre a Matos (1992) para explicar que na elipse de VP (omissão do verbo e do seu complemento) é preciso haver identidade entre os verbos. Assim, na sentença abaixo (4a) temos uma elipse de VP, pois os verbos envolvidos são idênticos e o PB naturalmente exhibe esse fenômeno. É depreendido então que a diferença entre elipse de VP e objeto nulo reside no fato de que o primeiro tipo de fenômeno impõe identidade verbal, condição essa não necessária para a ocorrência do segundo. Dessa forma, o que ocorre em (4b) é um objeto nulo:

(4)

- a. João descascou a banana, mas Pedro não ____.
- b. João descascou a banana, mas Pedro não comeu ____.

Ainda segundo Cyrino (1997), a sentença abaixo (5a) não é gramatical, pois o objeto nulo do PB é possível somente no caso de esse antecedente ser [-animado]. Ela explica que a frase, ao apresentar um antecedente [+animado, +específico], não pode ter o objeto nulo. O preenchimento deve acontecer, então, seja por pronome lexical, seja por clítico – este último mais corrente na linguagem formal/escrita (5b):

(5)

- a. *A Júlia sempre chora quando ponho ____ no berço.
- b. A Júlia sempre chora quando ponho ela/quando a ponho no berço.

Assim, é possível perceber que o objeto nulo constitui-se em uma “estratégia de esquiva”, como bem afirma Silva (1993, p. 25), e embora a escola,

através de um ensino de língua portuguesa pautado na Gramática Tradicional, insista em preservar o clítico de 3ª pessoa na língua, em grande parte, seu uso limita-se, na oralidade, aos contextos mais formais e, na escrita, tem sua ocorrência favorecida em textos dissertativos, visto que, nos textos literários (corpus verificado por Cyrino (1997)) e nas narrações coletadas nesta pesquisa, por exemplo, há preferência pelo objeto nulo.

Diante dessas constatações, considera-se que analisar sincronicamente o fenômeno supracitado nas escolas localizadas no interior pernambucano, comparando os resultados obtidos nesse contexto com um estudo de escala diacrônica que abrange vários séculos do PB, implica em constatar as modificações que estão ocorrendo na língua, contribuindo, assim, com futuros estudos que venham a tratar sobre as ocorrências de objeto nulo em dados escritos no PB.

2. Metodologia

2.1 Primeira etapa

Em um primeiro momento da pesquisa, a metodologia adotada foi a seguinte: levando em conta questões teóricas, foram realizadas leituras sobre a teoria da gramática gerativa (cf. CHOMSKY, 1981 e outros) e também leitura de trabalhos que tratavam sobre o uso dos clíticos em dados de fala e de escrita no PB, a fim de serem feitos fichamentos e discussões sobre esse material. Em relação aos resultados dessa primeira fase, ficou estabelecida a constituição de um corpus de dez redações de cada série das três escolas escolhidas (municipal e estadual e particular). A escolha das instituições de ensino teve como critério principal a possibilidade de reunir as três redes de ensino a fim de verificar as diferenças e semelhanças entre elas no que se refere ao fenômeno da cliticização. O texto escrito constituía-se de uma estória narrativa elaborada pelos alunos através da continuação da escrita a partir de um início já elaborado. A temática era a mesma para todas as escolas, mas buscou-se adequar os textos às diferentes faixas etárias. Desse modo, havia um modelo de narrativa para o ensino fundamental (cf. anexo (1)) e outro para o ensino médio (cf. anexo (2)), com linguagem diferenciada. A partir disso, foram selecionadas frases declarativas finitas e infinitas que contivessem as estratégias de preenchimento do objeto direto e indireto (pronome clítico, pronome lexical, sintagma nominal e objeto nulo) e, a fim de desenvolver uma análise mais aprofundada a respeito do objeto em estudo foi realizado, nessa primeira fase, um comparativo com

os resultados obtidos na tese de Machado (2006). Essa tese de doutorado, enquadrada na perspectiva sociolinguística, discorre sobre o uso e a ordem dos clíticos pronominais no PB, analisando dados da escrita de estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas particulares e públicas da cidade do Rio de Janeiro, fazendo uma comparação com outro estudo feito por Vieira (2002), que, por sua vez, faz uma revisão dos estudos que tratam da ordem dos pronomes, observando as variedades brasileira, europeia e moçambicana.

2.2. Segunda etapa

Na segunda etapa desta pesquisa, inicialmente houve o contato com a tese de doutorado de Sonia Maria Lazzarini Cyrino, intitulada “O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático diacrônico”, de 1997, levando em conta questões teórico-metodológicas, bem como análises já realizadas sobre o uso do fenômeno em dados de escrita no PB, a fim de ser feita a leitura do material e seu fichamento.

2.2.1. Constituição do corpus da pesquisa

Em relação à escolha das escolas, o critério se repetiu e a seleção das três redes de ensino (municipal e estadual, e privada) continuou sendo o mesmo. Dessa vez, o número de séries foi reduzido a fim de se realizar um recorte do corpus anterior e uma análise mais precisa. Foram coletadas cinco narrações do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) de cada escola, totalizando 60 narrativas. A escolha do segundo ciclo do ensino fundamental se deu devido ao fato de que os alunos deveriam estar, nesse período, no processo final de aprendizagem das regras gramaticais, ou seja, é a fase em que o ensino das regras da gramática normativa está em ascensão para futura entrada no nível médio de ensino, e esse fato pode ou não influenciar na maneira como os alunos escrevem e produzem o fenômeno em questão. Nessas 60 narrativas, foram exploradas e selecionadas frases declarativas que apresentassem o objeto nulo acusativo para posterior caracterização dos fatores de análise. Ao final da seleção havia um quantitativo de 180 frases que constituem o corpus desta pesquisa.

3. Análise e discussão dos dados

No que se refere aos resultados da primeira etapa da pesquisa, a distribuição das estratégias de realização do objeto segundo o traço semântico do antecedente chamou bastante atenção, pelo fato da notória diferença em relação aos números que compuseram esse fator de análise. A tabela a seguir evidencia essa distinção no quantitativo de distribuição das estratégias:

Tabela 1: Totalidade das diferentes estratégias de realização do objeto quanto ao traço semântico do antecedente do objeto

		Fatores				
		Sintagma anominal	Pronome clítico	Pronome lexical	Objeto nulo	Sintagma anôminal
Traço semântico	[+animado]	85	0 (0%)	15 (12,75%)	45 (38,25)	25 (21,25%)
	[-animado]	47	9 (4,23%)	0 (0%)	18 (8,46%)	20 (9,4%)

A nula ocorrência dos clíticos com traço [+ animado], conforme ilustra a tabela acima, confirma as afirmações de outros pesquisadores, como Cyrino (1993) e Pagotto (1993), no que diz respeito à queda e desaparecimento dos clíticos no PB e à substituição dos mesmos pelo pronome lexical ou pelo objeto nulo. A relevância apresentada nos estudos linguísticos e o destaque percentual que este último fenômeno (objeto nulo) apresentou nessa primeira fase da pesquisa, despertaram a curiosidade por um aprofundamento mais teórico. Dessa maneira, decidiu-se observar nesta segunda etapa da pesquisa, a partir de um viés teórico aprofundado, a ocorrência de objetos nulos em dados escritos de alunos de três escolas no município de Serra Talhada – PE.

No que concerne à análise dos dados, Cyrino (1997) observou que vários fatores interligados influenciariam o uso do fenômeno. Apresentam-se então, como variáveis dependentes (apenas medidas ou registradas): posição de objeto vazia e posição de objeto preenchida. Além disso, mostram-se os tipos de oração, o modo verbal e o caráter semântico dos antecedentes que favoreceriam a ocorrência do fenômeno. Em nossa pesquisa, os fatores que serão analisados dizem respeito, especificamente, aos seguintes aspectos:

Variáveis linguísticas dependentes:

Posição de objeto vazia; Posição de objeto preenchida.

Variáveis linguísticas independentes:

Especificidade (Tipo de antecedente): NP [+ específico] e [- específico]; Animacidade (Tipo de antecedente): [+ animado] e [- animado].

Variável extralinguística independente:

Tipo de escola: Municipal, Estadual (Públicas) e Particular.

Na nossa pesquisa, foram observados os NPs [-específico] e [+ específico], a fim de estabelecermos um comparativo com os resultados obtidos por Cyrino (1997). Com relação à variável dependente, os resultados da autora mostram um decréscimo de objetos preenchidos durante os séculos (cf. tabela 2):

Tabela 2: Distribuição de posições nulas vs. preenchidas

		Nulas		Preenchidas		Total	
		nº	%	nº	%	nº	%
Século	XVI	31	10,7	259	89,3	290	100
	XVII	37	12,6	256	87,4	293	100
	XVIII	53	18,5	234	81,5	287	100
	XIX	122	45,0	149	55,0	271	100
	XX	193	79,1	51	20,9	244	100

Fonte: (Cyrino, 1997)

Nesta tabela, percebemos que o objeto nulo foi sempre possível na língua (pelo menos desde o século XVI), mas sofreu uma mudança em sua incidência durante os séculos. Vemos que as posições preenchidas tiveram um decréscimo e as posições nulas tiveram um aumento considerável em sua ocorrência. No século XX, por exemplo, de 244 ocorrências, mais de 79% foram de posições nulas. E no século XVI, de 290 ocorrências, mais de 89% foram de posições preenchidas. Na tabela abaixo (cf. tabela 3) há os valores encontrados em nossos dados sobre o fenômeno do objeto nulo e o preenchimento:

Tabela 3: Ocorrências de dados referentes ao objeto nulo vs. preenchimento

		Nulo		Preenchidas	
		nº	%	nº	%
Tipo de escola	Municipal	40	22,2	20	33,3
	Estadual	67	37,3	18	30,0
	Particular	73	40,5	22	36,7
	Total	180	100	60	100

Nos textos produzidos pelos alunos das escolas serra-talhadenses há também um grande número de ocorrências de objeto nulo. Esse fenômeno é, sem sombra de dúvida, a estratégia preferida pelos alunos quanto à retomada de um objeto direto anteriormente citado. Temos abaixo algumas sentenças do corpus que exemplificam esses dois fatores:

(6)

“A criançina quiria salva o pai dela mais ele tava morenu e ela defendeu ___ e depois saiu e foi chama a mãe (...)”. (Posição de objeto nula).

(7)

“... O bebe chorou insistentemente e o fizeram parar.” (Posição de objeto preenchida com clítico de 3ª pessoa).

Na escola particular é que o número de posições preenchidas por clíticos teve o maior índice (36,7%), devido ao fato de que o aprofundamento do estudo das normas gramaticais se faz com mais tradicionalismo em relação à preservação da norma padrão na escrita e, conseqüentemente, o uso dos clíticos é cobrado pelos professores como sendo de uso “correto” nos textos formais. Assim, notamos que quanto maior a escolarização mais provável será encontrar esse tipo de preenchimento. Dessa forma os clíticos são “aprendidos na escola, e sua aprendizagem coincide com a aquisição da concordância” (CORRÊA, 1991, p. 32). Ou seja, levando em conta que o contexto favorito de preenchimento da posição de objeto por clíticos é a língua escrita formal e que esse uso não é “natural” entre os mais jovens, ele precisa ser aprendido na

escola, e essa aprendizagem, segundo alguns estudiosos, geralmente é acompanhada pela aquisição da concordância da língua portuguesa, apresentando assim alguma relação entre si. Com relação à questão dos traços semânticos de especificidade e de animacidade, é preciso primeiro estabelecer claramente as noções adotadas dessas categorias. Lopes (2006, p. 162) distingue animacidade de especificidade, ao caracterizar a primeira como um dos traços semânticos intrínsecos a itens lexicais e a segunda como derivada sintaticamente, portanto dependente de uma dada estrutura sintática. Sendo assim, o referente do objeto nulo depende do contexto para se caracterizar como específico ou não, como, por exemplo, na sentença a seguir:

(8)

“O senhor splash pegou a moça no chão na hora do terremoto e tudo caiu depois. Depois soltou ____ e saiu voando para salvar mais gente”.

Apresentando uma espécie de traço humano e o artigo definido (a), o referente “moça” é tomado como [+ específico]. Porém, é preciso salientar que a presença do artigo definido nem sempre vai garantir um maior grau de especificidade e também nem sempre a associação de artigos indefinidos aos nomes resultará em antecedentes menos específicos.

Na tabela seguinte (cf. tabela 4), observando os traços de especificidade, Cyrino mostra que o objeto nulo que tem como antecedente um NP [- específico] parece seguir uma trajetória oposta aos outros tipos de posições nulas. Depois, há uma mudança radical a partir do século XIX. Já o objeto nulo cujo antecedente é um NP [+específico] aumenta em frequência a partir do século XIX.

Tabela 4: Ocorrências da categoria vazia em posição de objeto de acordo com o tipo de antecedente através do tempo

	Séculos				
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
NP [+esp.]	4/139 (2.9%)	4/100 (4%)	9/120 (7.5%)	38/121 (31.4%)	64/95 (67.4%)
NP [-esp.]	3/34 (8.8%)	16/90 (17.8%)	2/33 (6.1%)	1/24 (4.2%)	31/36 (86.1%)

Fonte: Cyrino, 1997

Com relação aos antecedentes de nossas sentenças, traçamos o quadro a seguir, mostrando os valores percentuais em relação ao traço de especificidade:

Tabela 5: Frequência dos dados em relação ao traço semântico do antecedente

	Antecedente	
	nº	%
NP [+esp.]	50	27,7
NP [-esp.]	130	72,3

A seguir, encontram-se exemplos retirados do nosso corpus tendo em (9) e (10) um NP [+ específico] e em (11) e (12) um NP [- específico]:

(9)

“O senhor poderoso correu atrás daquele bandido e carregou ____, e soltou ____ no rio”.

(10)

“Minha família queria ir pra São Paulo mas com a presença da família poderosa decidiu não visitar ____ e ficar no nordeste mesmo.

(11)

“O policial xingou o bandido antes de tortura ____”.

(12)

“A mãe não sabe falar português ai ela recebe uma carta e Laila tem que ler ____ para ela.”

Nos textos dos alunos (cf. tabela 5) a maioria dos casos de objeto nulo tinha um referente [-específico], o que confirma uma das hipóteses de Cyrino (1997) de que, quando o antecedente é [-específico], a preferência é de não se usar clítico no PB atual, mas sim a opção “objeto nulo”, resultado já observado por estudos anteriores. A tabela a seguir (cf. tabela 6) mostra a ocorrência de objeto nulo quando o antecedente é um NP [+específico]. Pode-se observar que o traço de animacidade é relevante para a ocorrência do objeto nulo através do tempo.

Tabela 6: Objetos nulos vs. preenchidos com antecedentes NP [+específico] versus traço de animacidade

		NP [+esp. +ani.]						NP [+esp. -ani]					
		Nulo		Preench.		Total		Nulo		Preench.		Total	
		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Sec.	XVI	1	1,3	77	98,7	78	100	3	4,9	58	95,1	61	100
	XVII	2	6,5	29	93,5	31	100	2	2,9	67	97,1	69	100
	XVIII	1	4,8	20	95,2	21	100	8	8,1	91	91,9	99	100
	XIX	1	2,2	45	97,8	46	100	37	49,3	38	50,7	75	100
	XX	0	0	21	100	21	100	64	86,5	10	13,5	74	100

Fonte: Cyrino, 1997

Segundo a autora, a categoria nula com antecedente NP [+ específico] começa a aumentar no século XIX, e, além disso, esse aumento se dá apenas com o objeto nulo cujo antecedente é [-animado]. Ela observa também que o traço [-animado] conduz ao aumento do objeto nulo cujo antecedente é um NP [+específico]. Com isso, Cyrino (1997) mostra que o traço de animacidade é o fator crucial no uso do objeto nulo no PB. Em relação aos dados desta pesquisa, traçamos a seguinte tabela:

Tabela 7: Ocorrências de objetos nulos quanto ao traço semântico de animacidade do antecedente

		Ocorrências	
		nº	%
Tipo de antecedente	[+ Animado]	156	86,6
	[- Animado]	24	13,4

Na tabela acima é possível concluir que o traço de animacidade positivo foi bem maior nos dados, devido ao fato de, na maioria nas vezes, os alunos se referirem aos personagens da narração, tendo estes um caráter de seres animados. Levando em conta o impacto que “o aspecto semântico da animacidade

tem para a atribuição de papel temático” (CYRINO, 1997, p. 45), enfatizamos a complexidade que este traço apresenta, pois ele tem grande caráter interpretável. Abaixo temos sentenças que exemplificam como tratamos esses fatores:

(13)

“Em casa, tinha uma foto deles na revista e eu vi ____ e pensei que o menino era muito fei poque tinha ums zolhos grande...” (objeto direto [-animado]).

(14)

“O monstro comeu Horacio e o senhor Zumpt matou o monstro e tirou ____ de lá.” (objeto direto [+animado]).

Com relação a esse traço, Cyrino (1997) conclui que, quando o antecedente é [-animado], o PB apresenta objeto nulo (diferentemente do PE, que restringe a ocorrência dessa categoria vazia ao estatuto de variável) e que esse traço é essencial para se entender essa categoria vazia. Ainda é salientado pela autora que não existe apenas objeto nulo quando há antecedente [-animado], este apenas ocorre com uma maior probabilidade nesses contextos. Assim, quando o antecedente do objeto for [+animado], a tendência não é a ocorrência do objeto nulo, mas sim do pronome lexical. Desse modo ela conclui que o objeto nulo do PB é preferencialmente [-animado], o que não corrobora com os nossos resultados (cf. tabela 7), visto que as ocorrências de objeto nulo apresentaram-se mais frequentemente em relação a antecedentes com o traço [+animado].

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo, além de verificar as ocorrências de objeto nulo em textos de alunos serra-talhadenses, comparar os resultados com os obtidos pela pesquisa de Cyrino (1997) no que tange aos traços semânticos do antecedente relacionados à animacidade e à especificidade, e à variável dependente posição preenchida e nula. Em termos gerais, com relação à variável dependente em análise, nos textos produzidos pelos alunos das escolas serra-talhadenses há um grande número de ocorrências de objeto nulo. Esse fenômeno é, sem sombra de dúvida, a estratégia preferida pelos alunos quanto à retomada de um objeto direto anteriormente citado. Nos resultados de Cyrino (1997), o mesmo ocorre com o fenômeno em uma

perspectiva diacrônica. O uso do objeto nulo aumenta significativamente ao longo do tempo (ON no século XVI: 10,7% e ON no século XX: 79,1%), enquanto que a posição preenchida tem sua frequência rebaixada através dos séculos (OP no século XVI: 89,3% e OP no século XX: 29,9%). Com relação à especificidade, a maioria dos casos de objeto nulo no corpus da presente pesquisa tinha um referente [-específico], o que confirma uma das hipóteses de Cyrino (1997) de que, quando o antecedente é [-específico], a preferência é de não se usar clítico no PB atual, mas sim a opção “objeto nulo”, resultado já observado por estudos anteriores. No que se refere ao traço de animacidade, é possível concluir que o traço [+animado] tem maior frequência nos dados que compõem o corpus desta pesquisa, devido ao fato de, na maioria das vezes, os alunos se referirem às personagens da narração, tendo elas o caráter de seres animados. Nos seus dados, Cyrino (1997) mostra que o traço [-animado] é o que possibilita o aumento da quantidade de objetos nulos através dos séculos, chegando a apresentar 86,5% de frequência nos dados representativos do século XX. Porém, ela deixa claro que não há restrição de ocorrência de objeto nulo à presença de um antecedente [-animado], havendo somente uma maior probabilidade de ocorrência do fenômeno nesse contexto.

Com este trabalho, conclui-se que, além do fato de o objeto nulo ser uma realidade na gramática dos alunos, com uma crescente ocorrência na produção de seus textos escritos, é preciso atentar também para o fato de que uma nova postura em relação ao estudo da gramática normativa deve ser adotada, uma vez que foi observado, no corpus analisado, que o uso desse aspecto gramatical é consideravelmente produtivo. Assim, o que está sendo ensinado nas aulas de língua portuguesa, que, na maioria das vezes, é uma abordagem pautada na reprodução das normas gramaticais, está distante do real uso da língua escrita pelos estudantes. Desse modo, abre-se a perspectiva de seguir com futuros estudos, realizando-se análises referentes a outras variáveis linguísticas, como modo verbal e tipo de orações, por exemplo, ampliando-se o corpus e as variáveis linguísticas dependentes, a fim de poder verificar melhor como essa estratégia de realização do objeto direto se caracteriza na escrita dos alunos do município de Serra Talhada, assim como em cidades circunvizinhas pertencentes à microrregião do Sertão do Pajeú.

Referências

- BAGNO, M. *Português ou Brasileiro?* Um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, p. 101, 2004.
- CASAGRANDE, S. O objeto nulo em PB: sintaxe e aquisição. *Anais do SETA* (Seminário de Teses em Andamento). Número 3, p. 52 – 53, 2007.
- CHOMSKY, N. *Lectures on governemnt and binding*. Dordrecht, Foris. 1981.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático – diacrônico*. Tese de doutorado. Editora da UEL, Londrina, 1997. 224 p.
- CYRINO, S.M.L. *O objeto nulo no português do Brasil: uma investigação diacrônica*, ms., UNICAMP. 1990a.
- _____. *O objeto nulo no português do Brasil: uma mudança paramétrica?* ms., UNICAMP. 1990b.
- _____. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: Objeto Nulo e Clíticos. In Roberts & M. A. Kato (Orgs.) *Português brasileiro - uma Viagem Diacrônica*, Campinas, Editora da UNICAMP. 1993.
- CYRINO, S.M.L. & REICH, U. *Uma visão integrada do objeto nulo no português brasileiro*. *Romanistisches Jahrbuch* 52: 360-361. 2002.
- CORRÊA, V. R. *O objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, p. 32, 1991.
- DUARTE, M. E. L. *Varição e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. São Paulo: PUC/SP. Dissertação de Mestrado. 1986.
- ENÇ, M. *The semantics of specificity*. *Linguistic inquiry*, 22, 1:1-25, 1991.
- GALVES, C. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17: 65-90. 1989a.
- _____. *Objet Nulet Structure de La Proposition em Portugais Brésilien*. *Revue des Langues Romanes*, 93: 305-336. 1989b.
- _____. *A Sintaxe do Português Brasileiro*. *Ensaio de Linguística* 13: 31-50.2001.
- HUANG, C. T. J. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15: 531-574. 1984.
- LOPES, R. E. V. Traços semânticos na aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, V. 41, nº. 1, p. 161 – 162, 2006.
- _____. Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de língua? *Revista da ABRALIN*, vol. 4, nº 1 e 2, p. 88 – 89. No prelo.
- MATOS, M. G. A. P. *Construções de elipse de predicado em português - SV nulo e despojamento*. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, Portugal. 1992.
- MACHADO, A. C. M. *O uso e a ordem dos clíticos na escrita de estudantes da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 136 p. mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. 2006.

- MENDONÇA, V. de A. *Objeto direto anafórico na fala matagrandense e paulistana: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado. UFAL, Alagoas, 2004.
- NUNES, J. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em Português Brasileiro. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 207-222. 1996.
- OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - REVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. p. 161-178, 2007.
- OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de mestrado, PUC-RJ, 1978.
- PAGOTTO, E. G. Norma e condescendência; ciência e pureza. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 2, 49-68. Campinas: UNICAMP. 1993.
- PEREIRA, M. G. D. *A variação na colocação dos pronomes átonos no português do Brasil*. Dissertação de mestrado, PUC-Rio, 1981.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ALB: Mercado de Letras, p. 75-81, 1996.
- RAPOSO, E. On the null object in european portuguese. In: O. Jaeggli & C. Silva (Orgs.) *Studies in romance linguistics*, Dordrecht: Foris, 1986.
- ROBERTS, C. *Modal subordination, anaphora and distributivity*. Tese de doutorado, University of Massachusetts, Amherst, MA, EUA. 1996.
- SILVA, R. V. M. *Contradições no ensino do português: repensando a língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, p. 25, 1993.
- SOUZA, T. S. *Animacidade: um estudo entre línguas*. Dissertação de Mestrado em Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Faculdade de Letras - Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2011.
- TARALLO, F. *Relativization strategies in brazilian portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, EUA, 1983.
- VIEIRA, S. R. *Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. 441 fls. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. 2002.

Sobre as autoras

Denise Verônica Cordeiro da Silva é formada em Licenciatura Plena em Letras (Inglês / Português) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE / UAST). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e em Educação de Jovens e Adultos.

Dorothy Bezerra Silva de Brito possui Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (2004) e doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2009) com estágio sanduíche na Universidade de Cambridge, Inglaterra (2007-2008). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: concordância, clíticos reflexivos, reflexivo, teoria de traços e gramática gerativa. Atualmente é professora adjunta I de Linguística na Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

MARCADORES DISCURSIVOS NO GÊNERO COMENTÁRIO DE BLOG FUTEBOLÍSTICO: CONSTATAÇÕES SOBRE O FALAR PERNAMBUCANO

Lucineudo Machado Irineu
Walison Paulino de Araújo Costa

Introdução

Durante muito tempo, a língua foi estudada apenas tomando como referência os padrões da gramática normativa. Referimo-nos, sobretudo, às terminologias morfológicas e sintáticas que integraram os estudos linguísticos por anos como prioridade de abordagem. Nesse contexto, algumas ocorrências linguísticas, tais como Marcadores Discursivos (doravante MDs), eram estudadas pela ciência da linguagem de maneira bem tímida.

De um tempo para cá, a terminologia em relação a essas ocorrências é bem diversa, destacando-se, neste campo, os trabalhos de Said Ali (1930), Freitag (2008), dentre outros, que tomamos com pressupostos teóricos para, neste trabalho, analisar a orientação pragmática dos falantes pernambucanos com relação ao uso dos MDs, numa perspectiva da sociolinguística interacional, que contempla o estudo da fala em situação de uso.

De início, situamos algumas questões teórico-conceituais sobre os referidos marcadores que nos serão importantes para a exposição da análise dos dados. Nosso objetivo com isto é situar a discussão de base sobre o tema em questão e revisitar alguns desdobramentos de estudos mais recentes.

1. Os MDs: entre a forma e a função

Castilho (1989) classifica os MDs tomando como parâmetro dois tipos de caracterização: o ponto de vista formal e o ponto de vista funcional.

Do ponto de vista formal, o referido estudioso classifica os MDs, conforme afirma Marcuschi (2007), como: (i) simples, que têm um só lexema, como os interrogativos, os advérbios, os verbos, os adjetivos, as conjunções e os

pronomes; (ii) compostos, que são os sintagmas já considerados estereótipos ou não, como “tá certo”, “sim mas”; (iii) os oracionais, tais como “suponho que”, “não sei não”; e (iv) prosódicos, como as pausas, os alongamentos, as hesitações, que são ligados geralmente a um marcador verbal. É o caso do “assim”, em alguns contextos de fala, por exemplo.

Castilho (1989) também divide os marcadores, segundo a distribuição feita no material do Projeto NURC¹:

Nomes: nos vocativos, nos tópicos e antitópicos, nas expressões estereotipadas. São, respectivamente, exemplos: “*Deputado / quanto tempo ainda vai durar a transição / hein?*”, “*esse gravador / ele é complicado/ esse gravador*”; “*por exemplo / marca a data do casamento*”;

Verbos: segundo as seguintes classes semânticas: cognitivos, emotivos, de percepção e copulativos. Os verbos cognitivos são os verbos epistêmicos ou *uerba cogitandi* (saber, compreender) e os *uerba discendi* (falar, dizer). Fazem parte desse tipo os verbos que formam expressões estereotipadas, como: “entende?”, “compreendeu?” etc. Os verbos emotivos podem ser entendidos como os *uerba affectum* (gostar, preferir), normalmente flexionados no futuro do pretérito, demonstrando certa cortesia. Há ainda os verbos de percepção (ver, ouvir/escutar, olhar): “veja”, “olha aqui”, “escute”. Por fim, há os verbos copulativos, que se presentificam naquelas situações em que temos o verbo *ser* + nome, expressões estereotipadas e *ser que*: “é óbvio”, “por conta disso é que”, “né”;

Advérbios de oração: “*realmente vejo que tudo isso é uma imoralidade*”;

Interjeições e palavras exclamativas: “ah”, “você quer ou não quer, *hein?*”;

Classes intranucleares: “muita gente ...*tal*...mas não é um lugar onde eu queria estar”.

1. “O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) teve início em 1969 e vem se desenvolvendo em cinco cidades do Brasil: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Objetiva descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior”. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibNurc>>.

Já pelo viés funcional, ainda de acordo com Castilho (1989), o mesmo marcador pode ter mais de uma função, tendo como função básica organizar o texto. Sua classificação, quanto aos marcadores, se divide em: interpessoais e ideacionais.

Marcadores interpessoais: têm a função de administrar os turnos conversacionais quando: (i) sinalizam o começo do turno, em pré-sequências: “olha”, “veja bem”, “e aí?” “vem cá”; nas sequências em que predominam a proposta de um assunto: “vamos dizer o seguinte”, de aceitação (ta bom, tá, tá certo) e de recusa “tá certo...só que”, “desculpa...mas”; (ii) sinalizam a mudança de turno, ou seja, o locutor passa o turno para o interlocutor: “*agora* é sua vez”; (iii) sinalizam quando o interlocutor toma o turno: “ah não!”, “mas espere aí um pouco”; (iv) sinalizam a intenção de manutenção do turno: “e tem mais”, “e isso não é tudo”; e (v) sinalizam o fechamento de um turno: “tá bom”, “depois nos falamos”, “foi bom”, “valeu”;

Marcadores ideacionais: usados pelos falantes para desenvolver o assunto e outras negociações quanto ao tema, tendo como função: (i) negociar o tema: “bom”, “então”; (ii) recusar ou aceitar o tema: “ah, essa não”, “corta essa”, “vamos lá”, “essa é boa”; (iii) mudar ou retomar o tema: “e por falar em”, “você já ouviu a última”, “retomando o fio da meada”; (iv) tipificar o tema, ou seja, são os marcadores que atribuem marcas de declaração, seja afirmativa ou negativa, interrogação ou exclamação: “não é?”, “pô!”; (v) enfatizar um aspecto do tema: “o mais importante”, “antes de tudo”, “o x da questão”; (vi) atenuar um aspecto do tema: “de certa forma”, “o ponto em questão”, “assim”. Em relação a esse último exemplo, podemos dizer que no Brasil ele é bastante comum para essa finalidade, momento em que alongamos a vogal nasal e, de certa forma, o isolamos pela pausa; dentre outras funções.

Devemos destacar ainda que os MDs desempenham uma função textual-discursiva muito frequente em ocorrências faladas e/ou escritas. Travaglia (1991), nesta perspectiva, comenta que os verbos, enquanto MDs, têm seu uso justificado devido ao fato de o produtor de texto fazer uma imagem do assunto e/ou do interlocutor, tais como:

Em relação ao assunto, por exemplo, o produtor de um texto se refere a algo não totalmente definido: “parece”, “eu penso que”, “digamos assim” etc. Para ele, essas ocorrências exemplificam espécies de modalizadores;

Em relação ao interlocutor, mesmo aquele virtual, como acontece nos textos escritos, são consideradas as possíveis reações ao que ele diz, no âmbito na (não) aceitação, (não) compreensão, (não) atenção, (não) conhecimento, tais como: “entende?”, “olhe bem”, “não era?”, “sabia?” etc.;

Em relação aos receptores dos textos produzidos, que orientam o produtor do texto, mostrando discordância, atenção, interesse etc.

Destacamos ainda que Marcuschi (2007), em relação aos MDs, faz uma caracterização geral, afirmando que eles podem vir no início, no meio ou no final dos turnos, sendo: prospectivos (em referência a algo que vem pela frente), retrospectivos (em referência a algo que veio antes), bifocais (prospectivo e retrospectivo) e de orientação para o falante (em referência a algo ou alguém que está fora do texto).

Tomando como referências os pressupostos teóricos dispostos, discutimos a seguir alguns dados de pesquisa que sinalizam para tendências do uso dos MDs no falar pernambucano. Os dados foram obtidos a partir da incursão ao *blog* esportivo do Diário de Pernambuco.

2. Percurso metodológico

Nesta pesquisa, priorizamos a abordagem qualitativa, tendo em vista que acreditamos no fato de ela poder nos trazer resultados satisfatórios em termos de pesquisa linguística, pois, como afirma Minayo (2009, p. 21), “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” dos seres humanos cujas ações, as mais diversas, refletem a realidade.

Em termos analíticos, procedemos à interpretação de mostras de material discursivo proveniente da seção “Esportes”, do blog do Diário de Pernambuco, na WEB. Em se tratando do caso específico do *blog*, devemos destacar que, segundo Melo & Barbosa (2007, p. 168), é comum que os chamados leitores em tela deixem “sua opinião sobre as mensagens postadas ou sobre qualquer outra coisa, já que o espaço é aberto”. Neste tocante, credi-

não, visse?” (7), “pq eu num to chorando não visse bonequinha de vudú” (1ª ocorrência do 8), “esquecesse de uma besteirinha, visse?” (9).

Já em relação ao marcador *né*, temos duas ocorrências: “mais ve a realidade que e bom ne kkkkkk meu nautico ta em 16” (2). De acordo com essa ocorrência, podemos dizer que o *né* auxilia para expressar um sentido contrário do que está explícito no enunciado, mostrando certa ironia. Ao mesmo tempo, tenta manter o turno. Já a outra ocorrência, em “E com aquele gol no finalzinho pelo menos vocês tiraram o dedo né?” (3), o referido marcador auxilia no argumento através do qual a enunciativa mostra uma pequena vantagem do adversário para revelar inferioridade dele perante o time dela, com certo ar de deboche.

No que diz respeito às duas ocorrências do *é* (8), afirmamos que, pragmaticamente, o primeiro, “vcs tão chorando por agente é?”, tem a mesma função que o *né* do comentário (2), e o segundo, em “simmons, tu és namorada de gertrude é?”, possui a mesma função do *né* do comentário (3).

Em uma perspectiva mais formal, fazemos, em geral, a separação bem distinta entre os universos do texto escrito e do texto oral. Por outro lado, sabemos que, dependendo do gênero, o texto escrito pode apresentar muitas das características que o texto oral possui.

O gênero em discussão é, numa visão mais ortodoxa, escrito. Porém, observamos nele algumas marcas da oralidade, como, por exemplo, interatividade, trocas de turno com uma frequência relativamente próxima à do texto oral. Outra questão que levantamos é o fato de que, para Marcuschi (2007), alguns processos de referência e alguns procedimentos ligados à produção textual advêm da fala, estabelecendo um elo entre os interactantes, em função de elementos, principalmente tempo e conhecimentos partilhados.

Outro fato bem pertinente na discussão é que a estrutura do *blog* é toda fundamentada em diálogo, assim como são também os comentários. Por vezes, os visitantes comentam fatos uns com os outros; já em outras, eles estabelecem essa relação dialógica com as notícias postadas pelo administrador do *blog*, fazendo com que esse gênero escrito ganhe feições muito claras de um gênero oral, cuja análise nos permite considerar seu caráter interativo e eminentemente dialógico. É tanto que os MDs selecionados, típicos dos textos orais, estão presentes em todos os comentários praticamente. As características da oralidade podem ser resquícios de outros gêneros orais que se transmutaram e ganharam o status que o gênero ‘comentário de *blog*’ possui atualmente (BAKHTIN, 2003).

No que diz respeito aos MDs propriamente, o *visse* pernambucano, pela classificação de Castilho (1989), a qual é adotada por de Marcuschi (2007), pode ser considerado simples, por ter apenas um lexema e, ao mesmo tempo, prosódico, por ser, em alguns contextos, alongado, considerando uma suposta produção fonológica. Embora os comentários sejam escritos, vemos traços da fala muito fortes, passando-nos a impressão de que estamos numa interação verbal face a face. Considerando outra classificação, *visse* (com o sentido de ver, ouvir e também entender), em algumas situações, pode ser classificado como cognitivo numa acepção de verbo cognitivo, embora o verbo *visse* (ver) seja, a princípio, classificado como de percepção.

Castilho (1989) diz ainda que os verbos que funcionam como MDs não têm necessariamente que concordar com o tempo verbal nuclear, conforme o exemplo do comentário “Sei naum visse” (1), no qual percebemos dois tempos verbais. Funcionalmente, o *visse* é ideacional, uma vez que ele tipifica o tema, atribuindo marca de declaração, mesmo que seja afirmativo, negativo, interrogativo ou exclamativo, como é o caso de “mas tu é burro visse!! (6), ou o *visse* também encerra o tema, como em “E cabosse visse?” (3).

Nos comentários (3), (6), (7), na primeira ocorrência do (8) e no (9), segundo Travaglia (1991), são marcadores orientados para os interlocutores, visto que o locutor espera uma possível reação do interlocutor, de aceitação ou não, esclarecimento ou não, interesse ou não etc.

Já na visão de Marcuschi (2007), esses mesmos comentários são considerados retrospectivos e de orientação para o falante, reportando-se a algo que veio antes no texto ou, respectivamente, apontando para alguém ou para alguma coisa fora do texto. Em algumas situações, o *visse* também pode ser prospectivo, como em: “esquecesse de uma besteirinha *visse*? SPORT campeão da Copa do Brasil de 2008 [...]” (9). Já os comentários 1, 2, 4, 5 e a segunda ocorrência do (8) não se encaixam aqui, visto que são mais expletivos e, portanto, não apresentam nenhuma dessas funções.

Em síntese, queremos destacar que esta análise descritivo-funcional de alguns MDs do falar pernambucano revela tendências de uso (e por assim dizer de escalaridade) do comportamento linguístico-discursivo destes itens no português brasileiro, revelando-se como um caminho viável para a execução de pesquisas no âmbito do Funcionalismo e da Sociolinguística, ou melhor, no âmbito do Sociofuncionalismo.

À guisa de conclusão

Ao longo da pesquisa, surgiram questões bem interessantes, com a interação de fatores lexicais com fatores conceptuais e cognitivos. Assim, poderíamos, em outro momento, pensar numa discussão envolvendo a Sociolinguística Cognitiva, enquanto modelo para pensar um significado com base no uso, vindo a investigar a interrelação entre os aspectos sociais e conceptuais através de métodos multivariacionais.

Por fim, em futuras investigações, temos a intenção de continuar trabalhando especificamente com o *visse*, mas pretendemos colher esses dados exclusivamente da fala (portanto, com a oralidade autêntica) de informantes diversos, seguindo rigorosamente os moldes metodológicos utilizados na pesquisa sociolinguística variacionista.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- FREITAG, R. M. K. *Marcadores discursivos interacionais: análise contrastiva entre duas variedades do português falado no Brasil*. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/marcadores_discursivos_internacionais.pdf>. Acesso em : 20 de julho de 2012.
- MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MELO, C. T. V.; BARBOSA, M. F. As relações interpessoais na produção do texto oral e escrito. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1930.
- TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo lexical-discursivo do verbo no português do Brasil*. Campinas, 1991. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas.

Sobre os autores

Lucineudo Machado Irineu é mestre doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e Professor do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros.

Walison Paulino de Araújo Costa é mestre doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e Professor do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

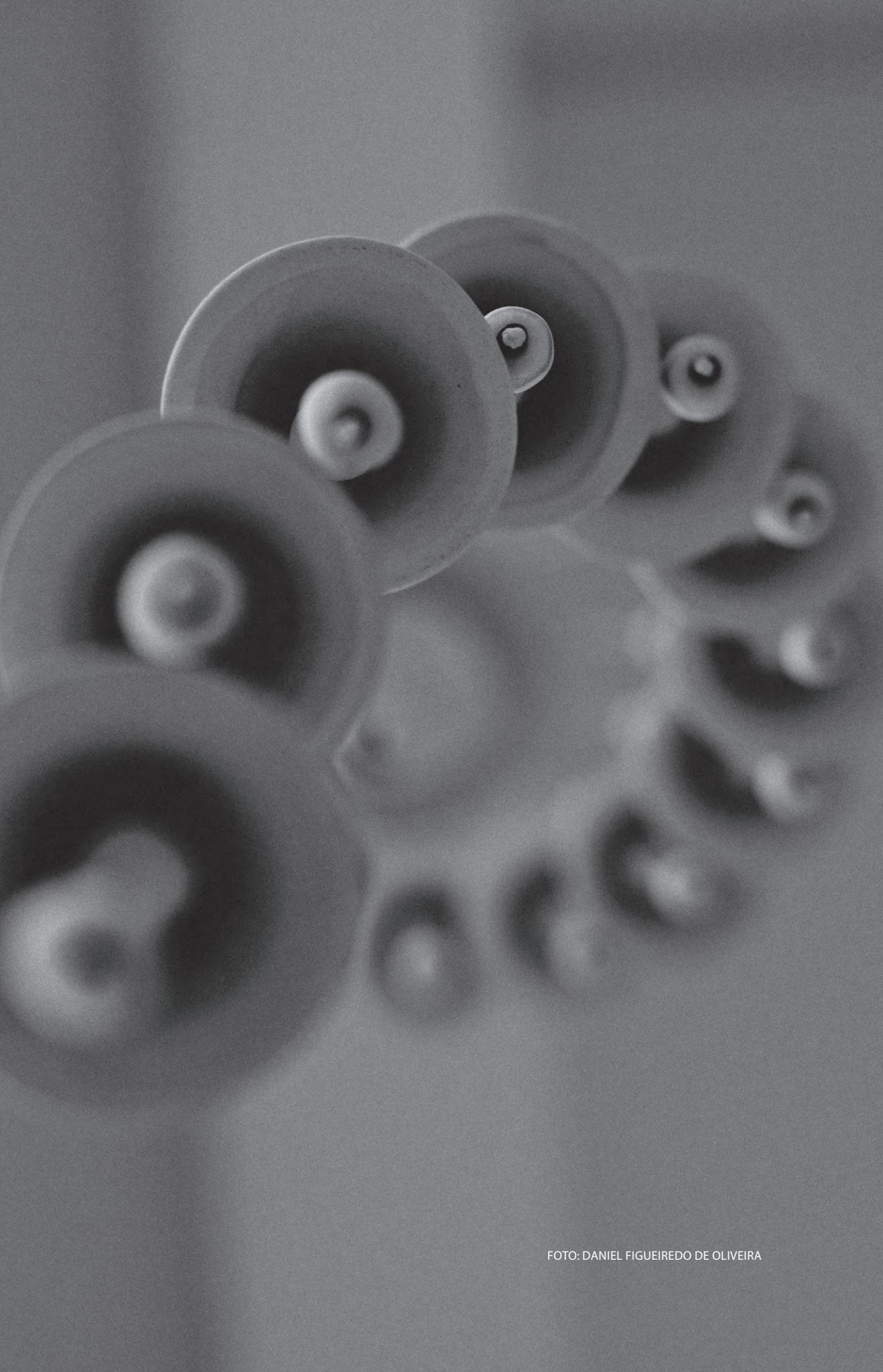


FOTO: DANIEL FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

Parte 4

**SÓCIO-HISTÓRIA DO
PORTUGUÊS PERNAMBUCANO**

FREI CANECA E JULIO PIRES FERREIRA: DOIS GRAMÁTICOS PERNAMBUCANOS

Marlos de Barros Pessoa

Introdução

Os trabalhos sobre a produção gramatográfica brasileira têm se concentrado em autores basicamente do Sudeste brasileiro. Pouco se tem pesquisado as produções de gramática brasileiras em outras regiões, como no Nordeste. Neste trabalho trago dois autores pernambucanos, que compõem o quadro da produção gramatical em Pernambuco. Trata-se de Frei Caneca e Júlio Pires Ferreira. Poderia aduzir à minha exposição também o trabalho de Antonio de Moraes Silva, que escreveu uma gramática quando residia em Pernambuco, mas preferi me restringir a autores de origem pernambucana, já que Moraes é natural do Rio de Janeiro e viveu grande parte de sua vida em Portugal. Mas o sentido maior desta exposição é dar a conhecer Julio Pires Ferreira, que tem sido esquecido nos estudos de gramatização brasileira.

Neste trabalho, seguirei os seguintes passos: breve nota sobre Frei Caneca; a tradição a que se filia; a sua gramática; breve nota sobre Julio Pires Ferreira; tradição a que filia; a sua gramática.

1. Frei Caneca

Frei do Amor Divino Caneca, conhecido como Frei Caneca, viveu mais ativamente na primeira metade do século XIX. Teve participação em dois movimentos de rebeldia. No primeiro, a chamada Revolução Pernambucana de 1817, foi uma espécie de coadjuvante, tendo sido preso e levado para a Bahia, em cuja prisão teria escrito / ditado o “Breve Compendio de Grammatica Portugueza (organizado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alumnos)”. No segundo, a chamada Confederação do Equador, movimento nordestino, que buscava estabelecer uma república na região, teve atuação mais ativa. Depois de ter saído da prisão, por volta de 1821, retorna ao Recife, onde começa a atuar decisivamente contra o Império. Através de sua forte ação política, escrevendo um jornal político-literário, o Typhis

Pernambucano, e produzindo aí artigos contra o regime e textos poéticos, passa a representar forte ameaça ao Império. Preso e condenado, é fuzilado no Recife em 1824. Segundo historiadores, a gramática fora ditada pelo autor a freiras, que a transformaram em manuscrito, que só foi impresso no final daquele século com a reunião de toda a obra do autor pelo comendador Antonio Joaquim de Mello.

2. Compêndio de Grammatica Portugueza (doravante CGP)

Nas “Ideas Geraes de Grammatica”, divide a CGP em quatro partes: Etymologia, Orthographia, Prosódia e Syntaxe. Na “Introdução”, apresenta conceitos de importantes componentes da gramática, tais como: oração, artigo, nome, pronome, verbo, particípio, advérbio, conjunção preposição e interjeição. Distribuídas em quatro capítulos, correspondentes a cada uma das partes por ele propostas, encontram-se catorze lições, com carácter nitidamente didático.

2.1 Conceitos de gramática geral e gramática portuguesa

Na “Introdução”, Caneca estabelece os conceitos de “grammatica” e “grammatica portugueza”:

“Grammatica é a arte de reduzir a regras os princípios comuns a todas as línguas” (p. 26)

“Grammatica portugueza é a arte que ensina a fallar, ler e escrever correctamente a lingua portugueza.” (p. 26)

Obedecendo à antiga concepção greco-latina, a alusão a “arte” mantém-se em Caneca. Em princípio a noção de gramática universal (a todas as línguas) e em seguida a preocupação com o “fallar, ler e escrever correctamente” a língua portuguesa.

2.2 As partes da “Grammatica Portugueza”

Como mostramos acima, é na “Introdução” que Caneca apresenta as partes da gramática portuguesa:

“A etymologia é a primeira parte da grammatica, que ensina a origem das palavras.

A ortografia é a segunda parte da grammatica, que ensina a escrever com perfeição.

A prosodia é a terceira parte da grammatica, que ensina a ler com perfeição.

A syntaxe é a quarta parte da grammatica, que ensina a compor perfeitamente a oração.” (p. 27)

Também como mostramos acima, cada uma dessas partes compõe um capítulo da gramática (parte primeira - etymologia, parte segunda - ortographia, etc).

Parte primeira - etymologia (lição I a IX, p. 28-49)

Na parte primeira, não se percebe a vinculação com a história a que o locutor se refere na conceituação. Seria o correspondente hoje ao que as gramáticas denominam “morfologia”. Aí o autor conceitua e exemplifica as classes de palavras:

“Artigo é uma palavra, que se põe antes do nome para o particularisar.

Divide-s em dous – definido e indefinido.” (p. 28)

“Nome é uma palavra que dá a conhecer alguma cousa, v. g: mesa, panno

Divide-se em dous – substantivo e adjectivo.

Nome substantivo é o que dá a conhecer a substancia da cousa, v. g: homem, terra.” (p. 28)

Parte segunda - ortographia (lição X, p. 50-1)

Neste capítulo, Caneca esboça seu conceito de escrever:

“Escrever é representar os nossos pensamentos por meio de duas ordens de caracteres, chamados letras e pausas.

Letras são caracteres formados de dous signaes mathematicos, isto é, de um círculo e de uma linha recta, cujos nomes são vozes simples, v.g: A, a B, b, C, c...

Pausas são caracteres formados dos mesmos signaes mathematicos, cujos nomes são vozes compostas, v.g: coma ou vírgula, semicolon ou ponto e vírgula; colon ou dous pontos; ...” (p. 50).

Todo o capítulo é dedicado a essa parte com a explicação dos sinais de pontuação, que ele denomina “pausas”. É curioso o uso de “pausa”, que se refere a uma entidade sonora. Ao final do livro, “nas notas”, o autor faz uma exposição sobre a natureza da grafia portuguesa, onde se percebe forte influência dos gramáticos de Port-Royal: “‡ O alfabeto português é muito imperfeito, visto que para formar umas syllabas tem letras de mais, e para formar outras faltam-lhe letras...” (p. 61). Mais adiante, continuando o assunto, cita importante gramático português seguido á época: “Esta verdade foi reconhecida pelo Sr. Jeronimo Soares Barboza, que depois de dar em sua grammatica philosophica grande numero de regras acerca da orthographia...” (p. 62).

Parte terceira - prosódia (lição XI, p. 52-3)

Assim como fez em relação à ortografia, Caneca dedica duas páginas à prosódia. Já tínhamos visto a associação da prosódia à leitura acima. O autor neste capítulo apresenta seu conceito de leitura:

“Ler é pronunciar as vozes representadas pelas letras com as pausas, accentos e figuras.” (p.52)

Fica clara a concepção de leitura em voz alta, tão em voga nessa época e conceitua “figuras”:

“Figuras são certo modo de escrever e pronunciar differente das regras estabelecidas.” (p. 52).

Dividem-se em oito: por acrescentamento de letras, por dimi-

nuição, por supressão, por separação, por mudança, por transposição, por contracção e por dilatação.” (p. 52)

Trata-se, como se percebe, do que passou a se chamar “metaplasmos”. Por fim, acrescenta ao final do capítulo o “barbarismo” como “vício de prosodia”

Parte quarta – syntaxe (lição XII-XIV, p. 54-60)

As lições do capítulo são as seguintes:

“Da syntaxe e da oração em geral (XII)
 Da syntaxe de concordancia em particular (XIII)
 Concordancia do verbo com o sugeito
 Concordancia do atributo com o sujeito
 Concordancia dos adjetivos com os substantivos
 Concordancia das orações parciaes com as totaes
 Concordância das orações subordinadas com a principal
 Concordancia irregular ou solecismo
 Da syntaxe de regência em particular (XIV)
 Syntaxe figurada em particular”

3. Caneca e a tradição a que se filia

a) Gramática medieval. Utilizemos a divisão da gramática, espaço em que se percebe a tradição a que os autores se filiam. Vimos, acima, no tópico sobre “as partes da grammatica” uma divisão em quatro partes adotada por Caneca. Weedwood (2002), ao se referir aos estudos gramaticais ao longo da história, identifica a importância da Schulgrammatik, que entre os séculos XII e XIII teria adquirido nova estrutura, passando a se dividir em quatro partes, com muita semelhança com o que apresenta Caneca:

Orthographia (as propriedades da littera);
 Prosódia (as propriedades da sílaba, como duração e tonicidade);
 Etymologia (as oito partes do discurso);
 e Diasynthetica (syntaxe)

b) João de Barros. Além dessa aproximação com a gramática medieval, vamos a encontrar em João de Barros (1540). Lemos sintetiza a estrutura da Gramática de João de Barros da seguinte forma:

“A Gramática de João de Barros se compõe de quatro partes: Ortografia, Prosódia, Etimologia[2] e Sintaxe ou Construção. Nas duas primeiras, o autor enumera as letras, descreve as sílabas, a quantidade e os acentos. Na terceira parte, estabelece uma classificação das palavras, além de deter-se na análise das flexões nominal e verbal. Na quarta, dedica-se ao estudo da sintaxe, definida como a conveniência entre as partes do discurso. E, após apresentar seus princípios de concordância e regência, inclui ainda mais dois capítulos: um que trata das figuras ou “espécies de barbarismos” e outro que retoma, de forma pormenorizada, a questão da ortografia.” (Lemos, s/d)

c) Lobato. Sabe-se que outra gramática portuguesa teve grande importância no Brasil, porque estava associada à Reforma Pombalina dos Estudos. Trata-se da “Arte da Gramática da Língua Portuguesa”, de Antonio José dos Reis Lobato, de 1770. No próêmio de sua obra, escreve: “Consta a grammatica portugueza de quatro partes, que são: Ortografia, Etymologia, Prosodia e Syntaxe.” (Lobato, 1770, p.1). É a mesma tradição a que se filia Caneca.

d) Soares Barbosa. No que se refere à ortografia, vimos que o autor se apoia em Jeronymo Soares Barbosa, gramático racionalista com obra influente nos séculos XVIII e XIX. Essa referência, na verdade, aponta para a divisão da gramática de Barbosa, que Caneca segue, substituindo “ortoéпия” por “prosódia”. Veja-a divisão de Barbosa, 1861, p.1):

“D’aqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a Orthoepia, que ensina a distinguir e a conhecer os sons articulados, proprios da língua, para bem os pronunciar;

A Orthographia, que ensina os signaes litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar;

A Etymologia, que ensina as espécies de palavras que entram na composição de qualquer oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes;

E a Syntaxe, finalmente, que ensina a coordenar estas palavras, e a dispô-las no discurso de modo que façam um sentido, ao mesmo tempo distinto e ligado: quatro partes da Grammatica Portugueza, que farão a matéria dos quatro livros d’esta obra.”

II

1. Julio Pires Ferreira

Júlio Pires Ferreira, diferentemente de Frei Caneca, não teve atuação social de destaque. Não se encontra informação mais detalhada sobre sua vida. Lê-se na folha de rosto de sua “Gramática Portuguesa” alusão ao título acadêmico “Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais”, além de “Lente de Português” da Escola Normal de Pernambuco. Foi assim que também foi apresentada ao público a nova seção do “Jornal Pequeno” em 1914. Divide-se a sua obra gramatical em dois campos: gramática para uso dos cursos primários e para uso de cursos secundários. Tendo sido presidente da Academia Pernambucana de Letras, em 1930, é considerado “imortal” dessa Academia, tendo ocupado a cadeira de número 13. O autor também foi responsável pelo Consultório Gramatical do “Jornal Pequeno”, no Recife, a partir de 1914.

2. Gramática Portuguêsa. Para uso dos cursos primários (doravante GP)

Utilizamos a 14ª edição da “Gramática Portuguêsa”, Livraria Universal, Recife, 1955. É um trabalho com senso didático mais claro, talvez porque se proclame “para uso dos cursos primários”. Cada tópico explanado vem seguido por um conjunto de exercícios, como o seguinte;

“EXERCÍCIO 1

Complete as palavras colocando as letras que faltam

O dia-ante é uma ped-a preciosa. Os de-os fazem parte da mão.

[...]” (p. 4)

Ou, como no exercício 98:

“Exercício 98

Indique um substantivo que complete a comparação.

Claro como-, morreu como-, palido como-, veloz como-, pobre como-” (p. 53)

O autor inicia sua obra, conceituando a gramática portuguesa, mas não distingue entre gramática geral e gramática portuguesa, como faziam os autores do século XIX:

“Gramática Portuguesa é o conjunto das regras pelas quais se fala e se escreve corretamente a Língua Portuguêsa” (p.3)

As partes da Gramática Portuguêsa: Lexiologia e Sintaxe

O autor procede em seguida à divisão da gramática portuguesa:

“A gramática se divide em duas partes: LEXIOLOGIA e SINTAXE. Lexiologia é parte da gramática que trata dos sons e das fórmulas das palavras.

Subdivide-se em Fonologia e Morfologia.

Fonologia trata dos sons separados, ou juntos formando palavras, ou representados na escrita.

[...]

Morfologia trata da classificação, das flexões e da origem das palavras. (p. 3)

Quanto à sintaxe:

“Sintaxe é a parte da gramática que trata das relações das palavras ou das orações.

Subdivide-se em Lexica e Logica.

Lexica trata das relações das palavras umas as outras na oração. Logica trata das relações das orações umas com as outras no discurso.” (p.3)

Lexiologia (p.11-119)

Fonologia

No capítulo da Lexiologia, na parte referente à fonologia, distingue “letras e notações”. Estas últimas, também chamadas “acentos”, “modificam os sons das letras” (p. 4).

Distinguindo os “sons das vogais e das consoantes”, “sílabas e acentuação”, encerra o curto capítulo com “alteração dos sons” (p. 10), os chamados metaplasmos.

Morfologia

Na Morfologia, procede à classificação das palavras, chegando ao estudo do verbo, apresentando os paradigmas verbais de conjugação. Neste último assunto, apresenta os conceitos de “verbo substantivo” e “verbo adjetivo” (p. 63).

Sintaxe

A última parte, a sintaxe, ocupa apenas 17 páginas (120-137), incluindo os exercícios. Depois de conceituar oração e predicado, os sujeitos e os termos secundários, procede à divisão as orações, colocação (ordem direta e inversa), figura (de construção) e utiliza a noção de “cláusula”, para designar as orações subordinadas. Encerra o capítulo com exercícios de análise sintática, do tipo:

“Um velho tio rico deixou-lhe o último ano uma grande propriedade em Pernambuco
 Sujeito com os adjuntos. Um velho tio rico
 Predicado: deixou
 Objeto com adjuntos: Lhe Uma grande propriedade
 [...]”

4. Júlio Pires Ferreira e a tradição a que se filia

a) Eduardo Carlos Pereira. Pereira, na sua Gramática Expositiva (Curso Superior), de 1907, propõe a divisão da gramática:

“18. Estuda a gramática a palavra sob dois aspectos fundamentais: isoladas e combinadas. Daí o dividir-se o seu estudo em duas partes, a saber:

1. Lexeologia – 2. Sintaxe

19. Lexeologia é a parte da gramática que estuda as palavras isoladas, CONSIDERADAS em si.

20. Sintaxe é a parte da gramática que estuda as palavras combinadas para a expressão do pensamento.” (Pereira, 1956, p. 18).

b) Said Ali. Na sua Gramática Secundária, M. Said Ali também utiliza a denominação “lexeologia”. No capítulo “Gramática e sua Divisão”, o autor afirma: “A gramática divide-se em: FONÉTICA ou FONOLOGIA, que é o estudo dos sons; LEXEOLOGIA, estudo dos vocábulos, e SINTAXE, estudos das orações e das palavras consideradas como partes da oração.” (Said Ali, 1964, p.15).

c) Maximino Maciel. Maciel, na sua Grammatica Descriptiva (1922), reserva uma parte da gramática para a “Lexiologia” e diz que é “o estudo da palavra como organismo, quando isoladamente considerada” (Maciel, 1922, p.4). Contesta a terminologia usada por Ribeiro (1955) “lexicologia” e opta pela primeira. O autor conceitua assim Lexiologia: “é o tratado das palavras, isoladamente consideradas, isto é, como organismos independentes.” (Maciel, 1922, p.79).

Como se vê, não confrontamos a sintaxe, porque todos os autores são unânimes em utilizá-la. Mas o que se pode depreender, da busca das tradições nos dois autores, é que com Caneca encontramos a tradição mais antiga, o que devia ser esperado de certa forma. Com Pires Ferreira, entretanto, vemos uma tradição que começa a se esboçar pelo final do século XIX no Brasil e este autor estava atualizado em relação a essa inovação, que era a de separar grandes partes da gramática, ou seja, as palavras isoladamente e a combinação delas na sintaxe. Nesse sentido, a fonética pode se constituir uma grande parte. Quando a preferência é a divisão em duas grandes partes, então os sons, as letras, os acentos, etc vão constituir subpartes. Nesse caso, talvez a divisão em quatro partes, como acontece em Caneca, tivesse sentido por causa da ênfase na importância da pronúncia e a anotação escrita da palavra falada, duas fortes práticas da época.

Conclusão

Este trabalho quis trazer à luz um autor esquecido da produção gramatical brasileira regional, Julio Pires Ferreira. Ao fazer isso, procurou comparar as tradições da gramática tradicional produzidas em Pernambuco, confrontando Julio Pires Ferreira e Frei Caneca. Além disso, procurou identificar as fontes das tradições que eles seguem.

Espera-se que com essa abordagem se amplie o capítulo da produção gramatical brasileira, já que Pires Ferreira exerceu durante vários anos a atividade de professor e autor de gramática portuguesa, além de ser responsável pelo “consultório gramatical” do *Jornal Pequeno* no Recife no início do século XX. Afora esta inclusão desse autor na historiografia gramatical brasileira aqui proposta, a história da educação também se beneficia, porque passa a considerar o papel de um professor, que exerceu grande influência na formação de várias gerações de estudantes, à frente de uma disciplina do currículo da importância da língua portuguesa. Sem dúvida, a história da pedagogia do ensino gramatical brasileiro amplia seu leque de autores, conhecendo melhor o labor pedagógico de Pires Ferreira.

Referências

- BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral*. 4. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias Applicados a nossa Linguagem.1861.
- FERREIRA, J. P. *Consultas sobre a língua portugueza*. (Consultório do “*Jornal Pequeno*”). Pernambuco. Imprensa Official.1918.
- LOBATO, A. J. dos R. *Arte da grammatica da língua portugueza*. Lisboa, Regia Officna Typographica. Imprensa Official.1770.
- MACIEL, M. *Grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas*. 8. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo /Belo Horizonte.1922.
- MONTEIRO, J. L. (s/d). *As idéias gramaticais de João de Barros*. Disponível in: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(14\)37-48.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(14)37-48.html).
- PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva* (curso superior). ed.100.São Paulo, Cia Editora Nacional.1956.
- PESSOA, M. de B. *Jornalismo e desmoronamento da exemplaridade da língua portuguesa no início do século xx*. Trabalho apresentado no *VII Congresso Internacional da Abralin*. Natal, 30 de janeiro a 02 de fevereiro de 2013.

RIBEIRO, E. C. *Serões grammaticais ou nova grammatica portugueza*. ed. 6. Salvador, Progresso.1955/6.

SAID ALI, M. (19643). *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. ed. 3. Brasília, Editora da Universidade de Brasília. (1964).

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. Trad. M. Bagno. São Paulo, Parábola.2002.

Obras analisadas

CANECA, F. J. do A. D. *Obras políticas e litterarias*. Colleccionadas pelo Comendador Antonio Joaquim de Mello. Recife: Typographia Mercantil, 1972.

FERREIRA, J. P. *Gramática portuguêsã*. Adotada nas escolas publicas. Recife, Liv. Universal, 1938.

Sobre o autor

Marlos de Barros Pessoa é doutor em Linguística pela Universidade de Tübingen (República Federal da Alemanha) e Professor do curso de Licenciatura/Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, campus Recife.

MARCAS DE PROXIMIDADES COMUNICATIVAS E DE TRADIÇÕES DISCURSIVAS EM CARTAS DE LEITOR E CARTAS PESSOAIS PERNAMBUCANAS DOS SÉCULOS XIX E XX*

Valéria Severina Gomes

Londres, 12 de novembro de 1882|| Meo Caro Adolpho||
Mando-lhe uma carta para o Paranaguá, que| Você me
fará o favor de entregar-lhe, a copia da mesma| carta
para a imprensa. Peço-lhe que torne publico|o meo pro-
thesto contra o novo trafico de ingenuos que| começa.
(...)

(Joaquim Nabuco)

Introdução

A primeira pergunta que os leitores podem fazer é: o que um capítulo sobre cartas de leitor e cartas pessoais tem a ver com um livro sobre *Aspectos descritivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco*? A resposta é simples: vem propor uma abordagem que busca a interação entre a fala e a escrita em textos de sincronias passadas. Não se trata de um estudo da fala em textos escritos, tendo em vista que atualmente há *corpora* suficientes da modalidade falada para que sejam feitos estudos mais precisos acerca das suas características. As perguntas, neste momento, com base no *corpus* analisado, são: que marcas linguístico-discursivas revelam uma produção escrita mergulhada em uma cultura predominantemente oral, no contexto que marca a passagem do século XIX ao XX? Quais os traços linguístico-discursivos que explicitam a proximidade comunicativa e as estratégias interativas em textos impressos e manuscritos do século XIX ao XX? As respostas virão por meio da análise qualitativa desses dois gêneros, considerando os seguintes aspectos: simulação de diálogo; referência direta aos interlocutores; pontuação e recursos gráficos convencionais; interjeição; e expressões referenciais e lexicais.

Essas perguntas são retomadas de uma análise feita com editoriais e cartas de leitor, em uma comunicação apresentada por Valéria Gomes

no Simpósio Internacional de Gêneros Textuais (SIGET, 2011). O presente capítulo parte do caminho já percorrido com as cartas de leitor e amplia o olhar com a inserção das cartas pessoais produzidas pelo jornalista e jurista pernambucano Joaquim Nabuco. Essas cartas compõem o *corpus* do projeto nacional, coordenado por Célia Lopes, acerca do sistema pronominal de tratamento do Português Brasileiro.

Os textos foram coletados pela equipe de Pernambuco e estão disponíveis no banco de dados do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) e podem ser acessados pelo endereço <https://sites.google.com/site/corporaphpb>. Para este capítulo foram utilizadas, da documentação manuscrita, 20 (vinte) cartas escritas por Joaquim Nabuco para destinatários amigos, 16 cartas do século XIX e 04 do século XX; da documentação impressa, foram utilizadas 20 cartas de leitor do jornal Diário de Pernambuco, 10 do século XIX e 10 do século XX.

Muitos trabalhos¹, sob diferentes perspectivas, tentam dar conta das formas textuais e das práticas discursivas que se transformam ao longo do tempo. Uma delas é a abordagem da constituição linguístico-discursiva dos gêneros textuais em diversos níveis de linguagem: fonético-fonológico, sintático, semântico e textual (KOCH, 1997). Nisso consistem as Tradições Discursivas ou, segundo o autor, formas tradicionais de textos. Nessa perspectiva, os estudos diacrônicos não descrevem apenas as mudanças da língua, mas também do texto, em consonância com as mudanças ocorridas na sociedade, pois as Tradições Discursivas estão contidas no acervo da memória cultural de uma comunidade (KABATEK, 2003).

A opção, no título, pelo emprego da expressão “proximidades comunicativas”, no plural, deixa explícitas as duas perspectivas de abordagem de proximidade que estarão presentes ao longo das discussões. Por um lado, o conceito de proximidade de Brown & Gilman (1960 apud Marcotulio, 2010, p. 172), que consiste nas relações simétricas marcadas pela solidariedade entre os interlocutores por meio das formas tratamentais. Por outro, a concepção do contínuo entre a proximidade e a distância comunicativa (OESTERREICHER, 2001). Apesar de a carta de leitor e a carta pessoal apresentarem uma concepção escrita e serem veiculadas por meio gráfico, não deixam de trazer em sua composição marcas de proximidade comunicativa. Essas marcas são

1. Trabalhos como os de Pessoa (2003) e Lopes (2005), entre outros, têm mostrado nitidamente a importância dos estudos diacrônicos dos textos para os estudos histórico-sociais da linguagem, sob diferentes pontos de vista.

percebidas pela emocionalidade, dialogicidade e espontaneidade que se mesclam com as estratégias linguísticas de alto grau de planejamento e alto grau de integração sintática, que caracterizam os traços de autoria letrada dos dois gêneros. Nessas bases, a discussão desenvolve-se em dois tópicos. No primeiro, a contextualização das cartas de leitor e das cartas pessoais e, no segundo tópico, o comentário das marcas de proximidade comunicativa presentes nos dois gêneros.

1. Contextualização das cartas de leitor e das cartas pessoais

A carta, como gênero mãe, foi ponto de partida para as ramificações de diversos gêneros. Nesse universo múltiplo de produção de cartas (cartas de leitor, carta comercial, carta administrativa, carta pessoal), comungamos com a ideia apresentada por Souza (2012) de que cada gênero epistolar abre possibilidades para subgêneros mais específicos. A autora aborda pontualmente, com base no contínuo das relações interpessoais, partindo do contato mais íntimo para o menos íntimo, a subdivisão da carta pessoal em: carta amorosa (trocada entre casais); carta familiar (trocada pela família nuclear); e a carta pessoal (trocada por parentes e amigos).

Todas as cartas de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo encontram-se neste último subgênero. Ele era filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira) e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo. Nasceu no Recife, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Seus destinatários nas cartas analisadas eram homens pertencentes também à camada culta e letrada da sociedade.

Suas cartas circularam na virada do século XIX ao XX. Esse período foi o cenário para as lutas políticas e deu início ao processo de urbanização no Brasil, foi a época das práticas descolonizadoras e das lutas abolicionistas. Joaquim Nabuco foi um escrevente que defendeu essa causa no âmbito privado, nas cartas pessoais endereçadas aos amigos, e no âmbito público, quando as enviava para publicação nos periódicos recifenses, conforme exemplifica a epígrafe deste artigo. Suas cartas apresentam um amplo mosaico temáti-

co, algumas cartas são marcadas por um hibridismo que mescla notícias da família e comentários sobre a situação política do país.

As cartas de leitor são de autoria diversa e muitas vezes assinadas com pseudônimos. Adequavam-se aos interesses dos sujeitos-autores da época, ao exporem para a sociedade a necessidade de mudanças nos hábitos, em prol da civilização e dos bons costumes. É por meio das cartas de leitor que os sujeitos-autores expressam suas percepções sobre as reformulações dos modos de vida e participavam dos problemas atrelados à sociedade.

Um ponto que merece uma discussão mais extensa e que teremos oportunidade de discorrer mais detalhadamente em outro momento são as formais pronominais de tratamento presentes nas cartas e que se encarregam de marcar as relações interpessoais de proximidade e de distanciamento. Só a título de ilustração, nas cartas de leitor predominam formas de tratamento que demarcam a distância, a formalidade e o tom cerimonioso. Para isso predomina o uso de expressões como: *Senhor* (tratamento respeitoso); *Ilustríssimo* e *Excelentíssimo Senhor* (altas autoridades). É curioso encontrar em meio a tanta cerimônia um exemplo de emprego do *tu* em uma situação de discurso injurioso, o que marca neste contexto uma forma de relação assimétrica descendente entre o autor e o alvo de sua injúria.

Ex. 01:

O' Lombriga dos meus | pecados, ó Forca, ó enguiço, ó calangre,
 ó miseria, tu quando tal escreveste, estava | ébrio, ou ainda
 incephalítico. || Que tem que o Príncipe subisse ao Throno por
 gosto, e conselho de seu Pai com o | principio de legitimidade?
 Suppoem, que tu mesmo te ordenaste por gosto, e conselho de
 | tua estimavel Tia, logo tua Tia foi quem te deo o character Sa-
 cerdotal que taõ indignamente | possues? Bem digo eu, que este
 pedante nem Logica estudou. Naõ merece resposta a | calumnia
 de ter eu insultado a Maria Santissima (se quem sou, e sempre fui
 indignissimo | devoto).

(Carta de leitor do Diario de Pernambuco, 08/01/1830)
 (grifo nosso)

No subgênero carta pessoal, de Joaquim Nabuco destinada aos amigos, predominou o emprego do *você*, o que revela uma relação menos íntima. Ocorre, no entanto, o emprego do *tu*, quando Nabuco escreve ao amigo de academia, Barros, e envia os pêsames pela morte do pai.

Ex. 02:

Meu caro Barros, || Acabo de ter a triste noticia que| dá hoje o Jornal e mando-te| as minhas mais sentidas| saudades de amigo n'este| cruel transe de tua vida. | O laço que te prendia a| teu pai era mais profundo| e complexo do que costuma| ser a affeição filial; eram| duas vidas mysteriosa e| [fol. 2r] subterraneamente ligadas| entre si, e por isso a tua| solidão deve ser cruel hoje| que o não tens mais. (...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 07/05/1893)
(grifos nossos)

Em outros contextos de temática política, *ocê também é o tratamento direcionado ao amigo Barros. Ocorrem apenas dois casos de uso de *Vossa Excelência*, um deles referente ao Conselheiro Paranaguá. Nessas cartas não foram encontradas situações de variação entre as formas *ocê~tu* em um mesmo texto. O que fica evidente nas relações entre os dois gêneros é uma tradição textual que revela a formação de uma variedade urbana num contexto de semioralidade, ou seja, de transição da oralidade para uma competência escrita (SELIG, 1993). Mas isso não se aplica a Nabuco pela formação intelectual que ele possui e, portanto, por ser um representante da camada culta da sociedade. Passemos agora aos casos de proximidade comunicativa nos dois gêneros.*

2. Marcas de proximidades comunicativas

Mesmo com todas as características de formalidade que constituem as cartas de leitor e as cartas pessoais escritas por Joaquim Nabuco, são encontradas estratégias que visam envolver e estreitar o contato com os leitores, que buscam diluir o tom hermético do texto e que, conseqüentemente, mesclam a formalidade com as ocorrências de coloquialidade. Essas estratégias evidenciam que o dialogismo não é um fato exclusivo da modalidade oral, mas também está presente no evento comunicativo escrito. Segundo Marcuschi (2001), o texto escrito apresenta traços de interatividade que estabelecem uma relação direta do escrevente com seu interlocutor.

Gumperz (1998) propôs pistas para a análise de conversações face a face: a) linguísticas (alternância de código, de dialeto ou de estilo); b) paralinguísticas (as pausas, o tempo de fala, as hesitações); c) prosódicas (a entoação, o

acento, o tom); d) não-vocais (o direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores, suas posturas, a presença dos gestos).

É possível transpor essas pistas para o texto escrito na medida em que ele, assim como o texto falado, é constituído de elementos interativos, guardadas as especificidades de cada modalidade. É importante ressaltar que algumas marcas de proximidade comunicativa identificadas na análise diacrônica dos textos revelam não só propósitos interativos, mas a inserção de traços da oralidade na escrita. São eles:

2.1 Simulação de diálogo

Além de funcionar como estratégia argumentativa a simulação de diálogo reproduz as situações de debate político das ruas, provoca quebras na sequência hermética da carta de leitor e da carta pessoal e funciona como via de aproximação e, conseqüentemente, de envolvimento interativo com leitor.

No exemplo seguinte, em uma carta de leitor em defesa da Constituição e do Imperador, a simulação de diálogo evidencia-se pelo uso de elementos linguístico-discursivos, tais como: o vocativo; os verbos no imperativo; as construções interrogativas destinadas ao “Lombriga”; o emprego de dêitico (cá) e a impressão de proximidade que provoca no interlocutor; e a utilização da segunda pessoa do singular. Uma peculiaridade deste exemplo é a presença da onomatopeia, que representa o som das palmadas (Pá...pá...pá). Ela se configura como, mais do que um recurso interativo, um traço marcadamente da oralidade transportado para o texto escrito.

Ex. 03:

Menino, traze-me aquella | palmatória... Dá' cá' a mão Lombriga... abre, abre esses dedos de macaco... Pá'...pá'...pá'. Ardem, meu Forca? Toma mais: há's de chupar duas dúzias: pá'...pá'...pá'... Que [ilegível] dá' o | viadinho! Zuzá já' chupou a competente doze: agora chegou-te a vez. Para que te envolves | em bebuxos de escriptor publico, se nada sabes? Quem te mandou orubú pelado, metter-te | no rancho dos coroados? Fica bem certo, orgulhoso pedantinho, que em aparecendo | escripto teu, a malhação minha he infalível. Vê se brilha, eu não brilho a teu respeito. O teu | suplente talvez sahia dizendo, que não hes o

meo. Escova-botas: assim o fizeste tu mesmo | sobre o Semina-
rlista zangado: eu conheço tanto o teu character, como os teus
pedantescos escriptos. ||

(Carta de leitor do Diario de Pernambuco, 08/01/1830)
(grifos nossos)

Um exemplo semelhante foi encontrado na carta escrita em 06/11/1882 por Joaquim Nabuco ao Conselheiro Paranaguá, na qual o remetente dirige perguntas diretas ao destinatário.

Ex. 04:

(N'este momento reclamo tão somente que a lei de| 28 de Se-
tembro não entre desde já em prescrição e per-| gunto a Vossa
Excelência: Pode haver escravos de dez annos no| Brazil em 1882?
Se não pode os que antes citei, e| aos quaes devo accrescentar mais
dois: Brazilio, pardo|10 annos, Filho de Ephigenia, avaliado por
1(símbolo de moeda), e| Maria, parda, 10 annos, filha de Emilia
avaliada| por 1.000(símbolo de moeda)000;| devem ser postos em
liberdade como ingenuos que| são?)= Em que artigo da lei de 28
de Setembro| de 1871 se autorizam praças públicas de ingenuos
ou| “venda dos<î>seus serviços?

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 06/11/1882)
(grifos nossos)

Nesse exemplo, percebemos o intento do escrevente em se dirigir di-
retamente ao seu destinatário, usando uma forma tratamental cerimoniosa,
seguida de uma sequência de perguntas provocativas acerca do comércio de
crianças, filhos e filhas de escravos. Essa estratégia comunicativa atribui ao
texto o tom de debate face a face.

2.2 Referência direta aos interlocutores

Nas cartas de leitor do século XIX, a expressão “Sr. Redator” é um
modelo recorrente de composição deste gênero e configura-se como uma
tradição discursiva que, ao mesmo tempo, busca a proximidade comunicativa
com os que fazem e com os leem o jornal.

Ex. 05:

O' Tem- | pos! O' Costumes: e escreve se isto | em terra de chris-
taõs !!! E ainda o | Ceo não fulmina o rayo !!! Sr. Re- | dactor,
tome o meo conselho: abste- | nha-se de copiar taõ nefandos
Sacrile- | gios – a sua obstinação pode ser-lhe | funesta, a virtude
insultada exigira | vingança: Ai do triste que se atrever | a pro-
cocalla !!!! Judas Ranhoso da Silveira

(Carta de leitor do Diario de Pernambuco, 19/02/1827)
(grifo nosso)

No caso das cartas pessoais, a referência que se configura como uma tradição discursiva é o vocativo no início da carta, com função de saudação e de envolvimento. No mesmo exemplo, o emprego do imperativo e a retomada do vocativo reforçam a referência direta ao interlocutor em diferentes momentos do texto, como um elemento constitutivo tradicionalmente recorrente na composição da carta.

Ex. 06:

13 de maio || 16, Cheyne Gardens, || London, S. W. || Meu caro
Alberto, || Muito obrigado pelo seu volume, cuja duplicata expe-
di ao meu a- | migo Rio Branco. (...) Venha isso quanto | antes,
meu caro, e lembre-se então de mim. || Ahi vai uma pagina que
foi lida à Princesa (cuja acção Você. tão | finamente e com tanta
verdade quanto originalidade de traço, assi- | gna-la no seu livro)
no anniversario do celebre 13 de Maio.

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 13/05/1881)
(grifos nossos)

Essa forma de contato com o leitor aproxima-se de um contato face a face e dá um tom de conversa escrita às cartas de leitor e às cartas pessoais.

2.3 Pontuação e recursos gráficos convencionais

A análise das cartas de leitor do século XIX revela que o discurso mi-
diático no intermédio do padrão da língua escrita e da coloquialidade con-
versacional não é de hoje, diz respeito à continuidade de uma prática muito

mais intensa no princípio do jornalismo impresso, quando, então, escrever era, em grande parte, registrar as interações como se davam na oralidade.

Com a pontuação no início da imprensa, a entoação e a cadência do texto são fornecidas mais pelo ato da leitura (em voz alta ou baixa) e menos pelas pistas dadas pelos sinais de pontuação. Já na primeira década do século XX houve a integração prosódica, sintática, semântica e pragmática na construção do sentido do texto. Os períodos e parágrafos tornaram-se mais curtos e as funções dos sinais de pontuação, mais definidas e sistemáticas.

Ex. 07:

Saiba ainda mais uma vez que o deter- | minismo não existe; pois se existisse, a | felicidade não teria um sonho nem uma | utopia. | Ha dezenove séculos que está | *determinado* pela causa eterna que todos | os homens s[e]jam justos e bons; mos- | trai- me um só que satisfaça os requisi- | tos d’essa determinação!...

(Carta de leitor do Diario de Pernambuco, 11/01/1904)

Outros sinais de pontuação, como as aspas, os parênteses e os colchetes, e as representações gráficas, como itálico, negrito, caixa alta ou versal, não são meros ornamentos textuais, pois notabilizam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado e estabelecem maior intimidade entre o autor e o seu leitor (BECHARA, 2004).

Ex. 08:

O Dantas trouxe a familia. Disse me que | o Arthur José está empregado no Jornal | do Brazil e Carlotinha satisfeita. Alugou | a casa de Petropolis ao I. Clemente e | agora do Rodolpho e da sua Quitan- | dinha trata de fazer um bom negocio | “ Por ser mulher, disse me ella, fun- | dam que hão de lograr-me, mas | deie citar que não me logram”. (...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 13/05/1881)

O produtor do texto, ao utilizar essas marcas, quer comunicar algo ao seu interlocutor. Para isso, sugere uma ênfase, sinaliza um acento mais forte, destaca informações relevantes, que, no ato da leitura, são assinalados por uma entonação especial. No caso do exemplo acima, a carta de Joaquim

Nabuco enviada ao Barão de Barros, o emprego das aspas sinaliza o discurso indireto no interior de texto.

2.4 Interjeição

O forte teor de expressão oral das interjeições não as impediu de estarem presentes nas cartas de leitor e em uma das cartas de Joaquim Nabuco, o que revela, mais uma vez, a relação imbricada entre fala e escrita, como comprovam os casos encontrados no século XIX. De acordo com Marcuschi (1993, p. 221), “a interjeição é o único fenômeno linguístico **exclusivo** da língua falada. Assim mesmo quando ocorre na escrita, geralmente em contexto de diálogo, representa uma situação de fala” (destaque do autor). Segundo ele, a localização prototípica da interjeição é no início de um sintagma ou oração e raramente no interior, podendo ocorrer, às vezes, no final.

O exemplo seguinte demonstra que, até a segunda metade do século XIX, as expressões emotivas continuavam mais explícitas, ao contrário do século posterior, nos quais elas passaram por um total apagamento. A ênfase apelativa que é dada ao texto é acentuada pela presença da interjeição, que contribui para o envolvimento do leitor/ouvinte pelo viés emotivo.

Ex.09:

quando o lugar está | prosperando, e por conseguinte promet-
tendo | vantagens mesmo aos interesses da companhia, | é neste
ponto que se lavra a sentença de sua an- | niqilação, que se faz
a ruína, e quiçá a desgra- | ça de muitas famílias, que com tal
medida vêm | desa [ilegível] parecidas completamente as pro-
priedades, | que fundaram, e o negocio que estabeleceram, em
que consistia toda a sua fortuna [ilegível] Oh! Isto | é cruel, é
inexplicável e anti-humano mesmo.

(Carta de leitor do Diário de Pernambuco, 27/03/1862)
(grifo nosso)

Ex. 10:

Héllas!| Nós não temos| senão um minuto para| gozar de todo este espeta-|culo! E a peimeira impressão| d'elle é tão forte, tão inten-| sa, que se mistura a todas| as outras e as enfraquece...(...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, __/12/1904)

O que surpreende nesses exemplos é a forma como os textos transitam de um pólo a outro, na interface entre fala e escrita, ou seja, da proximidade à distância, tendo como parâmetro de observação os elementos linguístico-discursivos que os constituem em um determinado momento histórico.

2.5 Expressões referenciais e lexicais

A análise vem demonstrando que um dos traços comuns nas cartas de leitor e nas cartas pessoais de Joaquim Nabuco é a busca pelo estabelecimento de um contato mais próximo com os leitores, a fim de quebrar um pouco o estilo formal. Para isso são utilizadas expressões como:

- **formulação de boatos**

A expressão “correr o boato” assinala bem a função do jornal de estender as informações que passavam “de boca em boca” dos mais longínquos lugares até chegarem à capital. Com a mesma imprecisão de dados com que passavam de uma pessoa a outra oralmente, chegavam à redação dos jornais e eram publicadas². Essa é uma prática recorrente em vários gêneros do jornalismo oitocentista. No exemplo seguinte a expressão ocorre na forma do verbo “boatejar”.

Ex. 11:

Apesar de todo esse rumor | crescente que se espalha pela ci- | dade inteira, boatejam por ai, | alias com insistencia que não | assistiremos este ano aos feste- | jos alusivos a Momo atenden- | do | assim a grave hora que atraves- | samos, [q]uando estamos | ainda | a combater com imperecível | energia e desmedido ardor

2. Costa (2009) também verificou esse tipo de ocorrência como uma das fórmulas introdutórias da notícia em jornais paulistas do mesmo século.

civi- | co os inimigos da civilização a | serviço de Hitler, o maior tirano, | da historia. || Confesso que sou um grande | apaixonado do Carnaval.

(Carta de leitor do Diario de Pernambuco, 07/01/1945)
(grifo nosso)

Os boatos estampados nas páginas dos jornais eram os mesmos boatos repassados nas cartas pessoais do mesmo período como atestam os fragmentos das cartas de Joaquim Nabuco. E as informações circulavam pela “corrida do boato” do âmbito privado ao público e vice-versa.

Ex. 12:

(...) Não sei o que ha verdadeiro nestes boatos, mas | o Quintino e o chefe dos republicanos e estes exi- | gem que seja republicanisado o Corpo Diplomatico. (...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 01/04/1890)
(grifo nosso)

Ex. 13:

(...) Parto hoje para| Londres onde ficarei|[fol. 2r] toda esta semana voltando| na outra para Pariz. Do Brazil não nos consta nada,| senão a que está nos jornaes| boatos de pânico e repressões. (...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 03/04/1892)
(grifo nosso)

Ex. 14:

(...) Veja se faz| alguma conspiração com elle| em meu favor, que pelo menos| sou um pretendente, o que não| consta ás vezes da própria¹[fol.3r] Realeza, pretendida da Revolução,| segundo os boatos officiaes. (...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 24/09/1894)
(1º grifo do autor, 2º grifo nosso)

Nas três cartas acima de Joaquim Nabuco ao Barão de Barros, seu amigo, observamos três instâncias de boatos que corriam: 1º os que tinha a credibilidade duvidosa; 2º os que eram propagados pelos jornais; 3º os boatos oficiais, portanto, confiáveis. De fundo fica a ideia de como as informações circulavam “de boca em boca” e também nos textos escritos.

- **ditos populares (provérbios) e expressões idiomáticas**

Se emitidos oralmente, os ditos populares e as expressões idiomáticas são marcados por uma mudança entoacional para sinalizar que aquelas palavras não são do falante, são anônimas, tradicionais, culturalmente reconhecidas e pertencem ao senso comum. Nos exemplos seguintes, os fragmentos grifados remetem a provérbios e expressões idiomática, escritos, evidentemente, nos moldes do século XIX, cuja interpretação consiste em tornar uma situação mais agitada, mais inflamada.

Ex. 15:

(...) Quem te mandou orubú pelado, metter-te | no rancho dos coroados? Fica bem certo, orgulhoso pedantinho, que em aparecendo | escripto teu, a malhação minha he infalível. Vê se brilha, eu não brilho a teu respeito. O teu | suplente talvez sahia dizendo, que não hes o meo. Escova-botas: assim o fizeste tu mesmo | sobre o Seminarista zangado: eu conheço tanto o teu caracter, como os teus pedantescos escriptos. (...)

(Carta de leitor do Diario de Pernambuco, 08/01/1830)
(grifo nosso)

Ex. 16:

(...) Am-| bos elles são exploradores e mal| começa o republicano já está ado-| rando o bezerro de oiro. Eu op-| ponho-me aos Bancos porque| quero a pequena propriedade, | a dignidade do lavrador, do| morador, do liberto – a for-| mação do povo que está ainda| abaixo do nivel dos partidos. (...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 01/04/1890) (grifo nosso)

Ex. 17:

(...) É possível entretanto que rei| morto, rei posto, e que acabada a presidencia o florianismo,| desprendido da Pagadoria, se| torne tão imprestavel como uma| sanguesuga repleta. Veremos. (...)

(Carta pessoal de Joaquim Nabuco, 24/09/1894)
(grifo do autor)

Próprios da linguagem mais informal, coloquial, pelo seu desprestígio, no conceito das camadas instruídas da sociedade, e com um forte teor conotativo, as expressões idiomáticas e os ditos populares, ao serem empregados, atenuavam a formalidade que revestia alguns textos do século XIX com a informalidade da linguagem coloquial, provocando, inclusive, um certo tom de ironia e humor.

Considerações finais

O propósito de estender a verificação das marcas de proximidade comunicativa em cartas de leitor e cartas pessoais oitocentistas e novecentistas vem no sentido de contribuir com estudos já iniciados³. O intuito foi observar as ocorrências em gêneros diferentes para verificar as características de cada um especificamente e as características das condições de produção do período. Até o momento, algumas marcas de proximidade são recorrentes nos gêneros mencionados, mas é preciso ampliar a observação com outros gêneros e com outros elementos constitutivos. Esse tipo de estudo contribui para verificar como “podemos entender cultura oral e cultura escrita como sendo dois importantes canais de veiculação do corpo cultural de uma dada sociedade para entender melhor como a língua era veiculada para a difusão de certas tradições.” (PESSOA, 2010, p.16).

Esta discussão não se configura como um estudo da fala em textos escritos. No entanto, as cartas de leitor e as cartas pessoais exibiram várias marcas linguístico-discursivas que revelam uma produção escrita mergulhada em uma cultura predominantemente oral, especialmente no contexto do século XIX. Essas marcas apresentaram especificidades, algumas sinalizam a interatividade, como os provérbios, os sinais gráficos, as perguntas retóricas;

3. Ver Gomes (2010) sobre os editoriais; a abordagem de anúncios por Pessoa (2003), as notícias por Costa (2009); e as cartas pessoais por Lopes (2005; 2011).

outras representam de forma mais explícita a proximidade comunicativa, a exemplo da formulação de boatos e das interjeições. Esse resultado revela que as condições de produção de épocas diferentes evidenciam certas marcas de proximidade comunicativa. Essas marcas ficaram, então, evidenciadas por meio das estratégias interativas em dois gêneros impressos e manuscritos bastante recorrentes na passagem do século XIX ao XX.

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- COSTA, Alessandra de Castilho Ferreira da. Transformações de gêneros discursivos em uma perspectiva diacrônica: o exemplo da notícia. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *História do português paulista*. Campinas: Unicamp/Publicação IEL, 2009.
- GOMES, Valéria Severina. *Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. Berlin: De Gruyter, 2010
- GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.
- KABATEK, Johannes. *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico*. Fundacion Duques de Soria. Seminário de História da língua espanhola "El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas. Soria, Del 7 al 11 de Julio de 2003.
- KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara, HAYE, Thomas & TOPHINKE, Doris (ed.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p. 43-79.
- LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A norma brasileira em construção: Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005.
- _____. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. *Alfa*. São Paulo 55(2), 2011, p. 361-392.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Língua e História: O 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Notas sobre a interjeição. *Investigações*. Recife: vol.3, dezembro, 1993. p. 221-236.
- _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OESTERREICHER, Wulf. Lo hablado en el escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a uma tipología. In: KOTSCHI, T. / OESTERREICHER, W. / Zimmermann, K. (eds.). *El español hablado y la cultura oral em Espana y Hispanoamérica*. Frankfurt am Main: Vervuert / Madrid: iberoamericana, 1996. p. 317-340.

_____. Langage parlé et langage écrit. *Lexicon der romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol. 1,2, s.v. 62. *Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache*, 2001. p. 584-627.

PESSOA, Marlos de Barros. *Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife, Brasil*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2003.

_____. *Do oral e do escrito desde os gregos até a geografia linguística*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SELIG, Maria. Le passage a l'écrit dès langues romanes – etat de la question. In: SELIG, Maria; FRANK, Barbara & HARTMANN, Jörg. *Le passage à l'écrit des langues romanes*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993. p. 9-29.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado - UFRJ - Faculdade de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ-FL, 2012.

Sobre a autora

Valéria Severina Gomes é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PDJ- CNPq) e Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística de Texto, Linguística Aplicada, Linguística Sócio-histórica e Diacronia dos textos.

VERBOS EXISTENCIAIS ATRAVÉS DO TEMPO: O CASO DO PORTUGUÊS DE PERNAMBUCO¹

Iane Siqueira Correia
Marcelo Amorim Sibaldo

Introdução

As construções existenciais descrevem a existência de um objeto ou de um ser animado em algum espaço físico. Como definição para verbo existencial, Silva (1996, p. 186) pontua que este é “(...) o verbo que ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial”, como nos exemplos ilustrados abaixo:

- (1)
- a. **Existe** muito prédio em Recife.
 - b. **É** muito prédio em Recife.
 - c. **Há** muito prédio em Recife.
 - d. **Tem** muito prédio em Recife.

Nos exemplos do português brasileiro atual citados acima, observamos que, em todas as orações, pode ocorrer uma livre substituição dos verbos existenciais sem alteração de sentido, pois, em todas as frases, apesar da mudança de verbo, o sentido básico das construções continua sendo o mesmo.

Levando em consideração que as línguas mudam com o passar do tempo, acreditamos que o contraste feito entre os séculos XVIII, XIX e XX do português pernambucano poderá nos revelar mudanças/variações que ocorreram com os verbos existenciais, que atualmente parecem ocorrer em variação. Mais ainda: um estudo diacrônico que observe esses tipos de verbos poderá nos revelar em que época essa variação começou a emergir.

1. Agradecemos aos organizadores deste livro o convite em participar desta coletânea. Todos os erros e incoerências aqui encontrados são inteiramente responsabilidade dos autores deste texto.

Com essas questões em mente, pretendemos desenvolver neste capítulo um estudo diacrônico sobre os verbos existenciais *ser*, *ter*, *haver* e *existir*, observando os séculos XVIII, XIX e XX, de manuscritos pessoais e oficiais, escritos por pessoas nascidas no estado de Pernambuco, com o intuito de quantificar as ocorrências destes verbos, tentando verificar em que momento da história do português se deram essas variações/mudanças dos verbos existenciais e apontando quais variantes predominaram.

Dessa forma, este capítulo, através de um estudo quantitativo de dados, busca: (i) fazer um mapeamento da trajetória dos verbos existenciais, constatando em que momento da história da língua portuguesa um determinado verbo existencial passou a vigorar na sua gramática em detrimento de outros; e (ii) destacar quais verbos eram usados para denotar existência e acabaram caindo em desuso na oralidade e/ ou escrita no português brasileiro (PB).

Para a análise do fenômeno citado, lançaremos mão dos dados do *corpus* do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), sob coordenação nacional do Professor Ataliba Teixeira de Castilho (USP)². Retiramos desse *corpus* 146 manuscritos, entre cartas oficiais e particulares, a fim de observar o fenômeno das construções existenciais diacronicamente. Dentre esse material, foram selecionados os dados dos séculos XVIII, XIX e XX, levando em consideração tanto orações principais, quanto orações subordinadas, de frases finitas ou infinitivas, uma vez que o objetivo é identificar a acepção existencial do verbo.

A fim de executar os objetivos acima delineados, dividimos este capítulo da seguinte forma: na seção 2, fazemos algumas observações sobre os verbos existenciais do PB diacronicamente; na seção 3, analisamos os nossos dados e apresentamos nossos resultados nos três séculos estudados, a saber, XVIII, XIX e XX, fazendo comparações com estudos anteriores sobre essa temática; na seção 4, finalizamos este capítulo, trazendo uma discussão geral sobre os nossos resultados.

2. Mais especificamente, os dados foram gentilmente cedidos pela equipe regional de Pernambuco desse projeto, sob coordenação da Professora Valéria Gomes (UFRPE), com materiais cedidos pelos professores Marlos Pessoa (UFPE) e Cleber Ataíde (UFRPE), a quem agradecemos enormemente.

1. Algumas observações diacrônicas sobre os verbos existenciais

Considerando que a língua é viva e que muda com o passar do tempo, levaremos adiante a consideração de que alguns verbos com significação existencial não surgiram originalmente com essa significação, mas foram culminados a adquirir essa significação no decorrer dos séculos.

A título de exemplo, tomemos o verbo *aver*, que adquire, no Português Arcaico (doravante PA), a significação existencial que não revelava no latim clássico, cujo verbo existencial era *esse*. Para Mattos e Silva (1990, p.11) *apud* Ribeiro (1996, p. 353),

o processo de mudança de *haver* “de posse” para “existencial” já está documentado no chamado “latim vulgar”, segundo Grandgent (1952, PP. 27-8), nos séculos IV e V, concorrendo já então com “*esse*”(...)

E, a partir daí, alguns autores (cf. RIBEIRO, 1996; MATTOS E SILVA, 2002) mostram que o verbo *haver* passa por um período de transição concorrendo com *ser* nas construções existenciais no PA, como ilustrado abaixo:

(2)

a. Ali hu á vida

b. À hi fogo

c. En terra de Campanha **foi** huu homem muito honrado...

d. Em terra de Sania **foi** hua vila duu homen.

(cf. RIBEIRO, 1996, p.353-354)

Em relação ao *ter*, Ribeiro (1996, 370) afirma que este verbo tem sua origem do latim *teer*, que tinha um significado próximo de “manter/ reter”, mas, aos poucos, foi modificando seu sentido. A autora ainda afirma que não tem informações sobre as primeiras ocorrências de *ter* existencial, mas acena para o fato de que, já em *Os Lusíadas*, podiam-se observar estruturas com o *ter* existencial, como em:

(3)

“e assim caminha/ Para a povoação, que perto *tinha*” (Lus. V, 29).

No PB atual, *haver* concorre com *ter* nas estruturas existenciais, havendo um uso elevado de *ter* na língua oral e o verbo *haver* existencial tendendo a ocorrer mais vezes na língua escrita (cf. AVELAR, 2004; MATTOS E SILVA, 2002, VITÓRIO, 2013).

No século XVIII, como mostram os dados abaixo coletados do nosso *corpus*, é comum vermos a concorrência dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais:

(4)

- a. Portanto quanto *tiver* ocasião me escreva. (ter = existencial)
- b. E *tendo* como elementos... (ter = existencial)
- c. Não *ha* novidade... (haver= existencial)
- d. Na praya da cidade de Olinda *ha* hum Reducto piqueno. (haver = existencial)

(PHPB-PE/ Século XVIII)

Em (4), podem-se observar as orações retiradas de cartas do século XVIII, retiradas de cartas oficiais, tipo que privilegia um tratamento mais conservador da língua e, mesmo com essa característica, foram encontrados tanto o *haver*, quanto o *ter* existencial, sendo esta uma forma inovadora.

Avelar (2005) acredita que o *haver existencial* seja a variação que os falantes utilizam em situações mais formais e *ter existencial* é preferencialmente selecionado em contextos da oralidade:

Se atentarmos para que, no Brasil, o aprendizado da língua escrita tende a ter como alvo ou estágios anteriores da língua ou mesmo a norma do português europeu [...] fica fácil imaginar a razão da supremacia de *haver* e da tendência de supressão de *ter* na língua escrita (cf. AVELAR, 2005, p. 15).

Essa preferência dos falantes pelo uso de verbos diferentes em cada tipo de contexto (escrita e oralidade) pode ser explicada pelo fato de que a língua escrita é normalmente mais conservadora do que a língua falada e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entraram na escrita (cf. FARACO, 2007, p. 24-26).

No final da próxima seção, voltaremos a tratar sobre a questão da preferência na escrita sobre o *haver* e na oralidade sobre o *ter* nos falantes do PB atual.

2. Os verbos existenciais dos séculos XVIII, XIX e XX no português pernambucano

Como falado anteriormente, nesta pesquisa, foram coletados dados de 146 cartas, oficiais e particulares, dos séculos XVIII, XIX e XX, do *corpus* do PHPB (Para História do Português Brasileiro) da equipe regional de Pernambuco, e, a partir desse *corpus*, foram selecionados todos os verbos existenciais presentes, para, a partir daí, fazer um mapeamento da frequência dos verbos existenciais; mais especificamente, dos verbos *ser/ ter/ haver* e *existir*, no decorrer desses séculos.

Procuramos evidenciar qual era a forma mais comum em contextos existenciais e se havia concorrência entre alguns verbos. Para isso, neste primeiro momento da pesquisa, levamos em consideração todos os níveis do texto, particulares e oficiais, mesmo acreditando que são contextos distintos: este mais formal, aquele mais informal. Portanto, uma vez que não tivemos acesso a um número igual de textos oficiais e de textos particulares, não tivemos como fazer esta comparação neste artigo. Em uma pesquisa futura, entretanto, esse fator será levado em consideração, tendo em vista que os contextos são diferentes e, possivelmente, ocorram diferenças significativas.

2.1. Português pernambucano do século XVIII e os verbos existenciais

No século XVIII, foram analisadas 70 cartas oficiais e, nessas cartas, houve 511 ocorrências de *ser* em diversos contextos (cópula, auxiliar, locativa etc.), porém, em contextos existenciais, ocorreram apenas 3 sentenças, ou seja, 0,58% do total de uso do verbo *ser*. Já em relação ao verbo *ter*, houve 182 ocorrências e, em contextos existenciais, ocorreram 8 vezes, sendo 4,39% do total de 182. Em relação ao verbo *haver*, este apareceu em 109 sentenças e, com caráter existencial, foram observadas 45 sentenças, o que corresponde a 41,28% das ocorrências com *haver*. No que concerne ao verbo *existir*, este ocorreu apenas duas vezes e, como esperado, por conta de o verbo denotar apenas existência, essas duas vezes com seu sentido existencial.

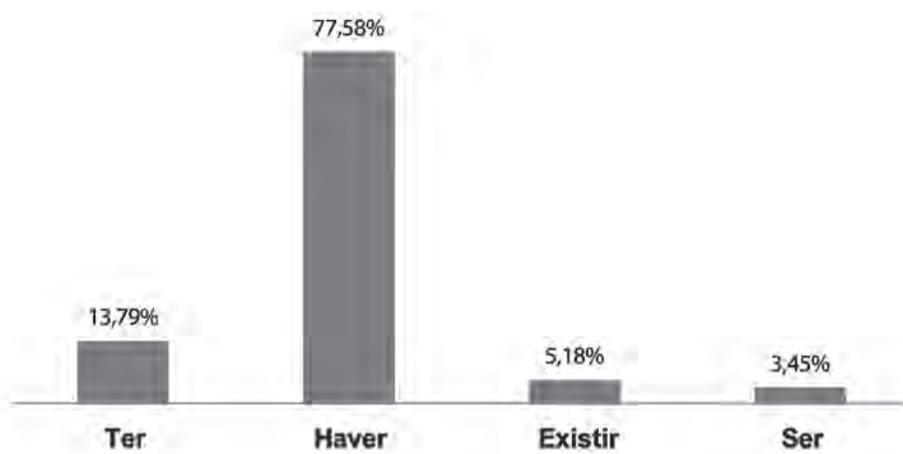
A partir desses dados, observamos, já no século XVIII, a variação em relação ao uso de verbos com sentido existencial. Assim, já nesse estágio do português, os verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* coexistem com sua semântica

existencial. Em relação aos nossos dados, verificamos que as construções existenciais equivalem a 6,56% do total de ocorrências de *ser*, *ter*, *haver* e *existir* dos dados retirados do nosso *corpus*.

Durante nossa análise, pudemos observar que há um maior número de ocorrência entre o verbo *haver* e o *ter* em contextos existenciais do século XVIII, havendo um grande número de ocorrências do *haver* em relação ao *ter* em contextos existenciais. O verbo *ser* existencial ainda nessa fase do português pode ser encontrado, embora com pouca frequência, mais especificamente, 3 ocorrências. Em relação ao *existir*, como dito, foram encontradas somente 2 ocorrências.

Se formos levar em consideração a frequência de uso entre esses verbos, a distribuição ficaria como estabelecida no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Uso dos verbos existenciais no século XVIII



De acordo com o gráfico acima, como já dito, vemos o uso bastante acentuado do verbo *haver* no sentido existencial, com 77,58% de uso, o que pode ser o indício que, já nessa época, o verbo existencial por excelência era este. Em seguida, temos o uso do verbo *ter*, com 13,79% de uso, o que constata que, já nesse período, o uso do *ter* existencial já acontecia. Ainda no século XVIII, conforme vemos no gráfico 1, observamos o uso do *ser*, que era o verbo existencial por excelência em períodos passados do português, com 3,45% das ocorrências de verbos existenciais nesse período, seguido do verbo *existir*, com 5,18%.

Abaixo arrolamos alguns dados que encontramos no nosso *corpus* e observamos alguns exemplos do uso desses verbos em contextos existenciais no século XVIII:

(5)

- a. Registo ossoldados q' do RiodeJaneiro setemRecolhido ao seuRegimento achei **serem** somente sessenta edoiz, **sendo** trezentas az / Reclutas.
- b. Estes dous terços de Infantariapaga **tem** tão poucagente como Se vê plos. Seus mapas
- c. Na barra do Rio grande **ha** hum forte de forma quadrada
- d. ...para conduzirem a dita quantidade de Pau que **existe**, eaque poderá crescer docorte em que actualmente Setrabalha

Como mostramos acima, em contextos existenciais no século XVIII, podia-se encontrar a concorrência entre os verbos *ser*, *ter*, *haver* ou *existir*, porém ficou evidente a preferência do verbo *haver* existencial em relação aos outros verbos, o que vai sendo gradativamente modificado, como mostrarão os dados dos séculos XIX e XX, que analisamos a seguir.

2.2. Português pernambucano do século XIX e os verbos existenciais

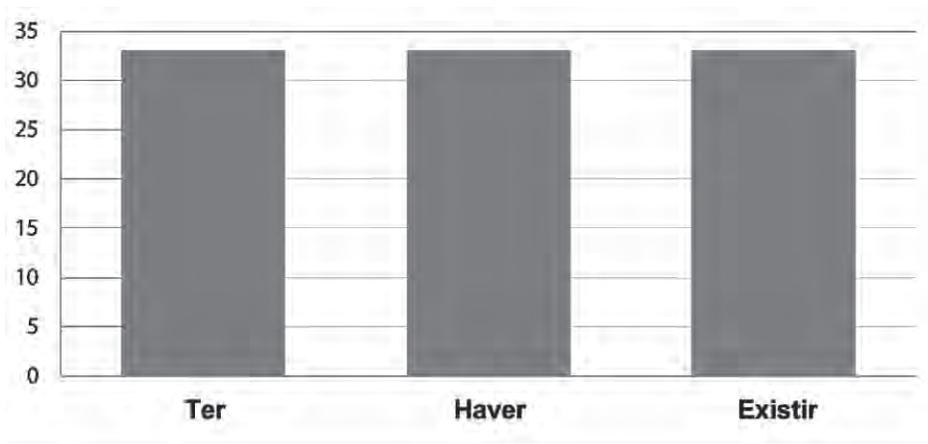
Já em relação ao século XIX, foram analisadas 40 cartas, oficiais e particulares, e, nessas cartas, houve 100 ocorrências do verbo *ser* em diversos contextos, e, em contextos existenciais, não foi encontrada nenhuma sentença. Nas ocorrências do verbo *ter*, foram encontradas 34 sentenças, sendo somente 3 em contextos existenciais, ou seja, 8,82% do total de ocorrências. Já em relação ao verbo *haver*, este foi encontrado em 10 ocorrências, sendo 3 existenciais, ou seja, 30% do total.

As construções existenciais com *ter*, *haver* e *existir*, no século XIX, foram equivalentes a 6,80% do total de ocorrências desses verbos.

Na análise do século XIX, pudemos observar que ocorre uma concorrência entre os verbos *haver*, *ter* e *existir* em contextos existenciais, e constatou-se também que existe uma preferência para o uso do *haver* existencial em relação aos outros verbos existenciais, se formos comparar a porcentagem de *ocorrência-uso existencial*, como discutido acima, em que o verbo *haver* existencial aparece em 30% de ocorrência total. O verbo *ser* existencial foi encontrado em apenas 1 ocorrência. O verbo *existir* foi encontrado em 3 ocorrências.

Entretanto, se formos comparar o uso desses verbos, no que concerne a sua quantificação com o sentido existencial e ao seu uso no século XIX, podemos observar que os verbos obtiveram a mesma porcentagem, como vemos nos resultados do gráfico 2:

Gráfico 2: Uso dos verbos existenciais no século XIX



Como podemos verificar no gráfico 2 acima, por conta da falta de mais dados, não pudemos constatar um maior ou menor uso de um determinado verbo, uma vez que todas as ocorrências dos três verbos denotando existência observadas no século XIX foi em mesmo número: 3 ocorrências para os verbos *ter*, *haver* e *existir*. O que é importante destacar é que, a partir desse século, não encontramos mais dados com *ser* existencial nos nossos dados, o que pode indicar que, já nessa época, o sentido existencial desse verbo é bastante restrito a determinados contextos no PB³.

Abaixo, podemos visualizar algumas das ocorrências presentes no século XIX desses verbos citados:

(6)

a. ...ser construído em Pernambuco, e não *ter* nelle interesse [*inint.*] alguma Estrangeira, fazendo isso serto pelo seo juramento...

3. Ver Gonçalves (2012), para a descrição dos contextos sintáticos que permitem ainda no PB atual o uso do *ser existencial*.

- b. ... actualmente não *ha* vaga no respectivo quadro...
- c. O que actualmente não *existe* vaga no respectivo quadro.

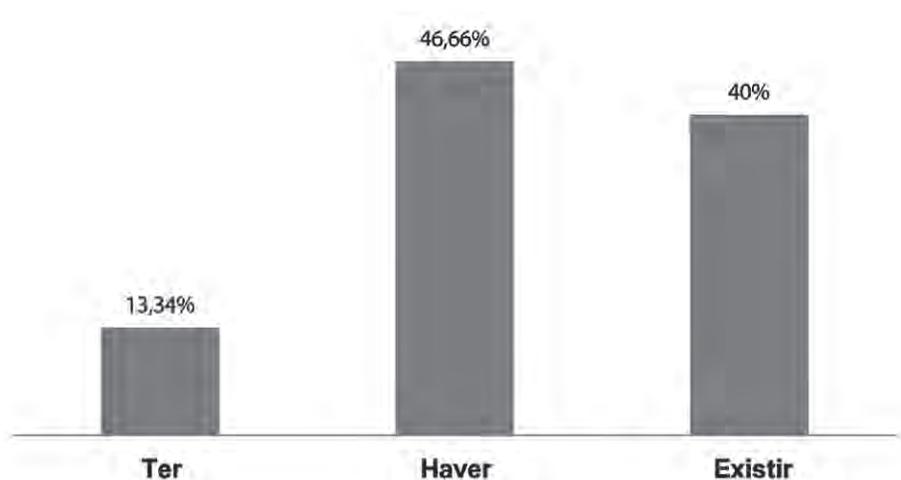
Como mostramos nos exemplos acima, os verbos *ter*, *haver* e *existir* ocorrem em contextos existenciais do século XIX, porém, se formos levar em consideração a porcentagem, observamos a preferência do verbo *haver* existencial em relação aos demais verbos.

Comparando a análise dos nossos dados do século XVIII com o século XIX, observamos que houve uma diminuição, porcentualmente falando, quanto ao uso do *haver*, enquanto verbo existencial, e um aumento do verbo *ter* e *existir* com esta acepção. Entretanto, como já mencionado, não houve nenhuma ocorrência com o verbo *ser*. Esses resultados parecem acenar para gramática que o português brasileiro possui hoje, ou seja, uma gramática cujo verbo existencial por excelência é *ter*, em detrimento de *haver*, como vêm demonstrando diversos estudos de cunho sociolinguístico e gerativista (cf. AVELAR, 2004, 2006; AVELAR & CALLOU, 2000; MATTOS E SILVA, 2002, VITÓRIO, 2013, entre muitos outros), como discutiremos mais adiante.

2.3. Português pernambucano do século XX e os verbos existenciais

Em relação ao século XX, foram analisadas 36 cartas, oficiais e particulares, e, nessas cartas, semelhantemente ao que aconteceu com a análise feita no século XIX, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *ser* existencial; já o verbo *ter* foi encontrado em 59 sentenças, sendo 2 existenciais, ou seja, 3,38% do total. Em relação ao *haver*, este verbo foi encontrado em 17 ocorrências, sendo 7 em contextos existenciais, ou seja, um total de 41,17% das ocorrências. Todas as construções existenciais do século XX correspondem a um total de 8,33% das ocorrências.

Vejamos o gráfico que mostra os nossos dados de forma quantitativa, focalizando a porcentagem considerada entre esses verbos em si:

Gráfico 3: Uso dos verbos existenciais no século XX

Novamente, percebemos que, no século XX, o verbo *ser* existencial não aparece. No seu lugar, três verbos existenciais estão em competição: o verbo *ter* é usado em 13,34% nos dados que analisamos; o verbo *haver* é utilizado robustamente em 46,66% dos nossos dados; e o verbo *existir* aparece em 40% das ocorrências desse tipo de verbo nesse período do PB.

Abaixo, exemplificamos alguns exemplos retirados dos dados que analisamos:

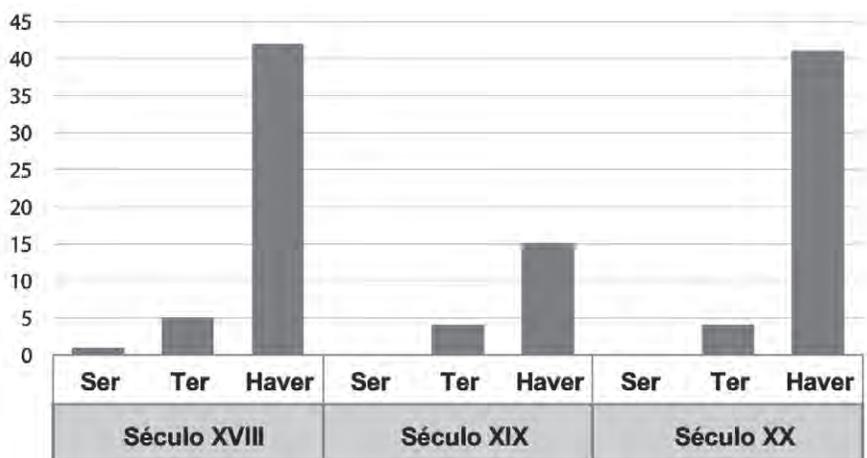
(7)

- a. Fiz um retiro aqui no Itaquí li que **tem** coisas bem interessantes...
- b. **Havia** um mistério sobre índios que me contavam em criança...
- c. Onde tem família e ele me disse que de facto **existia** este lugar mas que os negros já vinha se misturando São estas as informações

De acordo com os resultados do século XX, podemos observar que, apesar de haver uma redução do uso do verbo *ter* enquanto existencial, verificamos que este verbo também concorre com *haver* na acepção existencial. O aumento do uso do verbo *ter* existencial nessa época parece, como dito anteriormente, acenar para o atual quadro do uso dos verbos existenciais no português brasileiro, ou seja, com a competição de *ter* e de *haver* para a acepção de existência.

Para resumir os nossos dados mostrados até então, elaboramos o gráfico abaixo, que traz um mapeamento geral das ocorrências existenciais dos verbos *ser*, *ter* e *haver*, do século XVIII, XIX e XX⁴:

Gráfico 4: Emprego dos verbos *ser*, *ter* e *haver* em contextos existenciais através dos séculos



Como ficou exposto no gráfico 4, pode-se constatar que, nos três séculos, existe uma preferência ao uso do *haver* em contextos existenciais. No século XVIII, o número de ocorrências foi maior em relação aos outros séculos e, no século XIX, houve uma queda drástica no uso do *haver* existencial, porém, no século XX, seu uso com a acepção existencial foi um pouco maior.

Já o verbo *ter* existencial apareceu em maior quantidade entre os séculos XVIII e XIX e no século XX caiu um pouco, porém, a nosso entender, a queda em seu uso não foi percentualmente muito significativa. No que tange ao verbo *ser existencial*, foi encontrado com pouca frequência no século XVIII e, nos séculos XIX e XX, não houve nenhuma ocorrência, o que parece já acenar para uma gramática sem verbo *ser existencial*⁵.

Alguns autores em suas pesquisas perceberam uma robustez do *ter* existencial, no PB, nas construções existenciais, em relação ao *haver*. De

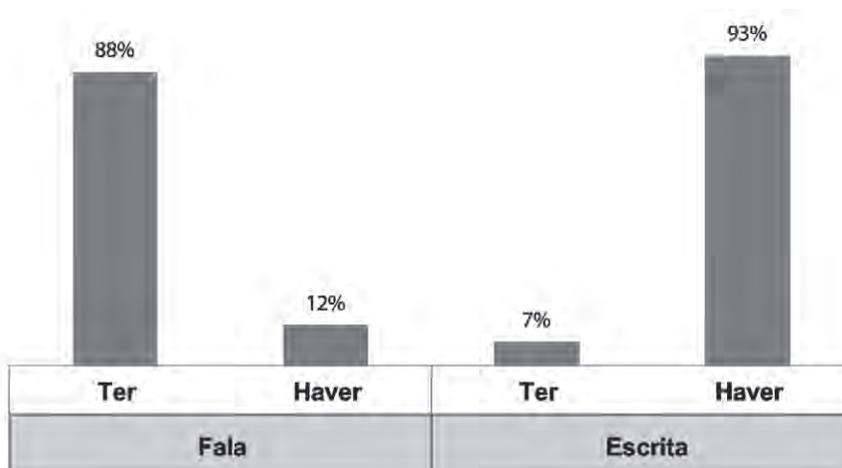
4. Isolamos somente esses três verbos para este gráfico, uma vez que o verbo *existir* denota por si só a ideia de existência.

5. Mas, como já mencionado, ver Gonçalves (2010, 2012), que argumenta que existem construções com *ser* existenciais no PB atual, mas sob certas restrições sintático-semânticas.

acordo com a amostragem quantitativa dos dados desses pesquisadores, o *haver* concorre com *ter* nas estruturas existenciais, havendo um uso elevado de *ter* na língua oral, já na língua escrita, há uma maior predominância do verbo *haver* (cf. AVELAR, 2004, 2006; AVELAR & CALLOU, 2000; MATTOS E SILVA, 2002, VITÓRIO, 2013).

Vitório (2013, p. 77), por exemplo, analisando a fala e a escrita do PB atual em relação ao *ter* e *haver* existenciais, chega ao seguinte gráfico, onde é observada um substancial uso do *ter* na língua falada e de *haver* na língua escrita:

Gráfico 5: Percentuais de *ter* e *haver* na fala e na escrita (VITÓRIO, 2013)



Os dados obtidos por Vitório (2013) mostram que o *haver* ainda permanece como sendo o verbo existencial na escrita, já na fala o verbo *ter* é que detém o valor existencial, o que, para a referida autora, parece sugerir a forte “pressão normativa” a que tende a modalidade escrita.

O que pode explicar o maior uso do *haver*, entre os séculos XVIII, XIX e XX, no português, nas construções existenciais, como ficou evidente no gráfico 4 acima, elaborado a partir dos nossos resultados com manuscritos desses séculos. Os dados encontrados, então, corroboraram a pesquisa de Vitório, pois o *haver* é muito mais frequente, em contextos existenciais, na escrita, em relação aos outros verbos. Entretanto, o que é interessante salientar é que os nossos dados, ainda que timidamente, nos mostram a saliência do verbo *ter existencial* no decorrer dos séculos estudados.

Estudos futuros, adotando um quadro teórico de cunho mais formal, poderão nos mostrar o que aconteceu na subjacência das estruturas existenciais na gramática do PB, no sentido de explicar: (i) o porquê de haver a possível variação entre *ter* e *haver existenciais* e o aumento de *ter* enquanto verbo existencial na fala, e (ii) quais foram as mudanças sintáticas na gramática do PB que justificam a perda do *ser* nessa acepção.

Considerações finais

Através desta pesquisa, verificou-se, no transcorrer dos séculos estudados, que o verbo *ser* deixou de ser encontrado como existencial⁶. Em relação ao verbo *ter* existencial, o que se observou foi uma oscilação e crescimento em suas ocorrências, porém o uso do *haver* em relação ao *ter* existencial é bem mais elevado, o que corrobora pesquisas anteriormente feitas, no sentido de que o verbo *haver* é o verbo existencial por excelência, quando se trata da escrita. Já o verbo *existir* ocorreu com menor frequência no século XVIII, e no transcorrer dos séculos ele passou a aparecer mais nas sentenças existenciais.

Apesar de entendermos que existem diferenças entre cartas oficiais e particulares, no que diz respeito à variação diafásica, nesta nossa primeira pesquisa, não levamos esse fator em consideração pelo fato de não haver documentos suficientes para tal comparação. Entretanto, nas pesquisas futuras levaremos em consideração o fato de haver cartas particulares e oficiais e, ainda, dividiremos os séculos em primeira e segunda partes, a fim de verificar se houve alguma mudança importante que nos revele mais fatores importantes na variação e mudança dos verbos existenciais do PB.

Sendo assim, é relevante salientar que esta pesquisa continuará atendendo para esses tópicos e, ainda, implementando os resultados na teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981 e 1986), com o intuito de se explicar por que essas mudanças ocorrem/ estão ocorrendo na gramática do PB.

6. Entretanto, ver nota anterior.

Referências

- AVELAR, J de O. *Dinâmicas morfossintáticas com ter, ser e estar em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 2004.
- _____. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de haver no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUC-RS, v. 143, p. 49-74, 2006.
- AVELAR, J.; CALLOU, D.. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, 9, 2000. p. 85-100.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GONÇALVES, E. Construções existenciais com o verbo *ser* no português europeu escrito: um estudo comparativo. *Anais do SETA*, n. 4, IEL/UNICAMP, 2010.
- _____. *Ser ou não ser, eis a questão*. Construções “existenciais” com o verbo *ser* no português brasileiro contemporâneo. Campinas, SP, Unicamp, 2012.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Volume 1: Internal Factors. Cambridge: Backwell Publishers, 1994.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MATTOS E SILVA, R. V. Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). *O português quinhentista*. EDUFBA, 2002.
- RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- VITÓRIO, E. G. As construções existenciais com *ter* e *haver*: o que tem na fala e o que há na escrita. *Domínios de Linguagem*, v. 7, n. 2 (jul./dez.), 2013.

Sobre os autores

Iane Siqueira Correia é graduada em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. E-mail: iane_correia@hotmail.com

Marcelo Amorim Sibaldo é Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. E-mail: sibaldo@gmail.com

INFORMAÇÕES GRÁFICAS

FORMATO: 17 x 26 cm

TIPOLOGIA: Constantia / Myriad Pro

PAPEL MIOLO: Off-set - 75g/m²

CAPA: Triplex 270 - g/m²

Montado e impresso na oficina gráfica da Editora Universitária da UFRPE.
Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos - CEP: 52171-900 - Recife/PE
(81) 3320 6170 | editora@editora.ufrpe.br

ASPECTOS DESCRITIVOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA LÍNGUA FALADA EM PERNAMBUCO

Quem não imitou ou ouviu alguém imitar o falar pernambucano? Certamente o leitor tem a resposta de uma pessoa do seu convívio que comente acerca do falar considerado peculiar do pernambucano, de sua pronúncia popularmente nomeada de 'arrastada', de seu vocabulário multiétnico, influenciado por portugueses, holandeses, árabes, índios e africanos, e de sua maneira de se comunicar meio esdrúxula, mas não dispõe, até o momento, de um registro desses níveis, analisados em diferentes perspectivas.

Assim, as tradições e manifestações histórico-culturais do povo pernambucano podem e são representadas pelo seu modo de falar, daí a necessidade de manter acesas suas marcas linguísticas. Por isso, em 'Aspectos descritivos e sócio-históricos do Português falado em Pernambuco', Adeilson Pinheiro Sedrins e Edmilson José de Sá reuniram textos de pesquisadores dos mais distintos cantos do Estado e até extrapolando suas fronteiras, a fim de permitir que o leitor conheça um pouco mais do modo como os pernambucanos manifestam sua identidade através da linguagem espontânea.

